

DE COROAS E GLÓRIA--LIVRO 1

ES CRAVA, GU ERREIRA, RA INHA



MORGAN RICE

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [lelivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



DE COROAS E GLÓRIA--LIVRO 1

ES CRAVA, GU ERREIRA, RA INHA

MORGAN RICE

ES CRAVA, GU ERREIRA, RA INHA

(DE COROAS E GLÓRIA--LIVRO 1)

MORGAN RICE

Morgan Rice

Morgan Rice é a best-seller nº1 e a autora do best-selling do USA TODAY da série de fantasia épica O ANEL DO FEITICEIRO, composta por dezassete livros; do best-seller nº1 da série OS DIÁRIOS DO VAMPIRO, composta por doze livros; do best-seller nº1 da série TRILOGIA DA SOBREVIVÊNCIA, um thriller pós-apocalíptico composto por dois livros (a continuar); e da série de fantasia épica REIS E FEITICEIROS, composta por seis livros; e da nova série de fantasia épica DE COROAS E GLÓRIA. Os

livros de Morgan estão disponíveis em edições áudio e impressas e as traduções estão disponíveis em mais de 25

idiomas.

[TRANSFORMADA \(Livro n 1 da série Diários de um Vampiro\)](#), [ARENA](#)

[UM \(Livro n 1 da série A Trilogia da Sobrevivência\)](#) e [EM BUSCA DE HERÓIS](#)

(Livro n 1 da série O Anel do Feiticeiro) e [A ASCENÇÃO DOS DRAGÕES](#)

(Reis e Feiticeiros – Livro n 1) estão disponíveis gratuitamente no Google Play!

Morgan adora ouvir a sua opinião, pelo que, por favor, sinta-se à vontade para visitar www.morganricebooks.com e juntar-se à lista de endereços eletrónicos, receber um livro grátis, receber ofertas, fazer o download da aplicação grátis, obter as últimas notícias exclusivas, ligar-se ao Facebook e ao Twitter e manter-se em contacto!

Seleção de aclamações para Morgan Rice

"Se pensava que já não havia motivo para viver depois do fim da série O ANEL

DO FEITICEIRO, estava enganado. Em A ASCENSÃO DOS DRAGÕES Morgan Rice surgiu com o que promete ser mais uma série brilhante, fazendo-nos imergir numa fantasia de trolls e dragões, de valentia, honra, coragem, magia e fé no seu destino. Morgan conseguiu mais uma vez produzir um conjunto forte de personagens que nos faz torcer por eles em todas as páginas... Recomendado para a biblioteca permanente de todos os leitores que adoram uma fantasia bem escrita."

-- *Books and Movie Reviews*

Roberto Mattos

"Uma ação carregada de fantasia que irá certamente agradar aos fãs das histórias anteriores de Morgan rice, juntamente com os fãs de trabalhos tais como O

CICLO DA HERANÇA de Christopher Paolini...Fãs de ficção para jovens adultos irão devorar este último trabalho de Rice e suplicar por mais."

-- *The Wanderer, A Literary Journal (referente a Ascensão dos Dragões)*

"Uma fantasia espirituosa que entrelaça elementos de mistério e intriga no seu enredo. *A Busca de Heróis* tem tudo a ver com a criação da coragem e com a compreensão do propósito da vida e como estas levam ao crescimento, maturidade e excelência... Para os que procuram aventuras de fantasia com sentido, os protagonistas, estratégias e ações proporcionam um conjunto vigoroso de encontros que se relacionam com a evolução de Thor desde uma criança sonhadora a um jovem adulto que procura a sobrevivência apesar das dificuldades... Apenas o princípio do que promete ser uma série de literatura juvenil épica."

--*Midwest Book Review (D. Donovan, eBook Reviewer)*

"O ANEL DO FEITICEIRO reúne todos os ingredientes para um sucesso instantâneo: enredos, intrigas, mistério, valentes cavaleiros e relacionamentos que florescem repletos de corações partidos, decepções e traições. O livro manterá o

leitor entretido por horas e agradecerá a pessoas de todas as idades. Recomendado para a biblioteca permanente de todos os leitores do género de fantasia."

-- *Books and Movie Reviews*, Roberto Mattos.

"Neste primeiro livro cheio de ação da série de fantasia épica Anel do Feiticeiro (que conta atualmente com 14 livros), Rice introduz os leitores ao Thorgrin

"Thor" McLeod de 14 anos, cujo sonho é juntar-se à Legião de Prata, aos cavaleiros de elite que servem o rei... A escrita de Rice é sólida e a premissa intrigante."

--*Publishers Weekly*

Livros de Morgan Rice

O CAMINHO DA ROBUSTEZ

APENAS OS DIGNOS (Livro nº1)

DE COROAS E GLÓRIA

ESCRAVA, GUERREIRA E RAINHA (Livro nº1)

REIS E FEITICEIROS

A ASCENSÃO DOS DRAGÕES (Livro nº1)

A ASCENSÃO DOS BRAVOS (Livro nº2)

O PESO DA HONRA (Livro nº3)

UMA FORJA DE VALENTIA (Livro nº4)

UM REINO DE SOMBRAS (Livro nº5)

A NOITE DOS CORAJOSOS (Livro nº6)

O ANEL DO FEITICEIRO

EM BUSCA DE HERÓIS (Livro nº1)

UMA MARCHA DE REIS (Livro nº2)

UM DESTINO DE DRAGÕES (Livro nº3)

UM GRITO DE HONRA (Livro nº4)

UM VOTO DE GLÓRIA (Livro nº5)

UMA CARGA DE VALOR (Livro nº6)

UM RITO DE ESPADAS (Livro nº7)

UM ESCUDO DE ARMAS (Livro nº8)

UM CÉU DE FEITIÇOS (Livro nº9)

UM MAR DE ESCUDOS (Livro nº10)

UM REINADO DE AÇO (Livro nº11)

UMA TERRA DE FOGO (Livro nº12)

UM GOVERNO DE RAINHAS (Livro nº 13)

UM JURAMENTO DE IRMÃOS (Livro nº 14)

UM SONHO DE MORTAIS (Livro nº 15)

UMA JUSTA DE CAVALEIROS (Livro nº 16)

O PRESENTE DA BATALHA (Livro nº 17)

TRILOGIA DE SOBREVIVÊNCIA

ARENA UM: TRAFICANTES DE ESCRAVOS (Livro nº 1)

ARENA DOIS (Livro nº 2)

ARENA TRÊS (Livro nº 3)

VAMPIRO, APAIXONADA

ANTES DO AMANHECER (Livro nº 1)

MEMÓRIAS DE UM VAMPIRO

TRANSFORMADA (Livro nº 1)

AMADA (Livro nº 2)

TRAÍDA (Livro nº 3)

PREDESTINADA (Livro nº 4)

DESEJADA (Livro nº 5)

COMPROMETIDA (Livro nº 6)

PROMETIDA (Livro nº 7)

ENCONTRADA (Livro nº 8)

RESSUSCITADA (Livro nº 9)

ALMEJADA (Livro nº 10)

DESTINADA (Livro nº 11)

OBCECADA (Livro nº 12)

KINGS AND SORCERERS



THE SORCERER'S RING



THE SURVIVAL TRILOGY



the vampire journals



[Faça o download dos livros de Morgan Rice no Google Play agora mesmo!](#)



[Ouçã](#) a série O ANEL DO FEITICEIRO em formato Audiobook!

Agora disponível em:

[Amazon](#)

[Audible](#)

[iTunes](#)

Quer livros gratuitos?

Subscreva a lista de endereços de Morgan Rice e receba 4 livros grátis, 3 mapas grátis, 1 aplicação grátis, 1 jogo grátis, 1 história em banda desenhada grátis e ofertas exclusivas! Para subscrever, visite: www.morganricebooks.com

Copyright © 2016 por Morgan Rice. Todos os direitos reservados. Exceto conforme permitido pela Lei de Direitos de Autor dos EUA de 1976, nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, ou armazenada numa base de dados ou sistema de recuperação, sem a autorização prévia da autora. Este e-book é licenciado para o seu uso pessoal. Este e-book não pode ser revendido ou cedido a outras pessoas. Se quiser partilhar este livro com outra pessoa, por favor, compre uma cópia adicional para cada destinatário. Se está a ler este livro e não o comprou, ou se ele não foi comprado apenas para seu uso pessoal, por favor, devolva-o e adquira a sua própria cópia. Obrigado por respeitar o trabalho árduo desta autora. Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, empresas, organizações, lugares, eventos e incidentes são produto da imaginação da autora ou foram usados de maneira fictícia. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou falecidas, é mera coincidência. Imagem da capa Copyright Nejron Photo, usada com autorização da Shutterstock.com.

CONTEÚDO

[CAPÍTULO UM](#)

[CAPÍTULO DOIS](#)

[CAPÍTULO TRÊS](#)

[CAPÍTULO QUATRO](#)

[CAPÍTULO CINCO](#)

[CAPÍTULO SEIS](#)

[CAPÍTULO SETE](#)

[CAPÍTULO OITO](#)

[CAPÍTULO NOVE](#)

[CAPÍTULO DEZ](#)

[CAPÍTULO ONZE](#)

[CAPÍTULO DOZE](#)

[CAPÍTULO TREZE](#)

[CAPÍTULO CATORZE](#)

[CAPÍTULO QUINZE](#)

[CAPÍTULO DEZASSEIS](#)

[CAPÍTULO DESASSETE](#)

[CAPÍTULO DEZOITO](#)

[CAPÍTULO DEZANOVE](#)

[CAPÍTULO VINTE](#)

[CAPÍTULO VINTE E UM](#)

[CAPÍTULO VINTE E DOIS](#)

[CAPÍTULO VINTE E TRÊS](#)

[CAPÍTULO VINTE E QUATRO](#)

[CAPÍTULO VINTE E CINCO](#)

[CAPÍTULO VINTE E SEIS](#)

[CAPÍTULO VINTE E SETE](#)

CAPÍTULO VINTE E OITO

CAPÍTULO VINTE E NOVE

CAPÍTULO TRINTA

CAPÍTULO TRINTA E UM

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

“Aproxima-te querido guerreiro e eu conto-te um conto.

Um conto de batalhas distantes.

Um conto de homens e valentia.

Um conto de coroas e glória.”

--As crónicas esquecidas de Lysa

CAPÍTULO UM

Ceres corria pelos becos de Delos, numa grande excitação, sabendo que não poderia atrasar-se. Apesar de o sol estar quase a nascer, o ar abafado cheio de poeira já sufocava na antiga cidade de pedra. Com as pernas a queimar e os pulmões a doerem-lhe, ela, ainda assim, esforçou-se por correr ainda mais rápido, saltando por cima de um dos inúmeros ratos que rastejavam para fora das sarjetas e do lixo nas ruas. Ela já conseguia ouvir o ribombar distante. O seu coração palpitava em antecipação. Algures lá à frente, ela sabia, o Festival da Matança estava prestes a começar.

Com as mãos a arrastarem-se ao longo das paredes de pedra enquanto se contorcia e virava pelos estreitos becos, Ceres olhou para trás para se certificar que os seus irmãos ainda a estavam a acompanhar. Ficou aliviada ao ver Nesos, nos seus calcanhares, e Sartes, apenas a alguns passos atrás. Aos dezanove anos, Nesos era apenas dois ciclos solares mais velho do que ela, enquanto Sartes, o seu irmão mais novo, era quatro ciclos solares mais jovem, à beira de deixar de ser uma criança. Ambos, com os seus longos cabelos cor de areia e olhos castanhos, eram exatamente iguais um ao outro - e iguais aos seus pais – porém, nada parecidos com ela. Ainda assim, apesar de Ceres ser uma miúda, eles nunca tinham sido capazes de a acompanhar.

"Despachem-se!", Ceres gritou para trás.

Ouviu-se outro ribombar e, apesar de ela nunca ter ido ao festival, ela imaginava-o com detalhes vívidos: toda a cidade, todos os três milhões de cidadãos de Delos, lotando o Stade naquele feriado de solstício de verão. Seria diferente de tudo o que ela já tinha visto e se os seus irmãos e ela não se apressassem não

restaria um único assento.

Ganhando velocidade, Ceres limpou uma gota de suor da testa e limpou-a à sua desgastada túnica marfim, que era da mãe dela. Nunca ninguém lhe havia dado roupas novas. De acordo com a sua mãe, que idolatrava os seus irmãos e parecia reservar um ódio e inveja especiais por ela, ela não o merecia.

"Espera!", gritou Sartes, com uma voz estridente, ligeiramente irritado.

Ceres sorriu.

"Devo levar-te ao colo, então?", gritou-lhe ela.

Ela sabia que ele odiava quando ela o provocava, porém o seu comentário sarcástico iria motivá-lo a conseguir acompanhá-la. Ceres não se importava que ele a seguisse; ela achava encantador que ele, aos treze anos, fizesse qualquer coisa para ser considerado o seu par. E mesmo que ela nunca o chegasse a admitir abertamente, ela precisava fortemente que ele precisasse dela.

Sartes grunhiu ruidosamente.

"A mãe vai matar-te quando descobrir que lhe desobedeceste novamente!", gritou ele.

Ele estava certo. Ela iria fazê-lo certamente – pelo menos, iria dar-lhe um bom açoite.

Quando a sua mãe lhe bateu pela primeira vez Ceres tinha cinco anos e aquele foi o verdadeiro momento em que ela perdeu a sua inocência. Até então, o mundo havia sido divertido, amável e bom. Depois disso, nada tinha voltado a ser seguro e ela apenas se conseguia agarrar à esperança de um futuro onde iria conseguir afastar-se dela. Agora, ela era mais velha e tenaz. Mas ainda assim, aquele sonho ainda a corroía lentamente por dentro.

Felizmente, Ceres sabia que os seus irmãos nunca a denunciariam. Eles eram tão leais para com ela, como ela era para com eles.

"Então é bom que a mãe nunca venha a saber!", gritou-lhe ela.

"Mas o pai vai saber!", disse Sartes inesperadamente.

Ela riu-se. O pai já sabia. Eles tinham feito um acordo: se ela ficasse até tarde para acabar de afiar as espadas que deviam ser entregues no palácio, ela poderia ir ver a Matança. E assim ela o fez.

Ceres chegou ao muro no fundo do beco e, sem parar, cravou os seus dedos em duas fendas e começou a trepar. As suas mãos e pés moviam-se rapidamente e ela subiu, uns bons vinte pés, até ao topo.

Levantou-se, respirando com dificuldade. O sol cumprimentou-a com os seus raios brilhantes. Ela pôs a mão à frente dos olhos.

Ela arfava. Normalmente, a Cidade Velha estava pontilhada com alguns cidadãos, um gato de rua ou cão aqui e ali - mas hoje estava nitidamente com vida. E cheia de pessoas. Ceres nem sequer conseguia ver a calçada sob o mar de pessoas que se comprimiam na Praça do Chafariz.

Ao longe o mar brilhava num azul vivo, enquanto o imponente e branco Stade ali estava, como uma montanha entre tortuosas ruas e casas amontoadas de dois e três andares. Ao redor da praça, os comerciantes tinham alinhado barracas, ansiosos por vender comida, jóias ou roupas.

Uma rajada de vento roçou-lhe no rosto e o cheiro dos assados acabados de fazer infiltrou-se nas suas narinas. O que ela não daria por satisfazer a vontade de morder aquela comida. Ao sentir uma pontada de fome ela colocou os braços à volta da sua barriga. O pequeno-almoço naquela manhã tinha sido umas poucas colheres de mingau ensopado, o que de alguma forma tinha conseguido deixar o seu estômago ainda com mais fome do que antes de o comer. Dado que hoje era o seu décimo oitavo aniversário, ela esperava, pelo menos, um pouco de comida extra na sua tigela - ou um abraço ou *algo assim*.

Mas ninguém tinha dito nada. Ela duvidava que eles sequer se lembrassem.

A luz apanhou-lhe os olhos e Ceres olhou para baixo e vislumbrou uma carruagem dourada a ziguezaguear pelo meio da multidão como uma bolha através do mel, devagar e a brilhar. Ela franziu a testa. Com a sua excitação, ela nem sequer tinha considerado a hipótese de que a realeza estaria no evento, também.

Ela desprezava-os, desprezava a sua arrogância, desprezava que os seus animais fossem mais bem alimentados do que a maioria das pessoas de Delos. Os irmãos dela tinham esperança que um dia triunfariam sobre o sistema das classes. Mas Ceres não partilhava do otimismo deles: para haver algum tipo de igualdade no Império, seria necessário haver uma revolução.

"Estás a vê-lo?", ofegava Nesos enquanto trepava ao seu lado.

O coração de Ceres acelerou ao pensar nele. Rexus. Ela, também, já se havia questionado se ele já estaria ali e havia examinado, sem sucesso, as multidões.

Ela abanou a cabeça.

"Ali", apontou Nesos.

Ela seguiu a indicação do seu dedo em direção ao chafariz, semicerrando os olhos.

De repente, ela viu-o, não conseguindo reprimir a sua imensa excitação. Ela sentia sempre o mesmo quando o via. Lá estava ele, sentado na beira do chafariz, apertando o seu arco. Mesmo àquela distância, ela conseguia ver os músculos dos seus ombros e peito a movimentarem-se debaixo da sua túnica. Poucos anos mais velho do que ela, ele tinha o cabelo loiro que se destacava entre cabeças pretas e castanhas. A sua pele bronzeada brilhava ao sol.

"Espera!", gritou uma voz.

Ceres olhou para trás e, lá em baixo no muro, viu Sartes, lutando para subir.

"Despacha-te ou deixamos-te para trás!", incitou Nesos.

Claro que eles nem sonhavam em deixar para trás o seu irmão mais novo, embora efetivamente ele precisasse de aprender a acompanhá-los. Em Delos, um momento de fraqueza podia significar a morte.

Nesos passou a mão pelos cabelos, recuperando o fôlego, também, enquanto observava a multidão.

"Então, em quem é que vais apostar o teu dinheiro?", perguntou.

Ceres virou-se para ele e riu-se.

"Que dinheiro?", perguntou ela.

Ele sorriu.

"Se tivesses algum", ele respondeu.

"Brennius", respondeu ela sem pausa.

A sobrancelha dele ergueu-se de surpresa.

"A sério?", perguntou ele. "Porquê?"

"Não sei", ela encolheu os ombros. "Apenas um palpite."

Mas ela sabia. Ela sabia muito bem, melhor do que os seus irmãos, melhor do que todos os rapazes da sua cidade. Ceres tinha um segredo: ela não tinha contado a ninguém que tinha, em determinada ocasião, vestindo-se como um rapaz e treinado no palácio. Por decreto real era proibido – punido com a morte – que as miúdas aprendessem os modos dos lordes de combate, ainda que os plebeus do sexo masculino fossem bem-vindos para aprender em troca de quantidades iguais de trabalho nos estábulos do palácio, trabalho que ela fazia alegremente.

Ela tinha visto Brennius e tinha ficado impressionada com a forma como ele lutava. Ele não era o maior dos lordes de combate, no entanto, os seus movimentos eram calculados com precisão.

"Nem pensar", respondeu Nesos. "Será Stefanus."

Ela abanou a cabeça.

"Stefanus será morto nos primeiros dez minutos", disse ela, sem rodeios.

Stefanus era a escolha óbvia, o maior dos senhores de combate e provavelmente o mais forte; no entanto, ele não era tão calculista quanto Brennius ou alguns dos outros guerreiros que ela tinha visto.

Nesos deu uma gargalhada.

"Dar-te-ei a minha espada boa se for esse o caso."

Ela olhou para a espada agarrada à sua cintura. Ele não tinha ideia dos ciúmes com que ela tinha ficado quando ele recebera aquela obra-prima de arma como presente de aniversário da Mãe três anos antes. A espada dela era uma sobra antiga que o seu pai tinha atirado para o monte da reciclagem. Oh, as coisas que ela seria capaz de fazer se ela tivesse uma arma como a de Nesos.

"Não vou deixar que te esqueças do que estás a dizer, sabes", disse Ceres, sorrindo, embora, na

realidade, ela nunca fosse ficar com a espada dele.

"Eu não esperaria menos", ele sorriu.

Ela cruzou os braços à frente do peito e um pensamento sombrio passou-lhe pela cabeça.

"A mãe não o iria permitir", disse ela.

"Mas o Pai sim", disse ele. "Ele tem muito orgulhoso em ti, tu sabes."

O comentário simpático de Nesos apanhou-a desprevenida e, sem saber exatamente como o aceitar, baixou os olhos. Ela amava o seu pai do fundo do seu coração e sabia que ele a amava. No entanto, por algum motivo, o rosto da sua mãe aparecia diante de si. Tudo o que ela queria era que a sua mãe a aceitasse e amasse tanto quanto aos seus irmãos. Mas por muito que tentasse, Ceres sentia que nunca seria suficiente boa aos seus olhos.

Sartes grunhiu ao dar os últimos passos, subindo atrás deles. Ele era cerca de uma cabeça mais baixo do que Ceres e tão magro como um grilo, mas ela estava

convencida de que ele iria germinar como um rebento de bambu a qualquer momento. Tinha sido isso que tinha acontecido com Nesos. Agora ele era um galã musculado, com seis vírgula três pés de altura.

"E tu?", Ceres virou-se para Sartes. "Quem é que achas que vai ganhar?"

"Estou contigo. Brennius. "

Ela sorriu e despenteou-o. Ele dizia sempre tudo o que ela dizia.

Ouviu-se outro ribombar, a multidão aumentou e ela sentiu-se compelida pela urgência.

"Vamos", disse ela, "não há tempo a perder."

Sem esperar, Ceres desceu do muro, atingiu o chão e desatou a correr.

Mantendo em vista o chafariz, ela atravessou a praça, ansiosa por chegar até Rexus.

Ele virou-se e os seus olhos arregalaram-se deleitados quando ela se aproximou. Ela correu para ele, sentindo os seus braços a envolverem a sua cintura, enquanto ele pressionava a sua bochecha por barbear contra a dela.

"Ciri", disse ele com uma voz baixa e rouca.

Um arrepio percorreu-lhe o corpo e ela virou-se e olhou para os olhos azuis cobalto de Rexus. Com seis pés vírgula um, ele era quase uma cabeça mais alto do que ela, loiro, com cabelo grosso a emoldurar o seu rosto em forma de coração. Ele cheirava a sabão e a ar livre. Céus, era bom vê-lo novamente.

Apesar de ela conseguir cuidar de si mesma em quase qualquer situação, a presença dele trazia-lhe uma sensação de calma.

Ceres ergueu-se sobre as pontas dos pés e enrolou os braços à volta do seu largo pescoço. Ela nunca o tinha visto como mais do que um amigo até o ouvir falar da revolução e do exército ilegal de que ele era membro. "Vamos lutar para nos libertar do jugo da opressão", tinha-lhe dito ele anos atrás. Ele tinha falado com tanta paixão sobre a rebelião que, por um momento, ela tinha realmente acreditado que derrubar a família real era possível.

"Como foi a caça?", perguntou ela com um sorriso, sabendo que ele já se tinha ido embora há dias.

"Senti falta do teu sorriso." Ele acariciou o seu longo cabelo ouro-rosa. "E dos teus olhos cor de esmeralda."

Ceres também tinha sentido a falta dele, mas não se atrevia a dizer. Ela tinha demasiado medo de perder a amizade que eles tinham se alguma coisa viesse a acontecer entre eles.

"Rexus", disse Nesos, aproximando-se, com Sartes nos seus calcanhares, agarrando-lhe o braço.

"Nesos", disse ele com a sua voz profunda e autoritária. "Temos pouco tempo se quisermos entrar", acrescentou, acenando para os outros.

Apressaram-se todos, fundindo-se com a multidão que ia em direção ao Stade.

Os soldados do Império estavam por toda parte, incitando as multidões para a frente, às vezes com bastões e chicotes. Quanto mais se aproximavam da estrada que levava ao Stade, mais a multidão aumentava.

De repente, Ceres ouviu um clamor numa das barracas e, instintivamente, virou-se na direção do som. Ela viu que um generoso espaço se tinha aberto à volta de um menino pequeno, ladeado por dois soldados do Império e um comerciante. Alguns mirones fugiram, enquanto outros reuniram-se em círculo.

Ceres correu para a frente para ver um dos soldados a arrancar uma maçã das mãos do miúdo enquanto o agarrava pelo braço, sacudindo-o violentamente.

"Ladrão!", rosnou o soldado.

"Misericórdia, por favor!", gritou o miúdo, com lágrimas a escorrerem-lhe pelas suas sujas e encovadas bochechas. "Eu estava... com tanta fome!"

Ceres sentiu o seu coração a explodir de compaixão, uma vez que ela já havia sentido a mesma fome - e ela sabia que os soldados seriam nada menos do que cruéis.

"Deixem o miúdo ir-se embora", disse calmamente o comerciante corpulento, fazendo o gesto com uma mão, com o seu anel de ouro a captar a luz solar. "Eu posso dar-me ao luxo de lhe dar uma maçã. Tenho centenas de maçãs". Ele riu-se um pouco, como que para aliviar a situação.

Mas a multidão reuniu-se à volta e calou-se quando os soldados se viraram para confrontar o comerciante, com a sua brilhante armadura a chocalhar. Ceres temia pelo comerciante – ela sabia que ninguém se arriscava a enfrentar o Império.

O soldado aproximou-se ameaçadoramente do comerciante.

"Defendes um criminoso?"

O comerciante olhava para um e para outro, parecendo agora inseguro. O

soldado, seguidamente, virou-se e deu um estalo ao miúdo fazendo um barulho nauseante, provocando um arrepio a Ceres.

O rapaz caiu no chão com um baque e a multidão susteve a respiração.

Apontando para o comerciante, o soldado disse: "Para provar a tua lealdade para com o Império, vais segurar o rapaz enquanto nós o açoitamos."

Os olhos do comerciante endureceram-se e a sua testa ficou suada. Para surpresa de Ceres, ele manteve-se firme.

"Não", respondeu ele.

O segundo soldado deu dois ameaçadores passos em direção ao comerciante e a sua mão dirigiu-se para o punho da espada.

"Fá-lo ou ficas sem cabeça e incendiamos a tua loja", disse o soldado.

O rosto redondo do comerciante ficou sem vida. Ceres podia dizer que ele estava derrotado.

Ele caminhou lentamente até ao rapaz e agarrou-lhe os braços, ajoelhando-se na frente dele.

"Por favor, perdoa-me", disse ele com lágrimas a transbordarem-lhe dos olhos.

O menino choramingava, tendo começado a gritar de seguida, enquanto tentava libertar-se dele.

Ceres via que a criança estava a tremer. Ela queria continuar a ir em direção ao Stade, para evitar testemunhar aquilo, mas, em vez disso, os seus pés ficaram congelados no meio da praça, com o seu olhar colado à brutalidade.

O primeiro soldado rasgou a túnica do miúdo, enquanto o segundo soldado fez girar um chicote por cima da sua cabeça. A maioria dos mirones incentivava os soldados, embora alguns murmurassem e se fossem embora de cabeça baixa.

Nenhum defendeu o ladrão.

Com uma expressão ávida, quase louca, o soldado batia com o chicote contra as costas do rapaz, fazendo-o gritar de dor enquanto eles o açoitavam. O sangue escorria pelas recentes lacerações. Uma e outra vez, o soldado continuou a chicotear o menino até a sua cabeça ficar vergada para trás e ele já não gritar.

Ceres sentia um forte impulso em avançar e salvar o menino. No entanto, ela sabia que fazer isso significaria a sua morte e a morte de todos aqueles que ela amava. Ela estava desolada, sentindo-se desesperada e derrotada. No seu íntimo, ela decidiu que um dia iria vingar-se.

Ela arrancou Sartres para o pé de si e cobriu-lhe os olhos, querendo desesperadamente protegê-lo, dar-lhe mais alguns anos de inocência, embora não houvesse inocência possível de manter naquela terra. Ela obrigou-se a não agir por impulso. Como homem, ele precisava de ver aqueles exemplos de crueldade, não só para se adaptar, mas também para um dia ser um forte candidato na rebelião.

Os soldados tiraram o miúdo das mãos do comerciante e, em seguida, atiraram o seu corpo inerte para a parte traseira de um carro de madeira. O comerciante apertou o seu rosto com as mãos, chorando a soluçar.

Em poucos segundos, o carro estava a caminho e, o que antes tinha sido um espaço aberto, estava novamente cheio de pessoas a serpentear-se pela praça como se nada tivesse acontecido.

Ceres sentiu uma enorme sensação de náusea bem por dentro de si. Era injusto.

Naquele momento, ela conseguia identificar uma meia dúzia de carteiristas, homens e mulheres que tinham aperfeiçoado a sua arte tão bem que nem mesmo os soldados do Império conseguiam apanhá-los. A vida daquele pobre menino estava agora arruinada por causa da sua falta de habilidade. Se capturados, os ladrões,

jovens ou velhos, perdiam os seus membros ou mais, dependendo de como os juízes se sentissem nesse dia. Se ele tivesse sorte, a sua vida seria poupada e ele seria condenado a trabalhar nas minas de ouro para o resto da vida. Ceres preferiria morrer a ter de suportar ser presa assim.

Eles continuaram ao longo da rua, com o seu humor arruinado, ao lado uns dos outros, enquanto o calor aumentava de uma forma quase insuportável.

Uma carruagem dourada passou ao lado deles, forçando todos a desviarem-se do caminho, empurrando as pessoas para as casas nas laterais. Empurrada violentamente, Ceres olhou para cima e viu três raparigas adolescentes com vestidos coloridos de seda, com alfinetes de ouro e jóias preciosas que adornavam os seus intrincados cabelos apanhados. Uma delas, a rir-se, atirou uma moeda para a rua e um punhado de plebeus baixou-se, colocando-se de gatas, lutando por um pedaço de metal que alimentaria uma família por um mês inteiro.

Ceres nunca se baixou para apanhar qualquer esmola. Ela preferia morrer de fome a receber doações que dependessem da vontade das pessoas.

Ela viu um homem apossar-se da moeda e um homem mais velho atirá-lo ao chão, apertando com força o seu pescoço com a mão. Com a outra mão, o homem tirou à força da mão do rapaz a moeda.

As jovens adolescentes riram-se, apontando, antes de a sua carruagem continuar a serpentear pela multidão.

As entranhas de Ceres comprimiram-se com repugnância.

"No futuro próximo, a desigualdade vai desaparecer para sempre", disse Rexus. "Eu vou fazer por isso."

Ouvindo-o falar, o peito de Ceres inchou. Um dia ela iria lutar lado a lado com ele e os seus irmãos na rebelião.

Mais perto do Stade as ruas eram mais largas. Ceres sentia que podia respirar fundo. O ambiente era vibrante. Ela sentiu que iria rebentar de excitação.

Ela passou por uma das dezenas de entradas em arco e olhou para cima.

Milhares e milhares de cidadãos enchiam o magnífico Stade. A estrutura oval tinha colapsado no topo do lado norte e a maioria dos toldos vermelhos estavam rasgados, fornecendo pouca proteção contra o sol escaldante. Feras selvagens rosnavam atrás de portões de ferro e alçapões, e ela conseguia ver os lordes de combate prontos atrás dos portões.

Ceres estava boquiaberta, assimilando tudo maravilhada.

Ceres olhou para cima e percebeu que, sem dar por isso, tinha ficado para trás de Rexus e dos seus irmãos. Ela correu para a frente para recuperar o atraso mas, ao fazê-lo, quatro homens corpulentos cercaram-na. Ela sentiu o cheiro a álcool, a peixe podre e a odor corporal quando eles se aproximaram muito perto, girando à sua volta, boquiabertos com os dentes podres e sorrisos feios.

"Tu vens connosco, miúda bonita", disse um deles enquanto estrategicamente todos se chegavam para cima dela.

O coração de Ceres acelerou. Ela olhou para a frente à procura dos outros, mas eles já estavam perdidos no meio da imensa multidão.

Ela confrontou os homens, tentando colocar a sua expressão mais brava.

"Deixem-me ou eu..."

Eles desataram-se a rir.

"O quê?", troçou um deles. "Uma miúda pequenina como tu dar conta de nós os quatro?"

"Nós poderíamos levar-te daqui, contigo aos pontapés e a gritar, e nem uma alma iria reparar", acrescentou outro.

E era verdade. De soslaio, Ceres observava as pessoas passarem a correr, fingindo não reparar que aqueles homens a estavam a ameaçar.

De repente, o rosto do líder ficou sério e, com um movimento rápido, ele agarrou-lhe nos braços e puxou-a. Ela sabia que eles poderiam levá-la para longe, para nunca mais ser vista novamente, e esse pensamento aterrorizava-a mais que tudo.

Tentando ignorar o bater do seu coração, Ceres girou, libertando o seu braço da fortaleza dos dele. Os outros homens vaiavam divertidos, mas quando ela fez embater a base da palma da sua mão contra o nariz do líder, atirando a sua cabeça para trás, eles remeteram-se ao silêncio.

O líder colocou as suas mãos imundas sobre o nariz e resmungou.

Ela não se arrependeu. Sabendo que tinha uma hipótese, ela pontapeou-o no estômago, lembrando-se dos seus dias de treino, e ele caiu com o empurrão.

Imediatamente, porém, os outros três atiraram-se a ela, com as suas mãos fortes a agarrarem-na, afastando-a.

De repente, eles cederam. Ceres, aliviada, viu Rexus a aparecer e a esmurrar um no rosto, derrubando-o.

De seguida surgiu Nesos, agarrando outro e dando-lhe uma joelhada no estômago antes de lhe dar um pontapé que o atirou para o chão, deixando-o no solo vermelho.

O quarto homem avançou em direção a Ceres, mas precisamente no momento em que ele estava prestes a atacá-la, ela baixou-se, girou e pontapeou-o por trás, fazendo-o voar de cabeça contra um pilar.

Ela ficou ali, respirando com dificuldade, assimilando tudo.

Rexus colocou uma mão no ombro de Ceres. "Estás bem?"

O coração de Ceres estava ainda acelerado, mas um sentimento de orgulho lentamente substituía o seu medo. Ela tinha-se saído bem.

Ela assentiu e Rexus envolveu um braço ao redor dos seus ombros e eles continuaram, esboçando um sorriso.

"O quê?", perguntou Ceres.

"Quando vi o que estava a acontecer, eu queria percorrer a minha espada por cada um deles. Mas então vi como te defendeste a ti própria". Ele abanou a cabeça e riu-se. "Eles não estavam à espera."

Ela sentiu as suas bochechas a corar. Queria dizer que não tinha tido medo, mas a verdade é que tinha tido.

"Eu estava nervosa", ela admitiu.

"Ciri, nervosa? Nunca". Ele beijou Ceres no topo da cabeça e eles continuaram para dentro do Stade.

Encontraram alguns lugares vazios ao nível do solo e sentaram-se. Ceres estava encantada por não ser demasiado tarde e já tinha colocado todos os acontecimentos do dia atrás das costas, permitindo-se deixar levar pelo entusiasmo da multidão.

"Consegues vê-los?"

Ceres seguiu a direção do dedo de Rexus, olhou para cima e viu uma dúzia de adolescentes sentados num camarote a beber vinho em taças de prata. Ela nunca tinha visto roupas tão boas, tanta comida numa mesa, tantas jóias cintilantes em toda a sua vida. Nenhum deles tinha a cara encovada ou barrigas côncavas.

"O que é que eles estão a fazer?", perguntou ela, quando viu um deles a recolher moedas para dentro de uma tigela de ouro.

"Cada um deles é dono de um lorde de combate", disse Rexus, "e eles fazem apostas sobre quem vai ganhar."

Ceres zombou. Ela percebeu que aquele era apenas um jogo para eles.

Obviamente, os adolescentes mimados não se preocupavam com os guerreiros ou com a arte do combate. Eles só queriam ver se o seu lorde de combate ganharia.

Para Ceres, porém, aquele evento era acerca da honra, da coragem e da habilidade.

Os estandartes reais foram erguidos, as trombetas soaram e, quando os portões de ferro se abriram, um em cada extremidade do Stade, os lordes de combate, um após o outro, saíram dos negros buracos, com a sua armadura de couro e ferro a capturar a luz do sol, emitindo faíscas de luz.

A multidão vibrava enquanto os brutamontes marchavam para a arena. Ceres levantou-se com eles, aplaudindo. Os guerreiros terminaram num círculo virados para o exterior, com os seus machados, espadas, lanças, escudos, tridentes, chicotes e outras armas erguidas para o céu.

"Salve, Rei Claudius", gritaram.

As trombetas soaram novamente e a carruagem dourada do Rei Claudius e da Rainha Athena avançou rapidamente pela arena vinda de uma das entradas. Em seguida, avançou uma carruagem com o príncipe herdeiro Avilius e a princesa Floriana e, a seguir a eles, uma comitiva inteira de carruagens que transportam a realeza inundou a arena. Cada carruagem era rebocada por dois cavalos brancos como a neve, adornados com pedras preciosas e ouro.

Quando Ceres vislumbrou o príncipe Thanos entre eles, ficou chocada com a expressão do rapaz de dezanove anos. De vez em quando, quando fazia a entrega de espadas para o seu pai, ela via-o a falar com os lordes de combate no palácio e ele carregava sempre aquela expressão azeda de superioridade. Ao seu físico não faltava nada quando o que estava em causa eram os gostos de um guerreiro -

ele quase que poderia ser confundido com um - os braços abaulados com músculo, a cintura estreita e musculada e as suas pernas duras como troncos de árvores. No entanto, enfurecia-a como ele aparentava não ter nenhum respeito ou paixão pela sua posição.

Enquanto a realeza desfilava até aos seus lugares no pódio, as trombetas soaram novamente, sinalizando que a Matança estava prestes a começar.

A multidão vibrou quando todos os senhores de combate, exceto dois, retiraram-se de volta para os portões de ferro.

Ceres reconheceu um deles como Stefanus, mas não conseguia perceber quem era o outro brutamontes que vestia nada para além de um capacete com viseira e uma tanga presa por um cinto de couro. Talvez ele tivesse viajado de longe para lutar. A sua pele bem oleada era da cor de solo fértil e o seu cabelo era tão negro como a noite mais escura. Pelas ranhuras do capacete, Ceres conseguia ver o olhar de determinação nos olhos dele, percebendo imediatamente que Stefanus não viveria mais de uma hora.

"Não te preocupes", disse Ceres, olhando para Nesos. "Deixo-te ficar com a espada."

"Ele ainda não foi derrotado", respondeu Nesos com um sorriso. "Stefanus não seria o favorito de todos se não fosse superior."

Quando Stefanus levantou o seu tridente e o seu escudo, a multidão ficou em silêncio.

"Stefanus!", gritou do camarote um dos jovens ricos do sexo masculino, com um punho levantado. "Poder e coragem!"

Stefanus acenou com a cabeça para os jovens e o público vibrava em aprovação. De seguida, atirou-se ao forasteiro com força total. O forasteiro desviou-se subitamente, girando e golpeando Stefanus com a sua espada, falhando por pouco.

Ceres encolheu-se. Com reflexos assim, Stefanus não iria durar muito.

Golpeando sem parar o escudo de Stefanus, o forasteiro rugia enquanto Stefanus recuava. Stefanus, desesperado, arremessou por fim a ponta do seu escudo contra o rosto do seu adversário. Quando o seu inimigo caiu, o seu sangue pulverizou-se pelo ar.

Ceres pensou que aquele era um movimento bastante bom. Talvez Stefanus tivesse melhorado a sua técnica desde a última vez que ela o tinha visto a treinar.

"Stefanus! Stefanus! Stefanus!", os espetadores entoavam.

Stefanus ficou aos pés do guerreiro ferido, mas precisamente no momento em que ele estava prestes a esfaqueá-lo com o tridente, o forasteiro levantou os pés e pontapeou Stefanus que caiu para trás, aterrando de costas. Ambos puseram-se de pé tão rapidamente quanto os gatos, encarando-se novamente.

Os seus olhos fixaram-se e eles começaram a circular à volta um ao outro. O

perigo no ar era palpável, pensou Ceres.

O forasteiro rosnou e ergueu a sua espada enquanto corria em direção a Stefanus. Stefanus virou-se rapidamente para o lado e golpeou-o na coxa. Em troca, o forasteiro balançou a sua espada e golpeou o braço de Stefanus.

Ambos os guerreiros grunhiam de dor, mas era como se as feridas guiassem a sua fúria em vez de os abrandar. O forasteiro tirou o capacete e atirou-o ao chão.

O seu queixo de barba negra estava a sangrar, o olho direito inchado, mas a sua expressão fez com que Ceres pensasse que ele estava farto de brincar com Stefanus e estava a avançar para o matar. Quão rapidamente seria ele capaz de o matar?

Stefanus avançou na direção do forasteiro. Ceres ficou sem fôlego quando o tridente de Stefanus colidiu com a espada do seu oponente. Olhos nos olhos, os guerreiros lutavam um contra o outro, grunhindo, ofegantes, empurrando-se, com os seus protuberantes vasos sanguíneos nas testas e os músculos salientes sob a pele suada.

O forasteiro baixou-se e contorceu-se e, sem Ceres estar à espera, girou como um furacão, cortou o ar com a sua espada e decapitou Stefanus.

Depois de algumas respirações, o forasteiro triunfantemente ergueu o braço no ar.

Por um segundo, a multidão ficou completamente em silêncio. Até mesmo Ceres. Ela olhou para o adolescente que era o dono de Stefanus. Estava de boca aberta, com as sobrancelhas unidas em fúria.

O adolescente arremessou a sua taça de prata para a arena e saiu do camarote.

A morte é o grande equalizador, pensou Ceres reprimindo um sorriso.

"August!", gritou um homem no meio da multidão. "August! August!"

Um após o outro os espectadores uniram-se, até todo o estádio ficar a gritar o nome do vencedor. O forasteiro fez uma vénia ao rei Claudius e, em seguida, três

outros guerreiros vieram a correr dos portões de ferro, substituindo-o.

No decorrer do dia, as lutas seguiram-se umas após as outras. Ceres assistia com os olhos bem abertos. Ela não conseguia decidir-se lá muito bem sobre se odiava ou adorava as Matanças. Por um lado, ela gostava de observar a estratégia, a habilidade e a bravura dos candidatos; mas, por outro, ela desprezava o facto de os guerreiros não passarem de peões para os ricos.

Com a última luta da primeira ronda, Brennius e outro guerreiro lutaram mesmo ao lado de onde Ceres, Rexus e os seus irmãos estavam sentados. Estavam cada vez mais perto, com as suas espadas a retinir e faíscas a voar. Era emocionante.

Ceres observava Sartes que se inclinava sobre o gradeamento com os olhos colados nos combatentes.

"Encosta-te para trás!", gritou-lhe ela.

Mas antes de ele conseguir responder, de repente, um omnigato saltou para fora de uma escotilha no chão do outro lado do estádio. A enorme besta lambia os seus caninos e as suas garras escavavam o solo vermelho enquanto se dirigia para os guerreiros. Os lordes de combate ainda não tinha visto o animal e o estádio susteve a respiração.

"Brennius está morto", murmurou Nesos.

"Sartes!", gritou novamente Ceres. "Eu disse para te chegares para trás..."

Ela não teve hipótese de terminar as suas palavras. Precisamente naquele momento, a pedra debaixo das mãos de Sartes soltou-se e, antes que alguém conseguisse reagir, ele caiu por cima do gradeamento, aterrando com um estrondo na arena.

"Sartes!", gritou Ceres horrorizada virando-se para baixo.

Ceres olhou para baixo e viu Sartes, dez pés abaixo, sentar-se e encostar-se de costas contra a parede. O seu lábio inferior tremia, mas não havia lágrimas. Não havia palavras. Segurando o seu braço, ele olhou para cima, com uma expressão de agonia no seu rosto.

Ceres não aguentava vê-lo lá em baixo. Sem pensar, ela tirou a espada de Nesos e saltou sobre o gradeamento, para a arena, caindo precisamente à frente do seu irmão mais novo.

"Ceres!", gritou Rexus.

Ela olhou para trás e viu guardas a levarem Rexus e Nesos antes de eles a conseguirem seguir.

Ceres ficou ali na arena, surpreendida com um sentimento surreal por estar ali com os lutadores. Ela queria tirar Sartes de lá, mas não tinha tempo. Então, pôs-se à frente dele, determinada a protegê-lo e o omnigato rugiu-lhe. Com os seus olhos

amarelos e maus fixos em Ceres, o omnigato curvou-se para baixo. Ela pressentia o perigo.

Ela vergastou a espada de Nesos com as duas mãos, apertando-a com força.

"Corre, miúda!", gritou Brennius.

Mas era tarde demais. Avançando na sua direção, o omnigato estava agora apenas a alguns pés de distância. Ela aproximou-se de Sartes e, pouco antes de o animal atacar, Brennius apareceu vindo da lateral e cortou a orelha do animal.

O omnigato levantou-se sob as suas pernas traseiras e rugiu, agarrando um pedaço da parede atrás de Ceres. Sangue púrpura manchava o seu pelo.

A multidão vibrava.

O segundo lorde de combate aproximou-se, mas antes de conseguir causar algum dano à besta, o omnigato levantou a pata e cortou a garganta do homem com as suas garras. Apertando as mãos em volta do seu pescoço, o guerreiro caiu no chão, com sangue a escorrer-lhe por entre os dedos.

Com fome de sangue, a multidão aplaudia.

A rosnar, o omnigato bateu em Ceres com tanta força que ela saiu a voar pelo ar, caindo no chão. Com o impacto, a espada saltou da sua mão, caindo a vários pés de distância.

Ceres ficou ali, com dificuldade em respirar. A morrer por ar, com a cabeça às voltas, ela tentou arrastar-se de gatas, mas rapidamente voltou a cair.

Deitada sem fôlego com o rosto pressionado contra a areia grossa, ela viu o omnigato a ir em direção a Sartes. Ao ver o seu irmão num estado tão indefeso, ela sentiu as suas entranhas a inflamarem-se com fogo. Obrigou-se a respirar fundo e discerniu com toda a clareza o que precisava de fazer para o salvar.

A energia inundou-a, dando-lhe poder imediato. Levantou-se, apanhou a espada e correu tão depressa em direção à besta que se convenceu de que estava a voar.

A besta estava agora a dez pés de distância dela. Oito. Seis. Quatro.

Ceres cerrou os dentes e atirou-se para as costas da besta, enfiando insistentemente os seus dedos no seu pelo eriçado, desesperada para distraí-la do seu irmão.

O omnigato ergueu-se sobre as patas traseiras e abanou a parte superior do seu corpo, empurrando Ceres para trás e para a frente. Mas a sua força de ferro e a sua determinação eram mais fortes do que as

tentativas da besta para que ela a largasse.

Quando a criatura se colocou novamente em quatro patas, Ceres aproveitou a oportunidade. Ergueu a sua espada no ar e esfaqueou a besta no pescoço.

O animal guinchou e levantou-se sobre as patas traseiras enquanto a multidão vibrava.

Lançando uma pata na direção de Ceres, a criatura perfurou as suas costas com as garras. Ceres gritou de dor, sentindo as garras como se fossem adagas espetadas na sua carne. O omnigato agarrou-a e atirou-a contra a parede. Ela aterrou a vários pés de distância de Sartès.

"Ceres!", gritou Sartès.

Com os ouvidos a zumbir, Ceres tentou sentar-se, sentido a parte de trás da cabeça a latejar e um líquido quente a escorrer-lhe pelo pescoço. Não havia tempo para avaliar a gravidade do ferimento. O omnigato avançou novamente na sua direção.

Quando a besta se atirou para cima dela, Ceres não tinha opções. Sem sequer pensar, ela instintivamente levantou a palma da mão, estendendo-a para a frente.

Era a última coisa que ela pensava ver.

Assim que o omnigato atacou, Ceres sentiu como se uma bola de fogo tivesse sido ateadada no seu peito e, de repente, sentiu uma bola de energia a disparar da sua mão.

Em pleno ar, a besta, de repente, enfraqueceu.

Caiu no chão, derrapando até parar em cima das pernas dela. Ainda como que a esperar que o animal voltasse à vida e acabasse com ela, Ceres susteve a respiração ao olhar para ele ali deitado.

Mas a criatura não se movia.

Atordoada, Ceres olhou para a palma da mão. Não tendo visto o que tinha acontecido, a multidão provavelmente pensava que o animal tinha morrido porque ela antes o havia esfaqueado com a sua espada. Mas ela sabia mais. Alguma força misteriosa tinha saído da sua mão e matado o animal num ápice. Que força era aquela? Nunca tinha acontecido nada assim, e ela não sabia bem o que fazer com aquilo

Quem era ela para ter aquele poder?

Com medo, ela deixou a sua mão cair para baixo.

Ela levantou os olhos hesitantes e viu que o estádio tinha-se silenciado.

E ela não conseguia deixar de se questionar. Será que eles também tinham visto aquilo?

CAPÍTULO DOIS

Durante um segundo que parecia não acabar, Ceres sentiu todos os olhos em cima dela enquanto ela

permanecia ali sentada, entorpecida pela dor e descrença.

Mais do que as repercussões que estavam por vir, ela temia o poder sobrenatural que se escondia dentro de si e que havia matado o omnigato. Mais do que todas as pessoas à sua volta, ela temia enfrentar-se a ela própria – um eu que ela já não conhecia.

De repente, a multidão, atordoada em silêncio, rugiu. Ela demorou algum tempo até perceber que eles estavam a aclamar por ela.

Uma voz interrompeu os rugidos.

"Ceres!", gritou Sartes, ao lado dela. "Estás magoada?"

Ela virou-se para o seu irmão, ainda ali deitado no chão do Stade, também, e abriu a boca. Mas não saiu uma única palavra. Estava sem fôlego e sentia-se tonta. Teria ele visto o que realmente tinha acontecido? Ela não sabia sobre os outros, mas a esta distância, seria praticamente um milagre se ele não tivesse visto.

Ceres ouviu passos e, de repente, duas mãos fortes levantaram-na e puseram-na de pé.

"Vai-te embora agora!", Brennius rosou, empurrando-a para o portão aberto à sua esquerda.

As feridas nas costas doíam-lhe, mas ela esforçou a voltar à realidade, agarrando Sartes e levantando-o. Juntos, eles lançaram-se em direção à saída, tentando escapar dos aplausos da multidão.

Chegaram rapidamente ao escuro e abafado túnel e, ao fazerem-no, Ceres viu dezenas de lordes de combate lá dentro, esperando pela sua vez por alguns momentos de glória na arena. Alguns estavam sentados nuns bancos em profunda meditação, outros estavam a enrijecer os músculos, contraindo os braços enquanto andavam de um lado para outro e outros estavam a preparar as suas armas para o banho de sangue iminente. Todos eles, tendo acabado de testemunhar a luta, levantaram os olhos e olharam para ela, com curiosidade.

Ceres correu pelos corredores subterrâneos que estavam forrados com tochas dando aos tijolos cinzentos um brilho quente, e passou por todo tipo de armas encostadas nas paredes. Ela tentava ignorar a dor nas costas, mas era difícil fazê-

lo quando a cada passo, o material áspero do seu vestido fricionava nas feridas abertas. As garras do omnigato tinham parecido adagas a enfiarem-se, mas agora, com o latejar de cada ferida, ainda parecia pior.

"As tuas costas estão a deitar sangue", disse Sartes, com a voz a tremer.

"Eu vou ficar bem. Precisamos de encontrar Nesos e Rexus. Como é que está o teu braço? "

"A doer."

Quando chegaram à saída, a porta abriu-se e dois soldados do Império estavam ali.

"Sartes!"

Antes de ela conseguir reagir, um soldado agarrou no seu irmão e outro agarrou-a a ela. Não adiantava resistir. O outro soldado balançou-a para cima do seu ombro como se ela fosse um saco de grão, levando-a dali. Temendo ter sido presa, ela batia-lhe nas costas, sem sucesso.

Já fora do Stade, ele atirou-a para o chão. Sartes aterrou ao lado dela. Alguns mirões formaram um semicírculo ao seu redor, de boca aberta, como se famintos pelo derramamento do seu sangue.

"Se entrarem novamente no Stade, serão enforcados", o soldado rosnou.

Os soldados, para sua surpresa, viraram-se sem dizer mais uma palavra e desapareceram de volta para a multidão.

"Ceres!", gritou uma voz profunda por cima do barulho da multidão.

Ceres olhou ficando aliviada ao ver Nesos e Rexus indo na direção de eles.

Quando Rexus lançou os seus braços ao redor dela, ela engasgou-se. Ele chegou-se para trás, preocupado.

"Eu vou ficar bem", disse ela.

As multidões saíram do Stade e Ceres e os outros misturaram-se e correram de volta para as ruas, não querendo mais nenhum encontro. Caminhando em direção à Praça do Chafariz, Ceres repetiu na sua mente tudo o que tinha acontecido, ainda a cambalear. Ela notou que os seus irmãos olhavam para os lados e questionou-se sobre o que eles estavam a pensar. Teriam eles testemunhado os seus poderes?

Provavelmente não. O omnigato tinha estado muito próximo. No entanto, ao mesmo tempo eles olhavam para ela com um novo sentido de respeito. Mais do que tudo ela queria dizer-lhes o que tinha acontecido. No entanto, ela sabia que não podia. Ela própria não tinha a certeza.

Havia tanta coisa por dizer entre eles, mas agora, no meio daquela imensa multidão, não era o momento de o fazer. Primeiro, eles precisavam de chegar a casa em segurança.

As ruas ficavam muito menos povoadas à medida que eles se afastavam do Stade. Caminhando ao seu lado, Rexus pegou numa das suas mãos e interlaçou os seus dedos nos dela.

"Estou orgulhoso de ti", disse-lhe ele. "Salvaste a vida do teu irmão. Não tenho a certeza de quantas irmãs o fariam."

Ele sorriu, com os olhos cheios de compaixão.

"Essas feridas parecem profundas", observou ele, olhando para as costas dela.

"Eu vou ficar bem", ela murmurou.

Era uma mentira. Ela não tinha de todo a certeza de que fosse ficar bem ou até de que conseguisse chegar a casa. Sentia-se bastante tonta com a perda de sangue e não ajudava nada o facto do seu estômago roncar e do sol a estar a incomodar, fazendo-a transpirar.

Finalmente, eles chegaram à Praça do Chafariz. Ao passarem pelas tendas, um comerciante foi atrás deles, oferecendo-lhes uma grande cesta de alimentos por metade do preço.

Sartes sorriu de orelha a orelha – o que ela achou um pouco estranho - e, em seguida, ele ergueu uma moeda de cobre com o seu braço saudável.

"Acho que te devo um pouco de comida", disse ele.

Ceres engasgou-se em estado de choque. "Onde é que conseguiste isso?"

"Aquela miúda rica na carruagem dourada atirou para fora duas moedas, não uma, mas as pessoas todas estavam tão focadas na luta entre os homens que nem sequer notaram", respondeu Sartes, com o seu sorriso ainda muito intacto.

Ceres zangou-se e preparou-se para confiscar a moeda a Sartes e atirá-la.

Aquilo era dinheiro de sangue, afinal. Eles não precisavam de nada que viesse de pessoas ricas.

Ao se aproximar para a agarrar, de repente, uma mulher velha apareceu e bloqueou-lhe a passagem.

"Tu!", disse ela, apontando para Ceres, com uma voz tão alta que Ceres sentiu-a como se vibrasse diretamente através dela.

A tez da mulher era ligeira, mas aparentemente transparente, e os seus lábios perfeitamente arqueados tinham uma tonalidade esverdeada. Bolotas e musgos adornavam o seu longo e espesso cabelo preto, e os seus olhos castanhos combinavam com o seu longo vestido castanho. Ela era bonita de se ver, Ceres pensou, tanto que ela ficou hipnotizada por um momento.

Ceres pestanejou, atordoada, certa de que nunca havia conhecido aquela mulher antes.

"Como é que sabes o meu nome?"

O seu olhar prendeu-se no da mulher e quando ela deu alguns passos na sua direção, Ceres reparou que a mulher cheirava fortemente a mirra.

"Veia das estrelas", disse ela, numa voz estranha.

Quando a mulher levantou o braço num gesto gracioso, Ceres viu que uma triquetra estava marcada no lado de dentro do seu pulso. Uma bruxa. Com base no aroma dos deuses, talvez uma vidente.

A mulher pegou no cabelo rosa dourado de Ceres e cheirou-o.

"Tu não és nenhuma estranha para a espada", disse ela. "Tu não és nenhuma estranha para o trono. O teu destino é grandioso, na verdade. Poderosa será a mudança."

De súbito, a mulher virou-se e foi-se embora a correr, desaparecendo por detrás da sua tenda. Ceres ficou ali, entorpecida. Ela sentiu as palavras da mulher a penetrarem a sua alma. Sentiu que tinham sido mais do que uma observação; eram uma profecia. Poderosa. Mudança. Trono. Destino. Eram palavras que ela nunca tinha associado a si própria antes.

Poderiam elas ser verdade? Ou eram apenas as palavras de uma louca?

Ceres olhou e viu Sartre a segurar uma cesta de alimentos, com a sua boca já recheada com pão mais do que suficiente. Ele estendeu-a para ela. Ela viu pastelaria, frutas e legumes, sendo quase o suficiente para quebrar a sua determinação. Numa situação normal ela teria devorado a comida.

No entanto, agora, por alguma razão, ela tinha perdido o apetite.

Havia um futuro à sua frente.

Um destino.

*

A caminhada para casa tinha levado quase uma hora a mais do que o habitual.

Permaneceram todos em silêncio durante todo o caminho, cada um perdido nos seus próprios pensamentos. Ceres só conseguia pensar no que as pessoas que ela mais amava no mundo pensavam dela. Ela mal sabia o que pensar de si mesma.

Ela olhou para cima e viu a sua humilde casa, ficando surpreendida por ter conseguido fazer todo o caminho, dada a forma como a cabeça e as costas lhe doíam.

Os outros haviam-se separado dela há algum tempo, para fazer um recado ao seu pai, e Ceres entrou sozinha na soleira que rangia, preparando-se, esperando não encontrar a sua mãe.

Ela entrou num banho de calor. Dirigiu-se para o pequeno frasco de álcool de limpeza que a sua mãe tinha guardado sob a sua cama e tirou-lhe a rolha. Fê-lo com cuidado para não usar demais senão podia ser detetado. Preparando-se para a picada, ela arrancou a sua camisa e derramou-o pelas costas.

Ceres gritou de dor, cerrando o punho e inclinando a cabeça contra a parede, sentindo mil picadas das garras do omnigato. Ela sentia como se aquelas feridas nunca se fossem curar.

A porta abriu-se com força e Ceres encolheu-se. Ela ficou aliviada ao ver que era apenas Sartre.

"O Pai precisa de ter ver, Ceres", disse ele.

Ceres notou que os seus olhos estavam ligeiramente vermelhos.

"Como é que está o teu braço?", perguntou ela, assumindo que ele estava a chorar de dor por causa do seu braço ferido.

"Não está partido. Apenas torcido". Ele aproximou-se e o seu rosto ficou sério. "Obrigado por me teres salvado hoje."

Ela ofereceu-lhe um sorriso. "Como é que eu poderia estar em outro lugar?", disse ela.

Ele sorriu.

"Vai ter com o Pai agora", disse ele. "Eu vou queimar o teu vestido e o pano."

Ela não sabia como ela seria capaz de explicar à sua mãe como é que o seu vestido, de repente, tinha desaparecido, mas a peça de roupa herdada definitivamente tinha de ser queimada. Se a sua mãe a encontrasse no seu atual estado - ensanguentado e cheio de buracos – não haveria quem conseguisse dizer o quão severa a punição seria.

Ceres foi-se embora, caminhando pelo trilho de ervas espezinhadas para o telheiro atrás da casa. Restava uma árvore no seu humilde lote - as outras haviam sido cortadas em lenha e queimadas na lareira para aquecer a casa durante as noites frias de Inverno - e os seus ramos pairavam sobre a casa como uma energia protetora. Toda vez que Ceres a via, ela lembrava-se da sua avó, que falecera dois anos antes. Tinha sido a sua avó que tinha plantado a árvore quando ela era criança. Era o seu templo, de certa forma. E do seu pai também. Quando a vida se tornava demasiado difícil de suportar, eles ficavam sob as estrelas e abriam os seus corações para Nana como se ela ainda estivesse viva.

Ceres entrou no telheiro e cumprimentou o seu pai com um sorriso. Para sua surpresa, ela reparou que a maioria das suas ferramentas haviam sido retiradas da mesa de trabalho e que não havia espadas a aguardar junto da lareira para serem forjadas. Ela não se conseguia lembrar de ver o chão tão bem varrido ou as paredes e o teto sem ferramentas.

Os olhos azuis do seu pai iluminaram-se, como sempre acontecia quando ela a via.

"Ceres", disse ele, levantando-se.

Naquele último ano, o seu cabelo escuro tinha ficado muito mais grisalho assim como a sua curta barba, e as bolsas sob os seus olhos amorosos tinham duplicado de tamanho. No passado, tinha sido de estatura larga e quase tão musculado quanto Nesos; no entanto, recentemente, Ceres notava que ele tinha perdido peso e a sua postura, anteriormente perfeita, estava a ceder.

Ele foi ter com ela à porta e colocou uma mão calejada nas suas costas.

"Vem comigo."

O peito dela comprimiu-se um pouco. Quando ele queria falar e *andar*, isso significava que ele estava prestes a partilhar algo significativo.

Lado a lado, eles vaguearam até à parte traseira do telheiro e na direção do pequeno campo. Não muito longe apareciam umas nuvens escuras, enviando rajadas de vento quente e temperamental. Ela esperava que elas produzissem a chuva necessária para recuperarem daquela seca aparentemente interminável, mas como já antes acontecera, elas provavelmente apenas contivessem vazias promessas de chuviscos.

A terra rangia sob os seus pés enquanto ela caminhava, com o solo seco, as plantas amarelas, castanhas e mortas. Aquele pedaço de terra atrás da sua subdivisão era do Rei Claudius, apesar de não ser semeada há anos.

Eles subiram uma colina e pararam, olhando através do campo. O pai dela permanecia em silêncio, com as mãos cruzadas atrás das costas e a olhar para o céu. Ele não era assim e o medo dela aprofundou-se.

Então ele falou, parecendo seleccionar as palavras com cuidado.

"Às vezes não temos o luxo de escolher os nossos caminhos", disse ele.

"Devemos sacrificar tudo o que queremos pelos que amamos. Sacrificarmo-nos mesmo a nós, se necessário."

Ele suspirou e, no longo silêncio, interrompido apenas pelo vento, o coração de Ceres batia com força, indagando-se onde é que ele queria chegar com aquilo.

"O que eu não daria para manter a tua infância para sempre", acrescentou ele, olhando para o céu, com o rosto contorcido de dor antes de relaxar novamente.

"O que é que se passa?", perguntou Ceres, colocando uma mão no braço dele.

"Eu tenho de me ir embora por algum tempo", disse ele.

Ela sentiu como se não pudesse respirar.

"Ir embora?"

Ele virou-se e olhou-a nos olhos.

"Como sabes, o inverno e a primavera foram particularmente difíceis este ano.

Os últimos anos de seca têm sido difíceis. Nós não fizemos dinheiro suficiente para nos aguentarmos durante o próximo inverno e, se eu não for, a nossa família vai morrer à fome. Fui incumbido por outro rei de ser o seu couteleiro principal.

Será um bom dinheiro. "

"Vai levar-me contigo, certo?", perguntou Ceres, com um tom frenético na sua voz.

Ele abanou a cabeça tristemente.

"Tens de ficar aqui e ajudar a tua mãe e irmãos."

Aquele pensamento horrorizava-a.

"Não me podes deixar aqui com a Mãe", disse ela. "Não o farias."

"Eu falei com ela e ela vai cuidar de ti. Ela vai ser gentil."

Ceres bateu com o pé na terra, fazendo com que se levantasse poeira.

"Não!"

Escorriam-lhe pelas bochechas as lágrimas que lhe explodiam dos olhos.

Ele deu um pequeno passo em direção a ela.

"Ouve-me com muita atenção, Ceres. O palácio ainda precisa de espadas entregues de tempos a tempos. Eu dei referências tuas e se fizeres espadas da maneira que te ensinei, tu própria podes ganhar algum dinheiro."

Ganhar o seu próprio dinheiro podia, eventualmente, permitir-lhe ter mais liberdade. Ela tinha descoberto que as suas pequenas e delicadas mãos tinham vindo a calhar quando esculpia intrincados desenhos e inscrições nas lâminas e punhos. As mãos do seu pai eram grandes, os seus dedos grossos e atarracados e poucos tinham a habilidade que ela tinha.

Mesmo assim, ela abanou a cabeça.

"Eu não quero ser ferreiro", disse ela.

"Corre-te no sangue, Ceres. E tens um dom para isso."

Ela abanou a cabeça, inflexível.

"Eu quero *empunhar* armas", disse ela, "não fazê-las."

Assim que as palavras lhe saíram da boca, ela arrependeu-se.

O seu pai franziu a testa.

"Desejas ser uma guerreira? Um lorde de combate?"

Ele abanou a cabeça.

"Um dia pode ser que as mulheres sejam autorizadas a lutar", disse ela. "Sabe que eu tenho praticado."

As suas sobrancelhas enrugaram-se em preocupação.

"Não", ele ordenou, com firmeza. "Isso não é o teu caminho."

Ela ficou desolada. Sentia como se os seus desejos e sonhos de se tornar uma guerreira se estivessem a dissipar com as suas palavras. Ela sabia que ele não estava a tentar ser cruel - ele nunca era cruel. Era apenas a realidade. E para eles sobreviverem, ela teria de sacrificar a sua parte também.

Ela olhou para o longe quando o céu se iluminou com um disparo de relâmpagos. Três segundos depois, ressoaram trovões através dos céus.

Será que ela não tinha percebido o quão terríveis as circunstâncias eram? Ela assumia sempre que eles iriam conseguir ultrapassar as situações juntos como uma família, mas aquilo mudava tudo. Agora, ela não teria o Pai para se apoiar, e não haveria ninguém para ficar como um escudo entre ela e a Mãe.

As lágrimas não paravam de cair sobre a terra desolada enquanto ela permanecia imóvel onde estava. Deveria ela desistir dos seus sonhos e seguir o conselho do seu pai?

Ele tirou algo de trás das costas e os olhos dela arregalaram-se ao ver uma espada na sua mão. Ele aproximou-se e ela conseguia ver os detalhes da arma.

Era imponente. O punho era de ouro puro, com uma serpente gravada. A lâmina era de dois gumes e parecia ser do melhor aço. Embora o acabamento fosse estranho para Ceres, ela percebeu imediatamente que a espada era da melhor qualidade. Na própria lâmina havia uma inscrição.

Quando o coração e a espada se encontram, haverá a vitória.

Ela arfou, olhando para ela fascinada.

"Foste tu que a forjaste?", perguntou ela, com os olhos colados à espada.

Ele assentiu.

"De acordo com a maneira dos nortistas", ele respondeu. "Eu tenho estado a trabalhar nela há três anos. De facto, esta lâmina por si só poderia alimentar a nossa família por um ano inteiro."

Ela olhou para ele.

"Então porque é que não se vende?"

Ele abanou a cabeça com firmeza.

"Não foi feita com este propósito."

Ele aproximou-se e, para surpresa dela, ele segurou-a diante dele.

"Foi feita para ti."

Ceres levou a mão à boca e soltou um gemido.

"Para mim?", perguntou, atordoada.

Ele fez um amplo sorriso.

"Pensaste mesmo que eu me tinha esquecido do teu aniversário dos dezoito anos?", respondeu ele.

Ela sentiu as lágrimas inundarem-lhe os olhos. Nunca se tinha sentido tão sensibilizada.

Mas depois ela pensou no que ele lhe havia dito antes, sobre não querer que ela lutasse e sentiu-se confusa.

"E, no entanto, disseste que eu não devo treinar", ela respondeu.

"Não quero que morras", explicou. "Mas vejo onde está o teu coração. E isso eu não consigo controlar."

Ele pôs uma mão debaixo do seu queixo e ergueu-lhe a cabeça até os seus olhos se encontrarem.

"Eu estou orgulhoso de ti por isso."

Ele entregou-lhe a espada. Ao sentir o metal frio na palma da sua mão, tornou-se uma só juntamente com ela. O peso era perfeito para ela e o punho parecia que tinha sido moldado para a sua mão.

Toda a esperança que tinha morrido antes despertava agora em si.

"Não digas à tua mãe", alertou. "Esconde-a onde ela não a possa encontrar, ou ela vende-a."

Ceres assentiu.

"Quanto tempo vais ficar fora?"

"Vou tentar estar de volta para uma visita antes da primeira queda de neve."

"Isso é a meses de distância!", disse ela, dando um passo para trás.

"É isso que devo fazer para..."

"Não. Vende a espada. Fica!"

Ele colocou uma mão na sua bochecha.

"Vender esta espada pode ajudar-nos para esta temporada. E talvez para a próxima. Mas e depois? "Ele abanou a cabeça. "Não. Precisamos de uma solução a longo prazo."

Longo prazo? De repente, ela percebeu que o seu novo trabalho não iria ser só por alguns meses. Podia ser por anos.

O seu desespero aumentou.

Ele deu um passo para a frente, como se o presentindo, e abraçou-a.

Ela sentiu que começava a chorar nos seus braços.

"Vou sentir saudades tuas, Ceres", disse ele, por cima do seu ombro. "Tu és diferente de todos os outros. Todos os dias vou olhar para o céu e saber que estás sob as mesmas estrelas. Fazes o mesmo?"

No início, ela queria gritar com ele, para dizer: como te atreves a deixar-me aqui sozinha.

Mas ela sentiu no seu coração que ele não podia ficar e não queria tornar a situação mais difícil do que já era para ele.

Uma lágrima rebolou pelo seu rosto abaixo. Ela fungou e acenou com a cabeça.

"Vou ficar debaixo da nossa árvore todas as noites", disse ela.

Ele beijou-a na testa e envolveu-a nos seus braços. As feridas nas suas costas pareciam como que facadas, mas ela cerrou os dentes e permaneceu em silêncio.

"Amo-te, Ceres."

Ela queria responder e, porém, não conseguia dizer nada - as palavras estavam presas na sua garganta.

Ele foi buscar o seu cavalo ao estábulo. Ceres ajudou-o a carregá-lo com comida, ferramentas e

suprimentos. Ele abraçou-a uma última vez e ela pensou que o seu peito iria explodir de tristeza. Ainda assim, ela não conseguia pronunciar uma única palavra.

Ele montou o cavalo e acenou com a cabeça antes de fazer sinal para o animal se mover.

Ceres acenou ao cavalgar. Ela ficou a ver com uma firme atenção até ele desaparecer atrás da distante colina. O único verdadeiro amor que ela jamais havia conhecido vinha daquele homem. E agora ele tinha se ido embora.

Começou a chover dos céus, fazendo-lhe cócegas contra o seu rosto.

"Pai!", gritou tão alto quanto conseguiu. "Pai, eu amo-te!"

Ela caiu de joelhos e enterrou as mãos no rosto, soluçando a chorar.

Ela sabia que a vida nunca mais seria a mesma.

CAPÍTULO TRÊS

Com os pés doridos e os pulmões a arder, Ceres subiu a colina íngreme tão rapidamente quanto conseguiu, sem derramar uma gota de água de ambos os baldes que tinha dos lados. Normalmente ela faria uma pausa para intervalo, mas a mãe tinha-a ameaçado ficar sem pequeno-almoço, a não ser que ela estivesse de volta ao nascer do sol – e ficar sem pequeno-almoço significava que ela não iria comer até ao jantar. De qualquer das formas, ela não se importava com a dor –

isso, pelo menos, permitia-lhe deixar de pensar no seu pai e no novo estado miserável das coisas desde que ele se tinha ido embora.

O sol estava agora a coroar ao longe as Montanhas Alva, pintando as nuvens dispersas lá em cima de rosa dourado. O vento macio sussurrava pela amarela e alta erva em ambos os lados da estrada. Ceres inspirava o ar fresco da manhã pelo nariz, desejando conseguir ser mais rápida. A sua mãe não iria considerar uma desculpa aceitável o facto do seu poço ter secado ou que havia uma longa fila no outro a meia milha de distância. Na verdade, ela só parou quando chegou ao topo da colina - e assim que lá chegou, ela parou, ficando atordoada com o que viu.

Lá, ao longe, estava a sua casa - e à sua frente estava um vagão de bronze. A sua mãe estava diante do vagão, conversando com um homem que estava muito acima do peso. Ceres pensou que nunca tinha visto ninguém nem com a metade do seu tamanho. Ele usava uma túnica de linho cor de vinho e um chapéu de seda vermelha, e a sua longa barba era espessa e cinza. Ela pestanejou, tentando entender. Seria um comerciante?

A sua mãe estava a usar o seu melhor vestido, um vestido verde de linho até o chão que ela tinha comprado anos antes com o dinheiro que deveria ter sido usado para comprar uns sapatos novos a Ceres. Nada daquilo fazia qualquer sentido.

Hesitante, Ceres começou a descer a colina. Ela manteve os olhos fixados neles, e quando ela viu o homem de idade entregar à sua mãe uma bolsa de couro pesado e viu o rosto magro da sua mãe iluminar-se, ela ficou ainda mais curiosa.

Teria o azar deles acabado? Poderia o Pai voltar para casa? Aqueles pensamentos aliviaram-na um pouco, embora ela não se permitisse sentir qualquer excitação até saber os detalhes.

Ao aproximar-se da sua casa, a sua mãe virou-se e sorriu para si calorosamente – e, imediatamente, Ceres sentiu um nó de preocupação no estômago. A última vez que a sua mãe tinha sorrido para ela assim – com dentes brilhantes, olhos brilhantes - Ceres tinha sido chicoteada.

"Querida filha", disse a sua mãe num tom excessivamente doce, abrindo-lhe os braços com um sorriso que fez com que o sangue de Ceres coalhasse.

"*Esta é a miúda?*", disse o velho homem com um sorriso ansioso e com os seus olhos escuros e redondos arregalados ao olhar para Ceres.

Agora, de perto, Ceres podia ver cada ruga na pele do homem obeso. O seu largo nariz achatado parecia ultrapassar o seu rosto inteiro, e quando ele tirou o chapéu, sua cabeça calva e suada brilhava à luz do sol.

A sua mãe rodopiou até Ceres e segurou-lhe nos baldes, colocando-os na erva chamuscada. Aquele gesto apenas confirmou a Ceres que algo estava profundamente errado. Ela começou a sentir uma sensação de pânico a crescer dentro de si.

"Apresento-te o meu orgulho e alegria, minha única filha, Ceres", disse a sua mãe, fingindo enxugar uma lágrima do seu olho, quando não havia nenhuma.

"Ceres, este é o Lorde Blaku. Por favor, cumprimenta o teu novo mestre."

Um medo repentino apoderou-se de Ceres. A sua respiração paralisou. Ceres olhou para a mãe e, de costas viradas para Lorde Blaku, a sua mãe lançou-lhe um sorriso que era o mais demoníaco que ela alguma vez já havia visto.

"*Mestre?*", perguntou Ceres.

"Para salvar a nossa família da ruína financeira e constrangimento público, o benevolente Lorde Blaku ofereceu ao teu pai e a mim um generoso acordo: um saco de ouro em troca de ti."

"O quê?", engasgou-se Ceres, sentindo-se a afundar para dentro da terra.

"Agora, sê a boa menina que eu sei que és e cumprimenta", disse a sua mãe, atirando a Ceres um olhar de advertência.

"Não o farei", Ceres disse, dando um passo para trás, enchendo o peito, sentindo-se tola por não ter imediatamente percebido que o homem era um traficante de escravas e que a transação era pela sua vida.

"O Pai nunca me venderia", acrescentou ela com os dentes cerrados, em crescente horror e indignação.

A sua mãe fez má cara e agarrou-a pelo braço, espetando as suas unhas na pele de Ceres.

"Se te comportares, este homem pode levar-te como sua esposa e, para ti, isso é ter muita sorte", murmurou ela.

Lorde Blaku lambia os seus finos e estalados lábios enquanto os seus olhos inchados vagueavam acima e abaixo com avidez pelo corpo de Ceres. Como poderia a sua mãe fazer isso com ela? Ela sabia que a sua mãe não a amava tanto quanto aos seus irmãos - mas aquilo?

"Marita", disse ele com uma voz nasal. "Você me disse que sua filha era bonita mas esqueceste de me dizer o quão absolutamente magnífica ela é. Ouso dizer,

nunca vi uma mulher com lábios tão suculentos como os dela, olhos tão ardentes e com um corpo tão firme e magnífico."

A mãe de Ceres colocou uma mão sobre o seu coração com um suspiro e Ceres sentiu que era bem capaz de vomitar ali mesmo. Ela cerrou os punhos e soltou o seu braço da mão da sua mãe.

"Talvez eu devesse ter pedido mais, se ela te agrada assim tanto", disse a mãe de Ceres, baixando os olhos em desânimo. "Ela é, afinal, a nossa única amada filha."

"Eu estou disposto a pagar um bom dinheiro por tal beleza. Serão mais cinco peças de ouro suficientes?", perguntou ele.

"Quanta generosidade", respondeu a mãe.

Lorde Blaku caminhou até ao seu vagão para ir buscar mais ouro.

"O Pai nunca vai concordar com isto", Ceres desdenhou.

A mãe de Ceres deu um passo ameaçador em direção a ela.

"Oh, mas foi ideia do teu pai", disse a sua mãe rapidamente, com as sobrancelhas erguidas até meio da testa. Ceres sabia que ela estava a mentir agora

- sempre que ela fez aquilo, ela estava a mentir.

"Achas realmente que o teu pai ama-te mais do que me ama a mim?", perguntou-lhe a mãe.

Ceres pestanejou, perguntando-se o que é que aquilo tinha a ver.

"Eu nunca poderia amar alguém que pensa que é melhor do que eu", acrescentou.

"Nunca me amaste?", perguntou Ceres, com a sua raiva a transformar-se em desespero.

Com o ouro na mão, Lorde Blaku bamboleou até à mãe de Ceres e entregou-o a ela.

"A tua filha vale cada peça de ouro", disse ele. "Ela vai ser uma boa esposa e vai gerar muitos filhos meus."

Ceres mordeu o interior dos lábios e abanou a cabeça repetidas vezes.

"Lorde Blaku virá buscar-te de manhã, portanto vai para dentro e faz a mala", disse a mãe de Ceres.

"Eu não vou!", gritou Ceres.

"Esse sempre foi o teu problema, miúda. Só pensas em ti mesma. Este ouro vai manter os teus irmãos vivos. Vai manter a nossa família intacta, permitindo-nos permanecer na nossa casa e fazer obras. Não pensas nisso?", disse a sua mãe, sacudindo a bolsa na frente do rosto de Ceres.

Por uma fração de segundo, Ceres pensou que talvez estivesse a ser egoísta, mas então ela percebeu que a sua mãe estava novamente a fazer chantagem emocional, usando o amor de Ceres pelos seus irmãos contra si.

"Não te preocupes", disse a mãe de Ceres voltando-se para Lorde Blaku.

"Ceres irá cumprir. Tudo que precisas de fazer é ser firme com ela e ela tornar-se-á tão mansa quanto um cordeiro."

Nunca. Ela nunca seria esposa daquele homem ou propriedade de ninguém. E

nunca ela deixaria que a sua mãe ou qualquer outra pessoa trocasse a sua vida por cinquenta e cinco peças de ouro.

"Eu nunca irei com este traficante de escravas", Ceres retrucou, atirando-lhe um olhar de repugnância.

"Filha ingrato!", gritou a mãe de Ceres. "Se não fizeres o que eu digo, vou bater-te tão severamente que nunca mais vais conseguir andar. Agora vai para dentro!"

Pensar em ser espancada pela sua mãe trazia-lhe de volta terríveis e viscerais memórias; ela recordou-se daquele momento terrível quando tinha cinco anos de idade e a sua mãe lhe bateu até tudo ficar escuro. Os ferimentos daquela e de muitas outras sovas sararam – porém, os ferimentos no coração de Ceres nunca tinham parado de sangrar. E agora que ela tinha a certeza de que a sua mãe não a amava e nunca a tinha amado, o seu coração ficou destroçado para todo o sempre.

Antes que Ceres conseguisse responder, a sua mãe aproximou-se e deu-lhe um estalo na cara com tanta força que o seu ouvido começou a zumbir.

Ao início, Ceres ficou chocada com o ataque repentino e quase desistiu. Mas então algo estalou dentro de si. Ela não se deixaria acobardar como sempre fazia.

Ceres bateu na sua mãe, também, na cara, com tanta força que ela caiu no chão, ofegante, horrorizada.

Com o rosto vermelho, a sua mãe conseguiu levantar-se, agarrou Ceres pelos ombros e cabelos e deu-lhe uma joelhada no estômago. Quando Ceres se inclinou para frente em agonia, a sua mãe deu-lhe com o joelho no rosto, fazendo-a cair ao chão.

O traficante de escravas estava ali a observar, com os olhos arregalados, rindo-se, claramente deliciado com a luta.

Ainda a tossir e com falta de ar por causa da investida, Ceres cambaleava. A gritar, ela atirou-se para cima da sua mãe, atirando-a para o chão.

Isto termina hoje, era tudo em que Ceres conseguia pensar. Todos os anos sem ser amada, todos os anos a ser tratada com desdém, alimentavam a sua raiva. Sem parar Ceres batia com os punhos fechados contra o rosto da sua mãe enquanto lágrimas de fúria lhe escorriam pelo rosto e soluços incontrolavelmente se derramavam dos seus lábios.

Finalmente, a sua mãe esmoreceu.

Os ombros de Ceres tremiam a cada choro, as suas entranhas torciam-se de dentro para fora. Inundada em lágrimas, ela olhava para o traficante de escravas

com um ódio ainda mais intenso.

"Vais tornar-te uma boa esposa", disse Lorde Blaku disse com um sorriso astuto, enquanto apanhava o saco de ouro do chão e o prendia ao seu cinto de couro.

Antes de ela conseguir reagir, de repente, as mãos dele estavam em cima dela.

Ele agarrou Ceres e subiu para o carro, atirando-a para a parte de trás num movimento rápido, como se ela fosse um saco de batatas. O seu enorme tamanho e força eram demais para ela resistir. Segurando o pulso dela com um braço e segurando uma corrente com a outra, ele disse: "Eu não sou estúpido o suficiente para pensar que ainda estarias aqui de manhã."

Ela olhou para a casa que tinha sido o seu lar durante dezoito anos e os seus olhos encheram-se de lágrimas ao pensar nos seus irmãos e no seu pai. Mas ela tinha de fazer uma escolha se quisesse salvar-se a si própria, antes que a corrente ficasse à volta do seu tornozelo.

Então, num movimento rápido, ela reuniu toda a sua força e soltou o seu braço do traficante de escravas, levantou a perna e pontapeou-o no rosto com tanta força quanto conseguiu. Ele caiu para trás, para fora do carro, no chão.

Ela saltou da carroça e correu o mais rápido que pôde pela estrada de terra, para longe da mulher a quem ela tinha jurado nunca mais chamar de mãe, para longe de tudo o que ela já tinha conhecido e amado.

CAPÍTULO QUATRO

Rodeado pela família real, Thanos esforçava-se por manter uma expressão agradável no seu rosto enquanto agarrava a dourada taça de vinho - contudo ele não conseguia. Ele odiava estar ali. Odiava aquelas pessoas, a sua família. E

odiava frequentar reuniões da realeza - especialmente aquelas que se seguiam às Matanças. Ele sabia como as pessoas viviam, o quão pobres elas eram, o quão sem sentido e injusto toda aquela pompa e arrogância realmente era. Ele daria qualquer coisa para estar bem longe dali.

Junto dos seus primos Lucious, Aria e Varius, Thanos não fazia o menor esforço para se envolver nas suas conversas fúteis. Em vez disso, ele observava os convidados imperiais a serpentear pelos jardins do palácio, usando suas togas e estolas, apresentando sorrisos falsos e vomitando falsas subtilezas. Alguns dos seus primos estavam a atirar comida uns para os outros enquanto corriam pela relva bem cuidada e entre as mesas que estavam abastecidas com comida e vinho.

Outros estavam a reencenar as suas cenas favoritas das Matanças, rindo e ridicularizando aqueles que tinham perdido as suas vidas naquele dia.

Centenas de pessoas, pensou Thanos, e nem uma tinha sido honrada.

"No próximo mês vou comprar três lordes de combate", disse Lucious, o mais velho, num tom efusivo enquanto enxugava com um lenço de seda as gotas de suor da sua testa. "Stefanus não valia nem metade do que paguei por ele. Se ele não estivesse já morto, eu próprio lhe teria espetado uma espada por ter lutado como uma menina na primeira rodada."

Aria e Varius riram-se, mas Thanos não considerou o comentário dele divertido. Quer considerassem ou não as Matanças um jogo, eles deviam respeitar os bravos e os mortos.

"Bem, viste Brennius?", perguntou Aria, com os seus grandes olhos azuis arregalados. "Na verdade, pensei em comprá-lo, mas ele olhou para mim pretensiosamente quando eu o estava a observar a ensaiar. Dá para acreditar?", acrescentou ela revirando os olhos e bufando.

"E ele fede como uma doninha-fedorenta", Lucious acrescentou.

Todos se riram novamente, exceto Thanos.

"Nenhum de nós o teria escolhido", disse Varius. "Embora ele tenha durado mais tempo do que o esperado, a sua forma era horrível."

Thanos não conseguiu ficar calado nem mais um segundo.

"Brennius era quem tinha a melhor forma em toda a arena", ele interrompeu.

"Não falem sobre a arte de combate como se percebessem alguma coisa disso."

Os primos ficaram em silêncio e os olhos de Aria arregalaram-se olhando para o chão. Varius encheu o peito e cruzou os braços, carrancudo. Aproximou-se de Thanos como se quisesse desafiá-lo. O ar ficou mais pesado, tenso.

"Bem, não importa esses senhores de combate arrogantes", disse Aria, colocando-se entre eles, desarmando a situação. Ela acenou para os rapazes se aproximarem e, em seguida, sussurrou, "Eu ouvi um rumor estranho. Uma abelha pequena disse-se que o rei quer ter alguém da realeza a competir nas Matanças".

Todos trocaram um olhar desconfortável ficando em silêncio.

"Talvez não seja eu, apesar de tudo ", disse Lucious. "Eu não estou disposto a arriscar a minha vida por um jogo estúpido."

Thanos sabia que conseguia vencer a maioria dos lordes de combate, mas matar outro ser humano não era algo que ele quisesse fazer.

"Estás apenas com medo de morrer", disse Aria.

"Eu estou", Lucious replicou. "Retira o que disseste!"

A paciência de Thanos estava gasta. Ele afastou-se.

Thanos viu a sua prima distante Stephania a vaguear como se estivesse à procura de alguém, provavelmente de ele. Algumas semanas antes, a Rainha tinha dito que ele estava destinado a ficar com Stephania, mas Thanos sentia as coisas de outra forma. Stephania era tão mimada como o resto dos primos e ele preferia desistir do seu nome, da sua herança e até mesmo da sua espada para não ter de se casar com ela. Era verdade que ela era bonita - os cabelos dourados, a pele branca e leitosa, os lábios vermelho-sangue - mas se ele tivesse de a ouvir falar mais alguma vez sobre como a vida era tão injusta, ele pensaria em cortar as suas orelhas.

Ele correu para a periferia do jardim na direção das roseiras, evitando contacto visual com qualquer um dos presentes. Mas assim que ele virou a esquina, Stephania apareceu-lhe à frente, com os seus olhos castanhos iluminados.

"Boa noite, Thanos", disse ela com um sorriso cintilante que faria a maioria dos rapazes ali presentes salivar. Todos menos Thanos.

"Boa noite para ti também", disse Thanos, contornando-a, continuando a andar.

Ela levantou a sua estola e seguiu-o como um mosquito incómodo.

"Não achas que é tão injusto agora...", ela começou.

"Estou ocupado", disse Thanos repentinamente num tom mais áspero do que pretendia, assustando-a. Ele então virou-se para ela. "Desculpa... Estou apenas cansado de todas estas festas."

"Talvez gostasses de passear pelos jardins comigo?", disse Stephania, elevando a sua sobrancelha direita enquanto se aproximava.

Aquela era precisamente a última coisa que ele queria.

"Escuta", disse ele, "Eu sei que a rainha e a tua mãe têm suas mentes que nós, de alguma forma, pertencemos uma ao outro, mas..."

"Thanos!", ele ouviu atrás de si.

Thanos virou-se e viu o mensageiro do rei.

"O rei gostaria que fosses ter com ele ao mirante imediatamente", disse ele. "E

tu também, minha senhora."

"Posso perguntar porquê?", perguntou Thanos.

"Há muito o que discutir", disse o mensageiro.

Não tendo tido conversas regulares com o rei no passado, Thanos indagava-se sobre o que é que aquilo

poderia acarretar.

"Claro", disse Thanos.

Para grande consternação dele, uma Stephania radiante enganchou o seu braço à volta do dele e juntos seguiram o mensageiro até ao mirante.

Quando Thanos reparou nos vários assessores do rei e até mesmo no príncipe herdeiro já sentados em bancos e cadeiras, ele achou estranho ter sido convidado também. Ele dificilmente teria algo de valor para oferecer à conversa deles, uma vez que a sua opinião sobre como o Império era governado diferia daquela de todos os que ali estavam. A melhor coisa que ele poderia fazer, ele pensou, era manter a boca fechada.

"Que belo par vocês fazem", disse a rainha com um sorriso caloroso quando eles entraram.

Thanos cerrou os lábios, indicando a Stephania para se sentar ao lado dele.

Assim que todos se sentaram, o rei levantou-se, fazendo-se silêncio. O seu tio usava uma toga pelo joelho, mas enquanto as dos outros eram brancas, vermelhas e azuis, a sua era roxa, uma cor reservada apenas para o rei. À volta da sua têmpora calva estava uma coroa de ouro. As suas bochechas e olhos ainda estavam para baixo apesar de ele estar a sorrir.

"A multidão cresce indisciplinada", disse ele, com uma voz grave e lenta.

Lentamente, ele observou todos os rostos com a autoridade de um rei. "Já é tempo de lhes lembrar quem é o rei e estabelecer regras mais severas. De hoje em diante, vou duplicar os dízimos sobre todos os bens e alimentos."

Ouviu-se um murmúrio de surpresa, seguido por movimentos de aceno em aprovação.

"Uma excelente escolha, sua graça", disse um dos seus assessores.

Thanos não podia acreditar no que ouvia. Duplicar os impostos às pessoas?

Tendo-se dado com os plebeus, ele sabia que os impostos exigidos já estavam além do que a maioria dos cidadãos podia pagar. Ele tinha visto mães a chorar a perda dos filhos que tinham morrido de fome. Tão recentemente quanto no dia

anterior, ele tinha oferecido comida a uma menina sem-abrigo de quatro anos de idade cujos ossos eram visíveis sob a pele.

Thanos teve que desviar o olhar para não ter de se manifestar contra aquela insanidade.

"E, finalmente, a partir de agora, para contrabalançar a revolução clandestina que se está a fomentar, o filho primogénito de cada família vai tornar-se um servo do exército do rei", disse o rei.

Todos, um após os outros, louvaram a sua decisão sábia do rei.

Por fim, porém, Thanos sentiu o rei a voltar-se para ele.

"Thanos", disse o rei finalmente. "Permaneceste em silêncio. Diz!"

O silêncio caiu sobre o mirante, e todos puseram os olhos sobre Thanos. Ele levantou-se. Ele sabia que tinha de falar pela miúda escanzelada, pelas mães de luto, pelos que não tinham uma voz e cuja vida parecia não ter importância. Ele precisava de representá-los, porque se não o fizesse, ninguém o faria.

"Regras mais severas não vão aniquilar a rebelião", disse ele, com o seu coração acelerado. "Só a vai encorajar. Incutir medo nos cidadãos e negar-lhes liberdade apenas os vai obrigar a erguerem-se contra nós e aderir à revolução."

Algumas pessoas riram-se, enquanto outras falavam entre si. Stephania pegou na mão dele e tentou silenciá-lo, mas ela sacudiu a sua mão.

"Um rei grandioso usa o amor, assim como o medo, para governar os seus subordinados", disse Thanos.

O rei lançou à rainha um olhar inquieto. Levantou-se e, em seguida, caminhou até Thanos.

"Thanos, és um jovem homem corajoso por falares", disse ele, colocando a mão no seu ombro. "No entanto, não foi o teu irmão mais novo assassinado a sangue frio por estas mesmas pessoas, aqueles que se regem a eles próprios, como tu dizes?"

Thanos ficou irritado. Como se atrevia o seu tio a trazer à tona a morte do seu irmão tão levemente? Durante anos, Thanos tinha adormecido a sua dor, ficando de luto pelo seu irmão.

"Aqueles que assassinaram o meu irmão não tinha, comida suficiente para si próprios", disse Thanos. "Um homem desesperado procurará medidas desesperadas."

"Questionas a sabedoria do rei?", perguntou a rainha.

Thanos não podia acreditar que mais ninguém se estivesse a insurgir contra aquilo. Será que eles não viam o quão injusto aquilo era? Será que eles não percebiam que aquelas novas leis iriam incendiar a rebelião?

"Nem por um momento serás capaz de enganar as pessoas para que elas acreditem que não queres o seu sofrimento e não queres aproveitares-te delas",

disse Thanos.

Houve uma inquietação de desaprovação dentro do grupo.

"Tu falas duras palavras, sobrinho", disse o rei, olhando-o nos olhos. "Eu quase que acreditaria que tencionas juntar-te à rebelião."

"Ou talvez ele já seja parte dela?", disse a rainha, erguendo as sobrancelhas.

"Não sou", Thanos vociferou.

O ar no mirante ficou mais quente e Thanos percebeu que se não tivesse cuidado, ele poderia ser acusado de traição - um crime punível com a morte sem julgamento.

Stephania levantou-se, agarrando a mão de Thanos – no entanto, agitado pela sua falta de sentido de oportunidade, ele tirou a sua mão.

Stephania ficou desolada e olhou para baixo.

"Talvez com o tempo vejas as fraquezas das tuas crenças", disse o rei a Thanos. "Por enquanto, a nossa decisão vai permanecer e deve ser implementada imediatamente."

"Bom", disse a rainha com um sorriso repentino. "Agora, vamos passar para o segundo item da nossa agenda. Thanos, sendo tu um jovem homem de dezanove anos, nós, os teus soberanos imperiais, escolhemos uma esposa para ti.

Decidimos que tu e Stephania vão casar-se."

Thanos olhou para Stephania, cujos olhos estavam vidrados com lágrimas, com uma expressão de preocupação. Sentia-se horrorizada. Como é que eles poderiam exigir isso dele?

"Eu não me posso casar com ela", sussurrou Thanos, com um nó a formar-se na barriga.

A multidão sussurrou e a rainha levantou-se tão rapidamente que a cadeira caiu para trás com um estrondo.

"Thanos!", gritou ela, com as mãos ao lado, contraídas. "Como ousas desafiar o rei? Vais casar com Stephania quer queiras quer não."

Thanos olhou para Stephania que estava triste, com lágrimas a escorrerem-lhe pelo rosto.

"Sabes que és bom demais para mim?", perguntou ela, com o seu lábio inferior a tremer.

Ele aproximou-se de Stephania para confortá-la o pouco que podia, mas antes de ele a alcançar, ela correu para fora do mirante, com as mãos a cobrir-lhe o rosto enquanto ela chorava.

O rei levantou-se, claramente irritado.

"Nega-la, filho", disse ele, com uma voz subitamente fria e dura, que trovejava através do mirante, "e irás para as masmorras."

CAPÍTULO CINCO

Ceres correu desenfreadamente, serpenteando pelas ruas da cidade, até sentir que as suas pernas já não a aguentavam, até os seus pulmões lhe arderem tanto ao ponto de puderem estourar e até ela ter a certeza absoluta que o traficante de escravas nunca a iria encontrar.

Por fim, ela sucumbiu no chão num beco, entre lixo e ratos, com os braços à volta das suas pernas, com as lágrimas a escorrerem-lhe pelas quentes maçãs do rosto. Com o seu pai longe e a sua mãe a querer vendê-la, ela não tinha ninguém.

Se ela ficasse nas ruas e dormisse nos becos, ela acabaria por morrer de fome ou congelar até à morte, quando o inverno chegasse. Talvez isso fosse o melhor.

Durante horas ela ficou ali sentada a chorar, com os olhos inchados e a sua mente confusa e em desespero. Para onde é que ela iria agora? Como ela iria ganhar dinheiro para sobreviver?

O dia já ia longo, quando, finalmente, ela resolveu voltar para casa, infiltrar-se na cabana, pegar nas poucas espadas que restavam e vendê-las para o palácio.

Afinal, eles estavam à espera dela hoje. Dessa forma, ela teria dinheiro para alguns dias, pelo menos até arranjar um plano melhor.

Ela também iria apanhar a espada que o seu pai lhe havia dado e que ela tinha escondido sob o soalho da cabana. Mas essa ela não iria vender, não. Ela não iria desistir do presente do seu pai até estar diante da morte.

Ela correu para casa, procurando cuidadosamente qualquer rosto familiar ou o vagão do traficante de escravas. Quando chegou à última colina, esgueirou-se por detrás da fileira de casas e na direção do campo, andando nas pontas dos pés através da terra seca, procurando a sua mãe.

Uma pontada de culpa surgiu ao lembrar-se de como tinha batido na sua mãe.

Ela nunca a tinha querido magoar, nem mesmo após a sua mãe ter sido tão cruel.

Nem mesmo com o seu coração partido e sem remendo.

Ao chegar à parte de trás da sua cabana, ela espreitou através de uma fenda na parede. Vendo que estava vazia, ela entrou dentro do barraco escuro e reuniu as espadas. Mas, exatamente no momento em que ela estava prestes a levantar a tábua do chão onde havia escondido a espada, ela ouviu vozes provenientes do exterior.

Levantou-se e olhou através de um pequeno buraco na parede. Para seu horror, ela viu a sua mãe e Sartes a caminhar em direção à cabana. A sua mãe tinha um olho roxo e um hematoma no rosto. Agora, ao ver a sua mãe viva e bem, Ceres

quase que lhe dava vontade de rir por saber que a havia posto assim. Toda a raiva surgia novamente quando pensava que a sua mãe a tinha querido vender.

"Se eu te apanhar a roubar comida para Ceres, vou dar-te um açoite, compreendes?", disse a sua mãe repentinamente enquanto ela e Sartes caminhavam a passos largos perto da árvore da sua avó.

Sartes não respondeu e a sua mãe deu-lhe uma estalada no rosto.

"Compreendes, rapaz?", disse ela.

"Sim", disse Sartes, olhando para baixo, com uma lágrima no olho.

"E se alguma vez a vires, trá-la para casa para que eu lhe possa dar uma tarefa que ela nunca vai esquecer."

Eles começaram a caminhar novamente em direção à cabana. Subitamente, o coração de Ceres, começou a bater descontroladamente. Ela agarrou nas espadas e correu em direção à porta das traseiras tão rápida

e silenciosamente quanto conseguiu. Assim que ela saiu, a porta da frente abriu-se. Ela encostou-se à parede exterior a ouvir, com as feridas das garras do omnigato a picarem-na novamente.

"Quem está aí?", disse a mãe.

Ceres prendeu a respiração e fechou os olhos com força.

"Eu sei que estás aí", disse a sua mãe, à espera. "Sartes, vai verificar a porta de trás. Está entreaberta."

Ceres apertou as espadas contra o peito. Ela ouviu os passos de Sartes enquanto ele caminhava em direção a si, e depois a porta abriu-se com um rangido.

Os olhos de Sartes arregalaram-se ao vê-la, engasgando-se.

"Está aí alguém?", perguntou a mãe.

"Hum.. não", disse Sartes, com os olhos cheios de lágrimas por ver Ceres.

Ceres articulou um "obrigado" e Sartes fez um gesto com a mão para ela sair.

Ela assentiu e com pesar, dirigiu-se sorrateiramente em direção ao campo e a porta de trás da cabana fechou-se com força. Ela voltaria para ir buscar a sua espada depois.

*

Ceres parou nos portões do palácio a suar, a morrer de fome e exausta, com as espadas na mão. Os soldados do Império que estavam de guarda, reconheceram-na claramente como a miúda que entregava as espadas do seu pai, e deixaram-na passar sem a questionar.

Ela correu pela calçada do pátio e, em seguida, virou na direção da casa de pedra do ferreiro atrás de uma das quatro torres. Ela entrou.

De pé junto à bigorna, à frente do forno crepitante, o ferreiro martelava uma lâmina brilhante, com o avental de couro a proteger a sua roupa das faíscas. A expressão de preocupação no seu rosto fez Ceres questionar-se sobre o que estaria errado. Sendo um homem de meia-idade jovial e cheio de energia, ele raramente estava preocupado.

A sua cabeça calva e suada cumprimentou-a antes de ele ter percebido que ela tinha entrado.

"Bom dia", disse ele quando a viu, acenando para ela colocar as espadas sobre a mesa de trabalho.

Ela atravessou a quente e fumacenta sala e pousou-as, com o metal a fazer barulho quando elas bateram contra a superfície de madeira queimada e estragada.

Ele abanou a cabeça, claramente incomodado.

"O que é que se passa?", perguntou ela.

Ele olhou para cima, com um olhar de preocupação.

"De todos os dias para ficar doente...", ele murmurou.

"Bartholomew?", perguntou ela, vendo que o jovem guardião de armas dos lordes de combate não estava aqui como habitualmente a preparar freneticamente as últimas armas antes dos treinos.

O ferreiro parou de martelar e olhou para cima com uma expressão de desagrado, com as sobrancelhas a enrugarem-se.

Ele abanou a cabeça.

"E não é um dia de um treino qualquer", disse ele. Ele enfiou a lâmina nas brasas no forno e enxugou, com a manga da túnica, a testa que gotejava. "Hoje, a realeza vai treinar com os lordes de combate. O rei escolheu a dedo doze membros da realeza para treinar para as Matanças. Três continuarão para participar."

Ela entendeu a sua preocupação. Era da sua responsabilidade fornecer os guardiões de armas e, se não o fizesse, o seu trabalho ficaria em risco. Centenas de ferreiros estavam ansiosos para assumir a sua posição.

"O rei não vai ficar satisfeito se tivermos menos um guardião de armas", disse ela.

Ele pôs as mãos sobre as suas coxas grossas e abanou a cabeça. Só então os dois soldados do Império entraram.

"Estamos aqui para recuperar as armas", disse um deles, fazendo uma cara feia para Ceres.

Mesmo não sendo proibido, ela sabia que era visto com má cara as miúdas trabalharem com armamento – uma área de homens. No entanto, ela tinha crescido

acostumada a ignorar as observações e olhares odiosos praticamente sempre que fazia entregas para o palácio.

O ferreiro levantou-se e dirigiu-se até três baldes de madeira que estavam cheios de armas, todos prontos para os treinos.

"Vão encontrar aqui as restantes armas que o rei solicitou para hoje", disse o ferreiro aos soldados do Império.

"E o guardião de armas?", quis saber o soldado do Império.

Assim que o ferreiro abriu a boca para falar, Ceres teve uma ideia.

"Sou eu", disse ela, ficando entusiasmada. "Ficou a substituir Bartholomew até ele voltar."

Os soldados do Império olharam para ela por um momento, perplexos.

Ceres cerrou os lábios e deu um passo adiante.

"Tenho trabalhado com meu pai e com o palácio toda a minha vida, a fazer espadas, escudos e todo o tipo

de armas", disse ela.

Ela não sabia de onde a sua coragem vinha, mas estava de cabeça erguida, olhando diretamente para os soldados.

"Ceres...", disse o ferreiro, olhando para ela com pena.

"Põe-me à prova", disse ela, fortalecendo a sua determinação, querendo que eles testassem as suas habilidades. "Não há ninguém que possa tomar o lugar de Bartholomew a não ser eu. E se te faltar um guardião de armas hoje, isso não vai fazer com que o rei fique chateado?"

Ela não tinha a certeza, mas ela desconfiava que os soldados do Império e o ferreiro fariam quase qualquer coisa para manter o rei feliz. Especialmente hoje.

Os soldados do Império olharam para o ferreiro e o ferreiro para eles. O

ferreiro pensou por um momento. E depois outro. Finalmente, ele assentiu em concordância. Ele colocou uma infinidade de armas sobre a mesa, tendo depois feito um gesto para ela para continuar.

"Mostra-nos, então, Ceres", disse o ferreiro, com um brilho nos olhos.

"Conhecendo o teu pai, ele provavelmente ensinou-te tudo o que não é suposto saberes."

"E mais", Ceres disse, sorrindo por dentro.

Ela examinou cada arma, explicando em grande detalhe os seus usos e vantagens, como é que como podia ser melhor em certos tipos de batalhas do que em outros.

Quando ela terminou, os soldados do Império olharam para o ferreiro.

"Acho que é melhor ter uma miúda guardiã de armas do que não ter nenhum guardião", disse o ferreiro. "Vamos falar com o rei. Talvez ele o permita, vendo que não há outro."

Ceres estava tão animada que quase abraçou o ferreiro quando ele lhe piscou o olho. Os soldados ainda pareciam relutantes, mas sem outra opção aparente, eles concordaram em levá-la com eles.

Ela seguiu os soldados do Império pela porta das traseiras e entrou no campo de treinos do palácio. Ceres estava habituada ao som das espadas a colidirem, dos lordes de combate a grunhir enquanto combatiam e do cheiro de suor misturado com couro e metal. Mas o que era bastante original era ver a realeza a praticar no centro do pátio, vestindo as suas armaduras polidas e chiques, parecendo precisarem de uma lição - ou cem - em mestria de armas. Ceres sentia que eles não pertenciam ali. Não, repugnava-a vê-los a todos no campo de treinos, com todos os lordes, condes e dignitários a assistirem enquanto comiam montes de comida e bebia de taças de ouro. Eles deviam voltar para as suas festas luxuosas, pensou. Sem fingir coragem e honra.

Um dos membros da realeza, no entanto, destacava-se dos restantes: Thanos.

Ao observá-lo a combater, ela reparou como ele se movia com velocidade, graça e agilidade. Para sua surpresa, ele parecia quase tão habilidoso quanto Brennius; e não usava nenhuma armadura como os

outros membros da realeza. O seu cabelo era diferente do dos seus pares reais, também; desalinhado e com um rabo-de-cavalo, o seu cabelo escuro rebelde e encaracolado voava-lhe sobre o rosto com cada movimento.

Ceres franziu a testa. Talvez ele soubesse uma ou outra coisa sobre combate, mas ele era o mais arrogante da realeza, sempre a olhar com um ar ameaçador para algo ou para alguém, nunca parecendo querer fazer parte de alguma coisa.

Os guardas levaram-na ao trono e quando o ferreiro apresentou Ceres ao rei como uma guardiã de armas substituta, o rei fez uma pausa, e depois riu-se um pouco e olhou para os seus conselheiros que estavam em ambos os seus lados.

Ceres não gostou da forma como ele olhou para ela, como se ela fosse um aborrecimento do qual ele tinha de se livrar. Mas rapidamente, a expressão do rei mudou e o seu rosto iluminou-se como se ele tivesse acabado de ter a ideia mais brilhante.

"Não tendo mais ninguém, vejo que tem de ser como diz", disse o rei ao ferreiro. "Ceres, vais ajudar o Príncipe Thanos."

O rei disse aquilo de uma maneira que fez Ceres pensar que era um castigo ou um meio de envergonhar o príncipe Thanos, mas ela não se importava. Mesmo não estando particularmente feliz por ser a guardiã de armas de Thanos, aquela função tinha-lhe sido atribuída e agora ela poderia mostrar as suas habilidades na corte real. Era mais do que qualquer miúda poderia esperar.

Ela fez uma vénia ao rei e olhou para o ferreiro ao passar por ele. O ferreiro assentiu, com uma expressão quase arrogante no seu rosto, caminhando, então, de

volta para o chalé.

O soldado do Império escoltou Ceres até Thanos, que estava junto a uma mesa.

Quando Thanos olhou para Ceres, a sua má cara intensificou-se.

"Muito bem", ele murmurou, olhando para o seu tio do outro lado do pátio como se adagas estivessem a ser disparadas dos seus olhos. O rei lançou a Thanos um sorriso desonesto, afirmando a Ceres que a sua atribuição para com Thanos era, de facto, algum tipo de punição.

Thanos colocou-se à frente de Ceres e ela reparou como o pescoço da sua camisa estava aberto, revelando pequenas quantidades de cabelo encaracolado e escuro no seu peito musculado. A sua respiração ficou presa. Ele olhou para ela e quando os seus olhares se cruzaram, ela achou que o olhar dele era intenso - íris mais escuras do que a fuligem negra. No entanto, ele não a intimidava. Na verdade, os seus olhos sem fundo puxavam-na para ele, tornando impossível desviar o olhar.

Quando ele quebrou o contacto visual, Ceres foi capaz de respirar e pensar com clareza; novamente, ela decidiu mostrar-lhe que sabia o que estava a fazer.

"Já que o ferreiro fala tão bem de ti, acho que devo confiar em ti", disse Thanos enquanto ela dispunha as armas uma a uma em cima da mesa de madeira.

Apesar de ela ser uma miúda e embora Thanos fosse sem dúvida suficientemente esperto para perceber que o que o seu tio tinha feito era mais uma piada cruel do que qualquer outra coisa, ela ficou surpreendida por ele lhe dar o benefício da dúvida.

"Vou fazer o meu melhor, majestade", disse ela, colocando uma espada em cima da madeira.

Ele olhou para ela, com os seus olhos ardentes, estudando-a com demasiada intimidade, deixando-a desconfortável.

"Não há necessidade para tais formalidades aqui. Thanos é suficiente", disse ele.

Novamente, ela foi surpreendida pela sua abordagem casual. Teria ela se enganado a seu respeito? Será que ele não era o jovem arrogante, presunçoso e ingrato que ela tinha assumido que ele fosse?

Assim que ela colocou todas as armas, um soldado do Império fez uma revisão das regras de combate. Em primeiro lugar, eles assistiram a alguns dos combates dos lordes de combate e, depois, foi a vez dos membros da realeza. Um jovem soldado do Império chamado Lucious, um jovem loiro, musculado, mas um pouco magro, que se tinha tornado um lorde de combate. Thanos inclinou-se.

"Duvido que Lucious dure muito tempo", ele sussurrou.

"Porque é que dizes isso?", perguntou Ceres, indagando-se porque é que ele lhe diria algo assim - uma estranha - sobre um companheiro real.

"Vais ver."

O lado direito dos lábios de Thanos ergueu-se e Ceres gostava da forma como ele falava com ela, de igual para igual.

Mesmo antes da luta começar, Ceres sabia que Thanos estava certo. Os pés de Lucious estavam muito próximos, segurando frouxamente o punho e os seus olhos estavam demasiado desfocados. Seria uma vergonha, para dizer o mínimo, vê-lo perder tão rapidamente com um guerreiro tão bom.

Com a primeira colisão de espadas, Ceres olhou para cima, mantendo, ao invés, o seu olhar no céu nublado, enquanto ouvia grunhidos e lâminas a bater. A luta continuou por um tempo e Ceres perguntava-se se não teria, talvez, julgado Lucious de uma forma demasiado dura. Pelo menos Lucious estava a aguentar-se, se nada mais.

Mas quando Lucious começou a gritar e os espectadores murmuraram e prenderam a respiração, ela não pode deixar de voltar a olhar para os lutadores novamente. Lucious estava deitado no chão, segurando a lâmina da sua espada com uma mão, o punho com a outra, lutando para manter a espada do lorde de combate longe do seu rosto. O sangue escorria-lhe pelo braço e ele gritava, implorando que o *round* acabasse.

"Chega!", disse o rei e o lorde de combate recuou.

O guardião de armas de Lucious dirigiu-se para ele a correr e deu-lhe a mão, mas Lucious afastou-a.

"Eu consigo levantar-me sozinho!", gritou ele por entre dentes cerrados, ofegante e vomitando

obscenidades.

Lucious segurou a sua mão ferida com a outra e rebolou sobre o seu estômago antes de se levantar.

"Eu disse que não queria fazer isto!", gritou ele para o rei. "E agora vê o que aconteceu! Fizeste-me passar por tolo!"

Ele atravessou furiosamente o pátio e desapareceu pela porta arqueada para dentro do palácio. A maioria dos dignitários tinha-se silenciado, mas alguns deles riam-se.

"É sempre um drama com Lucious", disse Thanos, revirando os olhos.

"A seguir é Thanos e Oedifus", anunciou um soldado do Império.

"Estás pronta?", perguntou Thanos a Ceres.

"Sim. E tu? ", respondeu ela.

Ele fez uma pausa e deu-lhe um olhar de soslaio antes de dizer: "Sempre.

Deixa-me começar com o tridente e o escudo."

Ela entregou-lhe o escudo. Depois de ele o ter prendido ao braço, ela deu-lhe o tridente. A sua pulsação subiu ao vê-lo caminhar até ao centro da arena de treinos, esperando que ele ganhasse, mas preparando-se a ela própria para a

hipótese muito provável de ele perder. Não se triunfava assim tão facilmente sobre um lorde de combate, especialmente com tão pouco treino como Ceres tinha assumido que aquelas realezas tinham.

O lorde de combate tinha mais ou menos a altura de Thanos, mas os seus músculos estavam mais preenchidos, quase monstruosamente, Ceres observou. Os seus braços estavam cobertos de cicatrizes, com o rosto desfigurado por feridas do passado saradas de desigual forma. Ele grunhiu para Thanos, mesmo antes do jogo começar.

Ao primeiro ataque de Thanos, Ceres podia dizer que ele era um guerreiro maravilhoso e, à medida que a batalha continuava, com tanto empenho, o lorde de combate não conseguia derrotá-lo. Thanos era tão rápido a desviar-se e tão rápido como uma cascavel no ataque e ainda possuía a força de um omnigato. Não só ele parecia ler a mente do seu adversário com os seus pés mexiam-se com a facilidade de um dançarino treinado.

Durante todo o combate, Thanos estava sempre à frente do lorde de combate, fazendo com que os espectadores aplaudissem entusiasmados. Ceres achava que o tridente era uma ótima escolha para ele, mas pela maneira como ele se mexia, ela acreditava que uma espada longa seria a arma que lhe concedia a vitória.

No movimento seguinte, o lorde de combate agachou-se e fez subitamente um movimento circular com uma perna pela areia, fazendo Thanos cair de costas. Ele levantou-se novamente, mas o seu tridente havia caído a vários pés de distância.

Mais rápido até do que ela conseguia pensar, Ceres apanhou a espada longa e gritou: "Thanos!"

Ele olhou para ela e ela atirou-lhe a espada. Apanhando-a em pleno ar, Thanos não perdeu tempo e foi atrás do lorde de combate com força total. Voaram faíscas quanto o metal colidiu com o metal e ao ver os músculos da cara e do pescoço de Thanos a contraírem-se, Ceres cerrou os punhos e prendeu a respiração.

Recuando, o lorde de combate rosnava e arfava, com a saliva a jorrar-lhe pela boca, mas Thanos não se retirou. Em vez disso, ele arrancou a espada da mão do lorde de combate e empurrou-o para o chão. Assim, Thanos acabou de pé em cima dele com a sua espada apontada ao pescoço do seu adversário.

Com os olhos bem abertos e o coração a palpitar, Ceres celebrou com o resto da multidão.

Thanos olhou para o rei, que tinha o seu rosto como uma pedra. O rei pestanejou, inclinou-se e sussurrou algo para o conselheiro que estava à sua direita. Com concordância do seu tio, Thanos baixou a espada e saiu da área de treinos.

Com um novo olhar de admiração e maravilha nos seus olhos, ele caminhou em direção a ela. Ele estudou-a em silêncio por alguns segundos, respirando com

dificuldade. Finalmente, ele falou.

"Como é que sabias que arma me dar?", perguntou ele, limpando o suor da testa com um lenço.

"Pela maneira como te movias", disse ela. "Parecia que uma espada longa iria ser boa para ti."

Ainda ofegante, ele observou-a de perto e assentiu.

Depois ele atravessou o campo de treinos, dirigindo-se para o palácio. Por um momento, Ceres não estava certa do que pensar do seu estranho comportamento e da sua falta de instruções adicionais. Deveria ela ficar? Deveria sair? Ela decidiu esperar até ser liberada.

Poucos minutos depois e para o *round* seguinte, um transportador aproximou-se dela.

"Para ti, minha senhora", disse ele, estendendo uma bolsa. "Um adiantamento do Príncipe Thanos. Se aceites, foste contratada como a nova guardião de armas do príncipe. Ele pede que regreses amanhã, uma hora depois do amanhecer, a este mesmo lugar."

Ceres estendeu a mão e depois de ter recebido a bolsa, abriu-a, vendo cinco peças de ouro. Ao princípio, excitada de alegria ela não conseguia falar, mas quando o transportador lhe perguntou novamente se ela iria aceitar, ela disse que sim.

"Tens a liberdade para te ires embora, minha senhora", disse ele, e então ele girou e voltou para o palácio.

"Obrigado", disse ela, percebendo que estava a falar com ninguém. Ela olhou para cima em direção à torre leste e viu Thanos em pé na varanda a olhar para ela. Ele acenou para ela e sorriu-lhe antes de ir para dentro.

Com o coração leve, ela saiu a correr do palácio e fui para casa para apanhar a sua espada. Ela também planeava secretamente dar o dinheiro aos seus irmãos sem a sua mãe descobrir, despedir-se deles.

Finalmente, ela era desejada.

Finalmente, ela tinha uma casa.

CAPÍTULO SEIS

Ceres espreitou cuidadosamente através das persianas semiabertas, com a boca seca e os olhos bem abertos à procura da sua mãe. Ela tinha corrido até casa enquanto a noite caía sobre Delos, o céu claro a transformar-se em rosa e lavanda. A sua ânsia de mostrar o ouro aos seus irmãos tinha alimentado cada passo. Com dores de fome, ela havia considerado usar uma das moedas de ouro para comprar comida, mas tinha medo de encontrar-se com a sua mãe no mercado.

Com os ouvidos concentrados em sons ou vozes, ela olhou mais para dentro da casa escura. Nem uma alma à vista. Onde poderiam estar Nesos e Sartes?

Normalmente, eles estavam em casa naquela altura, enquanto a Mãe estava fora.

Talvez se ela fosse buscar a sua espada primeiro, os seus irmãos entretanto chegassem.

Com cuidado para não fazer um único som, ela esgueirou-se para a parte traseira da casa, passando a árvore da sua avó e na direção da cabana. A porta rangeu quando ela a abriu e, uma vez dentro da cabana abafado, ela dirigiu-se diretamente ao canto. Ajoelhando-se ao lado da tábua do chão, ela levantou-a e tirou a espada. Respirou com alívio ver que ainda estava lá.

Por um momento Ceres sentou-se e admirou a sua beleza, os metais misturados, a lâmina brilhante, fina e imaculada, o punho de ouro adornado com serpentes. A técnica artesanal era à maneira do norte, havia lhe dito o seu pai. Ela iria carregar aquela espada com honra, sempre lembrando-se do grande amor que o seu pai tinha por ela.

Ela deslizou-a no seu revestimento, prendeu-a em torno da sua cintura com uma bainha e dirigiu-se para fora.

Vendo que não estava ali ninguém, ela fez seu caminho até a frente da casa novamente, e desta vez entrou pela porta da frente. A casa estava sombria, a lareira apagada e montes de frutas, legumes, carnes e produtos de panificação enfeitavam a mesa, tudo, sem dúvida, comprado com o ouro que tinha sido ganho com a venda da sua vida. O seu aroma apetitoso enchia a sala. Ela caminhou até a comida, agarrou num pedaço de pão e devorou algumas dentadas. O seu estômago batia há dias.

Sabendo que não tinha muito tempo, Ceres correu para o sofá-cama de Nesos e colocou o saco de ouro debaixo do travesseiro. Ele encontrá-lo-ia quando voltasse à noite. Ela não tinha dúvidas de que ele não contaria à sua Mãe. Ela pestanejou, tentando lutar contra as lágrimas enquanto se perguntava se voltaria a ver os seus queridos irmãos novamente. O seu coração apertou ao pensar em Rexus. Será que ele se iria esquecer dela?

De repente, ela saltou quando a porta da frente se abriu, assustando-a. Para seu horror, Lorde Blaku

entrou.

Ele fez um sorriso horrível, vitorioso.

"Se não é a fugitiva", disse ele, com o seu lábio superior enrolado para trás, revelando dentes amarelados. O cheiro a suor saturava o ambiente.

Dando alguns passos para trás, Ceres percebeu que precisava de fugir -

rapidamente. Pensando que seria capaz de escapar pela janela no quarto dos seus pais, ela deixou cair o pedaço de pão e correu em direção à porta das traseiras.

Mas, ao alcançar a porta, a sua mãe entrou e Ceres colidiu com ela.

Rapidamente, Ceres observou que a sua mãe usava um vestido novo feito da mais fina seda e que cheirava a perfume floral.

"Achavas realmente que me podias bater até ficar sangrenta e azul, roubar o meu dinheiro e escapares?", perguntou-lhe a mãe num tom odioso enquanto agarrava o cabelo de Ceres, puxando-o com tanta força que Ceres soltou um grito.

Roubar o dinheiro dela? Mas, então, tudo fez sentido. Claro que a sua mãe não estaria a colaborar com o traficante de escravas se soubesse que ele tinha levado de volta o ouro que tinha pago por Ceres. No entanto, ele provavelmente disse à sua mãe que Ceres tinha levado o ouro e fugido com ele. Afinal, a sua mãe estava inconsciente quando ele apanhou a bolsa de cinquenta e cinco peças.

Antes de Ceres conseguir explicar, a sua mãe deu-lhe uma estalada no rosto dela e empurrou-a para que ela caísse no chão. Ela, então, pontapeou Ceres no estômago com os seus novos sapatos bicudos.

Ceres não conseguia respirar. No entanto, ela esforçou-se para se levantar, preparando para atacar a sua mãe - quando o traficante de escravas a agarrou por trás sem ela ser capaz de se libertar. Ele apertou-a com tanta força que ela estava certa de que as feridas nas costas se tinham reaberto.

Ela pontapeava e gritava, contorcia-se e arranhava, lutando para se tentar libertar do velho gordo. Mas era em vão. Ele levou-a através da sala, na direção da porta da frente.

"Espera!", gritou a sua mãe.

Ela andou até eles, envolvendo os dedos cobiçosos ao redor da espada de Ceres.

"O que é isso?", perguntou ela, com olhos de irritada.

Ainda sem ter desistido da luta, Ceres pontapeou a sua mãe na canela com tanta força quanto conseguia tendo em conta que o traficante de escravas a estava a agarrar com toda a força.

O rosto da sua mãe ficou vermelho. Ela esmurrou Ceres no abdómen com tal força que Ceres pensou que talvez vomitasse a pouca comida que havia conseguido engolir.

"Essa é a *minha* espada", disse a sua mãe.

Ceres sabia que a sua mãe iria reconhecer o quão valiosa a espada era e que ela nunca deixaria o traficante de escravas levá-la com ele.

"Eu paguei pela miúda e por tudo o que está na sua pessoa. Eu possuo isso agora", Lorde Blaku chacoteou.

"A espada não estava na pessoa dela quando eu te a vendi", retorquiu a mãe dela, com os seus dedos a tatearem para desfazer a bainha da espada à volta da cintura de Ceres.

Lorde Blaku rosnou e atirou Ceres contra a mesa da cozinha e a sua cabeça bateu no canto, com uma dor aguda a espalhar-se pelas têmporas. Deitada no chão, atordoada com o golpe, Ceres ouviu a mãe gritar e móveis a serem atirados por toda a sala. Ela abriu os olhos, sentou-se e viu o traficante de escravas de pé sobre a sua mãe, batendo-lhe com uma cadeira na cabeça.

"Ceres, socorro!", gritou a sua mãe, mas Ceres já não queria saber.

Mal capaz de se mover, Ceres arrastou-se com as mãos e joelhos no chão em direção à porta. Assim que ela atravessou a soleira, levantou-se. Mas ela não tinha tempo. Ela conseguia sentir os braços do Lorde Blaku a tentar apanhá-la.

Conseguia sentir os olhos dele a arderem-lhe nas suas costas. Precisava de ser rápida se quisesse escapar, mas o seu corpo não se mexia tão rapidamente quanto ela lhe ordenava.

Ela ficou animada ao passar o pátio da frente e, assim que alcançou a estrada de terra, pensou que estava livre.

Precisamente naquele momento, Lorde Blaku rugiu atrás dela. Ela ouviu o estalo de um chicote e, em seguida, sentiu um espesso cordão de couro a enrolar-se à volta do seu pescoço. Sendo puxada para trás pelo chicote, com a garganta estrangulada, com o sangue a acumular-se na sua cabeça, ela caiu no chão. As suas mãos tentavam alcançar a corda, tentando soltá-la, mas estava apertada com muita força. Ela sabia que precisava de ar ou senão desmaiava, mas não conseguia respirar.

Lorde Blaku apanhou-a, colocou-a em cima do seu ombro e atirou-a para a parte de trás da carruagem. Lentamente, ela começou a ver tudo escuro à sua volta. Cada vez mais escuro.

Num ápice, ele acorrentou-a pelos tornozelos e pulsos e, depois, soltou o chicote do seu pescoço.

Com pieira e a tossir, ela arfava por ar, e à sua volta tudo estava a ficar mais claro novamente, com o pivete do traficante de escravas a infiltrar-se no seu nariz

enquanto ela ofegava.

Ele arrancou-lhe a espada da cintura e observou-a por um momento.

"É, de facto, uma arma muito fina", disse ele. "Agora é minha e eu vou fundi-la."

Ceres estendeu a mão em direção à espada de seu pai. As correntes chocalharam quando ela se mexeu, mas ele bateu-lhe na mão e saltou para fora da carruagem.

Ele dirigiu-se novamente para a casa e quando voltou a sair, ele estava a segurar o saco de ouro que Ceres tinha deixado para os seus irmãos.

A carruagem abanou quando ele subiu e, depois de ele chicotear os cavalos, as rodas chiaram no arranque. Quando a carruagem partiu, ela manteve os olhos postos no céu preto, observando como as silhuetas dos pássaros voaram lá em cima. Uma lágrima escorreu-lhe pelo rosto, mas ela não fazia nenhum som. Ela não tinha forças para chorar. Agora tudo lhe tinha sido tirado. O seu dinheiro. A sua espada. A sua família. A sua liberdade.

E quando no dia seguinte de manhã não aparecesse no palácio pronta para trabalhar para o príncipe Thanos, ela teria perdido tudo.

CAPÍTULO SETE

Muitas milhas atrás, Lorde Blaku havia libertado Ceres das correntes e tinha-a atirado para um carrinho fechado de escravos. Agora ela estava sentada à luz da lua, entorpecida, ao lado de dezenas de miúdas num vagão gaiola, aos solavancos pela estrada principal que saía de Delos.

A noite tinha estado gelada – ainda estava - e com pouca proteção contra a chuva, Ceres não tinha sido capaz de dormir, tremendo o tempo todo. Com as mãos frias a agarrarem as barras, ela estava encolhida no fim da prisão ambulante, na palha encharcada que transandava a urina e a carne podre. Tinha parado de chover à cerca de uma hora atrás e agora a lua e as estrelas eram visíveis.

Ela tinha escutado as conversas dos guardas, sentados lá em cima e, alguns deles, tinham mencionado algo sobre Holheim, a capital de Northland, que, ela sabia, estava a vários meses de viagem de distância. Ceres sabia que se fosse levada para lá, não teria nenhuma hipótese de voltar a ver a sua família ou Rexus novamente. Mas ela enfiou aqueles pensamentos no fundo da parte morta do seu coração. Olhando para trás, ela percebeu que a miúda que tinha estado a tossir toda a viagem estava agora calada e com uma postura flácida no canto de trás, sem vida, com os lábios azuis e a pele branca.

Uma mãe e duas jovens filhas sentaram-se junto do cadáver, alheias à morte da miúda. Tudo em que as suas filhas estavam focadas era em competir pelo colo da mãe. Melhor fazerem isso do que aperceberem-se de que a morte era vizinha delas, pensou Ceres.

Algumas miúdas estavam sentadas contra a parede oposta a Ceres, carregando um olhar de medo nos seus olhos derrotados. Algumas outras choravam com soluços silenciosos olhando ansiosamente para fora através da gaiola. Ceres não sentia medo nem tristeza. Ela não podia permitir-se ter medo ali. Alguém podia senti-lo e julgá-la fraca, e então usar a sua fraqueza contra ela. Em vez disso, ela anestesiou-se completamente, de tal forma que quase não se importava com o que lhe tinha acontecido.

"Sai do meu lugar", disse uma miúda loira a outra.

"Eu tenho estado sempre aqui sentada", respondeu a segunda miúda, com a sua pele lisa e morena ao brilho do luar.

A miúda loira puxou a miúda de pele morena pelas orelhas e atirou-a para o chão encharcado e coberto de palha. Algumas das miúdas sobressaltaram-se, mas a maioria desviou o olhar, fingindo não reparar no tumulto.

"Este é o meu carrinho", exclamou a loura. "Todos estes lugares são meus."

"Não, não são", disse uma miúda de pele escura, colocando-se rapidamente de pé, com as mãos nos quadris.

Por um momento, ficaram a olhar uma para a outra e todas as que estavam no carrinho ficaram em silêncio, com os olhos a resvalar em direção às rivais, enquanto esperavam para ver o que iria acontecer.

Sibilante, a loira empurrou a morena e, em poucos segundos, eles estavam no chão a lutar, gritando com todos os seus pulmões enquanto os braços e as pernas se agitavam e com algumas escravas ansiosas a incentivá-las.

Foi um empate. A miúda de pele morena levantou-se lentamente e caminhou em direção à parte de trás enquanto as suas mãos manchavam as paredes da gaiola, com o sangue a escorrer-lhe pelo nariz. O vagão bateu numa lombaa e ela desequilibrou-se ficando sentada no chão em frente a Ceres. Limpando o sangue com a sua manga castanha esfarrapada e suja, ela olhou Ceres nos olhos.

"Sou Anka", disse ela.

O luar trespassava pela gaiola brilhando sobre o rosto da miúda. Ceres achava que a miúda tinha os olhos mais peculiares que ela já vira: íris castanho-escuro raiada de turquesa. O seu cabelo era longo, grosso e preto. Ceres calculava que a miúda tivesse em torno da sua idade.

"Sou Ceres."

Sentindo pena da miúda, mas sem nenhuma força para se envolver, Ceres olhou para fora através das barras de ferro na parte de trás do carro, perguntando-se se seria possível escapar. A vida como um escravo não valia a pena ser vivida, e ela faria qualquer coisa para sair, mesmo arriscar a vida, se fosse preciso.

Inesperadamente, o vagão desacelerou e parou na berma. Lorde Blaku gritou para os seus guardas separarem a briga. O carro abanava e os homens saltaram do telhado para as poças de água e erva molhada. O rosto dele apareceu mesmo por fora da gaiola e Ceres ouviu chaves a chocalhar, com a sua respiração pesada a transformar-se em bafos de fumo.

Quando a porta se abriu, uma sombra de confusão cintilou no rosto de Anka e, quando dois dos cinco guardas entraram no vagão, as escravas encolheram-se e estremeceram. Os homens pegaram nas miúdas que estavam a brigar e puxaram-nas para fora, a pontapear e a gritar.

"És uma doçura", disse Lorde Blaku, agarrando o braço de Anka. "Vem aqui, miúda."

Anka febrilmente abanou a cabeça e atirou-se para trás, com os olhos esbugalhados de terror. Ceres sentiu uma onda de náusea ao pensar no que aquele velho, feio e gordo traficante de escravas faria à inocente miúda.

Anka gritou quando o Lorde Blaku a puxou para fora.

Naquele momento, Ceres vislumbrou a sua espada presa em torno da cintura do traficante de escravas e, numa fração de segundo, ela viu ali a sua oportunidade para escapar.

Lorde Blaku alcançou a tranca, mas antes que a conseguisse trancar, Ceres deu um pontapé na porta para fora e saltou para fora do vagão. Algumas outras escravas escaparam e começaram a descer a rua, mas dois guardas rapidamente cercaram as fugitivas e outro fechou a porta do vagão com força.

O traficante de escravas atirou Anka para o chão e tentou alcançar o punho da espada de Ceres. Ela deu-lhe uma joelhada na virilha para que ele se dobrasse para a frente e, antes de ele se levantar, ela desembainhou a sua espada e golpeou-o na coxa, fazendo-o cair para a estrada lamacenta, gemendo. A espada parecia tão leve na sua mão, ela reparou. A lâmina tinha golpeado como manteiga a coxa do traficante de escravas.

Três guardas atiraram as outras escravas de volta para o vagão e trancaram-no, com as miúdas chorando desesperadas.

Mesmo quando Ceres estava prestes a puxar Anka para o pé de si, Anka, sobressaltada, gritou: "Atrás de ti!"

Ceres virou-se e viu três guardas em cima dela. O primeiro tinha a sua espada levantada e se Anka não a tivesse avisado, Ceres teria tido a lâmina dele nas suas costas.

Para sua surpresa, o mesmo poder que ela tinha sentido na arena ao salvar Sartes percorreu-lhe as veias. De repente, ela conseguiu ver claramente o que precisava de fazer de forma a derrotar os três guardas.

A espada dela tocou na espada do primeiro guarda várias vezes antes de ela passar a sua lâmina através dele. Ele caiu para a berma em cima de uma poça de água.

O guarda mais baixo tinha uma adaga na mão. Ele atirava-a entre as suas mãos enquanto avançava para ela. Ela manteve-se a olhar para a adaga durante algumas mudanças e, com um sentido de oportunidade exato, ela chicoteou a sua espada por entre as mãos dele e a adaga saiu a voar pelo ar, aterrando em cima do vagão de escravas.

"Deixa-me ir e eu deixo-te viver", disse Ceres, com tanta autoridade na sua voz que nem ela própria a reconhecia.

"Qualquer um que a capture receberá cinquenta e cinco peças de ouro!", gritou Lorde Blaku, atirando o seu chicote em direção ao guarda baixo que tinha perdido a adaga.

Ha! O ouro da minha mãe, pensou Ceres, ficando ainda mais raivosa.

Os dois guardas restantes avançaram na sua direção, o homem alto com uma pala sobre o seu olho desembainhou a espada, o baixo estalou o chicote. No

palácio, Ceres só tinha combatido um contra um com os outros e ela sentia-se desconfortável por ter de derrotar dois ao mesmo tempo. Mas, novamente, lá, ela não tinha estado a lutar pela sua vida e não tinha sentido a esmagadora onda de força que estava a sentir agora.

O homem baixo estalou o chicote que se prendeu à volta da mão de Ceres que segurava a espada, e com um puxão, Ceres caiu no chão, de cara. Ela tinha agarrado a sua espada com tanta força que esta ainda estava na sua mão e, com um corte, ela cortou os cordões de couro à volta do seu pulso, libertando-se.

Rápida como um gato, ela colocou-se de pé num salto e quando o guarda alto atacou, ela lançou-se em direção a ele e as suas espadas deles colidiram.

O guarda baixo atirou-se em direção Ceres e colocou os seus braços ao redor das suas pernas para que ela não se conseguisse mexer, fazendo-a tombar, cair de costas. Ele arrastou-se por cima dela e agarrou com uma mão o braço dela que tinha a espada, confinando-a, e colocou a outra à volta do pescoço dela, sufocando-a.

"Mata-a, se for preciso!", gritou Lorde Blaku, ainda com as mãos à volta da sua coxa sangrenta.

Ceres chutou os pés para cima e atingiu o guarda baixo na cabeça, empurrando-o de cima dela e rebolando para trás e para cima, colocando-se de pé. Vendo que ele estava prestes a levantar-se, Ceres pontapeou-o no rosto várias vezes até ele cair no chão inconsciente.

Assim que o guarda alto se dirigiu para ela, ela desviou-se, andando à sua volta, atacou-o pelos pés e, uma vez de costas caído, ela cortou-lhe a mão. Ele gritava enquanto o sangue lhe escorria pelo cepo.

Ela não tinha a intenção de ser tão brutal. Ela só queria feri-lo o suficiente para que ele não pudesse mais lutar e não a seguisse quando ela fugisse, mas a lâmina era excepcionalmente afiada e não foi necessário quase nenhum esforço para lhe cortar os ossos. Ou talvez tivesse sido aquela força estranha que o tinha tornado tão fácil?

Algumas das miúdas no vagão tinham subido as paredes, chocalhando a gaiola, gritando por Ceres para as deixar sair. Outras aplaudiam Ceres, cantando para que ela matasse os seus captores.

"Desiste da tua espada, ou a miúda morre", gritou Lorde Blaku por detrás dela.

Ceres virou-se e viu Anka detida sob a ameaça de uma faca pelo traficante de escravas. O lábio inferior Anka tremia e os seus olhos estavam bem abertos. O

traficante de escravas pressionou a lâmina contra a sua garganta, cortando-a um pouco.

Deveria ela tentar salvar Anka? Ceres apenas o poderia fazer se estivesse livre. Mas os olhos de Anka imploravam com tal desespero que Ceres não

poderia deixá-la entregue a um destino tão horrível. Ela olhou para as miúdas no vagão, que se tinham calado, percebendo que as poderia libertar, também.

Ceres inclinou-se para trás e atirou a sua espada, rezando para que o seu objectivo fosse verdadeiro.

Ela observou-o a girar sobre a extremidade, aterrando, finalmente, no rosto do Lorde Blaku, com a lâmina a esfaqueá-lo no olho. Ele caiu para trás, aterrando na lama.

Morto.

Com um gemido, Anka arrastou-se para longe dele, soluçando.

Ceres, a respirar com dificuldade, avançou no sossego, puxou a sua espada para fora do crânio do traficante de escravas e, em seguida, aproximou-se e cortou o cadeado do vagão, abrindo a porta.

Gritando e suspirando de alegria, as mulheres e miúdas saíram do carro, uma após a outra. Algumas agradeceram a Ceres ao passarem por ela e a mãe com as suas filhas abraçou Ceres antes de voltar para Delos.

Sentindo os braços e as pernas como se pesassem cem libras cada e com os olhos pesados da falta de dormir, Ceres caminhou até à parte da frente do vagão e cortou as rédeas aos cavalos. Ela apanhou um cobertor, um saco de comida e um cantil de couro cheio de vinho do alto do vagão e prendeu-o a um dos cavalos.

Depois que retirar a bainha da carcaça do Lorde Blaku e prender a sua espada à volta da sua cintura, ela montou a robusta égua castanha e conduziu-o para o sul em direção a Delos. Ao passar por Anka, ela parou.

"Salvaste-me a vida", disse Anka. "Estou em dívida para contigo."

"Tu salvaste-me primeiro", Ceres respondeu. "Não me deves nada."

"Deixa-me acompanhar-te. Por favor. Não tenho para onde ir."

Ceres considerou a sugestão de Anka e pensou que poderia ser bom ter companhia nas estradas frias e escuras.

"Muito bem, Anka. Viajaremos juntas", disse Ceres com um sorriso suave.

Ela estendeu a mão e puxou Anka para trás dela. Anka agarrou-se à volta de Ceres, como se se estivesse a agarrar à própria vida. Um raio caiu à distância, com as nuvens a rolar novamente. Ceres incitou o cavalo a galopar. Ela ainda tinha tempo de sobra antes de necessitar estar no palácio e ela sabia onde precisava de ir: a Rexus e aos seus irmãos.

CAPÍTULO OITO

A noite permanecia brutalmente fria, o vento uma tempestade que rugia, mas isso não impediu Ceres de obrigar o cavalo a continuar em frente a um ritmo furioso, determinada a alcançar Rexus se houvesse tempo suficiente. Durante horas, a chuva chicoteou-a como cacos de gelo, deixando as suas roupas encharcadas e os seus dedos enregelados. A raiva em relação à sua mãe e ao Lorde Blaku incitavam-na.

Finalmente, ela avistou o muro exterior da capital e, quando a chuva acabou, ela diminuiu a velocidade do cavalo para um trote. O sol subia as Montanhas Alva, brilhando através das nuvens que se dissipavam e beijando os edifícios brancos da capital dourada e, com cerca de uma hora livre para aproveitar até precisar de estar no palácio, Ceres saltou do cavalo e levou a égua pelo ligeiramente inclinado desfiladeiro do rio abaixo. Depois de ela ter escoltado o cavalo até à água, ela desembulhou o pão e a carne que ela tinha tirado a Lorde Blaku, repartindo em partes iguais por Anka e por si própria.

Sentou-se numa pedra e olhou para Anka, que devorava a comida como um animal voraz.

"Queres que eu te leve a casa?", perguntou ela a Anka.

Anka fez uma pausa e olhou para cima, com os seus olhos subitamente exaustos, e não disse nada.

"Talvez agora que o traficante de escravas está morto, a tua família..."

"Os meus pais venderam-me para salvar a sua fazenda. Vinte peças de ouro", disse Anka amargamente. "Eles já não são a minha família."

Ceres compreendia. Oh, como compreendia. Ela olhou para as Montanhas Alva e pensou por um momento.

"Eu sei onde podes encontrar um novo lar", disse ela.

"Onde?", perguntou Anka, tomando um gole do vinho.

"Os meus irmãos e amigos fazem parte da revolução."

Anka pestanejou e depois assentiu.

"Tu és minha irmã agora e eles serão a minha família e amigos. Vou lutar ao teu lado e pertencer à revolução, também", disse ela.

Quando acabaram a refeição, Ceres levou a égua de volta para a estrada e cavalgou com Anka pela inclinada encosta abaixo em direção à entrada principal da capital – uma ponte levadiça fortemente vigiada feita de carvalho espesso.

Ficando na fila atrás de outros viajantes e comerciantes, Ceres e Anka passaram por um soldado para a ponte, a cavalgar devagar.

Atravessaram as ruas calcetadas, passando por casas e barracos de madeira e por becos apertados. A cidade começava a acordar, com os habitantes a alinharem-se nos poços de água viva com baldes e vasilhas. As crianças brincavam nas ruas, com os seus risos a encherem o ar, lembrando Ceres de tempos muito mais felizes, muito mais simples.

Para lá de acres e acres de plantas murchas e castanhas, elas chegaram ao sopé das Montanhas de Alva. Casas humildes descansavam na colina ligeiramente inclinada, abrigadas por cumes salientes. Uma cascata descia pela encosta da montanha. Visto de fora, o pequeno povoado parecia como qualquer outro povoado nos arredores de Delos, com casas, vagões, animais e os camponeses a trabalharem nos campos. Mas era não mais do que uma fachada para manter os soldados do Império fora de suspeição. Dentro de cada casa uma rebelião estava a formar-se.

Ceres já aqui havia estado uma vez: dois anos antes quando Rexus ela tinha mostrado a crescente coleção de armas guardadas na caverna atrás da cascata.

Fora do povoado, na fronteira com o mar, estava o velho castelo abandonado: a sede da revolução. Duas das três torres tinham desmoronado e algumas das paredes tinham sido remendadas com troncos e pedras. O destino de Ceres.

Elas desmontaram dos cavalos e caminharam pelo caminho de areia, com a brisa do mar a puxar as roupas de Ceres. Ao chegaram à porta da entrada em arco, cinco homens fortemente armados vestindo roupas civis fizeram-nas parar.

"Meu nome é Ceres. Vim ter aqui com Rexus, meu amigo, e Nesos e Sartes, os meus irmãos", disse ela, sossegando o cavalo. "Esta é Anka, minha amiga.

Queremos juntar-nos à rebelião."

Os olhos de um dos homens abriram-se um pouco, como se o nome dela tivesse algum significado. Ele assentiu e dirigiu-se para o pátio enquanto os outros homens estudavam as miúdas com olhares desconfiados.

Dentro do pátio, Ceres via homens e mulheres a trabalharem de forma apressada, quase frenética. Alguns estavam a treinar os outros em luta de espadas; alguns estavam a dar forma às armaduras; Alguns estavam a fazer arcos e a talhar paus em flechas; e outros, ainda, estavam a costurar roupas.

Passaram-se alguns minutos e depois mais alguns. Será que Rexus e os seus irmãos não estavam ali? Ceres indagava-se. Será que ela teria de se ir embora sem os ver? Ela tinha de os ver antes de ir para o palácio.

De repente, Rexus apareceu na esquina.

"Ciri!", gritou ele, correndo na sua direção.

Ao ver o seu rosto novamente, Ceres sentiu a sua força a deixá-la e, quando ele passou os seus braços ansiosamente à volta dela, ela desatou a chorar e a

soluçar. Ela tinha sido forte durante tanto tempo. Estar envolta no seu abraço seguro, fez com que ela finalmente deixasse vir à superfície a sua fraqueza.

"Eu pensei que estivesse morta", disse ele, afagando-lhe as costas, apertando-a com força.

Ele não parava de lhe dar beijos no rosto, secando-lhe as lágrimas e, então ele pressionou a sua boca macia e quente na dela. Mas os seus lábios afastaram-se antes mesmo de ela ter hipótese de desfrutar o primeiro beijo deles.

"Eu estava muito preocupado contigo", disse ele, agarrando-a com força.

"Sartes disse que te viu fora da cabana do teu pai, mas que desapareceste depois disso."

"Os meus irmãos estão aqui?", perguntou ela.

"Agora não", respondeu Rexus. "Eles estão em numa missão."

Ceres ficou desolada, mas assentiu e deu um passo para trás.

"Esta é minha amiga Anka", disse ela, colocando uma mão no ombro da sua nova amiga. "Ela também estava no vagão de escravas. Ela precisa de um lugar para ficar."

"Num vagão de escravas? É por isso que estás com esse aspeto", disse Rexus com um olhar jocoso a percorrer o seu corpo acima e abaixo.

Ceres bateu-lhe no ombro.

"Tu não estás, certamente, com melhor aspeto do que eu", disse ela com um sorriso, pondo Rexus a rir.

"Por favor, vai buscar-me a Fausta", disse Rexus a um guarda. Ele virou-se para Ceres, com um olhar conflituoso no seu rosto. "Não vais ficar?"

Ceres ficou destroçada. Parte dela queria ficar ali com Rexus e os seus irmãos, mas uma grande parte dela queria trabalhar como uma guardiã de armas.

"Fui contratado pelo príncipe Thanos como a sua guardiã de armas".

Os olhos de Rex arregalaram-se e, depois, ele concordou.

Uma mulher de idade vagueou na direção deles com o guarda, com a sua pele enrugada branca como a neve e os olhos cheios de anos de sofrimento e sabedoria.

"Fausta", disse Rexus. "Por favor, certifica-te que é dado a Anka um lugar para ficar. E certifica-te que ela tem comida e roupas secas."

A mulher de idade abriu os seus braços frágeis e abraçou a recém-chegada.

"Agora, tens uma nova casa. Vamo-nos ver uma à outra frequentemente", disse Ceres para Anka. "Devo-te a minha vida e nunca me vou esquecer de ti."

Anka sorriu suavemente e assentiu. Ela deu um abraço a Ceres e, em seguida, ela seguiu Fausta para o pátio.

Agarrando na mão de Ceres, Rexus agarrou as rédeas do cavalo e acompanhou-as em direção ao estábulo. Uma vez lá, ele soltou Ceres e conduziu o

cavalo para a calha de água.

"Tu tens uma nova espada", disse ele, sem olhar para trás, acariciando a crina do cavalo.

A égua relinchou em aprovação.

"Sim. Um presente do meu pai ", disse ela, com a mão na espada e com uma pontada de tristeza a apoderar-se de ela.

Mas ela não queria falar de coisas tristes.

"A rebelião parece ter crescido", disse ela.

"Desde a última vez que te trouxe aqui, os nossos apoiantes triplicaram em número", disse ele.

Ceres ficou feliz por ver os seus olhos deslumbrados.

Eles caminharam para fora e sentaram-se num banco de madeira, com Rexus de frente para ela. Ele

acariciou gentilmente os seus cabelos e depois acariciou o seu rosto.

Ela sentiu um vazio dentro do peito ao pensar na despedida e, mais uma vez, ela teve a ideia de permanecer ali.

"Talvez eu fique contigo", disse ela.

Rexus cerrou os lábios.

"Eu adoraria, mas acho que a melhor coisa a fazer é manteres o teu compromisso no palácio", disse ele.

Ceres sabia que ele estava certo, mas ainda assim, doía-lhe ouvi-lo dizer que ela deveria ir.

"Aqui, temos muitos apoiantes", continuou Rexus. "Mas não temos ninguém a trabalhar dentro dos muros do palácio."

"Eu não sei que acesso teria ao interior ou aos outros membros da realeza", disse ela.

"Se ganhares a confiança do príncipe Thanos, estou certo de que ele te irá dar acesso a todas as necessidades da rebelião. Quando chegar o momento certo, podes levar-nos ao interior do palácio, garantindo a nossa vitória", disse ele.

A Ceres dava-lhe voltas ao estômago pensar em ganhar a confiança do príncipe Thanos apenas para traí-lo. Mas porquê? Talvez fosse porque ele tinha confiado nela e lhe tinha dado uma hipótese onde os outros não tinham. Ou talvez fosse porque ele desprezava a sua família e o que ela representava tanto quanto qualquer plebeu.

De qualquer maneira, Rexus estava certo: ao fazer isso, ela poderia ajudar a rebelião como ninguém. Na verdade, a sua presença no interior das muralhas do castelo era exatamente o que a rebelião precisava e poderia muito bem ter um papel significativo na queda do Império.

Ela assentiu com a cabeça e, por um breve momento, eles fixaram o olhar um no outro.

Não querendo arrastar a despedida, já com a tristeza a apoderar-se de si, Ceres levantou-se e entrou no celeiro. Mesmo quando estava prestes a montar a cavalo, ela ouviu Rexus a entrar seguindo-a. Ela olhou para trás enquanto segurava a sela.

"Tenho de ir, senão chego atrasada ao palácio. Por favor, cuida dos meus irmãos e de Anka", disse ela.

Rexus colocou uma mão no seu ombro e um formigueiro espalhou-se pelo corpo de Ceres. Ceres pensou no beijo que eles haviam trocado anteriormente.

Teria ele tido a intenção de a beijar como uma amiga, ou algo mais? Ela queria que fosse mais. Ela sabia que se se virasse, iria encontrar os olhos dele e os seus lábios dele se encontrariam com os dela. E então ela não iria ser capaz de se separar.

Então, sem outra palavra, ela montou o seu cavalo e esporeou-o, galopando para longe, para muito longe daquele lugar e em direção ao palácio - determinada a não olhar para trás por nada.

CAPÍTULO NOVE

O sol nascia por cima do horizonte e, sem praticamente mais nenhum segundo para desperdiçar, Ceres galopou pelos portões do palácio, saltou do cavalo nos estábulos reais e correu em direção ao campo de treinos do palácio. Quando ela estava quase a meio caminho, ela notou que a sua espada lhe roçava na perna e ela parou. Será que alguém iria ver a sua espada e talvez até mesmo roubá-la se ela a levasse? Ela sabia que não havia tempo e que poderia ser despedida por estar atrasada, mas sob nenhuma circunstância ela se poderia dar ao luxo de perder aquela espada.

Tão rápido quanto os seus pés a conseguiam levar, ela correu de volta até ao chalé do ferreiro e, encontrando o lugar vazio, ela subiu a escada para o sótão.

Ali, por detrás de uma pilha de pranchas velhas e galhos tortuosos, ela escondeu a sua espada antes de desatar a correr em direção ao campo de treinos do palácio.

Quando ela chegou – ofegante e com o coração a bater selvaticamente - para sua surpresa, viu que toda a corte se tinha reunido em torno da arena de treinos. O

rei e a rainha estavam sentados nos seus tronos, os príncipes e as princesas em cadeiras sob as árvores de salgueiro, abanando-se, e os assessores e dignitários sentados em bancos, sussurrando uns com os outros.

Na arena de treinos, os lordes de combate lutavam contra a realeza e os guardiões de armas estavam a observar os seus mestres e a entregar as espadas, adagas, tridentes, escudos e chicotes. Desde sempre que Ceres tinha ansiado por uma oportunidade como aquela, mas agora que o momento tinha chegado, ela sentia-se vazia por dentro.

"Ceres!", gritou Thanos, acenando para ela.

Ela não sabia porquê, mas ao vê-lo novamente o seu coração agitou-se.

Depois, repreendeu-se a si própria. Ela tinha de se lembrar porque é que estava ali. Era para fazer amizade com os seus inimigos e ganhar a sua confiança, não para se divertir com um belo príncipe que de alguma forma parecia colocá-la sob o seu feitiço.

Ceres correu para Thanos.

"Mesmo a tempo", disse ele com um aceno de cabeça.

"Claro", disse ela, como se chegar ali não tivesse sido um milagre e meio.

Um soldado do Império marchou para o centro da arena.

"Todos os guerreiros reais, alinhem-se rapidamente diante do rei Claudius, com os seus guardiões de armas atrás de vocês", disse ele.

Todos da realeza pararam o que estavam a fazer e Ceres seguiu Thanos, tomando o seu lugar atrás dele. Ela notou que Lucious estava de volta. Será que ele tinha reconsiderado? Tinha sido forçado a voltar?

"Estás a querer saber o que se passou com Lucious?", perguntou Thanos, olhando para ela.

"Sim."

Ceres não tinha certeza se odiava ou gostava que ele estivesse tão em sintonia com os seus pensamentos.

"Não se diz não ao rei", Thanos sussurrou.

Ela queria perguntar porquê, mas o rei levantou-se, segurando uma taça de ouro, e fez-se silêncio.

"Este prato está preenchido com os nomes de cada um dos nossos guerreiros reais", disse o rei. "Hoje vou escolher três nomes que vão lutar nas Matanças ao meio-dia."

A multidão sobressaltou-se, cada guerreiro real e o seu guardião de armas incluído.

Mas não era suposto as Matanças serem antes do próximo mês, pensou Ceres.

Teria o rei apenas por capricho agendado as Matanças para hoje?

Ela olhou para Thanos, mas ele estava rígido como uma tábua, com o rosto virado para frente para que ela não conseguisse ver a sua expressão. Ceres sabia que eles não estavam prontos para lutar nas Matanças. Nenhum deles estava. Não lhes tinha sido dado tempo suficiente para treinarem juntos, para conhecerem os estilos de luta um do outro.

Cerrando os punhos, ela concentrou-se em manter a respiração estável. Apenas três dos doze seriam seleccionados, de modo que ainda havia hipóteses de eles não terem de lutar hoje.

O rei esticou a sua mão gordinha para a taça e tirou uma tira de papel.

"Lucious!", gritou ele, com um sorriso malicioso a surgir-lhe nos lábios.

Ceres exalou e olhou para Lucious, vendo que o seu rosto estava vermelho como uma beterraba. Os espectadores aplaudiram, embora os aplausos estivessem longe de ser entusiásticos. Será que eles achavam também que aquilo era injusto? Ceres perguntou-se.

O rei colocou a mão dentro da taça novamente e chamou um nome.

"Giorgio!", gritou ele, com os olhos a deslizar até ao final da linha onde Giorgio esperava.

Uma mulher que parecia com idade suficiente para ser a mãe de Giorgio levantou-se começou a chorar, gritando obscenidades para o rei, mas ao pisar a arena de treinos, foi escoltada para fora por soldados do Império.

Ceres bufou, mantendo os seus treinados olhos nas largas costas de Thanos.

Restava apenas um nome, disse a si mesma. As hipóteses de Thanos ser seleccionado eram escassas.

Levando a mão à taça pela terceira vez, o rei olhou para Thanos e o lado direito do seu lábio ergueu-se.

Ceres viu os ombros de Thanos a ficarem tensos e, imediatamente, soube que algo não estava certo. Teria o rei planeado aquilo? Viciado aquilo?

O seu coração quase parou.

"E por último, mas não menos importante, Thanos!", exclamou o rei com um sorriso de satisfação.

A multidão ficou em silêncio por um momento, mas quando a rainha começou a aplaudir com um entusiasmo fervoroso, os outros fizeram o mesmo.

"O risco de morte é grande, meus escolhidos. Que cada um de vocês represente o seu soberano e Império com honra e força", continuou o rei.

O rei sentou-se e um soldado do Império explicou as regras das Matanças, mas Ceres mal conseguia ouvir uma palavra do que ele dizia. Ela estava tão chocada.

"Os guardiões de armas que ajudam na batalha serão condenados à morte... não mais do que três armas em qualquer guerreiro de cada vez... não podem ajudar outros lordes de combate... polegares para cima significa as vidas derrotadas, polegares para baixo significa que o derrotado deve ser morto...", disse o soldado do Império.

Quando ele terminou, Ceres estava congelada, olhando para o ar.

Ela vagamente registou que Thanos se tinha virado e estava de frente para ela.

Ele agarrou o braço dela e abanou-o.

"Ceres!", disse.

Desorientada, ela olhou para o rosto dele.

"Bartholomew está de volta. Se quiseres, eu posso tê-lo como meu guardião de armas hoje", disse Thanos.

Ao princípio, ela ficou satisfeita, querendo gritar sim. Sim! Mas então ela pensou na conversa que tivera com Rexus. Como é que ela iria ganhar a confiança de Thanos se virasse as costas agora? Ela não o faria.

"É isso que queres?", perguntou ela.

"Eu prefiro trabalhar contigo, mas vendo que as regras mudaram, não vou forçar-te se decidires sair deste *round*", disse ele.

Ela não podia acreditar. Ali estava ele a dar-lhe liberdade e ela estava a planear a melhor forma de ganhar a sua confiança para que ela pudesse destruí-lo a ele e à sua família. Um sentimento de culpa começou a enraizar-se.

Mas então ela lembrou-se do sofrimento do seu povo: o jovem que tinha sido espancado na Praça do Chafariz e levado para um destino desconhecido, a miúda

que tinha morrido no vagão das escravas sozinha e com medo, os seus irmãos que nunca iam para a cama de barrigas cheias e o seu pai que teve de deixar a sua família para ganhar dinheiro noutra lugar.

Se ela não os defendesse, quem o faria?

"Então eu vou ser a tua guardiã de armas hoje e durante o tempo que me quiseres", disse Ceres.

Thanos assentiu e um toque de sorriso enfeitou os seus lábios.

"Vamos vencer juntos", disse ele.

*

Com as mãos suadas e um estômago instável, Ceres espreitou pelo túnel sob o Stade. A passagem estava completamente cheia de soldados do Império, lordes de combate e guardiões de armas, armas de todos os tipos revestiam as paredes e cobriam o chão de cascalho.

Ela sentou-se num banco a poucos pés de distância dos portões de ferro, esperando pela vez dela e de Thanos e a multidão cantava como um dragão lá fora.

"Mata-o! Mata-o! Mata-o!", gritavam.

Os mirantes rugiam. Em menos de um minuto, os portões de ferro abriram-se, as correntes fizeram barulho e, em passos largos entraram dois soldados do Império, ambos a transportar lordes de combate mutilados e mortos. Eles atiraram um cadáver em cima do outro para o chão de terra no lado contrário de onde Ceres estava sentada e então eles saíram de volta para a arena.

Ceres assustou-se quando o portão de ferro se fechou atrás deles. Ela não conseguia evitar deslizar os olhos para os corpos sem vida. Poucos minutos atrás, aqueles homens tinham estado à sua frente cheios de vigor, certos de que seriam triunfantes na competição de hoje. Agora eles descansavam numa pilha no chão para nunca mais se levantarem.

Quando ela olhou para Thanos, os olhos dele já estavam nos dela, com aquelas íris impossivelmente escuras que transportam solenidade e que Ceres só tinha visto na morte. Estaria ele com medo como ela estava? ela indagou-se.

Ela viu-o apertar o cinto de couro grosso em torno da sua tanga de lona, com o seu abdómen rígido exposto. Ela mal podia acreditar no quão pouca proteção ele usava: um único guarda de ombro de couro cobria-lhe o seu braço direito. A maioria dos outros guerreiros escondia-se por trás de armadura pesada e capacetes brilhantes.

Tinham dado um uniforme a Ceres: uma túnica de manga curta azul que chegava até aos joelhos, uma corda de seda à volta da cintura e botas de cano alto

de couro macio que eram parecidas com as de Thanos. Embora ela particularmente não gostasse, ela estava satisfeita por estar sem as suas roupas velhas que não faziam nada a não ser lembrá-la da sua antiga vida.

"O rei tramou-te uma cilada?", perguntou Ceres, lembrando a expressão manhosa do Rei Claudius,

quando ele tirou da taça de ouro à mão os nomes dos guerreiros reais.

"Sim", disse Thanos.

Ela cerrou os dentes, cheia de ódio.

"Isso não está certo", disse ela.

"Não, não está", disse Thanos, sentando-se ao lado dela, apertando as correias das suas botas. "Mas se há uma coisa que eu aprendi, é que não nos opomos ao rei."

"Já te opuseste alguma vez?", perguntou ela.

Ele assentiu.

"Pelo quê?"

"Eu não iria casar com a princesa que ele tinha escolhido para mim."

Ela olhou para ele por um momento, atordoada. Ela ficou surpreendida com a coragem que deve ter sido precisa. Talvez a miúda fosse hedionda, embora Ceres nunca tenha visto nenhuma princesa hedionda toda a sua vida, todas vestidas com roupas finas, banhadas em perfumes com cheiro doce e adornadas com jóias requintadas.

Ela desviou o olhar, perguntando-se quem era realmente aquele jovem. Um rebelde? Ceres não tinha considerado uma vez sequer que podia haver um não-conformista dentro dos muros do palácio.

Ela tinha um total novo respeito por Thanos. Talvez ele não fosse o rapaz que ela achava que ele era. O que a fez sentir-se ainda mais doente por atraí-lo.

"E Lucious e Georgio?", perguntou ela.

"O rei despreza-os por outras razões."

"Mas como pode o rei apenas aleatoriamente... "

Ele interrompeu-a, com uma voz impaciente.

"Só porque eu sou da realeza não significa que eu tenha algo a dizer sobre a minha vida."

Ceres não tinha pensado sobre isso. Ela tinha sempre assumido que a realeza era livre para fazer o que quisesse e que governava como um grande inimigo.

"Toda a pompa e arrogância, as regras, decoro, gastos frívolos... deixa-me à beira da loucura", disse ele, quase a rosar.

Ceres foi apanhada de surpresa por ele dizer tais coisas sobre a realeza e não sabia exatamente o que lhe dizer a ele. Em vez disso, ela olhou para fora dos

portões de ferro e, assim que o fez, ela viu um lorde de combate a esfaquear o guardião de armas de Georgio no abdómen.

Ela levou a mão à boca e arfou.

Na sua ingenuidade, ela tinha assumido que estava a salvo de outros lordes de combate uma vez que não seria ela a lutar. A sensação de medo agarrou-a pelos ombros e ela reparou que as suas mãos tremiam ainda mais do que antes.

Um soldado do Império aproximou-se, dizendo a Thanos que a seguir era a sua vez de lutar e que ele iria lutar juntamente com Lucious contra dois outros senhores de combate.

Com a garganta seca, Ceres disse: "Nós temos de nos manter juntos, se quisermos sobreviver."

Thanos assentiu, um entendimento tranquilo entre eles.

Eles levantaram-se e caminharam até aos portões de ferro, cada um nos seus próprios pensamentos durante algum tempo.

"Eu não vou matar, a menos que o tenha de fazer", disse Thanos de repente.

Ceres assentiu, perguntando se isso era mais uma forma que ele tinha planeado para desafiar o rei.

"Eu preciso saber que posso confiar em ti a minha vida", disse ele, sem desviar o olhar da arena.

"Podes confiar em mim a tua vida", disse Ceres, perguntando-se se ele tinha ouvido a ligeira hesitação na sua voz.

Ele fechou os olhos e assentiu.

"Também podes confiar em mim a tua vida, Ceres", disse ele.

Ela não sabia porquê, mas as palavras dele entranharam-se em si e ela sentiu que elas eram verdadeiras. Com despeito por si mesma, ela estava a sentir uma ligação intensa com ele.

Lucious e o seu guardião de armas iam atrás de Thanos e Ceres. Ceres reparou na brilhante armadura de corpo inteiro de Lucious e no capacete de viseira.

Nenhuma quantidade de armadura irá salvar a vida de um guerreiro desleixado, pensou.

Os portões de ferro abriram-se, entrando Georgio vivo, com o seu corpo encharcado de suor e o sangue a escorrer-lhe de algumas lacerações nos seus braços e abdómen. Um soldado do Império arrastou o seu guardião de armas por detrás dele e atirou-o para cima dos outros cadáveres no chão.

Todo o corpo de Ceres começou a tremer.

"Fica perto de mim", disse Thanos, com os olhos para a frente como se estivesse em transe e a sua mandíbula cerrada.

Assim que o soldado do Império acenou para eles saírem, Lucious empurrou Ceres para fora do caminho e entrou na arena em primeiro lugar, com os braços

erguidos no ar como se estivesse em vitória. As massas foram à loucura e ele desfilou por alguns momentos, deleitando-se com a sua aprovação.

Em qualquer outro momento que não exatamente aquele, o seu comportamento teria irritado Ceres, mas de pé ali, inalando o que poderia possivelmente ser a sua última respiração, ela não prestou atenção ao tolo que procurava aprovação.

Thanos e Ceres entraram a seguir na arena. Ceres pestanejou com o sol a encandear-lá. Assim que os seus olhos se adaptaram à luz, ela olhou para a plateia, vendo apenas cerca de metade dos assentos ocupados.

Ela olhou para o pódio e viu o rei sentado no seu trono, sorrindo miseravelmente. Como ela o desprezava. Se o que Thanos disse era verdade, ele era ainda mais demoníaco do que Ceres tinha imaginado.

"Lembra-te, fica perto", disse Thanos, tocando no seu cotovelo.

Ela assentiu e, em seguida, avistou os dois lordes de combate no outro lado da arena, usando armadura pesada, cada um segurando uma espada.

Quando as trombetas soaram, de repente, uma besta saltou para fora de um dos alçapões no chão. Avançou na direção de Ceres e Thanos, com o seu pelo preto acinzentado brilhante à luz do sol, e o seu rugido ecoou contra as paredes do estádio. A criatura, parecida com um cão, não era familiar a Ceres – corpo grande, pernas altas – e movimentava-se mais lentamente que o omnigato, embora ela não tivesse dúvidas de que era igualmente forte.

"Um caçador de lobos!", gritou alguém na multidão e, em seguida, uma onda de clamores atravessou a audiência.

A adrenalina percorria-a e, por um momento, ela não sabia para onde ir. Mas quando ela viu as armas alinhadas contra a parede, ela dirigiu-se para elas e esperou pelo comando de Thanos.

Em primeiro lugar, Thanos pediu o tridente, e ela atirou-o a ele. Boa escolha, pensou ela ao vê-lo a apanhá-la em pleno ar. Ela queria entrar e ajudá-lo, mas lembrou-se da regra que proibia os guardiões das armas de intervir.

Thanos gritou para o caçador de lobos ao apontar-lhe o tridente, com os pés a moverem-se com rapidez e os seus reflexos rápidos.

Do canto do olho, Ceres reparou num dos lordes de combate a dirigir-se em direção a Thanos. Se ele fosse inteligente, o lorde de combate esperaria atacar só depois de Thanos ter matado o caçador de lobos. De outra forma, a fera podia atacá-lo também.

De repente, o caçador de lobos atacou Thanos e este esfaqueou-o no ombro.

Os espectadores aplaudiram em aprovação do primeiro ataque da luta.

No entanto, o caçador de lobos não parecia estar minimamente ferido, rosnando mais alto apenas pelo o que Thanos tinha feito, lambendo os seus dentes, com os olhos vermelhos a olhar para Thanos.

"Espada longa!", gritou Thanos.

Assim que ela a atirou a ele, ele largou o tridente no chão e apanhou no ar a espada longa. Mas, de repente, Ceres sentiu que ele precisava de proteção contra fogo – rapidamente - e ela gritou-lhe, atirando-lhe também um escudo. Assim que ele apanhou o escudo, o caçador de lobos inalou e depois expeliu fogo da sua boca. Os espectadores sustiveram a respiração e Thanos baixou-se atrás do escudo, com as chamas a embater contra a superfície metalizada.

Assim que o caçador de lobos ficou sem fôlego, Thanos largou o escudo, apanhou o tridente e atirou-o à cabeça do animal, perfurando o seu olho.

Ceres viu que o animal violentamente abanou a cabeça enquanto rosnava e grunhia, atirando pelos ares o tridente até ao meio da arena.

Sem hesitar, Thanos arrancou em direção ao caçador de lobos, saltou no ar e levantou a sua espada. Ao descer, ele esfaqueou a besta na cabeça, que caiu sem vida sobre a areia vermelha.

Mas apesar de o público ter aplaudido, não houve descanso. O lorde de combate que tinha estado à espera atacou com a sua lança e espada apontadas diretamente a Thanos.

Thanos puxava, tentando desalojar a lâmina do crânio do caçador de lobos, Ceres viu. Mas não se mexia. E ele já tinha três armas no campo; o tridente no outro lado da arena, o escudo muito longe de alcançar e a lâmina cunhada no crânio do caçador de lobos. Ceres sabia que era contra as regras atirar-lhe mais outra.

Ela prendeu a respiração. O lorde de combate estava perto. Demasiado perto.

Ela deu um passo para a frente.

Ainda a puxar a lâmina, Thanos olhou para Ceres, com os olhos arregalados de medo e o rosto torcido em desespero.

Ele ia morrer.

E não havia nada que Ceres pudesse fazer para impedir que isso acontecesse.

CAPÍTULO DEZ

A gritar, Thanos puxava desesperadamente a lâmina alojada no crânio do caçador de lobos, mas por muita força que ele fizesse, a espada não se movia.

Ouvindo os passos do lorde de combate a aproximarem-se, ele olhou para trás e viu o seu inimigo apenas a dez pés de distância. A sua vida dependia de conseguir recuperar a sua espada, pois ele sabia que um guerreiro sem armas era um guerreiro morto.

Assustado, ele olhou para Ceres, mas ele sabia que estavam três armas no campo e se ela lhe atirasse

outra, ela seria punida.

Ela levantou a palma da mão em direção a ele, e assim que ele ouviu o som da lâmina do seu adversário a descer, a espada de Thanos projetou-se para a sua mão, como se por alguma força mística.

Chocado com o que tinha acontecido, mas sem tempo a perder com isso, Thanos girou e rebolou no chão. A espada do lorde de combate não acertou nele por pouco. A multidão rugia num frenesim antes de recuar para um zumbido estático.

Thanos foi rápido a levantar-se e, só então, ele ouviu Lucious a pedir ajuda.

Ao ver o seu adversário a vários pés de distância, Thanos conseguiu olhar rapidamente e descobrir Lucious sem arma e o seu guardião de armas deitado de bruços na areia vermelha.

"Atira-me alguma coisa! Qualquer coisa!", gritou Lucious para Ceres, com a sua voz cheia de raiva. "Fá-lo agora ou mando esfolar-te viva!"

Quando Thanos virou a sua atenção novamente para o seu inimigo, ele vagamente registou que Ceres atirado a Lucious duas adagas. Mas a sua irritação foi substituída por alarme ao ver o lorde de combate a atirar-lhe uma lança.

Assim como a lança se aproximou, Thanos agarrou-a, impedindo-a de penetrar no seu coração. Depois ele fez girar a lança e atirou-a de novo para o lorde de combate, perfurando-lhe a coxa exatamente onde ele tinha a intenção de o fazer.

"Thanos! Thanos! Thanos! ", a plateia gritava, com os punhos no ar.

O Lorde de combate caiu a seus pés, gemendo de dor, segurando a sua perna, com a lança lá espetada.

Reconhecendo a sua oportunidade, Thanos correu atrás do lorde de combate e bateu-lhe na cabeça com o punho da espada, deixando-o inconsciente.

No entanto, mesmo antes de ele conseguir olhar para o rei para aceitação da sua vitória, Lucious rodeou-o – e, de repente, o lorde de combate de Lucious atacou Thanos, forçando-o a continuar a lutar.

O canalha mandou o seu lorde de combate atacar-me, pensou Thanos.

Era como ele sempre suspeitara: Lucious não tinha qualquer honra.

Enquanto ele estava a lutar contra um novo adversário, Thanos podia ver Lucious a passear até ao portão de ferro.

"Deixa-me entrar ou mato-te e encontro a tua família e torturo-os a todos até a morte!", gritou Lucious.

Thanos ouviu o portão a chocalhar enquanto se abria e a multidão vaiou Lucious.

"Thanos!", gritou Ceres, segurando duas adagas.

Claro. Ele estava a ficar cansado e precisava de armas leves. Ele assentiu com a cabeça na direção de

ela, e ela atirou-lhe as armas.

Imediatamente, Thanos pontapeou o lorde de combate no peito e ele voou para trás. Mas com um equilíbrio impecável, o lorde de combate caiu em pé e avançou em direção a Thanos, de espada na mão. O lorde de combate saltou para a frente, empurrando a sua espada em direção a Thanos, mas Thanos saltou desviando-se.

Enquanto eles se movimentavam em torno da arena, Thanos reparou que, pouco a pouco, o seu rival ficava cada vez mais exausto, com o peito a arfar pesadamente a cada respiração, com os seus movimentos a fraquejar. O seu plano estava a funcionar. Ele não queria matar o homem, não, apenas esgotá-lo para que pudesse deixá-lo inconsciente como tinha feito com o primeiro.

Assim que Thanos aproximou o seu escudo, ele apanhou-o do chão e atirou-o para o rosto do lorde de combate, que caiu no chão sem vida. Pela primeira vez desde que se lembrava e desde que tinha entrado na arena, os espectadores ficaram em silêncio.

Thanos arfou e olhou para cima para o pódio, aguardando a decisão do rei, esperando que não ser ordenado para assassinar o seu adversário inconsciente.

No entanto, a partir do que ele sabia sobre o monarca sedento de sangue, Thanos temia que o Rei Claudius o forçasse a fazer algo que ele se tinha esforçado muito para evitar - matar.

O rei encarou Thanos como se não aceitasse que a batalha havia terminado em favor de Thanos. A tensão entre os dois era palpável. Não havia qualquer som no Stade. Depois de chegar do seu lugar, o rei foi até a borda da plataforma, com a mão estendida e o polegar estendido para o lado.

Finalmente, o rei levantou o polegar para cima, franzindo as sobrancelhas, e os espectadores irromperam em aplausos.

Thanos não podia acreditar. Ceres e ele haviam sobrevivido. Eles tinham sobrevivido!

Ele olhou para Ceres, sentindo gotas de suor a escorrerem-lhe do cabelo e pelo rosto abaixo. Ele assentiu com a cabeça e quando ela sorriu, era como se,

naquele instante, a vitória estivesse completa.

Ele olhou para ela, perplexo. Ela tinha salvado a sua vida mais do que uma vez, e tinha-o feito de uma maneira que ele não entendia.

E pela primeira vez desde que a tinha conhecido, ele estava a começar a questionar-se.

Quem era ela?

CAPÍTULO ONZE

Uma lágrima rebolou pelo rosto de Ceres enquanto os seus dedos percorriam cuidadosamente as armas dispostas nas mesas na arena de treinos. Entre o crepúsculo, ela ouvia risos e música que derramava das janelas abertas do palácio, com cada membro da realeza dentro daquelas paredes altivas a comemorar as grandes vitórias de hoje. Isso fazia com que se sentisse mais sozinha do que nunca. Isso fazia com que

tivesse muitas saudades dos seus irmãos, do seu pai, da sua casa e de Rexus. Isso fazia com que chorasse pela mãe que nunca tinha tido.

Ceres parou e ouviu o suspiro do vento através das árvores. Olhou para cima e viu algumas estrelas a brilhar nela. Ela inalou o ar fresco e o perfume de rosas e lírios enchia as suas narinas. O silêncio era um amigo bem-vindo depois da multidão a rugir no Stade. Mesmo que ela tinha tivesse sido convidada para a festa, ela não teria querido aceitar, não tendo nenhum desejo de se misturar com essa realeza pomposos que se estavam a felicitar uns aos outros por uma batalha que Thanos e ela haviam ganhado.

Thanos. Ela ficava revoltada firmemente ao pensar em como ele ainda nem sequer se tinha dado ao trabalho de a ver depois da Matança. Não houve nenhum

"obrigado". Nenhum "trabalho bem feito." Mas ela não precisava da sua aprovação ou o seu louvor, recordou-se. Não precisava de ninguém.

Chateada com ela mesma por permitir tal melancolia ridícula, ela enxugou as lágrimas do rosto, agarrou numa lança e caminhou até ao centro arena de treinos.

Balançando a lança por cima da cabeça, ela girou-a à volta até se conseguir ouvir um som. Ela, então, atirou-a a um boneco de treino, atingindo-o precisamente no centro do círculo mais pequeno. Ela sorriu.

Sentindo-se muito mais leve, ela vagueou até à mesa novamente e agarrou numa espada - uma que a fazia lembrar a sua própria espada, com uma lâmina fina e longa e o seu punho bronze e ouro.

Avançando para a frente, ela fingiu atacar Lucious - o cobarde - a sua espada movia-se com destreza, com a sua atenção e raiva concentradas no seu inimigo imaginário.

Mantém a luz em movimento. Ela saltou. *Ataca e defende.* Ela lançou-se. *Sê fluida como a água, forte como uma montanha.* Isso era o que os seus treinadores no palácio lhe haviam interiorizado. E tinha sido isso que ela havia praticado durante horas, meses e anos.

"Depois do dia de hoje, eu teria pensado que estarias aconchegada na cama, adormecendo rapidamente."

Ela virou-se rapidamente e viu Thanos a sair detrás de uma árvore de salgueiro, sorrindo.

Ceres baixou a espada e virou-se para ele. Ela tinha o rosto quente de vergonha. Ela viu que ele usava uma camisa solta de linho, com o colarinho aberto. Os cachos escuros do seu cabelo emolduravam o seu rosto. Ela tentou odiá-lo naquele momento.

Mas de alguma forma o seu coração estava aquecido com a sua presença.

"Eu poderia dizer-te o mesmo", disse ela, levantando uma sobrancelha, esperando que ele não notasse que ela tinha o seu coração acelerado.

"Eu estava prestes - mas então eu ouvi alguém a treinar na arena abaixo do meu quarto."

Ela olhou para a varanda na parte de cima da torre, com a porta aberta e cortinas vermelhas a dançar ao vento.

"Desculpa não te deixar dormir, meu lorde", disse ela, olhando para ele.

"Thanos, por favor", disse ele, curvando-se em direção a ela, mantendo contacto visual.

Ele sorriu e deu um passo em direção a ela.

"Na verdade, não foste tu que não me deixaste dormir. Eu saí da festa o mais rápido que consegui para te procurar e foi então que te vi da minha varanda", disse ele.

"Porque é que estavas à minha procura?", perguntou, tentando ignorar a energia nervosa que pulsava através dela.

"Eu queria agradecer-te por hoje", disse ele.

Ela olhou fixamente para ele por um momento, tentando segurar a raiva por ele que estava rapidamente a desaparecer.

"Que habilidade fantástica tu tens", disse ele. "Foste bem ensinada."

Ela não quis revelar que se tinha andado a vestir como um rapaz, a treinar com os lordes de combate no palácio. Ele poderia denunciá-la. E ele fá-lo-ia, não era?

Eles podiam ser aliados na arena, mas no mundo real, eles eram inimigos.

"O meu pai era um couteleiro", disse ela, esperando que ele não quisesse saber mais sobre os seus treinos.

Ele assentiu.

"E onde é que ele está agora?", perguntou Thanos.

Ceres olhou para baixo, pensando pesadamente no seu pai a centenas de milhas de distância.

"Ele teve de aceitar trabalho noutra sítio", ela sussurrou.

"Fico triste em saber, Ceres", disse Thanos, aproximando-se ainda mais.

Ela desejou que ele se mantivesse afastado, pois assim tão perto, era difícil considerá-lo seu inimigo e desprezá-lo por isso.

"E a tua mãe?", perguntou ele, observando-a de perto.

"Ela tentou vender-me como escrava", Ceres admitiu, pensando não havia mal nenhum em dizer-lhe a verdade sobre a sua mãe.

Ele acenou com a cabeça, cerrando os lábios.

"Sinto muito", disse ele.

Irritou-a que ele se tivesse desculpado por aquilo. Um príncipe. Era em parte por sua culpa que o seu pai não tinha sido pago o suficiente no palácio, precisando procurar trabalho noutra lugar.

"Como é que estão as tuas feridas?", ela perguntou, caminhando até à mesa e colocando a espada sobre ela, na esperança de levar a conversa para assuntos mais seguros.

"Vão sarar", disse ele enquanto a seguia.

Ao lado dela, com os braços cruzados, ele estudou o seu rosto por um momento.

"Como é que fizeste aquilo?", perguntou.

"O quê?", perguntou Ceres.

"Hoje, na arena. Primeiro, atiraste-me um escudo. Eu nunca tinha ouvido falar de um caçador de lobos, e muito menos que os animais conseguiam expelir chamas".

Ela encolheu os ombros.

"O meu pai já me tinha falado do caçador de lobos", ela mentiu.

"Depois, a minha espada... ficou alojada no crânio do caçador de lobos", disse ele, a pestanejar. "Tu ergueste a mão e a lâmina projetou-se para a minha mão com uma força..."

"Eu não fiz isso!", interrompeu-o Ceres, afastando-se, com receio por ele estar muito próximo dela.

Ele olhou para ela com olhos gentis e inclinou a cabeça para o lado.

"Estás a dizer que aquilo foi da minha imaginação?", perguntou.

Ela ficou relutante. Estaria ele a tentar apanhá-la numa armadilha? Ela precisava escolher as palavras com cuidado ou poderia ser atirada para a prisão por insinuar que ele era um mentiroso.

"Tenho a certeza de que não sei sobre o que estás a falar", disse ela.

As sobrancelhas dele juntaram-se e ele abriu a boca como se fosse falar, mas em vez disso, ele deu um passo em direção a ela e colocou-lhe a mão no ombro, deixando-a deslizar pelo braço abaixo.

Um arrepio delicioso percorreu Ceres e ela odiou a forma como o seu corpo a traiu.

"Não importa", disse ele. "Obrigado, mesmo assim. A tua seleção de armas fez toda a diferença."

"Sim, talvez o teu lindo cabelo tivesse ficado chamuscado se eu não tivesse oferecido o escudo", disse ela com um sorriso, tentando tirar o melhor partido da situação.

"Achas que eu tenho um cabelo bonito?", perguntou.

A sua respiração escalou e ela não conseguia entender como é que ela poderia ter deixado um comentário tão irreverente escapar-se-lhe dos seus lábios.

"Não", ela disse bruscamente, cruzando os braços em frente ao peito.

Os lábios dele contraíram-se.

"Bem, então, também não acho que tenhas uns olhos lindos", disse ele.

"Então está resolvido."

Ele assentiu e Ceres aproximou-se de um salgueiro.

"Está a ficar tarde", disse ela.

"Talvez eu possa acompanhar-te até casa?", disse ele, seguindo-a novamente.

Ceres baixou os olhos e abanou a cabeça.

"Ou talvez precises de um lugar para ficar?", perguntou ele, quase a sussurrar.

Não deveria ela dizer-lhe a verdade? Se não o fizesse, sabia que teria de dormir ao ar livre todas as noites.

"Sim", disse ela.

"Não há espaço para ti dentro das muralhas do castelo, mas mesmo ali seguindo este caminho ao lado do poço está uma casa de verão que está vaga e tu és bem-vinda para lá ficares."

Ele apontou para uma pequena cabana isolada por árvores, coberta de videiras.

"Eu ficaria muito grata", disse ela.

Ele a pegou no braço dela e estava prestes a levá-la até lá, mas, nesse momento, uma miúda surgiu dos arbustos. Ela era linda, pensou Ceres, com o cabelo loiro e olhos castanhos, com uma pele suave como a seda e os lábios vermelho sangue. Ela usava um vestido de seda branca e quando uma brisa soprou contra o rosto de Ceres, ela percebeu que a miúda cheirava a rosas.

Sentindo-se um pouco estranha, Ceres afastou o seu braço do de Thanos.

"Olá, Stephania", disse Thanos. Ceres conseguiu detectar uma ligeira irritação na sua voz.

Stephania sorriu para Thanos, mas quando os seus olhos alcançaram Ceres, a miúda franziu o rosto.

"Quem é que temos aqui?", perguntou Stephania.

"Esta é Ceres, minha guardiã de armas", disse Thanos.

"Onde é que estás a ir com a tua guardiã de armas?", perguntou Stephania.

"Isso não te diz respeito", respondeu Thanos.

"Estou certo de que o Rei Claudius ficaria encantado por saber que te estás a encontrar com a tua guardiã de armas durante a noite e a acompanhá-la para destinos desconhecidos", disse Stephania.

"Estou certo de que o rei ficaria igualmente encantado por saber que estás a andar pelos jardins do palácio durante a noite em roupa de dormir, sem estares acompanhada pelas tuas servas", respondeu

Thanos num ápice.

Stephania ergueu o nariz, girou sobre os calcanhares e desapareceu pelo caminho pavimentado, de volta para o palácio.

"Não te importes com ela", disse Thanos. "Ela só está chateada por eu me ter recusado a casar com ela."

"Era ela?", perguntou Ceres.

Ele não respondeu à sua pergunta, oferecendo-lhe apenas o seu cotovelo novamente.

"Talvez ela estivesse certa. Talvez isto seja inapropriado", disse Ceres.

"Disparate", disse ele, e então ele fez uma pausa antes de sorrir e dizer: "A menos que estivesse a pensar que assim fosse?"

"Claro que não", disse Ceres, incomodada, com as suas bochechas a ficarem quentes.

Quando ela enrolado um braço no seu para provar o seu ponto, ela ficou irritada com ela própria por estar a gostar e, imediatamente, ela reforçou a sua determinação para não deixar o príncipe encantado aproximar-se de qualquer lugar perto do seu coração.

CAPÍTULO DOZE

Em pé, no topo de uma colina com vista para Cumorla, a capital da Haylon, uma ilha remota no Mar Mazonian, o coração do comandante Akila elevou-se com alegria ao observar a estátua do Rei Claudius a ruir. Ele inalou o ar e a doce sensação de justiça encheu-o, enquanto o fumo do castelo do rei se elevava no céu azul acima da cidade.

Justiça, pensou Akila. A justiça estava finalmente a ser servida hoje. Todos os últimos parentes reais do rei tinham sido trancados dentro daquela abominável estrutura de sete pináculos, que agora tinha sido incendiada.

O vento empurrava a sua armadura enquanto ele contemplava os milhares de homens na encosta, com as suas bandeiras vermelhas batendo pela causa da revolução. Antes do crepúsculo, ele iria levá-los para uma batalha que os libertaria, finalmente, de séculos de opressão. O seu peito encheu-se de orgulho.

O povo de Haylon tinha sofrido o suficiente sob o domínio dos reis tirânicos.

Eles tinham pago impostos ilógicos, enviado os seus melhores guerreiros para Delos e feitos vênias aos dez mil soldados do Império que assolavam as ruas dia e noite. Durante toda a sua vida, Akila tinha visto mulheres e filhas estupradas, crianças a serem açoitadas e presas. Os jovens eram forçados a trabalhar longos dias nos campos do rei, voltando com vergões e olhos deprimidos. Ele sabia que já deviam ter recuperado a sua liberdade há muito tempo, que já deviam ter recuperado as suas vidas.

Um mensageiro aproximou-se.

"Cumorla Ocidental está segura, Lorde", disse ele.

"Os soldados do Império?", perguntou Akila.

"Estão a fugindo para leste."

"Quantas vidas civis perdidas?"

"Trezentos, até agora."

Akila cerrou os punhos. Era menos do que o esperado, mas cada vida perdida era um peso na sua consciência, mais um filho ou filha morta, uma mãe, irmão, irmã, pai massacrados ao defender a liberdade daquela terra.

Ele dispensou o mensageiro e fez sinal ao seu tenente para alertar a onda final de milícias. Eles iriam prender os invasores na entrada ocidental e tratá-los com a mesma cortesia com que haviam tratado o seu povo. Não iria restar muito deles depois daquilo o que deixava Akila muito satisfeito.

Akila esporeou o seu cavalo para frente, liderando o tenente e os seus homens para a batalha. Ele cavalgou pela colina abaixo, atravessando as portas do lado

norte da cidade, passando por passagens com varanda, estalagens encerradas e barracos de trabalho fechados a cadeado. Ele passou por famílias amontoadas em cantos, crianças deitadas de barriga para baixo nas ruas de pedra e por cavalos em fuga sem cavaleiros. As milícias seguiam Akila sem os muros da cidade, escondendo-se atrás de trincheiras para esperarem os milhares de soldados do império que em breve iriam fugir pelos portões e tentariam fugir em direção ao porto.

Akila tinha dito aos seus homens aquela manhã que nenhum devia escapar quando ordenou a centenas de homens para ficar de guarda nas docas. Mesmo que fosse apenas fugitivo tal significava que a palavra se espalharia até Delos - e, depois, o rei enviaria dezenas de milhares de soldados do Império para Haylon.

Passaram-se minutos e mais minutos, até que eles ficaram à espera quase uma hora, enquanto o crepúsculo descia.

Então, de repente, Akila viu o primeiro soldado do Império a aparecer a cavalgar, segurando a insígnia do Império.

"Viva o Rei Claudius!", gritou o soldado.

Três flechas em chamas atingiram-no no peito.

Ele caiu do cavalo, para o canal abaixo da ponte.

Seguiram-se mais três soldados do Império, todos caíram, também, ao passar a cavalgar pelos portões.

Soldado após soldado gotejavam para fora dos portões da cidade, seguindo-se uma batalha brutal.

Quando a noite caiu, Akila liderou o caminho dando um grito de batalha feroz.

À sua volta, os seus homens estavam a perder as suas vidas em nome da liberdade, uma liberdade que nunca iriam ver, mas talvez os seus filhos fossem.

Akila reuniu os seus guerreiros mais cruéis para irem com ele para a cidade.

Ele olhava para os lados para vê-los agora nos seus cavalos a trovejarem nos seus ouvidos. Ele liderou o grupo de trezentos através da entrada sul e, em seguida, enquanto cavalgavam, separou-os em quatro grupos de cinquenta, cada um para procurar os soldados do Império em diferentes direções.

Com tochas e espadas, Akila levou os seus homens por sinuosas ruas abaixo, parando em cada casa, procurando – numa caça grossa, sem encontrar um único inimigo. Quase no final da sua busca, eles foram dar a um estábulo atrás da mansão do padre. Akila achou que ali parecia ser um excelente esconderijo para os soldados do Império.

No momento em que ele estava prestes a ordenar aos seus homens para procurar no estábulo, o padre saiu da sua casa.

"Viu algum soldado do Império a passar por aqui?", perguntou Akila, descendo do seu cavalo.

"Não", disse o sacerdote, com as mãos entrelaçadas, como se em reverência à frente da sua pessoa.

Mas havia algo perturbador nos olhos do padre que fez Akila achar que ele estava a mentir.

"Procurem no estábulo", disse Akila aos seus soldados e eles imediatamente foram e entraram no edifício.

Ouviu-se um alvoroço repentino e quando Akila se virou, o padre saiu a correr pela rua. Akila correu atrás dele, mas ao chegar à rua, viu o padre a galope num cavalo em direção da entrada sul.

Akila assobiou e, assim que o seu cavalo estava ao seu lado, ele saltou para cima dele e cavalgou atrás do fugitivo. O padre passou pelas portas da cidade, com Akila nos seus calcanhares, mas Akila não conseguia alcançá-lo.

Cavalgando para leste, Akila chicoteava o seu cavalo para a frente sem descanso, com os olhos no fugitivo. Passou por palmeiras e saltou cercas, passando por campos verdejantes e dunas de areia. Descendo atrás do padre por uma colina íngreme, ele então viu um cais improvisado, escondido debaixo de uma cúpula de árvores. Nenhum dos seus homens tinha recebido ordens para vigiar aquela doca porque ninguém sabia que ela estava ali.

Para seu horror, ele viu o padre a afastar-se num pequeno barco à vela, com o vento a apanhar imediatamente a vela vermelha.

Quase lá, Akila perguntava-se se o seu cavalo iria dar o salto a partir do cais de desembarque e entrar no barco, com a distância a aumentar a cada segundo. Os músculos do cavalo contraíram-se debaixo dele, mas Akila dirigiu-o para a frente.

O cavalo saltou do cais e para a embarcação, derrapando ao aterrar no convés de madeira escorregadio, atirando Akila ao chão.

Ligeiramente atordoado por causa da queda, Akila levantou-se e puxou a espada.

O padre atacou de imediato, com a espada erguida, equilibrando-se e apunhalando com a ferocidade de

um homem que sabia que a sua vida estava em jogo.

Akila correu para a frente e golpeou a lâmina na direção do traidor, cortando-o no rosto. O homem rosnou, deixou cair a espada e sacou de uma adaga, lançando-a para Akila. Mas Akila viu-a a aproximar-se e bloqueou-a com a sua lâmina.

O padre girou e atirou um recipiente a Akila e, em seguida, uma paleta de madeira. Akila desviou-os. Em seguida, o padre apanhou uma rede e atirou-a a Akila de modo a que a sua mão que segurava a espada ficasse enrolado nela. Em seguida, ele puxou a rede, fazendo Akila tropeçar para a frente.

Vindo na sua direção, o padre apanhou a sua espada e apontou-a ao peito de Akila, mas este usava uma armadura pesada e a espada do homem deslizou pelo metal como manteiga, fazendo com que o padre tropeçasse.

Aproveitando-se, Akila abanou para fora do seu braço e esfaqueou o padre.

Ele caiu no convés, morto.

Akila puxou a lâmina para fora do corpo inerte do padre e limpou-a na rede antes de a embainhar de novo.

Sem perder um segundo, ele olhou para as muralhas da cidade e vendo que o céu negro estava a ficar azul-marinho, ele percebeu que precisava de voltar para seus homens, e rapidamente. Ele navegou o barco de volta para o cais, incendiou o barco, e cavalgou com todas as suas forças na direção da entrada oriental.

Assim que chegou, o céu ficou enfeitado de rosa. A vitória foi chamada e uma nova bandeira foi colocada no topo das paredes exteriores de Cumorla.

Os sinos da liberdade tocavam pela capital e Akila andava pelas ruas da cidade com a sua milícia, homens, mulheres e crianças a aclamarem por eles.

Ele olhou para norte e pensou nos seus familiares em Delos, ainda em cativeiro, e ele sabia, no fundo do seu coração que a liberdade estava a chegar também para eles.

Por ali, pela primeira vez na história, ele estava na primeira terra livre no Império.

A revolução tinha começado.

CAPÍTULO TREZE

Ceres sentiu uma pontada de medo ao percebeu que alguém a estava a seguir.

Ela acelerou o passo no rochoso caminho branco, iluminado pelo sol da manhã, serpenteando o seu caminho pelo meio da relva verde e das intermináveis filas de flores, com a sua mente ainda a recuperar-se do seu encontro na noite anterior com Thanos. Ela fez uma pausa e olhou por cima do ombro, ouvindo os passos que ela sabia que acabara de ouvir.

No entanto, não havia ninguém à vista.

Ceres congelou e ouviu. Ela não tinha tempo para jogos irritantes. Ela precisava de chegar ao campo de treinos do palácio com as armas no carrinho de mão antes dos treinos começarem. De outra forma, Thanos ficaria desarmado.

Quem poderia ser?

Cheia de calor, ela olhou para o céu e uma gota de suor rebolou pela sua testa abaixo. O sol era já um disco brilhante e quente e, assim como os jardins, ela estava a murchar. Os músculos dos seus braços e ombros começaram a queimar, mas ela não se podia dar ao luxo de descansar. Ela já estava demasiado atrasada.

Empurrando o pesado carrinho de mão, ela apanhou o ritmo, e quando os passos voltaram, ela girou e não vendo ninguém, a sua irritação aumentou.

Finalmente, ao aproximar-se do mirante, os passos ficaram mais altos e, ao olhar por cima do ombro novamente, desta vez ela viu Stephania, usando um vestido vermelho de seda e uma coroa dourada no seu cabelo dourado.

Claro. A princesa bisbilhoteira.

"Olá, miúda das armas", disse Stephania, com um leve franzido no rosto.

Ceres baixou a cabeça e voltou-se, ansiosa para escapar. Mas antes de Ceres conseguir escapar, Stephania colocou-se na sua frente, bloqueando o caminho estreito.

"Como é que uma miúda se torna algo tão baixo quanto uma guardiã de armas, eu me pergunto?", perguntou Stephania, com a mão a bater nos seus quadris.

"Thanos contratou-me", respondeu Ceres. "Agora, se fores gentil..."

"Diriges-te a mim como sua alteza!", disse Stephania de rompante.

Ceres ficou surpreendida. Ela queria repreender a miúda mimada, mas, em vez disso, ela manteve a cabeça baixa, lembrando-se de que ela não estava ali para proteger a sua honra, apenas para lutar pela revolução.

"Sim, sua alteza", disse ela.

"É importante que saibas qual é o teu lugar, não concordas?", disse Stephania.

Ela fez um lento círculo em torno de Ceres, com um olhar inquisitivo, com as mãos cruzadas atrás das costas, fazendo barulho nos tijolos ao caminhar com os elegantes sapatos.

"Desde o dia que chegaste que eu tenho estado a observar-te. Estarei *sempre* a observar-te. Estás a ouvir?", disse Stephania.

Ceres mordeu os lábios para não ser tentada a dizer algo desrespeitoso em troca, apesar de estar cada vez a ser mais difícil permanecer em silêncio.

"Eu vejo a maneira como olhas para o príncipe Thanos, mas serias tola em pensar que ele iria considerar-te qualquer outra coisa que não..."

"Posso garantir-te...", começou Ceres.

Stephania aproximou-se tanto do rosto de Ceres que os seus narizes estavam apenas a uma polegada de distância. Em seguida, ela sussurrou com os dentes cerrados. "Não interrompas o teu superior quando ela está a falar!"

Ceres espremeu os dedos em torno das pegas do carrinho, com os seus antebraços agora a queimarem.

"O príncipe Thanos pode-te ter contratado, mas como sua futura esposa, é minha responsabilidade garantir que as suas associações são confiáveis", disse Stephania.

Agora Ceres já não conseguia aguentar mais.

"Thanos disse-me que não ia casar contigo", disse ela.

Stephania estremeceu.

"Thanos é um homem inteligente, mas não é um bom juiz de caráter. Ele provavelmente não averiguou as transgressões que podias ter no teu passado antes de te contratar".

Será que Stephania sabia acerca de ela ter morto o traficante de escravas e os seus guardas? Ceres perguntou-se, considerando agora que poderia perder a sua posição no palácio e ser punida por isso se se soubesse.

"Não há transgressões no meu passado", disse Ceres severamente.

Stephania riu-se.

"Oh, vá lá. Toda a gente fez algo no passado do qual tem vergonha", disse ela.

Stephania pegou uma espada do carrinho de mão e cutucou a perna de Ceres com ela. Oh, como Ceres queria dar à princesa mimada uma lição de esgrima, revelando o quão inapta as suas limpas e delicadas mãos de monarca eram. Mas ficou imóvel.

"E acredita em mim", disse Stephania ao erguer a lâmina no rosto de Ceres, a um fio de cabelo de distância. "Se houver nem que seja apenas uma lasca de transgressão no teu passado, eu vou descobrir, e depois fazer com que te expulsem do palácio, atirada de cabeça."

Stephania atirou a espada para o chão ao lado dos pés de Ceres, tinindo ao aterrar.

"Thanos é meu, estás a ouvir?", disse Stephania. "Ele foi-me prometido pelo rei e pela rainha e se te meteres no caminho do nosso casamento, eu, pessoalmente, cortarei a tua garganta enquanto dormes na minha futura casa de verão."

Stephania empurrou Ceres com o ombro quando ela passou, indo em direção aos campos de treino do palácio.

*

Assim que Ceres chegou à arena de treinos, ela pressentiu que algo estava errado. Não era que Stephania estivesse a olhar ameaçadoramente para ela sob os salgueiros, embora a conversa ainda estivesse a nadar na mente de Ceres, irritando-a infinitamente. Não era que parecesse que o dia iria se transformar no dia mais quente do ano, ou que Thanos não estivesse ali ainda, a praticar.

Enquanto empurrava o carrinho em direção à sua mesa de armas, os seus olhos seguiam Lucious no meio da arena de treinos. Ele estava a segurar uma garrafa de vinho numa mão, uma espada na outra. O seu novo guardião de armas estava ajoelhado diante dele com uma expressão preocupada, enquanto balançava uma maçã na sua cabeça. O guardião de armas tinha vários pequenos cortes no rosto e um no pescoço, Ceres viu.

"Fica... muito... quieto", disse Lucious, fechando os olhos enquanto apontava a ponta da sua espada em direção à cabeça do guardião de armas.

Os outros guerreiros reais e os seus guardiões de armas estavam a observar, revirando os olhos, de braços cruzados sobre o peito.

Aproximando-se, Ceres conseguiu ver que o rosto e os braços de Lucious estavam feridos e um olho estava inchado e vermelho. Ela não se lembrava de ele ter ficado assim no dia anterior nas Matanças. Teria alguma coisa acontecido após o evento?

Ela caminhou até a mesa e começou a colocar as armas e a prepará-las para quando Thanos chegasse. Espadas, adagas, um tridente, um chicote.

Pelo canto do olho, ela viu Lucious a cambalear, fazendo com que os outros guerreiros reais e alguns guardiões de armas se rissem.

Lucious tocou com a ponta da espada no nariz do guardião de armas. Este estremeceu com os olhos fechados, quando uma gota de sangue lhe escorreu até à boca.

"Não movas um músculo ou podes ficar sem cabeça", disse Lucious. "E serias o único culpado."

Aquilo era uma loucura, pensou Ceres. Será que ninguém podia fazer nada?

Ela olhou para os outros, mas ninguém disse uma palavra nem parecia ter qualquer intenção de ajudar a vítima de Lucious.

Em seguida, Lucious levantou a espada, mas antes de ele dar balanço, o guardião de armas choramingou e a maçã caiu da sua cabeça para o chão, saltando com o impacto, rebolando um pouco.

"Eu disse-te para ficares quieto!", Lucious vociferou.

"Eu... eu sinto muito", disse o guardião de armas, encolhido para trás, com um olhar de medo.

"Sai da minha vista, inútil pedaço de esterco!", gritou Lucious.

O jovem, de joelhos no chão, levantou-se e correu até a mesa das armas de Lucious. Só então, Thanos

chegou.

"Bom dia", disse ele a Ceres, não tendo testemunhado o que aconteceu.

"Parece-me que dormiste bem?"

"Sim, obrigado", disse Ceres, sentindo-se agora, repentinamente, muito mais leve com a sua presença.

Ela continuou a colocar armas em cima da mesa, mas quando ele ficou quieto, ela olhou para ele. Para sua surpresa, ela descobriu que ele estava a observar o seu rosto com olhos que pareciam querer possuí-la e, quando ela lhe levantou uma sobrancelha, os lábios dele inclinaram-se para cima sugerindo um sorriso.

Ela sentiu o rosto quente.

Sem uma palavra entre eles, ele começou a ajudá-la a organizar as armas.

É estranho ele estar a ajudar-me, pensou Ceres. Ele é um príncipe. Talvez ele estivesse a tentar mostrar agradecimento, em troca da forma como ela o havia ajudado nas Matanças? Ele não tinha de o fazer, Ceres sabia, embora ela soubesse uma coisa. Quando ele demonstrava a sua bondade daquela forma, ficava mais difícil para ela conciliar o homem atencioso diante de si com o homem arrogante que ela sempre tinha pensado que ele era.

Ceres olhou para Stephania. Os olhos da princesa expeliam ódio na sua direção. Certamente, não devia ser porque Stephania estivesse com ciúmes dela?

Thanos não se iria interessar por uma plebeia, pois não?

Ceres sacudiu a cabeça e riu-se um pouco, atirando para fora da sua mente aquele pensamento ridículo.

"O que é que se passa?", perguntou Thanos, sorrindo.

"Nada", disse Ceres. "Então, o que aconteceu com Lucious afinal?"

"Estás a referir-te às contusões?"

"Sim."

"O rei tinha-lhe batido por ele ter agido de uma forma tão covarde ontem", disse Thanos.

Apesar de ela, também, achar que Lucious era um imbecil covarde, Ceres não conseguia deixar de sentir pena dele. Ela própria havia sido ferida e espancada inúmeras vezes, e não era algo que ela desejasse a ninguém.

De repente, Lucious gritou com o seu guardião de armas e, assim que ela olhou para cima, viu Lucious a esmurrar o jovem no estômago.

"Porque é que ninguém faz nada?", perguntou Ceres.

Imediatamente, Thanos caminhou em passos largos até Lucious, parando a poucos passos de distância.

"O que é que estás a tentar provar?", perguntou Thanos.

Lucious ridicularizou.

"Nada."

Thanos deu um passo ameaçador em direção a Lucious.

"Porque é que haveria de ter alguma coisa a provar a alguém? Quero dizer, olha para ti, qualquer coisa é melhor do que ter uma miúda maltrapilha e magricela como guardião de armas", disse Lucious com uma risada desdenhosa.

"Eu sugiro que trates o teu guardião de armas com respeito e, se não o fizeres, eu tenho certeza que o rei não verá nada de errado em que te defendas a ti próprio na arena", disse Thanos.

"Isso é uma ameaça?", perguntou Lucious, com um olhar enfurecido.

Naquele preciso momento, chegou um mensageiro que entregou a Thanos entregou um pergaminho. Thanos lê-o e, olhando para Ceres, fez-lhe um aceno com a cabeça antes de se dirigir em direção ao palácio.

Teria ele sido convocado? Ceres indagou-se, não muito entusiasmada por ter sido deixada sem qualquer instrução.

Um soldado do Império entrou no centro da arena e listou a ordem pela qual a realeza iria treinar, com Lucious contra Argus a começar.

"Finalmente!", disse Lucious.

Ele atirou a garrafa de vinho ao chão, partindo-a. O seu guardião de armas ofereceu-lhe uma espada. Ele agarrou nela e, em seguida, com um entusiasmo artificial, Ceres pensou, ele caminhou a passos largos para a arena de treinos onde Argus esperava.

O soldado do Império sinalizou o começo do jogo e a realeza começou a treinar. O primeiro ataque de Lucious terminou com a sua espada a partir-se no chão, com alguns espectadores a rirem-se, outros a reboarem os seus olhos.

Ceres viu que Lucious usava a sua energia imprudentemente, com os seus golpes e investidas descuidadas, com demasiado esforço.

Os candidatos tomaram os seus lugares novamente, lâmina contra lâmina, mas poucos segundos depois de começar de novo, com apenas algumas pancadas,

Argus atingiu a espada de Lucious para fora das suas mãos e apontou a ponta contra o peito de Lucious.

Assim que o soldado do Império declarou Argus o vencedor, este baixou a espada e correu para fora da arena de treinos.

"Vá lá, primo. Dá-me mais uma oportunidade!", gritou Lucious atrás dele. "Eu não estava sequer a tentar!"

Quando Lucious viu que Argus não o iria entreter, ele virou-se para o seu próprio guardião de armas.

"Xavier, luta comigo", disse Lucious.

"M... Majestade?", disse Xavier com uma gaguez nervosa. "Eu lutaria, meu Lorde, mas não tenho nenhuma habilidade."

Irritado, Lucious dirigiu-se à sua mesa de armas, agarrou numa adaga e esfaqueou Xavier no abdómen.

Ceres levou a mão à boca, sobressaltando-se com os outros quando o guardião de armas chorou e caiu no chão, com os braços à volta da sua cintura.

"Tirem-me o raquítico da minha frente!", gritou Lucious.

Em poucos segundos, os soldados do Império içaram para uma maca o guardião de armas que gemia e levaram-no embora.

"O que eu não entendo", disse Lucious, fazendo o seu caminho até à mesa de Georgio, "é como é que eu fico sempre preso à incompetência. Georgio, amigo, empresta-me o teu rapaz."

Georgio colocou-se entre o seu guardião de armas e Lucious.

"Lucious, sabes que te tenho em alta conta. Mas isto é loucura. Vai para casa", disse Georgio com uma risada, pousando uma mão sobre o ombro de Lucious.

"Tira as tuas mãos de menino bonito de cima de mim!", gritou Lucious, sacudindo o braço de Georgio.

Gritando obscenidades, Lucious aproximou-se de outro guardião de armas, exigindo que ele lutasse com ele, mas o seu mestre recusou também.

"Será que ninguém vai lutar comigo?", gritou Lucious, virando-se lentamente em círculo enquanto os seus olhos observavam os presentes. "Vocês não passam de esterco de galinha miseráveis?"

Com animosidade nos seus frios olhos, ele continuou a escrutinar os presentes, mas a maioria desviou o olhar.

Então ele viu Ceres.

Ele caminhou em passos largos na sua direção, apontando, e ela ficou com um buraco no estômago.

"Tu!", gritou ele. "Vais lutar contra mim!"

Ceres sentia que ganharia um jogo contra ele, mas estava relutante em aceitar, temendo magoá-lo ou fazê-lo parecer o guerreiro incompetente que ele era em

frente aos seus pares. E se ela o fizesse parecer incompetente, ela suspeitava que Lucious fizesse tudo

para ela perder a sua posição no palácio.

"Não o querendo desrespeitar, mas eu não posso lutar contigo", disse ela.

"Mas vais!", disse Lucious. "Na verdade, ordeno-te que lutes comigo."

Ela olhou para os outros, alguns deles abanando a cabeça, outros à procura de distância. Stephania sorria maliciosamente. Poderia ela recusar? E o que aconteceria se ela o fizesse? Será que Lucious a demitiria? O bom sendo dizia-lhe que provavelmente ele o faria.

"Então eu devo aceitar a ordem", disse ela, pensando que poderia ser melhor aceitar que recusar.

O rosto de Lucious iluminou-se.

"Mas, primeiro, eu posso ir buscar a minha espada ao chalé do ferreiro?", perguntou Ceres, pensando na espada do seu pai.

"Despacha-te, maltrapilha", disse Lucious.

O seu comentário exasperou-a, mas ela não deixaria que palavras insultuosas de um cobarde bêbado a afetasse.

Animada, como um dia de primavera, por finalmente ser capaz de usar a sua espada num combate real um-para-um, Ceres correu para o chalé do ferreiro e encontrou a espada no sótão onde ela a havia deixado. Ela correu de volta para a arena de treinos e tomou o seu lugar à frente de Lucious, que estava pronto com a sua própria espada.

Lucious deu uma olhada para a espada de Ceres e ficando de boca aberta.

"Onde é que um roedor como tu obteve uma arma como essa?", perguntou ele com os olhos cobiçosos.

"o meu pai deu-me."

"Bem, que tolo ele deve ter sido", disse Lucious.

"E porquê?", perguntou Ceres.

"Hoje vou ganhar-te e, quando isso acontecer, a tua arma será minha."

Lucious lançou a Ceres. As lâminas deles colidiram. Embora Lucious tivesse bastante falta de músculo, sendo até desengonçado, ele era forte. Após bloquear alguns golpes, ela começou a duvidar se seria capaz de vencer.

Ele golpeou novamente, mas ela resistiu. Com espada contra espada, eles andavam às voltas enquanto olhavam nos olhos um do outro. Ela conseguia ver o seu ódio por ela naquelas íris cor de avelã, questionando-se sobre o que ela poderia possivelmente ter feito para merecer aquilo.

Ele empurrou-a com força e ela teve, por isso, de andar para trás alguns passos, de modo a não cair, e, em seguida, ele atacou-a de cima e ela bloqueou por baixo.

Os espectadores fizeram um leve barulho de excitação.

Ela atacou golpeando, mas ele recuou e balançou um pouco, com a testa húmida de suor e os seus ombros tensos.

Mas, então, os olhos de Lucious ficaram sombrios e ele girou na direção dela, precipitadamente. Ela saltou sobre a lâmina e, assim que ela conseguiu, pontapeou-o no abdómen e ele caiu de costas.

Ele não se mexeu durante um momento. Ceres perguntou-se se ele estaria inconsciente. Mas um grito repentino saiu dos lábios dele e ele sentou-se.

Apoiando-se na sua espada, ele ficou de pé enquanto resmungava algo por baixo da sua respiração.

"Tu és melhor do que eu pensava, eu vou mostrar-te como é que é", disse Lucious. "Mas eu estava a facilitar-te a vida. Agora acabei a brincadeira e tu, pequeno rato, deves morrer."

O suor ardia nos olhos de Ceres. Ela ergueu a espada respirando profundamente. Ela conseguia sentir o olhar de Stephania por detrás de si, o que ainda a fazia mais querer triunfar.

Indo na direção de Ceres, Lucious atacou com toda a força. Ela fingiu que iria estar erguida, mas depois, no último minuto desviou-se e pontapeou-o no meio das pernas e ele caiu de barriga no chão.

A sua espada deslizou pelo chão, parando a poucos passos de distância.

Seguidamente, fez-se um silêncio absoluto.

Lucious rebolou de costas. Ceres estava por cima dele, segurando a ponta da espada na sua garganta, esperando que o soldado do Império designasse o vencedor.

Mas o soldado permanecia em silêncio.

Ela olhou para cima. O soldado do Império continuava sem dizer anda, com uma expressão impassível no rosto.

Olhando ameaçadoramente, Lucious levantou-se e cuspiu no chão ao lado dos pés de Ceres.

"Eu recuso-me a reconhecer a vitória de uma miúda", disse ele.

Ceres deu um passo adiante.

"Eu ganhei justamente", disse ela.

Lucious levantou a mão e bateu-lhe com as costas da mão no rosto. Aquela investida desmoralizante fez com que vários espetadores se sobressaltassem. Sem sequer pensar duas vezes, agindo apenas por raiva e impulso, Ceres deu-lhe um estalo em troca.

Assim que a sua mão atingiu o rosto dele, ela teve noção de que era um grande erro; porém, não havia nada que ela pudesse fazer para voltar atrás. Toda a gente tinha visto e, embora ela não tivesse bem a certeza de qual seria a punição por bater num membro da realeza, ela sabia que seria grave.

A segurar a sua face, Lucious olhou para ela com os olhos arregalados de surpresa e, por alguns momentos, era como se o tempo tivesse congelado.

"Prendam-na!", gritou ele, apontando para ela.

Ceres vacilou alguns passos para trás, com o tempo a passar como se estivesse num pesadelo. Mas a sua mente parecia não querer funcionar e antes mesmo de ela conseguir sequer pensar o que fazer ou o que dizer, dois soldados do Império tinha-lhe agarrado os braços.

Um momento depois, eles arrastaram-na para longe, para muito longe dali, para longe da vida que ela quase teve.

CAPÍTULO CATORZE

"Rexus!"

Rexus virou-se para ver um Nesos frenético a correr em direção a ele e o seu coração ficou inundado de pavor. Nesos tinha sido enviado numa missão importante, por isso a sua presença ali não poderia ser boa, Rexus sabia.

Nesos derrapou até parar bem à frente de Rexus, com poeira a agitar-se no ar, descansando as mãos sobre os joelhos enquanto arfava.

"Acabo de vir... do norte de Delos e... os soldados do Império estão em toda parte... a dizer que novas leis estão a ser promulgadas, eles estão a levar...

homens primogénitos, abatendo... qualquer um que se recuse", disse Nesos, ainda ofegante, com o suor a escorrer-lhe pelo rosto.

O sangue de Rexus coalhou. Ele desatou a correr em direção à entrada principal do castelo. Ele tinha de avisar os outros.

"Em seguida, eles vão atacar o leste de Delos e depois o oeste... e, finalmente, o sul", disse Nesos, arrastando-se atrás dele.

Rexus teve uma ideia.

"Leva contigo alguns homens e manda todas as pombas que temos alertar os nossos apoiantes", disse ele. "Pede-lhes para se encontrarem abaixo da Praça Norte, o mais rapidamente possível e com o maior número de armas que eles consigam transportar. Vamos libertar estes primogénitos para que eles se possam juntar à rebelião. Vou reunir os apoiantes aqui e partir imediatamente".

"Imediatamente", disse Nesos.

Começa aqui, pensava Rexus enquanto corria em direção aos outros. Hoje eles iriam marcar uma posição e matar em nome da liberdade.

Em pouco tempo, Rexus tinha reunido mais de uma centena de homens e cinquenta mulheres em frente à cascata, prontos em cavalos, de armas na mão. Ele explicou o plano aos revolucionários e viu o medo

nos seus olhos. Um guerreiro com medo não iria ganhar nenhuma batalha, ele sabia. E, então, ele ficou diante deles para falar.

"Eu vejo em cada um dos vossos olhos o terror da morte", disse Rexus.

"Não temais a morte?", gritou um homem da multidão.

"Sim, temo. Não tenho nenhum desejo de morrer. Mas mais do que temer a morte, o meu maior medo é viver o resto da minha vida de joelhos", disse Rexus.

"Mais do que temer a morte, temo que nunca vá conhecer a liberdade. E estes homens primogénitos podem ajudar-nos a obtê-la".

"Mas nós temos filhos!", gritou uma mulher. "Eles serão punidos pela nossa rebelião!"

"Eu não tenho filhos, mas conheço o medo de perder alguém querido. Se vencermos, as vossas crianças e os filhos das vossas crianças nunca conhecerão a opressão da forma que nós conhecemos. E não preferiam que os vossos filhos seguissem o vosso exemplo de coragem do que o vosso exemplo de medo?", disse.

A milícia ficou fantasmagoricamente em silêncio. E não se ouvia nada para além do barulho da cascata e do relinchar ocasional de um cavalo.

"Não se deixem enganar acreditando que o Império vos trará a liberdade", disse Rexus.

"Eu, como muitos de vocês aqui, estamos contigo, amigo", gritou um homem.

"Mas achas que temos uma hipótese real de ganhar esta guerra?"

"A guerra não será ganha hoje", continuou Rexus. "Nem amanhã, até. Mas *vamos* acabar por ganhar. Um povo que exige liberdade, no final, irá reivindicá-

la."

Cabeças assentiram e alguns ergueram armas para o ar.

"Somos poucos. Eles são muitos", disse outro homem.

"Nós, os oprimidos, superamos os opressores de cem para um e, assim que tivermos apoiantes suficientes, triunfaremos!", disse Rexus.

"Eles nunca nos vão deixar usurpar o trono", disse uma mulher.

"Deixar?", perguntou Rexus. "Não precisamos de permissão de nenhum, rainha ou membro da realeza para nos libertarmos das amarras da opressão. Hoje e todos os dias a partir de agora, dai-vos permissão a vós próprios e lutai para recuperar a vossa liberdade!"

Um por um, os rebeldes ergueram as armas para o ar. Rapidamente o som da sua celebração abafou o som da cascata.

O tempo, Rexus sabia, tinha chegado.

*

Enquanto cavalgava em direção a Delos, seguido pelos seus homens, com o som dos cavalos a galopar nos seus ouvidos, os pensamentos de Rexus voltaram-se para Ceres. Ela tinha-lhe parecido tão magra e vulnerável da última vez que a tinha visto. O seu coração tinha quase explodido de emoção. Como sempre, ele tinha sido um tolo – apenas a tinha beijado brevemente quando o que ele queria era tê-la nos seus braços e mantê-la lá para sempre.

De cima do seu cavalo, ele viu o palácio ao longe. Assombrava-o a ideia de pensar nela sozinha no meio de um mar de corrupção, no meio dos próprios lobos

com quem eles lutavam contra, a sua vida posta em perigo a cada momento. Ele queria correr como o vento e salvar Ceres de um tal lugar.

Desde que ele se conseguia lembrar, ele queria casar-se com Ceres; na verdade, uma grande parte da sua motivação em se juntar à rebelião era para que os seus futuros filhos pudessem viver em liberdade. No entanto, cada vez que ele a via, ficava com a sua língua presa, nunca tendo sido capaz de lhe dizer essas palavras. Ele era um tolo.

Cavalgando para um destino incerto, de repente, ele percebeu que o que havia dito aos rebeldes poucos minutos antes não era verdade. O seu medo mais profundo não era viver o resto da sua vida de joelhos, rebaixado. O seu maior medo era que Ceres tivesse de fazer isso e que eles nunca tivessem a oportunidade de estar juntos.

*

Rexus chegou à Praça do Norte com as suas tropas, com um pesado nevoeiro a formar uma densa cortina em torno dele. A cidade de Delos respirava como uma cidade fantasma. A viagem tinha sido mais horripilante do que ele jamais poderia ter imaginado - corpos de bruços, contorcidos em posição não naturais, mães a segurarem os seus filhos mortos, soluçando, casas pilhadas e saqueadas, sangue a escorrer pela calçada abaixo.

E isto, ele sabia, era apenas o começo.

O sentinela que ele tinha enviado relatou que havia mais de mil soldados do Império na praça - embora fosse difícil de ver com clareza com o tempo que estava. Naquele momento, os soldados estavam a preparar-se para comer, de modo que seria o momento perfeito para atacar.

Rexus olhou para rostos nobres e amigos queridos. Nenhum tinha armadura adequada como os soldados do Império tinham, embora a maioria tivesse sido suficientemente treinada na batalha. Não havia nenhuma maneira daquele pequeno exército de cerca de duzentos conseguir triunfar sobre um milhar de soldados do Império. Teria ele levado aqueles bravos homens e mulheres numa missão suicida? ele indagou-se.

Se as pombas tivessem chegado aos seus destinos, mais alguns homens e mulheres estariam a caminho, ele sabia, talvez adicionando mais cem para a milícia, mas não era ainda, nem de perto nem de longe, o suficiente para derrotar um milhar.

"Mas centenas e centenas de homens – primogénitos - estão trancados em vagões no centro da praça", disse o sentinela a Rexus.

"Centenas, dizes?", perguntou Rexus, com a esperança a crescer no seu coração.

O sentinela assentiu.

Rexus nomeou trinta homens, inclusive ele próprio, cujo objetivo principal seria abrir as fechaduras dos

vagões e convidar os primogênitos a lutar com eles, aumento os números da rebelião. Os outros homens e mulheres iriam lutar contra os soldados do Império, distraíndo-os para que não reparassem que os seus novos recrutas estavam a ser roubados.

Quando Rexus solidificou o plano, mais de cem revolucionários suplementares tinham chegado, prontos para lutar com eles.

Rexus ordenou a Nesos, o sentinela, e a metade da milícia para atacarem a partir do norte, esperando depois com uma paciência nervosa que o sentinela voltasse, dizendo que os rebeldes tinham chegado com segurança ao outro lado da Praça do Norte.

Este foi um momento significativo, pensou. Durante séculos, a opressão tinha sido uma maldição sobre a terra, uma corrente em torno dos pescoços de centenas de milhares de pessoas.

A tremer, mas resolutu, Rexus ergueu a espada.

"Pela liberdade!", gritou ele enquanto levava os revolucionários para a batalha.

Enquanto cavalgavam em direção à praça, com os cascos dos cavalos a bater contra as rochas abaixo, Rexus sentia que todos os rebeldes respiravam medo, mas também esperança.

Eu devo ser forte por eles, pensou, apesar da fraqueza que polui o meu coração.

E então ele levou o seu cavalo para a frente mesmo temendo que a morte o levasse se ele não parasse.

Rexus levaria o seu cavalo tão longe quanto conseguisse na direção do campo de batalha, na direção dos vagões cheios de primogênitos, até que o congestionamento de combatentes o impedisse de continuar até mais longe. Ele soltou um grande grito de guerra ao se atirar para a batalha.

Rexus levantou a espada e esfaqueou um soldado no coração, cortou a garganta de outro e atravessou com ela um terceiro no abdómen. Ouviam-se os gritos dos feridos ao seu redor.

Um soldado do Império puxou Rexus do seu cavalo e atirou-se a ele com a sua espada, mas Rexus baixou-se e, de seguida, pontapeou o soldado no joelho, com um partir de osso nauseante.

O soldado do Império seguinte - um monstro de homem - arrancou a espada de Rexus da sua mão. Desarmado, Rexus atirou-se para o soldado, enfiando os

polegares nos olhos do homem.

O gigante guinchou e deu um soco no estômago de Rexus que caiu no chão.

Outro soldado veio na direção de Rexus, e outro ainda.

Pouco depois ele ficou cercado, três contra um.

Ele viu a sua espada apenas a alguns pés de distância e correu para ela com as mãos e joelhos no chão, mas um soldado colocou-se no seu caminho. Rexus arrebatou a adaga da sua bota e atirou-a para o pescoço do soldado antes de apanhar a espada e de se colocar em pé.

O gigante, agora com uma lança nas suas mãos, saltou em direção a Rexus.

Rexus pulou para trás e cortou a lança que caiu no chão e, em seguida, pisou-a, partindo-a. Com toda a sua força, ele pontapeou o bruto no abdómen. Nada aconteceu. Em vez disso, Rexus esfaqueou o seu adversário no pé, mas ele foi punido com um punho de lado na cabeça, caindo no chão, com a sua orelha a latejar.

Ele cambaleava e tudo ao seu redor girava. De repente, ele sentiu uma dor aguda no braço, com sangue quente a derramar para fora da ferida recente. Ele gritou.

Passado um pouco, ele conseguiu ver claramente, mergulhando a sua espada no abdómen inferior do gigante. O soldado do Império caiu de joelhos. Rexus afastou-se e o soldado caiu sobre o seu rosto.

Gritos chamaram a sua atenção. Ele olhou para cima e viu os vagões a abarrotar com os homens primogénitos a meros vinte pés de distância. Ele correu para eles, golpeando no caminho mais soldados do Império e cortando a fechadura da primeira porta.

"Luta com a gente!", gritava ele enquanto os jovens corriam para fora.

"Ganhem a vossa liberdade!"

Rexus correu para o vagão seguinte e para o próximo, rebentando com as fechaduras, libertando tantos primogénitos quanto os que estavam presos, pedindo-lhes para lutar. A maioria apanhou espadas dos soldados que estavam no chão e juntaram-se à batalha.

Quando a névoa se dissipou, Rexus ficou triste ao ver que vários dos seus homens jaziam caídos na calçada, os seus aliados na eternidade, os seus amigos, já não existiam. Mas, para sua grande alegria, muitos mais soldados do Império jaziam sem vida, também.

"Retirar!", gritou Rexus, vendo que tenha completado a sua missão.

Uma corneta soou através da névoa, ecoando nas ruas, e o seu povo fugiu da batalha, espalhando-se em becos laterais, desaparecendo pelas estradas principais, levantando as mãos para o ar, os seus gritos de vitória a ecoar pelas ruas.

Ele olhou para os rostos dos sobreviventes – agora amigos para a vida - e ele conseguia ver um fogo aceso dentro de cada um de seus olhos. Era o espírito da revolução. E, em breve, aquele brilho cintilante transformar-se-ia num inferno de fogo que destruiria todo o Império.

Tudo estava prestes a mudar.

CAPÍTULO QUINZE

Ceres sentou-se no chão de pedra fria da masmorra e viu o menino ao seu lado, contorcendo-se de dor, e perguntou-se se ele iria sobreviver. Ele estava ali, de barriga para baixo, com a sua pálida pele branca na penumbra, os olhos meio abertos, ainda a recuperar-se da flagelação no mercado. Ele estava a aguardar a sua sentença, como qualquer outra pessoa naquela masmorra.

Tal e qual como ela.

Ela olhou ao redor para ver a cela cheia de homens, mulheres e crianças, alguns acorrentados à parede, outros livres para se movimentarem. Estava escuro ali e o cheiro da urina era ainda mais proeminente aqui do que no carrinho das escravas, sem brisa para levar o fedor. As paredes de pedra estavam escorregadias com sujidade e sangue seco, o teto intimidante sobre eles como o peso do mundo, apenas alto o suficiente para ela ficar totalmente ereta, e o chão estava coberto de fezes espalhadas e excrementos de ratos.

Preocupada, Ceres olhou para o menino novamente. Ele não se mexia da sua posição desde que ela havia sido atirada para ali no dia anterior, mas o peito dele ainda subia e descia com respirações silenciosas.

Com o sol a irradiar através da pequena janela com grades, ela viu que as feridas nas costas dele estavam a sarar com o tecido da túnica colado a elas.

Ceres queria fazer alguma coisa, qualquer coisa, para aliviar a sua dor, mas ela já se tinha oferecido para ajudá-lo várias vezes e não tinha tido resposta, nem mesmo um lampejo nos seus olhos azuis pálidos.

Ceres estava de pé e colocou-se no canto, com os olhos inchados de tanto chorar, boca e garganta secas de sede. Ela não deveria ter atingido um membro da realeza na face, ela sabia disso, mas ao fazê-lo ela estava apenas a reagir.

Iria Thanos ter com ela? ela indagava-se. Ou eram as suas promessas tão podres como todas as dos outros membros da realeza?

A mulher grávida sentada em frente a ela esfregou a barriga inchada, gemendo baixinho. Ceres questionou-se se ela tinha entrado em trabalho de parto. Talvez a mulher tivesse de dar à luz naquele buraco miserável. Ela olhou novamente para o menino e o seu coração doeu-lhe quando ela pensou que não tinham passado muitos anos desde que Sartes era daquele tamanho e lembrou-se de como ela lhe costumava cantar canções de embalar até ele adormecer.

Ela ficou tensa ao reparar nas silhuetas de dois prisioneiros que se aproximaram dela.

"O que é que esse menino é para ti?", perguntou uma voz rouca.

Ceres olhou para cima. Um dos homens tinha um rosto barbudo e sujo com raivosos olhos azuis, o outro era um homem calvo, musculado como um lorde de combate, a pele abaixo dos seus olhos coberta de tatuagens pretas em forma de remoinhos. O robusto esmagou os dedos e estes estalaram. A corrente à volta do seu tornozelo fazia ruído quando ele se movia.

"Ninguém", disse ela, desviando o olhar.

O homem da barba encostou as mãos contra a parede atrás dela em ambos os lados, confinando-a, o seu hálito nojento a flutuar até ao seu rosto.

"Estás a mentir", disse ele. "Eu vi como olhaste para ele."

"Eu não estou a mentir", disse Ceres. "Mas se estivesse, isso não iria fazer nem um pouco de diferença para vocês ou para qualquer outra pessoa aqui. Nós continuaríamos detidos nesta prisão, esperando os nossos castigos".

"Quando nós te fazemos uma pergunta, esperamos uma resposta honesta", disse o homem tatuado, dando um passo para a frente, com a sua corrente a chocalhar novamente. "Ou és demasiado boa para nós?"

Ceres sabia que ser simpática ou tentar evitar as intimidações não os ia fazer deixá-la sozinha.

Tão rápido quanto conseguiu, ela baixou-se e correu, passando pelos bandidos para conseguir ir para o outro lado da sala onde as correntes deles não chegariam.

Mas ela não chegou longe.

O homem tatuado levantou a perna e a corrente com ela, apanhando as pernas de Ceres, fazendo-a tropeçar e cair de cara. O homem barbudo pisou as costas do rapaz e o pequeno gritou de dor.

Ceres tentou levantar-se, mas o homem tatuado enrolou a sua corrente ao pescoço dela e puxou.

"Deixa o menino... ir", ela murmurou, mal conseguindo falar.

Os gritos do menino perfuraram diretamente o seu coração. Ela puxava a corrente, tentando libertar-se.

O homem tatuado puxou ainda com mais força, até ela já não ser capaz de respirar.

"Tu importas-te, não é? Agora, porque mentiste, o menino vai sangrar até à morte", sibilou o barbudo.

Ele deu um pontapé rápido nas costas do menino. O grito da criança enchendo a cela cheia de gente, com os outros prisioneiros a desviarem o olhar, alguns a chorar em silêncio.

Ceres sentiu o seu corpo a ganhar vida, uma onda de poder a apoderar-se dela como uma tempestade. Mesmo sem sequer saber o que estava a fazer, ela deu por si a agarrar com força a sua corrente e a parti-la ao meio.

O homem de barba olhou para ela, atordoado, como se tivesse visto um fantasma a erguer-se dos mortos.

Liberta das correntes, Ceres ficou de pé, pegou na corrente e chicoteou o homem barbudo uma e outra vez, até ele se encolher no canto, pedindo misericórdia.

Com as suas entranhas a arder, ela virou-se e enfrentou o homem tatuado, com a sua força interior ainda a alimentar o seu corpo com a força que ela precisava para parar os agressores.

"Se lhe tocares, ou se me tocares a mim, ou a qualquer uma das pessoas aqui mais alguma vez, eu mato-te com as minhas próprias mãos, estás a ouvir?", disse ela, apontando para ele.

Mas este resmungou e lançou-se a ela. Ela levantou as palmas das mãos, sentindo o calor a arder dentro de si e, sem ela lhe tocar, ele saiu a voar contra a parede do outro lado da sala com um baque, caindo no chão, inconsciente.

Seguiu-se um silêncio tenso e Ceres sentiu todos os olhos na sala postos nela.

"Que força é essa?", perguntou a mulher grávida.

Ceres olhou para ela, depois olhou para os outros; todos na cela estavam perplexos.

O menino sentou-se, sorrindo com dores. Ceres ajoelhou-se ao seu lado.

"Tu precisas de descanso", disse ela.

Agora que o tecido se tinha rasgado das costas do menino, ela viu pus entre o sangue. Se os seus ferimentos não fossem limpos, ele morreria da infecção, ela sabia.

"Como é que fizeste isto?", perguntou o rapaz.

Os olhos de todos estavam ainda em Ceres, querendo saber a resposta aquela pergunta.

Era uma resposta que ela própria queria saber.

"Eu... não sei", disse ela. "Simplesmente... apoderou-se de mim quando vi o que ele estava a fazer contigo."

O menino fez uma pausa e quando ele se deitou, com os olhos cansados, ele disse: "Obrigado."

"Ceres", ouviu-se um sussurro repentino na escuridão. "Ceres!"

Ceres virou-se e olhou através das barras da cela e viu a forma de uma pessoa vestindo uma capa com capuz, com as tochas no corredor iluminando o material preto. Seria um menino servo enviado por Thanos? ela indagou-se.

Com cuidado para não pisar dedos e pés, Ceres fez o seu caminho até ao estranho. Ele tirou o capuz e, para seu espanto e alegria, ela viu que era Sartes.

"Como é que me encontraste? O que é que estás a fazer aqui?", perguntou ela, com as mãos agarradas às barras e o peito repleto de alegria - e apreensão.

"O ferreiro disse-me que estavas aqui e eu tinha de te ver", ele sussurrou com as lágrimas nos olhos. "Eu estava tão preocupado por ti."

Ela estendeu uma mão através das barras e encostou a palma da mão na sua bochecha.

"Doce Sartes, eu estou bem."

"Isto não é bem", disse ele com uma expressão de gravidade.

"É bem o suficiente. Pelo menos eles não disseram nada sobre... "

Ela deteve-se de falar o indizível, não querendo preocupar Sartes.

"Se eles te matarem, Ceres, eu vou... Eu vou..."

"Shush, agora. Eles não vão fazer tal coisa". Ela baixou a voz antes de sussurrar: "Como é que está a rebelião? "

"Houve uma batalha no norte da Delos ontem, uma enorme. Nós ganhámos."

Ela sorriu.

"Por isso, já começou", disse ela.

"Nesos está a combater enquanto nós falamos. Ele ficou ferido ontem, mas não o suficiente para mantê-lo na cama."

Ceres sorriu um pouco.

"Sempre o valentão. E Rexus? ", perguntou ela.

"Ele está bem, também. Ele sente a tua falta."

Ouvir Sartes dizer aquilo quase levou Ceres às lágrimas. Oh, como ela sentia a falta de Rexus também.

Sartes inclinou-se mais para perto, com a sua capa a cobrir-lhe o braço. Então ela olhou para baixo quando sentiu um objeto afiado, frio contra a sua mão – uma adaga. Sem dizer uma palavra, apenas com o entendimento silencioso entre eles, ela tirou a adaga e enfiou-a na frente das suas calças e depois cobriu-a com a sua camisa.

"Eu tenho que ir antes que alguém me veja", disse Sartes.

Ela assentiu e estendeu os braços ternos através das grades.

"Amo-te, Sartes. Lembra-te disso."

"Eu também te amo. Fica bem."

Assim que ele desapareceu pelo corredor, passando por ele, ela viu o guarda a aproximar-se. Ela voltou para o canto para ao pé do menino, com a sua mão a acariciar os seus cabelos. O guarda abriu a porta e entrou na prisão.

"Oiçam, criminosos. Aqui estão os nomes daqueles que serão executadas no dia seguinte pela manhã ao nascer do sol: Apollo. "

O menino arfou e Ceres sentiu que ele começava a tremer sob as suas mãos.

"... Trinity...", o diretor continuou.

A mulher grávida encolheu-se e mergulhou os braços ao redor da sua barriga inchada.

"...Ceres..."

Ceres sentiu uma súbita sensação de pânico a alcançá-la.

"... E Ichabod".

Um homem acorrentado até ao final da célula cobriu o rosto com as mãos e chorou em silêncio.

O guarda virou-se e saiu da cela, trancando-a atrás de si, nada a não ser o som dos seus passos pesados a afastarem-se.

E com aquelas poucas palavras, a morte dela aproximava-se.

CAPÍTULO DEZASSEIS

Thanos invadiu a sala do trono, segurando o pergaminho assinado pelo rei - o documento abominável que continha a ordem de execução de Ceres. O seu coração trovejava enquanto os seus pés batiam no chão de mármore branco abaixo deles, com a raiva a agitá-lo da cabeça aos pés.

Thanos tinha sempre achado que não se justificava o tamanho enorme daquela sala, com os tectos abobadados ridiculamente altos, a distância entre a porta de bronze maciço e os dois tronos no final, mas mais do que espaço desperdiçado.

Ou espaço contaminado. A sala do trono era o lugar onde todas as regras eram forjados e para Thanos era aqui que começava toda a desigualdade.

Assessores e dignitários estavam sentados entre colunas de mármore vermelho em assentos de madeira esculpida em ambos os lados da sala, girando os seus anéis de ouro, vestindo as suas roupas chiques, exibindo orgulhosamente faixas coloridas que os classificavam de acordo com a sua importância.

O sol brilhava através das janelas de vidro colorido, cegando-o a cada poucos passos, mas isso não o impediu de olhar para o rei que estava sentado na sua cadeira de ouro no final da sala. Rapidamente, Thanos chegou à parte inferior da escadaria abaixo dos tronos. Ele atirou a ordem de execução para os pés do rei e da rainha, que estavam no momento a falar com o ministro do comércio.

"Exijo que retires esta ordem de execução imediatamente!", disse Thanos.

O rei olhou para cima com olhos de cansaço.

"Deves esperar pela tua vez, sobrinho."

"Não há tempo. Ceres vai ser executada amanhã!", disse Thanos.

O rei bufou e enxotou o ministro. Assim que o ministro se foi embora, o rei olhou para Thanos.

"Ceres, a *minha* guardiã de armas, deixa-me que te lembre, foi atirada para a prisão por Lucious e agora está a ser condenada à morte?", disse Thanos.

"Sim, ela bateu num membro da realeza, o que é, por lei, punível com execução pública", disse o rei.

"Sabias que Lucious lhe bateu primeiro? E tudo porque ela triunfou numa luta de espadas que ele ordenou que combatesse?"

"Como é que esta plebeia sabe como empunhar uma espada?", perguntou a rainha. "É contra as leis do território fazê-lo."

O rei assentiu e os assessores murmuraram em concordância.

"O pai dela trabalhava como ferreiro aqui no palácio", disse Thanos.

"Se ele lhe ensinou a empunhar a espada, ambos devem ser executados no local", disse a rainha.

"Como é que se pode ser um bom ferreiro se não se sabe como manejar uma espada?", pressionou Thanos. "Ser ferreiro não é proibido para uma mulher."

"Isto não é sobre ser um ferreiro ou um espadachim, Thanos. Trata-se de uma plebeia agredir um membro da realeza em terrenos reais", disse o rei.

A rainha colocou a mão sobre a mão do rei.

"Se eu não soubesse que Thanos estava prometido a Stephania, eu pensaria que ele estava interessado nesta miúda", disse ela.

"Eu não tenho nenhum interesse nela a não ser que ela é a melhor guardiã de armas que tive", Thanos mentiu.

"Stephania disse que te viu no campo de treinos do palácio com... qual era o nome da serva?", perguntou a rainha.

"Ceres", disse Thanos.

"Sim, Ceres. E Stephania disse que seguravas o seu braço".

"A miúda não tem uma casa e então eu ofereci-lhe o chalé do sul para ela ficar por enquanto", disse Thanos.

"E quem te deu essa autoridade?", perguntou a rainha.

"Sabes tão bem quanto eu que o chalé era dos meus pais e não tem sido usado desde que eles faleceram", disse Thanos.

"Stephania é uma jovem esperta, digna e íntegra, e ela diz que não confia nesta miúda estranha. Ceres tem credenciais? Quaisquer documentos oficiais? Ela poderia ser uma assassina a trabalhar para a rebelião pelo que sabemos", disse a rainha, ficando confusa.

"Então, querida, não nos vamos deixar levar. Achas realmente que a rebelião iria enviar uma assassina?", disse o rei.

"Talvez não", respondeu a rainha. "Ou talvez fossem, pensando que um jovem príncipe, crédulo como Thanos, se apaixonaria por uma guerreira determinada, que se poria ao lado dele contra a sua família."

"Não importa. A miúda tem a sua sentença e, para proteger a honra de Lucious, ela será realizada", disse o rei.

"Não pensaste na proteção dele quando o mandaste competir nas Matanças!", disse Thanos.

O rei chegou-se rapidamente até à borda do seu assento e apontou para Thanos, com os olhos escurecidos

com ira.

"Rapaz, tu vives no nosso palácio com a misericórdia e generosidade da rainha e de mim. Pretendes mesmo desafiar-nos novamente?", perguntou ele.

Thanos apontou para a bandeira do Império à direita do rei.

"Liberdade e justiça para todos os cidadãos!", gritou ele, com a sua voz a ecoar pela sala. "A responsabilidade dos líderes do país é proteger a liberdade das pessoas e governar em justiça. Isto não é justiça."

"Para com esse absurdo", disse o rei. "A decisão é final e nenhuma quantidade de mendicância ou raciocínio absurdo da tua parte vai mudar isso."

"Então deves também mandar prender e condenar Lucious à morte pelo que fez", disse Thanos.

"Embora eu não fosse lamentar a perda de Lucious por um único segundo, irei seguir as leis desta terra", disse o rei. "E se interferires com a minha decisão de qualquer forma, serás expulso pelo tribunal. Agora sai para que eu possa usar o meu tempo em assuntos importantes."

A fumar, Thanos rodopiou nos seus calcanhares e arrancou da sala do trono, irritado.

Quando saiu em direção à arena de treinos, ele apanhou numa espada longa.

Atirou-se a um fantoche, até não sobrar nada a não ser a viga de madeira que o segurava e, a seguir, cortou-a também.

Com a espada nas mãos, ele ficou congelado por lutar durante um bom bocado e, depois, atirou a arma para tão longe quando conseguiu nos jardins do palácio.

Como poderia o rei alguma vez dizer que estava a servir a justiça? ele perguntou-se. Justiça significava que todas as pessoas tinham os mesmos direitos, privilégios e punições, e Thanos sabia que aquele não era o caso, na melhor das hipóteses.

Ele caminhou até ao mirante e caiu num banco, com o seu templo a descansar nas suas mãos.

Ceres - o que é que ela tinha? Porque é que ele precisava dela da mesma maneira que precisava de ar? Ela havia entrado na sua vida como uma lufada de ar fresco, com os seus olhos verdes a brilhar de encantamento, com os seus lábios cor-de-rosa pálido que proferiam palavras que ele sabia que nunca se cansaria, uma força tranquila no seu corpo flexível atado com vulnerabilidade. Ela não era como as miúdas na corte que tagarelavam sobre assuntos sem sentido e fofocas sobre os outros só para causarem boa figura. Ceres tinha profundidade. Cada parte de si era genuína, sem uma partícula de pretensão. E era como se ela visse o que ele precisava antes mesmo de ele próprio saber - um sexto sentido, talvez?

Ele levantou-se e começou a andar para trás e para a frente no mirante durante vários minutos, a pensar no que havia de fazer.

Quando eles estiveram abaixo do Stade, aguardando pelas Matanças, ele perguntou-lhe se poderia confiar nela com a sua vida. Ela havia dito que sim. E, embora a sua voz tivesse falhado com a resposta, ele

sabia que ela se sacrificaria para salvá-lo se alguma vez fosse preciso.

Se ele a salvasse, ele seria expulso do palácio. Se ele a deixasse à sua sorte, ele não seria capaz de viver consigo mesmo.

Ele puxou os ombros para trás e respirou fundo.

Ele sabia o que precisava de fazer.

CAPÍTULO DESASSETE

Embora os seus olhos e membros estivessem pesados, Ceres, apesar da sua exaustão, não tinha pregado olho a noite toda. Ela viu a partir da pequena janela gradeada que o céu estava lentamente a clarear. E como ela desejava que isso não acontecesse. Com a manhã vinham os seus últimos momentos e, em menos de uma hora, ela sabia, estaria morta.

"Estás com medo?", perguntou Apollo, com a cabeça descansando no seu colo enquanto ela acariciava o seu cabelo loiro.

Ela olhou para ele e pensou em mentir. Mas não podia.

"Sim. E tu?", disse Ceres.

Ele assentiu com uma lágrima no olho.

Ela conseguia senti-lo a tremer sob o seu toque, ou seria a sua mão que tremia assim?

A mulher grávida olhou para Ceres alarmada ao ouvir o fraco som dos passos que vinham do corredor. O barulho distante aproximou-se cada vez mais, até Ceres não conseguir ouvir mais nada para além dos passos dos homens a marchar e, num ápice, o guarda estava diante da cela, abrindo-a.

"Apollo, Trinity, Ceres e Ichabod, venham comigo", disse ele, com vários outros soldados do Império esperando atrás dele.

As mãos mal lhe obedeciam e, ainda assim, Ceres ajudou Apollo a levantar-se.

Totalmente ereto, o menino chegava-lhe apenas um pouco acima da cintura, Ceres reparou, e ela pensou o quão horrivelmente vergonhoso era que ele nunca fosse crescer e tornar-se o homem que deveria.

Quando ela o largou, as pernas dele cederam e ele caiu no chão.

"Desculpa", disse Apollo com os olhos tristes.

Agachando-se ao lado do menino, segurando as lágrimas que ardiavam na parte de trás dos seus olhos, Ceres atirou ao guarda um olhar feio e ajudou Apollo a pôr-se em pé novamente. Com cuidado para não lhe tocar nas feridas das costas, ela segurou-o ao entrarem no corredor escuro, iluminado por tochas, com os outros dois prisioneiros a seguirem-nos.

O diretor sacudiu Apollo para a frente, um soldado de cada lado a segurar os braços do rapaz para que

ele não entrasse em colapso. Ceres, tentando acalmar as suas pernas trêmulas, estava próxima e atrás dela estava Trinity e o velho Ichabod. As correntes chocalharam quando os soldados do Império algemaram os tornozelos e os braços de Ceres e dos outros. Uma vez algemados os prisioneiros, dois soldados do Império guardavam cada um deles, um de cada lado. Trinity

balançava para trás e para a frente, segurando a barriga e, Ceres começou a ouvi-la cantar uma velha canção de embalar – a mesma que Ceres costumava cantar para Sartre para o adormecer.

Ceres não conseguia mais conter as lágrimas e ao pensar nos seus irmãos, em Rexus, era como se o seu coração se partisse em dois. Ela nunca mais os iria ver novamente, nunca mais iria gracejar com eles, partir o pão com eles, treinar com eles. Aqueles haviam sido momentos tão felizes, lembrou-se, apesar de terem sido manchados pela crueldade da sua mãe. Mas ela amava-os, e questionava-se se eles o saberiam verdadeiramente.

Ceres andava pelo corredor, sentindo os seus pés como blocos de pedra ao arrastar as correntes pelo chão, com a bela melodia da mulher grávida a guiar-lhe os passos. Ao subir as escadas para fora da masmorra, Ceres viu que estava um pouco escuro lá fora, algumas estrelas ainda brilhavam, recusando-se a desistir da sua luz antes do amanhecer. Um vagão de caixa aberta puxado por cavalos estava no pátio. Ceres foi empurrada para o vagão com os outros prisioneiros. Os chicotes dos soldados do Império faziam-na encolher-se, faziam-na odiar o Império ainda mais.

Quando Apollo foi incapaz de subir sozinho para o vagão, um soldado do Império pegou no menino e atirou-o para o carrinho fazendo com que ele batesse com a cabeça contra o vagão. Um grito escapou-se dos seus lábios quando a sua cabeça foi impulsionada para trás com um estrondo.

"Como pudeste ser tão cruel?", gritou Ceres para o soldado do Império, antes de voltar a sua atenção para Apollo.

Ela aproximou-se mais do menino, olhando impotente para a curva não natural no seu pescoço e, sempre tão cuidadosa, ela levantou a sua sangrenta cabeça para o seu colo.

"Apollo?", murmurou ela, apavorada ao sentir como o seu corpo, de repente, tinha ficado tão sem vida.

"Eu não consigo ver...", sussurrou Apollo com uma voz rouca, com os olhos vidrados em lágrimas. "Eu... não consigo... sentir as minhas pernas."

Ela inclinou-se e beijou-lhe a testa e, vendo que ele estava a lutar para respirar, ela queria ajudá-lo. Mas tudo o que conseguia fazer era agarrar nas suas pequenas mãos frias.

"Estou aqui", disse Ceres, com as palavras quase a ficarem presas na sua garganta. As lágrimas escorriam-lhe para cima da sua imunda e rasgada túnica.

"Promete segurares na minha mão... até eu... morrer", Apollo gaguejou.

Ceres, incapaz de falar uma palavra, limitou-se a abanar a cabeça e apertou a mão dele, afastando delicadamente os cabelos louros da testa suada.

Os olhos dele pestanejaram antes de se fecharem e, então, ela reparou que o seu peito parou de subir e de descer e o seu rosto rendeu-se à máscara da morte.

Ela soluçou uma vez e levou a mão dele aos seus lábios antes de a colocar cuidadosamente no peito. Agora, pelo menos, ele não tinha de enfrentar a decapitação, pensou. Ele estava livre.

Enquanto cavalgavam através da multidão, ela não conseguia parar de olhar para o pobre menino, com os seus pequenos lábios, as suas pestanas, as suas sardas no nariz. Ela queria que ele soubesse que ela ainda estava a pensar nele e que ela não iria deixá-lo sozinho no carro, à mercê dos soldados do Império que tinham roubaram a sua liberdade e sua vida. Talvez ela precisasse dele, de alguma maneira, também, para lembrá-la de que não havia só pessoas cruéis neste mundo, e que a inocência e bondade ainda eram mais bonitas do que qualquer poder sobre a terra.

O vagão ressaltou e passou por um borrão de palavras de ódio e rostos com raiva, mas ela manteve os olhos na expressão pacífica de Apollo. Nem mesmo ao ser atingida na cara por um tomate podre, Ceres tirou o olhar dele.

O carro desacelerou e parou à frente do cadafalso de madeira, e os prisioneiros foram ordenados a deixar o vagão. No entanto, Ceres recusou-se a deixar Apollo, agarrando-se a ele.

Um soldado do Império, aquele que o tinha atirado, agarrou Apollo pelas pernas e tirou-o dos braços de Ceres e atirou-o para fora do vagão.

"Assassino!", gritou ela no topo dos seus pulmões, com lágrimas a derramarem-se dos seus olhos.

O soldado atirou Apollo para uma pilha de feno e depois dirigiu-se para Ceres, mas ela afundou-se no canto do vagão, recusando-se a sair.

Atrás de si, o soldado do Império que tinha acabado de ter as suas mãos terríveis sobre Apollo entrou no vagão. Ela não o deixaria sair ilibado do assassinato de um menino tão inocente. Vendo que os outros soldados do Império estavam ocupados forçando os outros prisioneiros a subir as escadas até ao cadafalso, ela viu uma oportunidade para se vingar dele. Ela podia morrer a tentar - mas ela estava prestes a morrer de qualquer maneira.

Quando o soldado se inclinou para puxá-la para fora do carrinho, Ceres enrolou as algemas que prendiam os seus pulsos ao redor do pescoço dele e puxou com toda a sua força.

De costas, o soldado coaxou e pontapeou os seus braços e pernas, com os seus dedos imundos a puxarem a corrente, com o rosto a ficar vermelho.

Mas Ceres recusava-se a deixar o assassino escapar e puxou com mais força até o seu rosto ficar azul.

No que pareceu ser um último esforço para salvar a sua vida, as mãos do soldado ficaram tensas na direção do pescoço de Ceres. Ela bloqueou com os cotovelos e, mesmo no momento em que ela ouviu outros soldados do Império a clamar, a correr em direção ao vagão, o homem nos seus braços esmoreceu.

Mesmo depois de ela saber que ele estava morto, ela manteve a corrente esticada durante todo o tempo que conseguiu, até que dois soldados do Império a arrastaram para fora do vagão e forçaram-na a ir para o fundo da escadaria que conduzia ao cadafalso.

Um dos soldados puxou uma adaga e pressionou a sua ponta nas costas dela, com a lâmina a perfurar-lhe

um pouco a pele. Ela deu um passo. E depois outro.

Com os seus pés numa marcha desorientada, Ceres subiu as escadas atrás dos outros, com os clamores da multidão a parecerem uma tempestade distante e, assim que ela chegou ao topo, libertaram-na das correntes.

Ela reparou vagamente que o seu coração batia contra as costelas. A sua garganta estava seca e os olhos molhados. Tinha a multidão se silenciado?

perguntou-se, incapaz de distinguir acima do rugido da sua apreensão.

Um soldado do Império puxou-lhe as mãos para trás das costas, amarrando-as.

Ela não resistiu. Não havia mais nada a que resistir agora, ela sabia. Ela podia muito bem deixar a morte a levar.

O soldado empurrou-a na direção de um homem que vestia uma capa com capuz branco, segurando um machado – o seu executor.

Foi-lhe ordenado que se ajoelhasse diante de um bloco de madeira, mas ela não respondeu de imediato e o soldado empurrou-a. Ela caiu de joelhos, com a cabeça a tombar para a frente. Com a visão turva, ela olhou para cima e para a multidão. Todo o seu corpo tremia e o seu estômago agitava-se nauseado.

"Tens algumas últimas palavra?", perguntou o executor.

Ela permaneceu congelada, tentando apreender que aquilo era o fim. A sua vida, tinha terminado? Não. Não podia ser. Tinha passado muito depressa, demasiado depressa e, de repente, não havia mais tempo.

"Bem, tens algo a dizer, miúda?", pressionou o executor.

Ela tinha algo a dizer, mas as palavras não se formulavam na sua mente.

A multidão ficou em silêncio, todos os olhos postos nela. De seguida, o executor vendou-lhe os olhos.

De joelhos, ela estendeu a mão, sentindo o bloco, sentindo a sua suavidade sob os seus dedos e, resignada à sua morte, ela inclinou-se para frente e apoiou o queixo na borda de madeira.

Pai, ela pensou. Sartes. Nesos.

Rexus.

Então, para sua descrença, uma imagem de Thanos formou-se na sua mente e ela finalmente percebeu que mesmo amando Rexus, ela tinha se apaixonado por Thanos, também.

E ao apreender isso, ela se odiou. Ela estava feliz por ele nunca vir a descobrir.

Ela engoliu as lágrimas, suspirou, e a multidão ficou em silêncio enquanto esperava que tudo aquilo acabasse.

CAPÍTULO DEZOITO

Rexus estava cheio de raiva, deitado num telhado a ver milhares de cidadãos sendo mantidos em cativeiro na Praça das Pedras Pretas, rodeado pelos soldados do Império que cercavam a borda exterior da praça, impedindo a fuga. De pé diante deles, em cima de uma plataforma, o General Draco estava a ler a proclamação do rei e cada palavra aprofundava a raiva no coração de Rexus.

Eles estavam a preparar-se para levar mais primogénitos, os melhores homens que o povo tinha para oferecer. Ele agarrou com força a sua espada, preparando-se para a batalha.

Porém, ao ver tantos soldados do Império, Rexus começou a por em causa a sua decisão de levar os revolucionários para mais uma batalha para a qual eles não estavam totalmente preparados. A rebelião havia crescido, sim, mas ainda era pouco mais de mil homens. O único caminho para a vitória de hoje era se os cidadãos lá em baixo se juntassem e ajudassem a atacar o inimigo.

Mas iriam eles fazê-lo?

Quando o general Draco terminou de ler, ele olhou para cima e seus olhos estreitos escrutinaram a multidão.

"Antes de recolhermos os primogénitos - um aviso. A rebelião não vêm sem punição!", gritou ele.

Ele assentiu para o seu tenente e este abriu um dos carrinhos dos escravos que estavam por trás da plataforma. Rexus pestanejou, questionando-se sobre quem poderia estar lá dentro.

Ele ficou surpreendido ao ver revolucionários capturados a serem arrastados para fora do vagão e soldados do Império a baterem-lhes com os tacos em direção ao pódio. Rexus sentia como se estivesse a ser apunhalado no coração.

Um dos doze grupos que ele tinha despachado tinha sido capturado.

Os soldados acorrentaram os prisioneiros sobre a plataforma e amordaçaram-nos. A ira de Rexus aprofundou-se enquanto os observava a arrastarem Anka, que pontapeava e gritava, até ao pódio, acorrentando-a a um poste, também, com a roupa ensanguentada e o rosto ferido.

Rexus focou a sua visão, avistando Anka lá em cima – a amiga de Ceres –

fazendo o seu sangue ferver de raiva.

"Levem-nos para o esconderijo da rebelião e eu deixo estas pessoas viverem!", gritou o General Draco para a multidão, com a sua voz a crescer através da praça. "Não digam nada e, depois destes traidores serem torturados e mortos, vou apanhar vinte de vocês e, em seguida, mais vinte e ainda mais outros vinte, até alguém falar!"

Clamores de pânico atravessaram a multidão enquanto mães assustadas abraçavam os seus filhos. No entanto, a praça permaneceu em silêncio. Ninguém estava disposto a fornecer informações.

O General Draco acenou com a cabeça e vinte soldados do Império marcharam para a plataforma, segurando tochas acesas, tomando os seus lugares ao lado dos prisioneiros. Quando o general fez

novamente sinal com a cabeça, os soldados pressionaram as tochas contra os rostos dos revolucionários. Todos os homens e mulheres gritavam. Os gritos da dor queimavam os ouvidos de Rexus.

Os espectadores enfureceram-se em desaprovação, mas os soldados do Império, em pé, no meio da multidão, forçaram os manifestantes a ficarem em silêncio com tacos, lanças e chicotes.

Enfurecido, Rexus sabia que não podia esperar mais. Pronto ou não, tinha chegado o momento.

Rexus saltou do telhado e montou o seu cavalo, galopando de volta para onde ele havia deixado o seu grupo de homens.

"Nós atacamos agora!", ele gritou.

Os seus homens apanharam as suas armas e reuniram-se rapidamente, com os seus rostos endurecimento de fúria.

Rexus desmontou e tirou o pequeno espelho no bolso, o mesmo que cada um dos líderes dos outros grupos transportava. Ele virou o espelho para o sol, captando a luz, refletindo-a, o sinal de que eles estavam prontos para atacar.

Um após as outras, luzes brilhavam na sua direção por trás das casas, até que ele contar dez. Onze, incluindo seu grupo, já o tinham feito, o que significava que apenas um não tinha.

Rexus olhou para seu grupo e assentiu, com o seu coração a bater selvaticamente.

"Pela liberdade!", gritou ele, puxando a espada da bainha e correndo para a praça, com os revolucionários a seguirem-no. Embora as suas mãos tremessem e a sua garganta estivesse seca, ele não vacilou. Todos os outros grupos de revolucionários ao seu redor saíam de trás de sombras e edifícios, com os seus rugidos a encherem a praça.

Rexus cortou o seu caminho através do muro de soldados do Império e, em seguida, passou por mais três dentro da praça, olhando para a plataforma quando não estava a lutar. Ele precisava chegar lá antes que fosse tarde demais, ele sabia, antes que eles perdessem as suas vidas.

"Lutem connosco e ganhem a vossa liberdade!", gritou para os civis enquanto tentava passar pela multidão.

Lentamente, ele reparou que os homens ao seu redor começavam a lutar contra o inimigo com as suas próprias mãos.

O caos instalou-se.

Soldados do Império atacaram os cidadãos, massacraram todas e todos os que estavam nas proximidades. Rexus redobrou os seus esforços, esquartejando soldados à medida que passava. Os seus homens invadiam a praça por todos os lados. Ele olhou para cima e viu o General Draco a ser escoltado debaixo de uma montanha de escudos. Rexus pegou numa flecha da sua aljava, fazendo mira através de uma estreita abertura nos escudos, e atirou.

Um momento depois, o General Draco gritou e caiu, ficando estendido na plataforma com uma flecha no

seu ombro.

Os soldados que o haviam protegido viraram-se na direção de Rexus.

"Prendam-no!", gritou um soldado.

Mas Rexus era rápido como um relâmpago com o seu arco e atingiu-os tão agilmente, não sendo atingido. Ele correu em direção às colunas e, com a ajuda de outros revolucionários, libertou os prisioneiros dos seus grilhões, libertando-os antes que fosse tarde demais.

Mas onde estava Anka? ele indagou-se, olhando em volta.

Não havia tempo para procurar. Rexus estava na beira da plataforma, abaulando o seu arco, matando tantos soldados do Império quanto as flechas que ele tinha.

Por fim, a parede dos soldados do Império que cercavam a praça abriu-se no lado norte e as mulheres e crianças foram levados para as ruas laterais, deixando apenas os homens a lutar contra os seus perseguidores, entre o barulho das espadas e o gemido dos homens. Caíam homens de ambos os lados, acumulando-se nas ruas que escorriam sangue.

Rexus saltou do pódio, matando soldado após soldado, totalmente absorto numa batalha que ele sabia que iria fazer ou acabar com a rebelião.

Ela ficava cada mais destroçado cada vez que via um dos seus homens ou um civil a morrer. Ele estava num tal frenesi que imaginou que talvez nunca fosse morrer nas mãos de uma espada do Império.

Mas precisamente nesse momento, dois soldados dirigiram-se para de súbito.

Um esfaqueou-o de lado e o outro bateu-lhe de cima com um martelo.

A pancada na cabeça foi súbita – vertiginosa - a espada no ombro foi uma dor aguda que o fez gritar ao cair no chão.

Momentaneamente, ele não conseguia ver. Agitando a sua espada na frente dele, tentando defender-se, ele sentiu outro golpe na perna.

Ele tentou focar a sua visão, tudo estava um borrão.

Um clamor fê-lo recuar para uma posição fetal. Os ecos da batalha rodeavam-no.

Agora, pensou, agora eu morro.

E com aquele pensamento, ele sabia que Ceres nunca saberia o quanto ele se importava com ela.

Mas nenhuma espada perfurou o seu peito. Não foi empurrada nenhuma lança contra o seu abdómen. Em vez disso, ele ouviu grunhidos e espadas a colidir.

Quando Rexus conseguiu finalmente focar a sua visão novamente, ele viu Nesos a dirigir-se aos dois soldados do Império, carregando uma espada numa mão e uma lança na outra.

Lentamente, Rexus levantou-se, com a ferida do ombro a arder-lhe, o golpe na cabeça ainda a fazê-lo sentir-se tonto e a ferida na perna lancinante. Ele caiu uma vez, mas levantou-se.

Nesos enterrou a sua lança no pescoço de um dos soldados do Império e sentindo a sua força a voltar, Rexus afundou a sua lança bem no fundo da axila do inimigo.

Uma corneta soou pela praça e os soldados do Império olharam para cima, evacuando-se para as ruas laterais. Multidões de cidadãos seguiram-nos e mataram-nos.

Os revolucionários aclamaram, Nesos incluído. Mas Rexus não conseguia levantar o braço e os seus joelhos, de repente, ficaram muito fracos.

Nesos correu em direção a ele, apanhando-o na queda, ajudando-o a ficar no chão, sempre muito gentil.

Quando a quietude se instalou na praça, Rexus ficou ali a olhar para as Montanhas de Alva, para a caverna, o castelo, onde ele sabia que a maior parte dos seus homens estavam.

Os seus olhos arregalaram-se. A sua alma chorou.

O castelo estava envolvido num inferno de fogo.

A revolução tinha acabado.

CAPÍTULO DEZANOVE

O cabelo de Ceres estava na parte de trás do seu pescoço enquanto esperava que o machado descesse sobre si. A multidão tinha-se silenciado, e ela ouviu o seu executor levantar a arma no ar.

Nesse momento, a sua vida inteira passou diante de si.

No entanto, para sua surpresa, a lâmina nunca caiu.

Em vez disso, ela sentiu braços ao redor da sua cintura.

E um momento depois, alguém a estava a içar para o ar.

Ela caiu de bruços, curvando-se para a frente, percebendo que estava sobre o dorso de um cavalo, com as pernas para o lado, com a cabeça para o outro.

Alguém saltou para cima do mesmo cavalo bem atrás dela, esporeando-o para uma partida repentina. Ceres sentiu um braço forte a segurá-la pela cintura, impedindo-a de cair. Ela ouviu setas a passarem, batendo contra uma armadura ou um escudo.

Os soldados do Império gritavam, os espectadores clamavam, mas as suas vozes desapareceram lentamente à medida que o cavalo galopava.

O cavalo parou depois de algum tempo. Ela sentiu o seu novo captor a descer do cavalo. Então, umas mãos fortes agarraram a sua cintura, levantaram-na e colocaram-na no chão.

Ela removeu a venda dos seus olhos e a sua respiração parou quando viu o rosto de Thanos.

"Vem", disse ele, dando-lhe a mão, puxando-a com ele em direção ao palácio.

"Espera", disse ela. "Porque... como...?"

Ela notou que tinha as mãos ainda a tremer, não conseguindo ainda acreditar que não estava morta.

Ele arrastou-a para a entrada principal. Os joelhos dela estavam tão vacilantes que ela mal conseguia aguentar-se. A confusão, a raiva e a surpresa percorriam o seu corpo simultaneamente.

"Temos de falar com o rei e a rainha neste instante antes que os soldados do Império nos apanhem", disse Thanos.

Ceres ficou tensa e largou a mão dele, ficando petrificada só de pensar em ver o rei e a rainha.

"Não! Porquê?", perguntou ela. "Eles ordenaram a minha execução."

Thanos puxou-a para atrás de um pilar no vestíbulo, empurrando-a gentilmente contra o mármore frio, olhando-a nos olhos.

"O que eu disse no Stade era a sério", disse ele.

Ela encolheu os olhos.

"Podes confiar em mim com a tua vida."

Quando ele se inclinou para frente e encostou a sua testa na dela, ela ficou ofegante.

"E... eu preciso de ti", disse ele.

Thanos levantou a mão, olhando para a boca de Ceres, enquanto passava as pontas dos seus dedos pelos lábios dela, com o seu toque leve como uma pluma.

Ela estremeceu de prazer, o cheiro dele à sua volta, o rosto dele a uma polegada de distância, mas a guerra entre a sua cabeça e o seu coração endureceu-a. Ela não devia, não, ela não iria deliciar-se com o seu toque, ela proibiu o seu corpo. Ele era ainda o inimigo e, enquanto ela vivesse, era assim que ele se devia manter.

Puxando-lhe a cabeça, ele pressionou a sua cara contra a dela e Ceres deixou sair um leve suspiro perante tal ternura. Ela sentiu a mão dele ao redor da sua cintura, os seus corpos pressionados um contra o outro, mornos, delicados.

"Mas não deves contar a ninguém", disse ele, afastando-se. "Vem. Precisamos ver o rei e a rainha. Eu tenho um plano."

Contra a sua vontade, ela deixou que ele a levasse para o vestíbulo colossal.

Eles passaram a correr pelos enormes pilares de mármore que chegavam até ao teto alto. Ceres nunca

tinha visto a beleza de tal arquitetura; parecia que o palácio era uma construção feita pelos deuses. Cortinas de seda, lustres brilhantes, estátuas de mármore e vasos de ouro adornavam o interior. Tendo acabado de estar na masmorra, tendo vivido em pobreza extrema toda a sua vida, era como se tivesse a ser transportada para outro mundo.

Quando chegaram ao segundo andar, ele levou-a até uma porta de bronze enorme e abriu-a. Eles entraram numa grande sala retangular e, no final dos pilares de mármore vermelho e fileiras de assentos preenchidos com homens e mulheres finamente vestidos, estavam dois tronos. Ali estavam o rei e a rainha.

A segurar a mão de Ceres, Thanos caminhou em direção aos tronos.

O rei levantou-se, com o rosto vermelho e os vasos sanguíneos salientes da testa.

"O que é que fizeste?", gritou ele.

A rainha colocou uma mão sobre o rei, mas o rei apenas devolveu um olhar ameaçador.

"Se prometeres poupar a vida de Ceres, eu concordo em casar com Stephania", anunciou.

Ceres olhou para Thanos de lado, perguntando-se o que ele estava a fazer, confusa sobre o seu avanço anterior.

"Achas que governas este reino, rapaz?", disse o rei, virando-se, em seguida, para os soldados do Império. "Prendam-nos!"

"Não me vais prender!", gritou Thanos, dando um passo ousado para a frente e apontando para o rei.

Mas os soldados do Império não prestaram atenção a Thanos.

O rei acenou com a mão e, com isso, Ceres e Thanos foram novamente agarrados e, desta vez, foram ambos levados para a masmorra.

*

Ceres estava ao pé das barras, olhando para o corredor da masmorra, com a sua descrença a ser lentamente substituída pela falta de esperança. Ainda não tinha sequer passado uma hora, e ali estava ela de novo naquele buraco podre, aguardando o seu destino. Pelo menos, agora eles tinham a cela para si mesmos, sem bandidos a temer, mas mais do que isso, ela sabia que as suas circunstâncias eram sombrias. Extremamente sombrias.

Ela pensou nos outros com quem ela havia sido trazida para o cadafalso, perguntando-se se a sentença deles tinha sido concluída, se agora eles eram uma das milhares de vítimas nas mãos do cruel Império.

E havia Apollo... As lágrimas encheram-lhe os olhos e ela limpou uma quando esta caiu.

Ela olhou para Thanos sentado no chão imundo, com a sua dignidade despojada com uma palavra do perverso rei.

"Cinto muito", disse ele, encostando a cabeça para trás na parede da masmorra. "Não pensei que o meu tio nos atiraria para a prisão."

"Não podias ter sabido", disse Ceres.

"Devia."

Houve uma longa pausa. O que é poderia mais haver para dizer? Ceres perguntou-se. Examinar os acontecimentos que os tinham levado até ali não mudaria as circunstâncias.

Thanos levantou-se e começou a andar para trás e para frente algumas vezes.

"Eu julguei mal o desejo da rainha de ver casado com Stephania", disse ele.

Ele deu pontapés na parede várias vezes com tanta força que Ceres pensou que ele poderia partir as barras.

"Não te culpes pela crueldade dos outros", disse ela quando ele se acalmou.

Os olhos deles conetaram-se na penumbra.

"Eu nunca deveria ter parado aquele cavalo."

Ela fixou-se no seu olhar intenso, com a memória das pontas dos seus dedos na sua boca e do seu corpo pressionado contra o dela ainda a ressoar em si.

Ela ouviu passos a vir do corredor e, ao virar-se, viu numerosos soldados do Império a atirarem uma jovem senhora e vários homens para a cela para o lado deles.

Ela sobressaltou-se.

"Anka?", disse ela ao espreitar através das barras de ferro, reconhecendo-a.

Anka apertou as suas mãos ensanguentadas em torno das barras, com o seu corpo coberto de marcas de queimaduras, sem os seus lindos canudos negros, cortados em comprimentos desiguais.

"Ceres?", disse ela, com os olhos a rebentar.

Os soldados do Império abriram a porta da cela de Ceres e puxaram-na a ela e a Thanos para fora, arrastando-os pelo o corredor.

"O que é que aconteceu? Os meus irmãos estão também? E Rexus?", gritou Ceres para Anka, desesperada para saber as respostas.

"Houve uma batalha...", Anka começou.

Mas eles viraram a esquina e Ceres deixou de conseguir ouvir a voz de Anka sobre o bater das botas pesadas dos soldados do Império. Aquilo destroçou-a.

"Exijo que me digas para onde nos estás a levar", disse Thanos.

Os soldados permaneceram em silêncio, empurrando-os para a frente, e o coração de Ceres estava acelerado da mesma forma que estava quando ela ia a caminho da sua execução.

Eles foram empurrados pelo corredor e quando chegaram à escada, os soldados do Império pararam.

"Vão", disse um deles.

Perplexa, Ceres olhou para Thanos. Ele agarrou na mão dela e, juntos, começaram a subir as escadas.

O que é que os aguardava no topo? Ceres perguntava-se, achando impossível acreditar ou esperar que era realmente livre para ir. Estaria ali um vagão parado para os levar até ao cadafalso? Estaria ali uma dúzia de soldados do Império à sua espera, prontos para acabar com eles com flechas incandescentes?

Thanos apertou a mão dela. O seu rosto parecia muito mais calmo do que a ansiedade em fúria que ela sentia dentro de si. Ela indagava-se como é que ele poderia estar calmo num momento como aquele.

Chegando ao topo da escada, Ceres viu a rainha de pé à frente deles, com as mãos entrelaçadas à frente do seu corpo.

A rainha viu Ceres e Thanos de mãos dadas e franziu a testa.

"Chamei o rei à razão e ele concordou em libertá-los, desde que jures solenemente casar com Stephania", disse ela.

"Eu juro", disse Thanos, apertando mais a mão de Ceres.

"E com isso, espero que vocês os dois parem todo e qualquer contacto que não sejam os treinos para as Matanças", disse a rainha, com os seus olhos a estreitarem-se.

"Entendido", disse Thanos com um aceno.

A rainha deu um passo para a frente, lançando um olhar frio a Ceres.

"E quanto a ti, miúda", disse, "Eu tenho planos para ti. Podes pensar que estás feliz por ficares viva, mas, em breve, vais lamentar-te por não teres sido decapitada no cadafalso hoje."

A rainha virou-se e foi-se embora. Ceres percebia agora que, possivelmente, era ainda mais mortal no interior das muralhas do castelo que do fora.

CAPÍTULO VINTE

Ceres chegou muito cedo na manhã seguinte aos campos de treino do palácio, com a sua mente ainda a recuperar dos acontecimentos da noite anterior, de quão perto ela tinha chegado da morte. E acima de tudo, pensava em Thanos. Devia-lhe a vida. E ainda assim ela não sabia se o amava ou odiava. E sabendo que Rexus estava lá fora, esperando por ela, ela odiava sentir-se assim por qualquer outra pessoa.

Ansiosa para deixar de pensar em tudo aquilo e voltar a treinar com Thanos, Ceres focou-se no seu trabalho. Com muito cuidado, ela colocou as armas que pensava que ele poderia usar no treino daquele dia e, em seguida, encheu o balde de beber com água.

Ela estava a concentrar-se quando, de repente, com o canto do olho, ela viu Lucious a andar em direção a ela, com os olhos cheios de ódio, os seus músculos rígidos. Ela ficou tensa. Não estava mais ninguém por perto e agora ela desejava não ter ido tão cedo.

E então, quando viu a *sua* espada na mão de Lucious o seu coração acelerou.

Ela sabia que não poderia lutar com ele - ele podia mandar prendê-la e atirá-la para a prisão novamente. Mas ela também não podia deixar de se defender, sabendo que ele não teria nenhum escrúpulo em matá-la.

Então, um pensamento surgiu na sua mente. Teria a rainha congeminado aquilo?

Alarmada, ela olhou ao redor para ver se alguém estava a chegar, mas não ouvia nenhuma voz e não via ninguém ao longe.

Aproximando-se, Lucious fez uma cara feia e deu um passo ameaçador na sua direção, com a sua mão apertando o punho, com os vasos sanguíneos da sua testa salientes.

"Coloca a espada sobre a mesa!", Ceres ouviu uma voz profunda atrás dela.

Ela virou-se e viu um estranho. Ele estava vestido à maneira das ilhas do sul, com uma túnica mais comprida do que o habitual, semelhante às que ela havia visto para aqueles lados. A sua pele era dourada, o seu cabelo preto pelos ombros, num rabo-de-cavalo, e a sua postura era direita.

Com olhos escuros e oblíquos, ele olhava para Lucious com tal intensidade que Ceres convenceu-se que o estranho conseguiria matar apenas com os seus olhos.

Lucious mordeu os lábios e colocou a espada dela em cima da mesa das armas.

"Agora sai", disse o homem.

Lucious olhou para ele em desaprovação, fazendo o que o estranho disse e saindo a bufar.

"Depreendo que sejas Ceres?", perguntou o homem.

Ela hesitou em responder, querendo saber se podia confiar naquele homem.

Talvez ele fosse um assassino enviado pela rainha para a matar, as palavras da rainha pulando às voltas no seu crânio.

"Quem és tu?", perguntou ela.

"Podes chamar-me de Mestre Isel", disse o homem. "Eu sou o teu novo mestre de luta."

A princípio, ela pensou que tinha ouvido mal, especialmente quando considerou o último comentário da

rainha para ela. Mas da maneira como Isel olhou para ela, com respeito e dignidade nos seus olhos, ela quase se atreveu a acreditar que o ele tinha dito era verdade.

"De agora em diante, durante três horas por dia, vou treinar-te para te tornares um lorde de combate", disse ele. "Vou instruir-te como um homem, de modo a que nenhum homem jamais te possa tocar ou triunfar sobre ti. Aceitas?"

Agora, ela acreditava que era verdade, mas porquê? E surpreendeu-a ele ter mesmo feito a pergunta. *Não* aceitar era uma opção? Ela sabia que, mesmo que fosse, ela seria tola em declinar.

"Qual é o objectivo destes treinos?", perguntou ela.

"Thanos enviou-me para ti. Um presente para tornar-te forte. Para te dar o que tu tanto desejas: uma oportunidade para aprender a lutar. Para combater verdadeiramente."

Uma alegria estridente explodiu no seu peito e, por um momento, ela não conseguia respirar.

"Aceitas, ou preciso de lhe dizer a ele que tu respeitosamente declinaste?", perguntou ele, com um brilho nos olhos.

"Eu aceito. Eu aceito ", disse ela.

"Bem então. Se estiveres pronta, vamos começar."

Ela assentiu com a cabeça, dirigindo-se para a sua espada para a ir buscar.

"Não", disse Isel.

Assustada, Ceres girou.

"Primeiro, tens de aprender a morrer."

Intrigada, Ceres pestanejou.

"Fica no centro da arena de treinos", disse ele, apontando com a sua espada na sua direção.

Ceres seguiu as suas instruções e uma lá, ele percorreu um lento círculo em torno dela.

"Lordes de combate da realeza devem comportar-se de uma certa maneira", disse ele. "Quando representas o rei, o Império, um padrão de excelência é exigido de ti."

Ela assentiu com a cabeça.

"Existem rituais específicos de morte e espera-se de ti que morras bravamente, sem nenhum traço de medo, e que te ofereças para morrer a sangue frio."

"Eu entendo", disse ela.

Ele olhou para ela, com as mãos cruzadas atrás das costas.

"Eu vejo imenso medo nos seus olhos", disse ele. "A tua primeira lição é erradicar quaisquer vestígios de vulnerabilidade, de gentileza e, mais importante, de medo do teu rosto."

Ele aproximou-se.

"A tua mente está noutras coisas, noutros lugares. Quando estás comigo, *ninguém* e mais *nada* existe em nenhum lugar!", gritou ele com paixão na voz.

"Sim, Mestre Isel."

"Para seres um candidato, enquanto miúda, tens de trabalhar duas a três vezes com mais intensidade do que os homens, e se eles sentirem alguma fraqueza em ti, eles vão usar isso contra ti."

Ela assentiu com a cabeça, sabendo que ele falava a verdade.

"A tua segunda lição começa imediatamente e é uma lição de força. Tu és magra. Precisas de mais músculo", disse ele. "Vem".

Ela seguiu Isel até ao lado do oceano e ele parou nos penhascos salientes.

Durante as duas primeiras horas, ele fê-la levantar pedregulhos pesadas, atirar pedras pesadas e escalar o penhasco íngreme.

Precisamente quando o seu corpo lhe implorou que terminasse, na última hora, ele obrigou-a a sequências de *sprints* e flexões por toda a areia.

No final da lição de Ceres, as suas roupas estavam completamente encharcadas de suor e os seus músculos tremiam de fadiga. Ela mal conseguia voltar para o palácio onde os outros guerreiros estavam a lutar.

No topo, o Mestre Isel entregou-lhe um copo de madeira.

"Vais beber isto todos os dias", disse ele. "É um tónico de cinzas - bom para ossos fortes."

Ela engoliu a bebida nauseante, com os braços tão exaustos que ela mal conseguia trazer a taça aos lábios.

"Amanhã, eu vou encontrar-te aqui ao amanhecer para continuar o teu treino de força e muito mais", disse ele.

O Mestre Isel apontou para uma serva loira e enorme e a miúda feliz aproximou-se.

"Até amanhã, Ceres", disse ele, afastando-se para os jardins.

"Por favor, siga-me, minha senhora", disse a serva e começou a andar em direção ao palácio.

Ceres achava que não conseguia dar mais um passo, mas de alguma forma, quando ela disse às pernas para se moverem, ela conseguiu continuar.

A serva levou-a para dentro do palácio, subindo quatro lances de escadas e em direção à torre ocidental. No topo de uma escada em espiral, elas entraram numa sala. Os lençóis de cama eram de seda, as cortinas de linho fino e uma cama tão larga quanto comprida estava encostada à parede do lado norte.

Quatro vestidos estavam colocados sobre a cama, dois feitos da mais fina seda e dois de linho. À frente da lareira, em cima de um tapete de pelo branco, havia uma banheira cheia de água a fumer, com pétalas de íris a flutuar na sua superfície.

"Mestre Isel encomendou esta comida especialmente para ti, minha senhora", disse a serva.

O estômago dela roncou ao ver uma mesa coberta de carnes, frutas, legumes, cevada, feijão e pães. Ela caminhou até ela e devorou vários bocados de comida, empurrando-a com vinho de um cálice dourado.

"Posso ajudá-la a despir-se para o banho, minha senhora?", perguntou a serva depois de Ceres acabar de comer.

Ceres sentiu uma onda repentina de timidez a apoderar-se dela. Ter alguém a despi-la?

"Eu..." ela hesitou.

Mas antes que ela pudesse declinar, a serva já estava a puxar a camisa para fora das calças de Ceres e, quando ficou completamente despida, a serva ajudou Ceres a entrar na banheira, com a água quente a envolve-la, amaciando cada músculo dolorido.

A miúda começou a lavar a pele de Ceres com uma esponja e, a seguir, o cabelo de Ceres, desembaraçando-o com um condicionador de madressilva de cheiro doce, pondo o cabelo de Ceres tão suave como seda.

Ela saiu da banheira e a serva secou-a. Depois esfregou óleo na pele de Ceres.

Depois, a miúda aplicou maquiagem no rosto de Ceres.

"O teu vestido, minha senhora", disse a criada, segurando o vestido coral.

Em primeiro lugar, ela ajudou Ceres a vestir uma túnica branca, que atingiu os tornozelos e cobriu os ombros. Depois ela vestiu-a com o vestido coral, prendendo-o com um alfinete de peito dourado por cima de cada ombro.

A observar o material, Ceres viu que o tecido era bordado com fios de ouro e o padrão lembrava-lhe os lírios do vale.

Finalmente, a serva fez tranças no cabelo de Ceres erguendo-as parcialmente e colocou-lhe uma tiara dourada fina sob a forma de uma coroa de flores.

"Estás linda, se me permites dizê-lo, minha senhora", disse a criada com um sorriso enquanto se chegava para trás, admirando Ceres.

Ouviu-se um bater subtil na porta e a serva respondeu.

Ceres olhou-se no espelho, dificilmente se reconhecendo, com os lábios manchados de vermelho, com o rosto salpicado de giz, os seus olhos escurecidos com maquiagem. Embora ela estivesse grata pela comida e pelo banho morno, ela odiava parecer-se com as princesas, as mesmas que ela havia odiado a vida inteira.

Então ela teve uma ideia e voltou-se para o mensageiro na porta.

"Por favor, podes dizer a Thanos que eu gostaria de ter Anka, a miúda que está na prisão, como minha serva?", perguntou Ceres.

O mensageiro fez uma reverência.

"Vou transmitir a mensagem", disse ele.

A serva fechou a porta e caminhou até onde Ceres estava.

"Um convite para ti, minha senhora", disse ela com uma vénia.

Ceres apanhou a nota da bandeja de prata e desenrolou-a.

Ceres,

Se te agrada, eu adoraria a honra da tua companhia esta tarde. Seria a minha maior alegria se fosses ter comigo à biblioteca.

Atenciosamente,

Thanos

Ceres sentou-se na cama e tentou ignorar a excitação que sentia ao pensar em ver Thanos de novo – sozinhos os dois - na biblioteca. Ela gostava de estudar e tinha frequentemente fugido de casa para ler pergaminhos na biblioteca apenas a vinte minutos da casa dos seus pais.

Eu não devo ficar entusiasmada com a ideia de ver Thanos, ela ordenou a si mesma, caindo em si. Se ela permitisse que o seu afeto por ele crescesse, enganando-o e, depois, traindo-o, seria muito difícil. E ela amava Rexus. Como é que ela poderia considerar tal convite do inimigo que até há poucos dias ela desprezava?

Aceitar o convite de Thanos era perigoso, também, Ceres sabia. Ainda ontem a rainha tinha ordenado para eles não se verem fora dos treinos e aqui estava Thanos a desafiar abertamente a sua ordem. Ele não tinha medo?

Parecia não ter.

Ele tinha mesmo concordado em casar com Stephania para salvar a sua vida?

Ceres sentia-se arrebatada. Era a coisa mais gentil que alguém alguma vez tinha feito por ela. Muito gentil, na verdade.

Ela devia dizer-lhe que era um sacrifício demasiado grande.

Sim, era isso que ela iria fazer: aceitar o convite e dizer-lhe. Depois ela iria recordá-lo que ele tinha concordado em não a ver.

CAPÍTULO VINTE E UM

Isto não vai acabar bem, pensou Ceres ao descer a escada em caracol do seu quarto, com a sua serva a liderar o caminho. Com as mãos suadas e um coração que se recusava a bater a um ritmo razoável, a cada poucos segundos, ela quase que parava e voltava para o seu quarto. Ali, era seguro. Ali, Thanos não iria visitá-la, e ela não iria odiar-se por aceitar o convite e por ser infiel a Rexus.

Ela parou no fundo da escada e olhou para o corredor para as dezenas de colunas de mármore que forravam a passagem. A serva continuava. Os tectos parecia tão alto como montanhas, o piso liso como um lago num dia tranquilo e as pinturas murais que cobriam as paredes representavam antigos reis, rainhas, animais e natureza.

A serva, agora vários pés à frente de Ceres, virou-se e acenou.

"Bem, vamos lá então", disse ela. "Ou talvez estejas demasiado dolorida?"

Sim, ela estava dorida, mas isso não era o motivo pelo qual ela não se estava mover. No entanto, ela sabia que ela precisava fazer aquilo. Por isso, ela puxou os ombros para trás, respirou fundo e avançou.

Uma vez lá em baixo, a serva levou Ceres lá para fora e caminhou com ela através do pátio e para o lado do palácio.

Chegaram a um edifício separado. A face da biblioteca tinha seis colunas de mármore. Em frente havia uma pequena fonte com uma estátua da rainha no topo, com o olhar de aço da rainha a olhar para Ceres.

Até mesmo ali, ela estava a observar, pensou Ceres.

"Há mais alguma coisa que eu possa fazer por ti antes de me ir embora?", perguntou a serva com um sorriso.

Ceres abanou a cabeça e observou a miúda a ir-se embora.

"Ceres?", ela ouviu atrás de si.

Ela virou-se e viu Thanos ali, com uma toga branca envolta no seu corpo, com os seus canudos escuros penteados para trás ordenadamente. Embora com um ar mais formal do que o habitual, ficava-lhe bem, Ceres observou. Ela tentou não gostar demasiado.

"Quase não te reconheci", disse ele.

"Eu não me pareço... comigo", disse ela, contorcendo as mãos em nós.

"Pareceste exatamente contigo, apenas um pouco mais limpa", disse ele, com uma expressão ligeiramente divertida no seu rosto.

Ele inclinou-se e inalou.

"E cheiras bem", disse ele.

De todas as coisas a reparar, pensou ela, irritada, embora ela não conseguisse impedir o seu coração de bater um pouco mais rápido.

"Antes não cheirava?", perguntou ela, levantando uma sobrancelha.

"Não tanto como uma miúda", disse ele.

"Bem, não te habitues. Na arena, eu vou continuar a *não* cheirar como uma miúda."

Ele riu-se bastante e isso fez com Ceres ainda ficasse mais irritada com ele.

"Vamos?", perguntou ele, colocando o seu braço para fora para ela o agarrar.

Sem agarrar o seu braço, ela passou por ele e subiu as escadas em direção à biblioteca. Ela ouviu-o a respirar profundamente atrás dela.

Ao entrar lá dentro, Ceres sobressaltou-se ao ver milhares e milhares de pergaminhos empilhados em prateleiras de madeira em todas as paredes. Ela nunca tinha visto tantos escritos num só lugar - a outra biblioteca onde ela tinha estudado era muito menor. Oh, como ela gostaria de se sentar naquela sala durante dias, semanas e meses e absorver todo o conhecimento que estava ali.

O quarto estava quente, o cheiro da madeira e do pergaminho inundava o ar bolorento e nas laterais, ao lado das mesas de madeira, entre pilares de mármore, estavam eruditos vestidos com togas, a escrever. Havia uma reverência silenciosa e Ceres sentiu-se inebriada por estar ali.

No centro da biblioteca estava um homem idoso numa laje de mármore, debruçado sobre um pergaminho enquanto lia. Era careca, o que tornava as suas grandes orelhas mais pronunciadas. Tinha penetrantes olhos azuis assentes sobre um nariz comprido e adunco.

Ele olhou e sorriu. Ceres soube imediatamente que iria gostar dele.

Thanos entrou atrás dela e colocou a sua mão na parte inferior das costas dela.

Gentilmente ele empurrou-a para a frente na direção do homem velho.

"Ceres, apresento-te Cosmas", disse Thanos. "Ele é o erudito da realeza, entre outras coisas."

"Sinto-me honrada em conhecê-lo", disse Ceres com um aceno de cabeça e uma leve reverência.

"A honra é minha, minha querida", respondeu o velho. O sorriso dele aumentou quando ele agarrou na mão dela.

"Que outro tipo de coisas?", perguntou Ceres.

Thanos colocou uma mão no ombro de Cosmas, com os olhos cheios de ternura.

"Conselheiro, professor, amigo, pai", disse ele.

O velho riu-se e abanou a cabeça.

"Pai, sim."

Cosmas fechou o pergaminho à sua frente, mas apesar de Ceres estar curiosa para saber o que estava lá escrito, ela não ousava pedir para lê-lo, pensando que poderia não ser aceitável.

"Nunca saberias, mas havias de ter visto Thanos quando ele chegou ao castelo", disse ele com uma voz que parecia que se poderia partir a qualquer momento. "Ele era uma coisa tão magra. Ninguém pensava que ele iria crescer e parecer-se com um deus."

Ceres riu-se. Thanos foi para trás do velho e bateu no ouvido. Ceres assentiu, percebendo que o homem era duro de ouvido.

"Talvez Thanos te tenha dito, mas ele perdeu os seus pais quando era apenas um bebé. Tão boas pessoas que eles eram", disse Cosmas, abanando a cabeça e com os lábios a inclinarem-se para baixo.

"Lamento em saber", disse Ceres, olhando para Thanos, mas Thanos não disse nada.

O velho pegou no pergaminho, mas antes de o arrumar, a curiosidade apoderou-se de Ceres, e ela empurrou-a hesitação para o lado.

"Posso lê-lo?", perguntou ela, forçando a sua voz a ser mais alta do que o habitual de modo a que Cosmas conseguisse ouvi-la.

Os olhos de Thanos arregalaram-se. Ele tinha um olhar de descrença no rosto.

"O quê?", perguntou Ceres, sentindo-se um pouco envergonhada com o olhar dele.

"Acho que... apenas assumi que não sabias ler", disse ele.

"Bem, assumiste mal", ela respondeu. "Gosto muito de estudar tudo onde consigo por as mãos."

Cosmas riu-se e piscou-lhe o olho.

"Embora esta não seja a maior biblioteca da Delos, é a mais antiga e carrega os escritos dos maiores filósofos e de alguns dos melhores estudiosos do mundo", disse Cosmas. "És mais do que bem-vinda para estudares qualquer coisa aqui."

"Obrigado", disse Ceres disse, deixando os seus olhos observar os pergaminhos. "Eu poderia viver aqui."

"Espera", disse Thanos, estreitando os olhos, com uma expressão cheia de ceticismo. "O que é que estudaste, exatamente?"

"Matemática, astronomia, física, geometria, geografia, fisiologia e medicina, entre outras coisas", disse Ceres.

Thanos assentiu, com um olhar de espanto, e talvez até mesmo um olhar de orgulho, Ceres viu.

"Thanos, por que não fazes uma visita ao resto da biblioteca. Podemos estudar quando voltarem?", disse Cosmas.

"Queres vê-la?", perguntou Thanos.

"Claro", respondeu Ceres, entusiasmada só de pensar.

Thanos ofereceu-lhe o seu braço novamente, mas exatamente como antes, ela passou por ele, não o agarrando. Ele revirou os olhos.

Primeiro Thanos levou-a à sala de estudo. De seguida, a uma sala de aula e a uma sala de reunião, antes de, por fim, lhe mostrar os jardins da biblioteca.

Eles caminharam em silêncio sobre o caminho de pedra, passando por estátuas de deuses e deusas, arbustos bem cuidados, pilares cobertos de videira e camas infinitas de flores coloridas. Uma brisa suave tocava-lhe no rosto, com o perfume das rosas a agitar-se no ar.

No fundo da sua mente, ela lembrava-se que tinha planeado dizer algo a Thanos, mas com ele ali, ela não conseguia lembrar-se o que era.

"Eu devo admitir, eu fiquei muito chocado quando começaste a listar todas as filosofias que estudaste", disse Thanos. "Desculpa-me, eu não acreditei em ti ao princípio."

"Bem, em tua defesa, a maioria das pessoas comuns não são escolarizados, e a maioria dos membros da realeza pensam que sabem tudo sobre todos, portanto, como é que podias saber?", disse ela.

Ele riu-se.

"Eu serei o primeiro a admitir que eu sou ignorante em muitas coisas", disse ele.

Ela olhou para ele de lado. Estaria ele a fingir que era humilde? Ela não sabia.

"Como é que te tornaste instruída?", perguntou ele, juntando as mãos atrás das costas enquanto andava.

"O melhor amigo do meu pai era um estudioso e ele deixava-me esgueirar para a biblioteca e ler. E com frequência ele mesmo sentava-se comigo e ensinava-me

", disse ela.

"Ainda bem que existem alguns homens razoáveis lá fora, encorajando as mulheres a estudar", disse ele.

Ceres olhou para ele novamente, tentando avaliar se ele estava a ser genuíno na sua observação ou não, pensando que ele não poderia estar.

"Cosmas é um desses homens. Se quiseres, eu posso fazer com que ele te continue a ensinar."

Ceres foi incapaz de reprimir um sorriso de orelha a orelha.

"Eu gostaria disso. Eu adoraria isso ", disse ela.

Eles continuaram a caminhar mais um pouco até chegaram a um semicírculo de pilares de mármore. Thanos pediu para ela se sentar no banco de pedra, sentando-se ao lado dela. Quando ela avistou a cidade e o mar, ela suspirou, pois era tão bonito.

"Eu não sabia que os teus pais tinham morrido quando eras novo", disse Ceres.

Ele olhou para a cidade, enrugando ligeiramente o seu nariz.

"Eu não me lembro deles, embora Cosmas me tenha contado algumas histórias sobre eles."

Ele parou e colocou uma mão ao pé da dela, sobre o banco, com os seus dedos mindinhos a tocarem-se.

Ela reparou em como o seu estômago vibrou.

"Muitas vezes me pergunto como eles eram e, especialmente, como é que seria como ter o amor de uma mãe", disse ele.

"Como é que eles morreram?", perguntou ela com uma voz macia.

"É incerto, mas Cosmas acha que alguém os matou."

"Que horror!", exclamou Ceres, colocando a mão sobre a dele sem pensar.

Percebendo o que tinha feito, ela ia tirar a sua mão, mas Thanos agarrou-a antes dela o fazer e segurou-a firmemente.

Eles ficaram assim por um momento que pareceu abranger a eternidade, com os seus corações a baterem com força e as suas respirações suspensas.

Ela não iria olhar para os olhos dele, ela disse a si mesma, pois ela sabia que se o fizesse, algo iria acontecer. Algo terrível. Algo maravilhoso.

Ele colocou a mão debaixo do seu queixo e levantou-o para que ela não tivesse outro lugar para onde olhar a não ser para os seus olhos.

E, de repente, foi como se todo o ar tivesse desaparecido à sua volta dela e ela sentiu-se quente, mais quente do que alguma vez ela se tinha sentido.

Os olhos escuros dela agitaram os seus lábios e uma força invisível puxou-a para ele, puxando-a para longe da sua determinação para se manter longe, puxando-a para longe de Rexus e de tudo o que lhe tinha sido querido até então Com um leve sorriso, ele levantou a mão e acariciou a sua face. Ceres não conseguia desviar o seu olhar. Ele inclinou-se para a frente, com os seus lábios a encontrarem o seu pescoço, tão suave.

Ela respirava ofegante enquanto as suas mãos percorriam os seus escuros e grossos canudos. Ela encontrou os lábios dele, quentes, macios, aproximando os seus dos dele, lentamente, sentido um formigueiro a espalhar-se pelo seu corpo.

Tudo o que já tinha sido e tudo o que era, já não era mais.

"Thanos!", Ceres ouviu uma voz feminina, trazendo-a de volta à realidade.

Ela virou a cabeça e viu Stephania ali de pé, com os lábios cerrados com força e lágrimas nos olhos.

Thanos olhou para Stephania severamente.

"O rei precisa de te ver", disse Stephania.

"Não pode esperar?", perguntou Thanos.

"Não, é um assunto urgente", disse Stephania.

Thanos exalou uma respiração lenta, com uma expressão de decepção nos seus olhos. Ele levantou-se e curvou-se em direção a Ceres.

"Até à próxima vez", disse ele, caminhando em direção à biblioteca.

Sentindo-se muito constrangida, Ceres levantou-se e estava prestes a sair, quando Stephania se pôs à sua frente, com um olhar de ódio.

"Vais ficar longe de Thanos, estás a ouvir? Só porque estás vestida como a realeza não significa que sejas da realeza. Não tens nada para além de sangue plebeu nas tuas veias."

"Eu...", Ceres começou, mas foi interrompida.

"Eu sei que Thanos gosta de ti, mas logo ele se vai cansar de ti da mesma forma que se cansa de todas as plebeias. E assim que tu lhe deres o que ele quer, ele vai atirar-te para fora do palácio, da mesma maneira que fez com as outras miúdas."

Ceres não acreditou em Stephania nem por um segundo.

"Se ele tem tantas outras miúdas, porque é que queres casar com ele?", perguntou ela.

"Eu não tenho de me explicar para uma marginal como tu. Fica longe do meu futuro marido ou eu encontro uma maneira de te fazer desaparecer, entendes?"

Stephania voltou para a biblioteca, mas virou-se ainda para Ceres novamente.

"E apenas para que saibas", disse ela, "eu vou contar à rainha tudo o que vi."

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Thanos andava nervoso de um lado para o outro à porta de Ceres, com as mãos suadas, a garganta seca, a sua armadura demasiado restritiva e quente. Nada parecia certo. Nada estava certo. Embora ele percebesse que não tinha outra escolha a não ser aceitar as ordens do seu tio, ele sabia que Ceres não entenderia e que ela ficaria magoada e muito possivelmente o iria odiar por isso. E o pior era que ela estava no direito de fazê-lo. Mesmo desprezando-se a ele próprio por concordar em fazer o que o seu tio

lhe havia ordenado, ele desejava que houvesse alguma maneira de sair daquele pesadelo.

Thanos limpou o suor da testa, amaldiçoando silenciosamente.

Ele sabia que era uma idiotice andar por ali como um tolo bêbado, mas o rei lhe havia ordenado que saísse imediatamente, pelo que não havia tempo. Mas Ceres merecia a verdade dele mesmo que isso fosse causar uma montanha de chatices entre os dois. Mesmo se o seu maior temor se tornasse realidade - que ela nunca iria querer vê-lo novamente.

Nunca.

Ele fechou os olhos, horrorizado com aquele pensamento. E então ele percebeu que havia outro motivo para ele estar ali. Uma enorme parte dele precisava vê-la de novo, em caso de ele ser morto.

Ele não devia pensar em questões sobre as quais ele não tinha nenhum controlo, repreendeu-se a si próprio.

Ele cerrou os dentes e bateu à porta e, assim que a nova serva a abriu, ele entrou.

Assim que Ceres o viu, o seu rosto ficou pálido.

"Obrigada por libertares Anka e por me permitires tê-la como minha serva", disse Ceres.

Ele olhou para a miúda e assentiu para Ceres.

"Claro. Ceres, posso dar-te uma palavra?", perguntou.

Thanos reparou que os ombros de Ceres estavam tensos, e um olhar inquieto nos olhos dela permitia ver que ela sabia que algo estava terrivelmente errado.

"Claro", disse Ceres.

"Talvez possamos dar um passeio", disse ele.

Eles foram para o corredor e subiram as escadas até ao telhado. Uma brisa quente passou-lhe no cabelo. A partir dali, Thanos conseguia ver a capital toda, casas construídas como se estivessem em cima umas das outras, e ele até conseguia ouvir os motins nas ruas.

Ele parou na varanda e encarou Ceres. Ela era tão linda, pensou ele, com o seu vestido branco a soprar ao vento, e o cabelo loiro a mexer-se com a brisa. Mas não era a sua beleza que fazia com que ele a adorasse assim. Era a sua sede de vida e de aprendizagem e a paixão que ela passava para as pessoas e coisas que amava.

Ele respirou fundo e olhou-a nos olhos antes de falar.

"O Rei Claudius ordenou ao exército real para aniquilar a rebelião", disse ele.

Os lábios dela apertaram-se, ainda que levemente. Ela afastou-se dele, olhando para a cidade.

"Era sobre isso que era o recado?", perguntou ela.

"Sim."

"E uma vez que estás na tua armadura, suponho que serás um dos que irá proclamar as ordens do rei", disse ela.

Ele não queria dizer. As palavras pareciam como melação na garganta dele.

"Desejava não ter de o fazer, mas não tenho escolha, Ceres", disse ele.

"Há sempre uma escolha."

A voz dela estava calma, mas muito controlada, ele conseguia perceber. Ele sabia com certeza que tudo o que ela queria fazer era gritar-lhe.

"Como podes dizer que tenho uma escolha? Tu não tens nenhuma ideia do como é viver sob o rei, com os olhos sempre a escrutinarem-te, com a ameaça de morte sempre a olhar ao virar da esquina."

"Os meus irmãos estão lá fora!", gritou ela, com as lágrimas a escorrerem-lhe dos olhos. "O meu amigo Rexus. Vais matá-los se os vires? Vais matar as pessoas que amo?"

O peito dele encheu-se de dor, vê-la aborrecida, quando tudo que ele queria era fazê-la sorrir e fazê-la sentir-se segura.

"Eu sei que estás zangada...", disse.

"Porque eles são o meu povo!", gritou ela. "Eles são o teu povo, também, Thanos. Não percebes que estás a lutar por um rei corrupto, pela opressão? É isso o que realmente queres?"

Cerrando o punho, ele permaneceu em silêncio.

"Vais estar a lutar exatamente contra aquilo de que tu próprio estás a tentar escapar. Não percebes?", disse ela.

Ele sabia que ela estava certa, mas ele tinha que fazer isso ou o rei não teria qualquer escrúpulo em atirá-los aos dois de volta para a masmorra, como ele havia ameaçado quando Thanos tentou opor-se.

Ele agarrou o corrimão, apertando até os seus dedos ficarem brancos.

"Eu tenho de fazer o que não quero para obter as coisas que mais desejo."

Ela permanecia rígida como uma tábua, com os seus belos olhos de esmeralda arregalados e a boca aberta em estado de choque.

"O que mais poderias querer do que a tua liberdade e a liberdade do teu povo?", perguntou ela.

"A ti!", disse.

Os olhos de Ceres ficaram em conflito e lágrimas caíram-lhe dos olhos. Ela exalou um suspiro e olhou para o chão, pondo os braços à volta da sua cintura, como se isso protegesse o seu coração de alguma forma.

"Eu preciso de ir agora. Eu só te queria informar para onde ia antes de desaparecer", disse ele.

"Não vás. Por favor", ela sussurrou, com as suas mãos a caírem moles, com lágrimas a escorrerem-lhe pelo rosto.

"Sinto muito, Ceres. Eu tenho de o fazer."

Seu rosto transformou-se numa dúzia de tons de tristeza e ela soltou um grito.

"Se fizeres isto, eu nunca vou falar contigo", disse ela, com uma voz trémula e não completamente certa. "Isto... isto é uma promessa!"

Ele viu-a fugir e, embora Thanos não quisesse mais nada do que ir atrás dela, levá-la nos seus braços e beijá-la com ternura, os pés dele ficaram imóveis. Ele ficou quieto por um momento, sendo inundado pela raiva e pela vergonha.

A fim de se salvar a si mesmo, ele estava prestes a desistir de tudo o que ele amava.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Thanos cavalgou em direção ao General Draco, passando tenda após tenda, passando dezenas de milhares de soldados do Império que salpicavam as Montanhas de Alva. Ele não fez nada para esconder a aminosidade nos seus olhos. O general desprezível representava tudo o que havia de errado com o Império. Na verdade, ele odiava o homem corrupto tanto quanto odiava o seu tio; talvez ainda mais. Dizia-se, afinal, que o general Draco era quem tinha matado os pais de Thanos.

Thanos finalmente chegou e desmontou do seu cavalo. Atravessou as ervas queimadas na direção do general de cabelo grisalho. O homem de meia-idade estava na frente da sua tenda, com a sua capa vermelha que ondulava ao vento e uma ligadura à volta do seu ombro musculado acima da sua armadura. Ele tinha sido ferido no dia anterior, quando a Praça das Pedras Pretas havia sido invadida pela rebelião, Thanos tinha ouvido. Se ao menos aquela flecha tivesse perfurado o seu coração negro.

"Vem, meu novo tenente", disse o general Draco.

Thanos não queria esse título; o rei tinha-o forçado a ficar com ele. E agora que o Império estava entre Ceres e ele, criando uma clivagem profunda que poderia destruir qualquer hipótese que tinha de estar com ela, ele detestava aquele título ainda mais. No entanto, ele valorizava a sua vida e a vida de Ceres, portanto, ele iria honrar o título até a rebelião ser esmagada.

Thanos seguiu o general para dentro da tenda, onde terminaram em pé ao redor da mesa de estratégia de carvalho maciço no meio da sala, um mapa de Delos e estatuetas estrategicamente colocadas sobre ela.

"O teu tio fala muito bem do teu combate e habilidades de estratégia, Thanos.

Eu espero que correspondas à tua reputação", falou o general de um modo apressado.

Thanos não disse nada.

"A rebelião tem crescido fora de mão, e devemos silenciá-la hoje", disse o General Draco. "Os rebeldes atacaram a Praça do Chafariz hoje, como nós suspeitávamos e, neste momento, os soldados do Império estão a forçá-los para fora da praça, para o norte. No instante em que deixares esta tenda, vais levar uma companhia de cento e vinte homens para o lado norte da Praça do Chafariz, para aqui."

O general apontou para o mapa.

"Vais capturar ou matar os líderes da rebelião e trazê-los de volta para o campo mortos ou vivos".

O coração de Thanos gemeu porque ele sabia que alguém que fosse trazido de volta vivo seria torturado até a morte. Seria mais misericordioso matá-los a todos, pensou, embora ele não quisesse fazer isso.

"Esta missão não deve falhar e, devido à alta recomendação do rei, eu requisitei-te para esta tarefa", disse o general.

"Eu entendo", disse Thanos.

"E no caso de precisares de motivação, o teu tio disse-me para te informar, se não tiveres sucesso nesta missão, ele atirará Ceres para a masmorra e ela será usada como isco para as próximas Matanças."

*

Com cento e vinte soldados do Império e quatro carros de armas, Thanos chegou a cerca de uma milha a norte da Praça do Chafariz, na mesma rua onde os soldados do Império iriam orientar os rebeldes. Ele ordenou aos seus homens para empilhar armas em casas abandonadas, montar armadilhas nas ruas e levar as braseiras para os telhados.

Thanos subiu para o telhado com duas dezenas de soldados do Império, enquanto os outros se esconderam dentro das casas atrás de persianas fechadas para esperar os revolucionários passar. Ele ficou lá, andando, esperando, odiando-se mais a cada minuto que passava.

Mal tinham passado cinco minutos quando Thanos ouviu o primeiro conjunto de cascos de cavalo a bater na calçada. Ainda em conflito sobre a sua missão, detestando a forma como estava a ser usado como um peão no jogo do rei, ele acendeu a ponta da flecha e esperou que os revolucionários aparecessem a galopar ao virar da esquina. Ele não podia se rebelar contra o rei, ele sabia; e ainda assim ele poderia encontrar uma maneira de fazer o mínimo de danos aos rebeldes e, especialmente, aos mais próximos a Ceres.

Em questão de segundos, quatro homens em cavalos apareceram rapidamente, com as suas insígnias azuis a acenarem no vento. Antes deles conseguirem passar, eles foram derrubados com setas de outros soldados do Império, caindo feridos na rua.

A flecha de Thanos ainda estava no seu arco. O suor escorria-lhe pela cara.

Rapidamente, os rebeldes foram capturados pelos oito soldados do Império e atirados para um carrinho de escravos para serem levados de volta para o acampamento para interrogatório.

Aquilo não estava certo, pensou Thanos. Ele sabia que não tinha escolha a não ser matá-los.

Ou tinha? Poderia ele salvar aqueles homens e mulheres a quem lhes tinham sido dadas ordens para atacar?

Um grupo de dezanove veio a seguir e, exatamente quando eles passaram por Thanos, os soldados do império sobre os telhados inclinaram as braseiras e o óleo quente encharcou os revolucionários. Os gritos deles perfuraram o coração de Thanos, e ele teve de desviar o olhar dos corpos contorcidos nas ruas. Quando o óleo quente arrefeceu, todos os dezanove foram atirados para um carrinho de escravos para serem levados de volta para o acampamento.

Assim que os soldados do Império acabaram de limpar as ruas, escondendo a evidência do ataque, um outro pequeno grupo de cavaleiros veio a galope em direção a eles.

"Rexus!", Thanos ouviu um dos homens gritar.

Imediatamente, Thanos lembrou-se que Ceres tinha mencionado aquele nome quando eles tinham conversado no telhado do palácio. O seu olhar examinou os revolucionários.

Um homem loiro e musculado virou o cavalo e dirigiu-o para o lado da rua, acenando.

Atrás do pequeno grupo cavalgava uma enorme quantidade de revolucionários, mas antes de eles chegarem ao local do ataque, Thanos matou a chama na sua seta, saltou do telhado para um beco, esperando que Rexus passasse.

Antes de Rexus se aproximar, uma multidão de soldados do Império saiu das casas e começou a matar os revolucionários.

Rexus, Thanos conseguia ver, estava assustado com o ataque surpresa, mas, mais rápido do que os olhos podiam seguir, Rexus sacou uma seta após a outra da sua aljava, acertando nos seus inimigos, matando cada sobre o qual disparava.

Assim que as suas flechas acabaram, Rexus saltou do seu cavalo e puxou a sua espada, esquartejando soldados do Império por todos os lados com a velocidade e precisão de um lorde de combate, Thanos viu.

Thanos correu para fora do beco e foi atrás de Rexus, com a espada erguida, fingindo que ia atacar. Ele queria chegar ao jovem rapaz antes que alguém tivesse a oportunidade de o matar.

Ele esgueirou-se por trás de Rexus e envolveu um braço de ferro à volta do pescoço dele e com uma mão na boca do rapaz, Thanos arrastou-o para a penumbra do beco.

Mas Rexus era forte e ele lutou para se libertar de Thanos, puxando a espada.

Thanos estendeu as mãos à sua frente e deixou cair a espada no chão.

"Não te quero fazer mal!", gritou ele, recuando mais fundo para as sombras, esperando que Rexus o seguisse.

Rexus golpeou-o com uma força tal que Thanos saltou para trás, com medo de ter cometido um erro e de que esta pudesse ser a sua última hora. Rexus atirou-se e girou, rodopiando como um tornado atrás de Thanos, com a espada a cortar através do ar, fazendo barulho.

"Ceres disse-me que eras amigo dela!", disse Thanos. "Eu quero ajudar-te!"

Rexus parou por um momento, imobilizando a sua espada.

"Isto é uma armadilha", disse ele.

"Não. Ela estava preocupada contigo. Ela sabia que eu iria lutar e mencionou os irmãos dela. Mencionou-te a ti."

Rexus hesitou.

"Fica aqui e não serás morto", disse Thanos.

"Eu não vou deixar os meus homens lá fora a morrer!", resmungou Rexus.

Claro que ele não o faria e Thanos devia saber disso. Mas ele estava a fazer aquilo em tempo real, sem tempo para planear.

Tão rápido como um relâmpago, Thanos arrancou uma flecha da aljava e disparou na direção da manga de Rexus. A seta alojou-se na parede atrás de Rexus, confinando-o.

A distração deu a Thanos apenas o tempo suficiente para correr para atrás de Rexus e bater-lhe na cabeça com o punho da espada.

Rexus caiu no chão inconsciente e Thanos suspirou aliviado. Ele podia não ser capaz de salvar toda a gente, Thanos sabia, mas pelo menos ele tinha poupado a vida de um dos amigos de Ceres.

Thanos subiu de volta para o telhado e olhou para baixo em direção à rua.

Muitos soldados do Império já tinham caído - muitos mais do que ele pensava.

Ele via uma oportunidade de salvar os revolucionários, mas fazendo parecer que tinha tomado a melhor decisão para os seus próprios homens. Ninguém iria culpá-

lo por recuar se ele julgasse que os seus homens estavam a ser massacrados, perdendo dolorosamente.

"Soldados do Império, retirar!", gritou. "Retirar imediatamente!"

Alguns dos soldados do Império olharam para cima intrigados, mas Thanos sabia que eles iriam seguir as suas ordens. Os soldados do Império estavam treinados para obedecer, independentemente do comando.

Os soldados nos telhados saíram uns após os outros, indo em direção aos vagões. Os soldados que lutavam contra os revolucionários nas ruas e dentro das casas recuaram em direção aos vagões, enquanto lutam contra o inimigo.

Vendo que os seus homens estavam a salvo, Thanos estava prestes a juntar-se a eles, quando um som delicado atrás dele chamou a sua atenção. Ele olhou para trás e viu um jovem revolucionário, com uma espada na mão e uma lança na outra.

Thanos desembainhou a espada e deu um passo para o homem.

"Não tenho nenhum desejo de o ferir", disse ele.

A gritar, o jovem atirou-se a Thanos, com a ponta da lança apontando diretamente para o coração de Thanos.

Thanos girou e arrancou a lança da mão do seu oponente. O rapaz golpeava, mas falhava e antes do jovem conseguir retirar o braço, Thanos esquartejou-o.

"Eu não quero matar-te!", disse Thanos novamente, dando um passo cauteloso para trás. "Vai-te embora e viverás."

"Qualquer coisa vinda da boca de um soldado do Império é uma mentira!", disse o jovem.

O jovem gritou, cerrando o seu maxilar e num ápice ele estava novamente a atacar Thanos.

"Eu sei que és o príncipe Thanos!", disse o jovem, avançando na sua direção.

"Correto. E quem és tu?", perguntou Thanos, bloqueando.

"Isso eu vou dizer-te assim que te espetar a minha espada ", disse o jovem.

"Eu devo avisar-te, eu ainda tenho de perder um duelo."

As sobrancelhas do jovem levantaram-se, sem medo no rosto.

"Deve haver sempre uma primeira vez!", gritou ele.

O jovem correu em direção a Thanos, com as suas espadas a baterem uma na outra, uma luta pelo poder, lâmina contra lâmina. Thanos empurrou-o com um rugido, mas o jovem atirou-se a ele novamente. Ele era poderoso, Thanos reparou. A ira, a raiva e a paixão pela sua causa, provavelmente alimentavam a sua força.

O jovem tentava esfaquear Thanos, falhando porque Thanos se desviava.

Thanos não queria matá-lo, mas parecia que o jovem não iria parar até que um deles estivesse morto. Numa fração de segundo, Thanos decidiu que iria tentar fugir dele.

No entanto, antes que Thanos conseguisse retirar-se do duelo, o jovem apontou na direção do coração de Thanos. Thanos desviou-se e o jovem caiu para a frente.

E, ao fazê-lo, ele caiu, com a lâmina a acabar por se enterrar no seu próprio abdómen, ao invés.

O jovem caiu no telhado com um grunhido e, ao tirar a espada do seu estômago, ele gritou.

Thanos aproximou-se do seu inimigo.

"Mata-me", disse o jovem, com uma pontinha de medo nos seus olhos.

Thanos olhou para o jovem por alguns momentos, com um sentimento de tristeza a apoderar-se dele. Ele embainhou a espada novamente e virou-se para se ir embora.

"Eu estou a morrer", grunhiu o rapaz.

Thanos sentiu-se sobrecarregado com tristeza por ele. Ele abanou a cabeça.

"Estás", disse ele, vendo o quão grave o seu ferimento era, apercebendo-se que nada poderia ser feito por ele.

"Eu não te disse o meu nome", arfou o rapaz.

Thanos assentiu, esperando.

"Então diz-me", disse ele, "e eu vou garantir de que será sabido que tiveste uma morte honrada."

"Meu nome", ele arfou, "é Nesos."

Thanos olhou aterrorizado. Nesos. O irmão de Ceres.

E, quando Nesos caiu, morto, Thanos sabia que a sua vida nunca mais seria a mesma.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Quando Thanos entrou na sala do trono, ele reparou imediatamente na tensão, com o rei a gritar para o General Draco, os dignitários a argumentar nos seus assentos, rangendo os dentes e a rainha a vomitar obscenidades para um consultor.

Estava toda a gente ali, ele viu, até os príncipes e princesas que não estavam geralmente em reuniões como aquela. E por uma boa razão.

No seu caminho de volta, Thanos tinha visto o massacre. Casas foram carbonizadas e os cidadãos - homens, mulheres e crianças - foram deixados mortos nas ruas, com os cães vadios a comerem a sua carne e os corvos a bicarem-lhe os corpos. Algumas pobres almas tinham sido pregadas às árvores, enquanto outras tinham sido penduradas pelos narizes. Mas tinham morrido tantos soldados do Império, também, e os revolucionários não eram mais delicados, torturando, profanando corpos de maneira vil e até mesmo desmembrando-os.

Ele sabia que aquilo não era uma guerra da qual ele quisesse fazer parte.

Agora não. Nunca.

"A rebelião tem crescido para além do que se imaginava que podia, e agora os poucos revolucionários tornaram-se um monstro, que se não for morto em breve, irá vencer o Império", disse o General Draco, em pé diante do rei e da rainha.

Assim que Thanos chegou ao fundo das escadas abaixo dos tronos, fez-se lentamente silêncio na sala.

O rei não respondeu ao general, mas voltou a sua atenção para Thanos.

"Eu envio o meu sobrinho para fora em missão", disse ele. "Uma atribuição desprezível, e o que é que acontece? Ele falha miseravelmente, envergonhando-se a si mesmo e a toda a família real em menos de uma hora. O que é que tens a dizer em tua honra, Thanos?"

Thanos beliscou os lábios, numa tentativa de se impedir a si próprio de dizer ao seu tio que tinha falhado de propósito.

"Não foi apenas ele", disse o General Draco. "Muitos falharam. Como eu te disse antes, temos de chamar mais soldados do norte. Se não, vais perder mais batalhas e vamos ter uma guerra nas nossas mãos."

Thanos ficou surpreendido pelo General Draco estar com ele.

"Se não continuarmos a perder, não teremos de trazer mais tropas", disse o rei.

"Talvez, mas isso não muda a realidade de que estamos a ter mais homens a sangrar do que a rebelião está a crescer", disse o General Draco.

O rei pensou por um momento, passando os dedos pela barba. Thanos ficou satisfeito por a atenção já não estar mais concentrada nele.

"Eu hesito em chamar as tropas do norte. Demorará dias até eles chegarem", disse o rei.

"Com todo o respeito, majestade, o que mais podemos fazer?", perguntou o General Draco.

"Existem outras propostas?", perguntou o rei, uma questão aberta para os dignitários na sala.

"Devíamos envenenar os poços na cidade", disse um deles. "E só fornecer água aos cidadãos pacíficos."

"Isso pode funcionar, mas os revolucionários só ficariam mais irritados", disse o rei. "Talvez possamos fazer uma proposta, um sinal de boa vontade, e isso iria acalmar a sua raiva."

"Abre os depósitos de armazenamento de alimentos do rei. Alimenta-os", disse outro.

O rei fez uma pausa por um momento antes de concordar.

"Talvez", disse ele. "Qualquer outra sugestão?"

"Posso dizer algo?", perguntou a rainha, com os olhos astuciosamente a observar Thanos.

Todos os olhares na sala deslizaram na sua direção.

O rei fez um gesto com a mão, permitindo que ele falasse.

"Eu proponho uma união entre um plebeu e uma real, um casamento entre o povo e o Império", disse ela.

"O que tens em mente, exatamente?", perguntou o rei.

"Um casamento entre Thanos e Ceres", disse ela.

Suspiros atravessaram a sala do trono, com expressões de horror e incredulidade nos rostos dos conselheiros.

Thanos, também, ficou perplexo com a sugestão da rainha. É claro que ele não teria nenhum problema em casar-se com Ceres, mas para fins políticos e para ser um fantoche no jogo do rei e da rainha? Ele não gostava da ideia nem um pouco.

Ele não queria que eles contaminassem o que era mais precioso na sua vida.

"Eu acho que é uma excelente ideia", disse o rei. "A união entre uma plebeia humilde e um membro da realeza. As pessoas vão adorar."

"Thanos foi-me prometido a mim!", vociferou pela sala a voz de uma miúda.

Thanos girava ao redor. No fundo da sala estava Stephania, com o seu corpo rígido, mas com os seus olhos feridos.

Stephania caminhou pelo corredor em direção aos tronos.

"Não te podes aproximar!", gritou a rainha. "Volta para o teu lugar e fecha os lábios durante o resto da reunião."

Stephania parou de andar e olhou para Thanos. O seu rosto brilhava com lágrimas, ele conseguia ver.

Até àquele momento ele nunca tinha sentido pena da princesa. Ele nunca quis casar-se com ela, mas até mesmo ela era apenas um peão num jogo do qual eles nunca conseguiriam escapar.

Thanos acenou para Stephania, olhando para ela com tanta empatia quanto conseguia. Talvez agora ela se afastasse, sabendo que não era uma decisão de Thanos casar-se com outra pessoa. Talvez aquilo a libertasse finalmente.

Stephania virou-se, com os pés hesitantemente a afastarem-se de Thanos. Em seguida, ela acelerou e saiu pelas portas de bronze no final, correndo, com os seus soluços a desaparecer quando as portas se fecharam atrás dela.

"Acho que isto vai pôr fim ao conflito. Pelo menos por agora", disse o rei.

"Estás de acordo, Thanos?"

O rei olhou para Thanos, com os olhos intensos com poder, como que se a avisá-lo: se Thanos não aceitasse, seria a masmorra para Ceres e para ele. O rei sabia que a sua fraqueza era Ceres e Thanos estava furioso consigo mesmo por ter sido tão franco sobre isso. Ele devia ter escondido a sua afeição por Ceres, deveria ter sabido que o rei, mais cedo ou mais tarde, utilizaria o que era mais precioso para ele, usando-o contra si.

Ali estava ele novamente sem escolha, sentindo-se em conflito ao assentir.

"Então vamos transmiti-lo imediatamente a partir das torres de vigia por toda a cidade!", gritou o rei. "E pelos deuses, vamos esperar que funcione."

Thanos ficou em estado de choque. Ele não pensou que fosse anunciado tão cedo.

"Não deveríamos perguntar-lhe a ela primeiro?", disse Thanos.

Alguns dos dignitários riram-se.

"Não é uma pergunta, mas um comando, mas se lhe queres dizer antes que ela descubra de qualquer outra maneira, é melhor correres", disse o rei.

Ao mesmo tempo, os sinos tocaram por toda a cidade, sinalizando um anúncio real, com o som a compelir Thanos a agir.

Ele girou nos calcanhares e correu em direção à porta de bronze no final e na direção do quarto de Ceres, esperando conseguir dizer-lhe antes que fosse tarde demais.

Mas como é que ele poderia pedi-la em casamento, quando ele tinha acabado de esquartejar o seu irmão?

Seria ele capaz de manter isso em segredo?

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Horrorizada, Ceres estava perto da janela no seu quarto com vista para Delos, com o horizonte cheio de pútrido fumo preto que saía das casas que ardiam.

Clamores de uma dor indizível chegavam à sua torre. Famílias com crianças correriam pela rua, com os rostos obscurecidos pelo pânico.

Durante mais ou menos a última hora, ela não tinha feito nada para além de chorar - chorar pelo seu povo, pelos seus amigos, pelos seus irmãos, pois eles poderiam ser mortos. E Rexus? Era mais do que ela conseguia aguentar pensar.

Incapaz de ver o pavor por mais tempo, ela foi até à cama e sentou-se, mas apenas um momento depois, ela teve de voltar para a janela, pensando que se não ficasse lá, ela estava de alguma forma a traír o seu povo.

Aquilo? Era por aquilo que Thanos estava a lutar? Ela ainda estava tão furiosa com ele como quando ele tinha saído. Ele tinha de alguma forma chegado a si, ao seu coração, fazendo com que ela se preocupasse com ele. Ela esperava que ele fosse diferente de todos os outros membros da realeza gananciosos, sedentos de poder, mas quando a hora chegou, ele foi igual, escolhendo lutar pela desigualdade e injustiça que amaldiçoava aquela terra.

Bateram à porta e Anka abriu.

Para surpresa de Ceres, e grande irritação, Thanos entrou.

"Posso falar contigo em privado?", perguntou.

"Não, não podes", disse Ceres, olhando para fora da janela novamente.

"Por favor. É de extrema importância ", disse ele.

Depois de alguns momentos de hesitação, Ceres acenou para Anka, e a miúda saiu, fechando a porta atrás dela.

Ceres permaneceu imóvel ao lado da janela, ainda a olhar para a rua.

"Ceres", disse Thanos.

Recusando-se a encará-lo, ela não parava de olhar pela janela.

"O que é que queres?", perguntou ela.

"Eu sei que estás chateada comigo por eu ter ido, e lembro-me que me disseste que nunca mais querias falar comigo novamente. Mas podemos, por apenas alguns minutos, pôr as nossas divergências de lado?", perguntou.

Ela olhou para ele, considerando o seu comentário.

"Eu tenho algo importante para discutir contigo", disse ele. "O que eu tenho a dizer pode salvar muitas vidas."

"Tudo bem", disse ela.

Ela caminhou até à cadeira em frente da lareira e sentou-se. Ele seguiu-a, sentando-se em frente dela.

Ela podia ver que ele estava ansioso, com os olhos a deslocarem-se nervosamente, como se estivesse a considerar cuidadosamente o que dizer, o que não a deixava menos zangada com ele; ela simplesmente não podia esquecer que, quando ele se tinha ido embora para combater, tinha-a destruído e destruído toda a confiança que eles haviam construído.

"Bem?", disse ela após o longo silêncio dele.

"Eu preciso que me oiças com a mente aberta", disse ele. "E coração."

Ela olhou para ele.

"Venho de uma reunião com o rei e a rainha, e eles acreditam que há uma maneira de acabar com toda a luta."

Agora, o seu interesse tinha sido despertado, embora a sua guarda ainda estivesse muito elevada.

"Eles sugeriram um casamento entre um plebeu e um membro da realeza", disse ele.

Ceres assentiu.

"Eu consigo ver onde é que isso pode funcionar", disse ela.

Os ombros de Thanos relaxaram um pouco e o seu rosto iluminou-se.

"Consegues?"

"Se houver uma união entre uma pessoa comum e um membro da realeza, talvez as pessoas pensem que haverá uma mudança."

Ceres olhou-o nos olhos e mesmo estando tão furiosa com ele, mais do que alguma vez tinha estado com alguém, querendo torcer-lhe o pescoço numa luta ao soco, ela também queria estar mais perto dele, queria que ele se aproximasse e a beijasse no pescoço da mesma forma que já havia feito antes.

Ela desviou o olhar. Aqueles pensamentos, aqueles sentimentos - ela iria esmagá-los com toda a fibra do seu ser até já não se lembrar que eles alguma vez tinham existido.

"Eles tinham alguém em mente?", perguntou ela, pensando que talvez fosse Anka uma vez que ela tinha acabado de vir da rebelião.

"Sim", disse ele.

Ele levantou-se e deu dois passos largos, vencendo a distância entre eles. Ele ajoelhou-se diante dela, e ela ficou perplexa sem saber porque é que ele faria uma coisa tão tola.

"Eu tenho algo para ti", disse ele.

De uma pequena bolsa de couro pendurada à volta da sua cintura, ele tirou uma pulseira de ouro com um amuleto com forma de cisne. Entregando-a a ela, ele sorriu suavemente.

"Era da minha mãe", disse ele.

Mesmo assim tão zangada, ela não queria ofendê-lo e recusar o presente que ele tinha acabado de lhe oferecer – era provavelmente a coisa mais valiosa que ele possuía. Mas será que ele esperava que ela o perdoasse porque ele lhe estava a dar um presente? Quão superficial pensava ele que ela era? Quão facilmente pensava ele que ela iria abandonar os seus princípios? Ela não estaria à venda, nunca.

Ela abriu a boca para falar, mas ele falou primeiro.

"Ceres, eles sugeriram que fôssemos nós, tu e eu."

Ela olhou para ele, pasmada.

"Eu ficaria honrado em ter a tua mão em casamento", acrescentou.

Ela não conseguia falar, porque de repente ficou com um nó na garganta. Ela não iria chorar, não, ela não iria. Ele podia pensar que eram lágrimas de felicidade, quando eram todas lágrimas de tristeza e ressentimento, de confiança perdida e amizade perdida. Não havia forma possível de ela dizer que sim.

Pensou em Rexus, a lutar pela liberdade, a arriscar a sua vida dia após dia, na esperança de oferecer liberdade para todos. Thanos, ele lutou contra tudo isso, e ela não poderia amar alguém ou casar-se com alguém como ele. E ali estava Thanos a propor-se a ela porque o rei pensou que isso iria acalmar os

cidadãos, fazendo com que acreditassem que tal poderia levar a igualdade. Ela sabia que não iria.

"Não é em circunstâncias ideais, mas devias saber que, antes de eles o sugerirem, eu já me tinha apaixonado por ti", disse ele. "O que eu disse no telhado é verdade. Mais do que tudo, eu quero-te a ti."

Ela desviou o olhar, ainda magoada e incapaz de abrir o seu coração para perdoar.

"Eu saí para lutar, Ceres, mas quando eu fiz, eu não consegui matar os revolucionários."

Ela olhou para ele, a notícia derretendo um pouco da sua cólera.

"Eu vi Rexus. Puxei-o para o beco comigo e bati-lhe na cabeça para que ele não fosse morto pelos soldados do Império", disse Thanos.

"A sério?", perguntou ela.

Ele assentiu.

"Mas há mais."

Ceres assentiu, agora disposta a ouvir, agora sentindo vergonha por ter sido tão dura com ele.

"Eu vi o teu irmão Nesos."

Eles deram as mãos.

"Viste?", perguntou ela, cheia de esperança.

"Nós lutámos no telhado. Eu não sabia que era ele. Eu não... "

"O que aconteceu?", perguntou ela.

Thanos fez uma pausa e olhou para ela com lágrimas nos olhos, e ela percebeu.

Ela conhecia aquele olhar, o olhar de quem escondia informações terríveis sobre um ente querido. A expressão da dor antes de ser partilhada.

"Ele caiu sobre a sua espada que espetou-se no abdómen. Eu disse-lhe que não o queria magoar, mas ele..."

Ela ficou em pé tão rápido, a cadeira atrás dela guinchou pelo chão. Não havia simplesmente nenhum lugar para colocar a dor que a estava a dominar, nenhum lugar onde conter algo tão poderoso, nenhum lugar para escondê-la ou armazená-

la. Estava em todos os lugares ao mesmo tempo.

"ASSASSINO!", gritou ela, incapaz de parar de chorar. "O MEU IRMÃO!"

Ele ficou ali, atordoado.

"Eu odeio-te e abomino tudo o que representas!", gritou ela.

Os seus olhos encolheram-se, e ele exalou um suspiro derrotado, com a mão que segurava a pulseira a cair-lhe no seu colo.

"Agora sai!", disse ela.

"Ceres, por favor, não faças isto", suplicou ele.

"Sai!", gritou ela. "Eu disse-te que nunca mais te queria ver novamente, e é verdade!"

O peito dela apertou-se, com a garganta fechada. Ela tinha-se apaixonado por ele também, mas o seu coração era tolo, ela sabia, e isto mais do que tudo provava-o.

Ele levantou-se e ficou parado por um momento, com a tristeza estampada no seu rosto.

"Sinto muito, Ceres."

Ele foi-se embora, deixando a porta aberta atrás dele.

Ela virou-se para a janela e chorou. Nossos. O irmão dela. Ido para sempre. Ela mal conseguia respirar com a dor.

Assim que ela prendeu a respiração ouviu um som atrás dela. Ela girou, assumindo que Thanos havia voltado, preparando-se para gritar com ele para sair, mas ficou chocada com o que viu.

A rainha.

Ela olhou com altivez, com um sorriso maligno no seu rosto.

"Olá, Ceres", disse a rainha, caminhando para a porta, com olhos ameaçadores. "Como é que correu a proposta?"

Ela sorriu, aproximando-se.

"Como futura noiva de Thanos, a tua vida pertence à monarquia. É minha responsabilidade como tua rainha ver que estás protegida. Para começar, não saís

desta sala, a menos que sejas autorizada e, por enquanto, eu proíbo-te."

A rainha de repente virou-se, saiu e fechou a porta. Ceres ouviu uma chave a enfiar-se no buraco da fechadura.

Enfurecida, ela correu para a porta e envolveu as suas mãos frenéticas ao redor da maçaneta da porta, puxando-a com toda a força.

Mas era tarde demais. A porta estava trancada, e não havia nada a fazer senão desistir, ela percebeu.

Ela caiu de joelhos soluçando incontrolavelmente, batendo com os punhos na pesada de carvalho,

derramando o nome de Nesos dos seus lábios.

E, entanto, no meio dos seus gritos, sem ela dar por isso, muitas vezes ela confundia o seu nome com o de Thanos.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Ceres não sabia exatamente há quanto tempo ela estava sentada no chão de pedra no seu quarto - poderiam ter sido minutos, ou horas - lágrima após lágrima escorrendo-lhe pelo rosto. Ela estava estranhamente calma por fora e os motins haviam cessado. Provavelmente, a notícia sobre a união dela com Thanos tinha pacificado os líderes da rebelião. Ela duvidou que fosse durar muito.

Oh, como ela desejava odiar Thanos; e ainda assim o coração dela era um vilão, traindo tudo aquilo que lhe era querido. Com a tristeza a oprimi-la, ela enfiou os joelhos no seu peito e chorou em silêncio por um momento.

Isto é o que eu mereço, ela pensou, endireitando-se e limpando a humidade do rosto, manchando as mangas de seda. Ela não tinha jogado bem as suas cartas, ela percebeu, neste jogo real de poder e intriga. E era evidente que, se fosse para permanecer no palácio e se casar com Thanos, ela teria de aprender a vencer a realeza no seu próprio jogo.

Teria ela feito a escolha certa ao rejeitar Thanos? Ela pensava que sim, mas então porque é que, sempre que pensava no rosto desolado dele quando ela o rejeitou, ela sentia como se tudo estivesse errado?

No outro lado da porta, chaves agitaram-se e alguém inseriu uma chave na fechadura. Esperando a rainha ou um soldado do Império, ela foi para longe da porta, de mãos e joelhos, enxugando as lágrimas.

Quando a porta abriu, Anka estava na porta. Ela entrou na sala e fechou a porta atrás dela.

Ceres pulou para os seus pés, uma sensação de euforia percorreu-a. Ela correu para Anka e atirou os braços à sua volta, apertando-a com força.

"Tens de sair daqui antes de sermos descobertas", disse Anka. "Vai à procura de Rexus. A nova sede da rebelião é ao pé da baía do pescador, dentro do Porto da Caverna".

Ceres conhecia bem a caverna, tendo brincado lá muitas vezes com os seus irmãos. Ela olhou para Anka, tão pequena e linda, e ela não conseguia suportar a ideia de deixar a sua amiga ali sozinha no meio dos lobos.

"Vem comigo", disse Ceres, agarrando a mão dela.

"Eu não posso. Devo ficar aqui até a minha missão terminar", disse Anka.

"Mas aqui, toma isto."

Anka tirou a sua capa com capuz cinza e colocou-a sobre os ombros de Ceres.

"Como é que alguma vez te vou recompensar?", disse Ceres, abraçando Anka novamente.

"Não me deves nada", disse Anka com um sorriso.

Ceres assentiu, lembrando-se de ter falado exatamente aquelas palavras ao salvar Anka do carrinho de escravas.

"Pensando bem", disse Anka com um sorriso, "junta-te à rebelião e fá-los pagar por cada pessoa que eles forçaram a tornar-se escravo".

"Vou fazê-lo", disse Ceres.

Mesmo antes de Ceres sair, ela apanhou a sua espada de debaixo da cama e prendeu a bainha em à volta da sua cintura. Ela colocou o capuz sobre a cabeça e correu escada abaixo, emocionada por estar finalmente a juntar-se à rebelião, ficando ao lado Rexus na luta pela liberdade.

Ela correu pelo corredor, com um olhar atento, os ouvidos alerta e o seu coração a galopar. Ela sabia exatamente onde os guardas estavam e ao movimentar-se pelo palácio, ela certificava-se que evitava aquelas áreas.

Movendo-se rapidamente, em silêncio e, acima de tudo, pelas sombras, ela fez-se invisível. Alcançou a cozinha e serpenteou-se pelas caixas de alimentos, cozinhados e funcionários que estavam ocupados a trabalhar para as refeições seguintes dos membros da realeza.

Entrando no pátio, ela esgueirou-se por detrás de caixas de vinho e carrinhos de comida, passando por escravos e soldados do império que tinham a sua atenção noutra lugar.

Ao sair pelos portões laterais, ela viu um soldado do Império segurando um pergaminho, falando a partir da plataforma mesmo em frente ao palácio, com dezenas de cidadãos amontoados ao redor.

"Foi declarado que o príncipe Thanos vai casar-se com a plebeia, Ceres.

Devido a esta união, o Rei Claudius e a rebelião acordaram uma trégua. Todos os cidadãos são assim ordenados a cessar e desistir de toda e qualquer oposição ao Império, que inclui..."

A voz dele desvaneceu-se quando ela contornou a esquina de um edifício.

Por alguns momentos, Ceres ficou sem fôlego, paralisada, com o coração a bater na garganta. O casamento estava a ser anunciado publicamente, embora ela não tivesse concordado com isso.

Ceres correu pela rua tão rapidamente quanto podia. Ofegante, com pulmões em chamas, ela voou pela carnificina e destroços para o sul em direção ao oceano, com a brisa a fluir contra o seu corpo. Ela cautelosamente seguiu as estradas que levavam à baía.

A costa rochosa dificultava os movimentos, mas Ceres corria tão rapidamente quanto podia em direção à caverna de Rexus. Ela continuava a correr, saltando sobre pedras grandes, pisando pedras pequenas, o sol um globo de fogo na sua cabeça, fazendo-a suar. Mesmo quando as pernas lhe exigiram que parasse e a sua

boca ficou ressequida, ela continuou, passando por pescadores e barcos, com as gaivotas acima a voar contra o céu azul.

Vou descansar quando estiver na caverna, disse a si mesma e, a cada passo, a emoção no seu peito crescia. Tanta coisa havia mudado desde que ela tinha visto pela última vez Rexus e, apesar de terem sido apenas dias, parecia que se tinham passado meses. Seriam as coisas iguais? Ela precisava partilhar o luto do seu irmão com alguém, alguém que a iria entender.

Quando ela chegou à caverna o sol começou a pôr-se, e a caverna na encosta da montanha era um buraco negro por trás de videiras deformadas e musgos viscosos. À excepção de um punhado de guardas que se escondiam nas falésias e atrás dos arbustos, a olhar para ela, o exterior parecia abandonado.

Ceres foi parada por flechas disparadas para o chão logo antes dos seus pés.

Ela olhou para cima, irritada por eles não a reconhecerem.

"Eu vim ter com Rexus. Nesos e Sartes são meus irmãos! Eu estou com a rebelião!", gritou.

Dois sentinelas desceram da montanha, com os arcos amarrados com setas, aproximando-se de Ceres.

"Tenho de te inspecionar por causa das armas", disse um deles.

"Eu tenho uma espada, mas não me vais tirar isso", ela insistiu, abrindo a capa, revelando a espada do seu pai.

"Então não podes entrar", disse ele.

Será que eles não a tinham ouvido?

"O meu nome é Ceres e os meus irmãos, Nesos e Sartes, estão com a rebelião", disse com uma voz irritada. "Eu estou com a rebelião. Rexus enviou-me numa missão para o palácio e estou aqui para reportar. Perguntem-lhe. Ele vai confirmar."

"És a miúda que é suposto casar com o príncipe Thanos", disse o outro sentinela, ironicamente.

Ela não queria perder tempo explicando-lhes que, não, ela não ia se casar com Thanos e que ela o havia recusado. Rexus iria confirmá-lo assim que ela estivesse lá dentro.

"Vai dizer a Rexus que estou aqui para reportar", disse ela, com voz severa.

Um dos sentinelas dirigiu-se para dentro, enquanto o outro a deteve de passar.

Depois de alguns minutos, o sentinela regressou.

"Rexus não te vai receber. Ele disse-me para te dizer para ires casar com o teu príncipe encantado e para ficares longe da rebelião", disse ele.

Ela inquietou-se, com rajadas de dor, mas também com raiva. Ele não iria vê-

la? Ele pensou que ela havia concordado em casar-se com o príncipe Thanos?

"Exijo vê-lo imediatamente!", gritou ela com o seu corpo rígido.

"Põe-te a andar", disse um das sentinelas, empurrando-a com a ponta da sua seta.

Ceres percebeu que ficar ali a discutir não faria qualquer diferença.

Ela virou-se, puxando um dos pés do sentinela e ele caiu para as rochas provocando um estrondo. Antes que o outro sentinela pudesse reagir, ela já tinha sacado a sua espada, deixando-o inconsciente com o seu punho.

Com nem um segundo a perder e com flechas a choverem na sua direção, ela correu para dentro da caverna. Ela correu pelas escuras e brilhante paredes, com os seus olhos focados sobre as tochas acesas ao longe, a tentar colocar a espada na bainha.

"Para!"

Vinham gritos de trás de si, mas ela não parava. Ela veria Rexus e, assim que lhe fosse dada uma oportunidade para explicar, ele entenderia que ela o amava, e ela saberia que ela o amava também. Mais do que a Thanos. Mais do que ninguém.

"Rexus!", gritava ela, deslizando sobre as pedras escorregadias.

Ela chegou ao fim do estreito e, ao entrar no espaço maior, centenas de olhos estavam sobre ela, com expressões tão ameaçadores que ela desejou desaparecer.

"Agarrem-na!", alguém gritou.

"Eu preciso de falar com Rexus!", gritou ela.

Uma multidão de homens reuniu-se à volta dela, agarrando-lhe os braços. Um pegou a sua espada e desapareceu no meio da multidão de homens e mulheres.

"Rexus!", gritou ela.

A multidão abriu-se e Rexus estava ali de pé diante dela, com o seu cabelo loiro a brilhar sob a luz das tochas. Ele parecia tão desesperado, pensou Ceres.

"Rexus", disse ela, com lágrimas nos olhos.

Ela libertou-se dos seus captores e atirou-se contra o seu peito firme, abraçando-o com tanta força que ele grunhiu.

Depois de alguns momentos, ela notou que os seus braços ainda estavam de lado, moles, não a abraçando de volta. Ela afastou-se um pouco e olhou para o seu rosto lindo. Estava duro e frio como gelo.

"Eu não te enviei numa missão para casares com o príncipe Thanos. Enviei-te para ganhares a confiança dos membros da realeza", disse ele, com os olhos ardendo de ódio.

"Eu recusei-me a casar com o príncipe Thanos, mas a rainha quer obrigar-me de qualquer das maneira!", disse Ceres.

"O que é que fez o príncipe pensar que poderia casar-se contigo? Encorajaste-o?"

A multidão ficou em silêncio, à espera da sua resposta.

"Podemos, por favor ir para algum lugar tranquilo para conversar", perguntou Ceres.

"Rexus, tu conheces-me. Conheces-me há anos! Porque é que estás a fazer isto?", perguntou ela.

"Deve ter havido alguma razão pela qual ele pensou que te devia pedir."

"O quê? Rexus, eu neguei-lhe!", gritou Ceres.

"De todas as pessoas que me podiam trair, eu nunca pensei que tu o fizesses."

"Mas eu...", Ceres começou.

"Uma das princesas do palácio procurou-me e disse-me que te tinha visto a ti e a Thanos nos jardins da biblioteca, a beijarem-se", disse Rexus.

"Stephania?", perguntou Ceres.

Os olhos de Rex ardiam um pouco e, depois, suavizaram. Ela esperava que talvez ele finalmente a fosse ouvir.

"Portanto, não é verdade?", perguntou ele, com um olhar de ligeiro alívio no rosto.

"Stephania deveria se casar com Thanos, mas quando o rei e a rainha viram a sua oportunidade de criar a paz no Império, eles cancelaram o noivado e..."

"Em primeiro lugar, responde à minha pergunta. Beijaste-o?", pressionou ele.

Ela não lhe podia mentir, mas podia explicar. Ou pelo menos tentar.

"Sim. Mas..."

"E foi por tua livre vontade e escolha?", continuou ele.

Ela não podia responder àquilo. Ela simplesmente não podia, por muitos motivos.

Rexus assentiu, com conhecimento de causa, com as narinas dilatadas, novamente com uma expressão dura.

"Então, como posso então acreditar que você recusaste a sua proposta de casamento? Talvez até tenhas sido enviada aqui como espia?", disse.

"Não!"

"Tirem-na daqui. E deixem que todos os revolucionários saibam que Ceres está proibida de se juntar à rebelião para sempre!", disse Rexus.

Ele virou-se, mas depois parou e olhou para Ceres mais uma vez, com uma expressão perturbada.

"E eu pensei que deverias saber. Nesos aguentou-se até ao fim. Ele deu a sua vida pela rebelião, enquanto a sua irmã estava fora a namorar com o inimigo".

Ela esmoreceu, com o seu sofrimento a esmagar-lhe o coração tão completamente, que não conseguia respirar, não podia ver. Os olhos transbordavam de lágrimas.

Quando os revolucionários a arrastaram para fora da caverna, ela chamou o nome do seu irmão uma e outra vez. Ela tinha perdido tudo.

CAPÍTULO VINTE E SETE

"Posso dar-te uma palavra?", perguntou Thanos a Cosmas na biblioteca, com as mãos a tremer como folhas apanhadas numa tempestade.

Cosmas estava a ler um pergaminho e olhou para cima com uma expressão de preocupação, mas amorosa.

"Claro."

Eles caminharam juntos para os jardins do palácio e sentaram-se num banco à frente da fonte de mármore, sob um céu nublado.

"Em que é que te posso ajudar, filho?", perguntou Cosmas.

Thanos arfou.

"O rei e a rainha ordenaram a Ceres e mim para nos casarmos de forma a restaurar a paz no país", disse ele.

"Ouvi dizer."

"Ela rejeitou-me."

"Ah, isso, também ouvi."

Thanos respirou fundo.

"Eu apaixonei-me por Ceres, mas ela acredita que eu só me propus a ela, porque me foi ordenado."

Cosmas assentiu, fez uma pausa, trazendo uma mão ao queixo.

"Já falaste com ela, abriste o teu coração e deixaste-a saber como te sentes?", perguntou Cosmas."

"Eu disse-lhe algumas coisas, mas não lhe disse que a amava", Thanos invocou.

"Céus, porque não?"

Ela tinha estado tão zangada com ele, ele lembrava-se, mas não tinha sido por isso que ele não lhe tinha dito.

"Quando estava na minha missão, eu lutei com o irmão dela e ele caiu sobre a sua espada e morreu. Eu disse Ceres o que aconteceu, mas ela ficou tão furiosa comigo, como se ela acreditasse que eu o tinha matado."

Cosmas assentiu, ponderando.

"Tu contaste-lhe a verdade, e ela ficará devastada, com raiva e mágoa durante um tempo. Se tivesses permanecido em silêncio e ela descobrisse, ela nunca te teria perdoado. Fizeste o correto."

"Mas ela odeia-me agora, embora eu tivesse tentado salvar o seu irmão", disse Thanos.

"Eu conheço-te desde sempre, Thanos. Tu és um bom homem."

Thanos gemeu.

"Como é que eu sou um bom homem quando estou pronto para fugir e deixar tudo para trás?"

"Fugir pode oferecer-te um novo começo, mas logo os fantasmas do passado virão para te assombrar", disse Cosmas. "Tens de falar com ela, e então ela pode decidir."

"Ela não vai falar comigo". Então Thanos lembrou-se de algo. "Queres tentar e chamá-la à razão?", pediu ele.

As espessas sobrancelhas de Cosmas ficaram pesadas e ele bufou.

"Muito bem, mas só se me prometeres que irás dizer-lhe que a amas."

Thanos assentiu. "Eu prometo."

*

Ceres correu de volta pelo palácio, subindo as escadas três de cada vez. Ela passou a correr pelos soldados do Império que tentaram prendê-la, e correu em direção ao quarto de Thanos, com os seus pés a moverem-se tão rapidamente que ela mal tocava o chão de mármore. Thanos era o único que poderia ajudá-la naquele momento, ela sabia, e se ele se recusasse, ela iria arrastá-lo de volta para o Porto da Caverna amarrado e amordaçado, se necessário. Thanos precisava de dizer a Rexus que ela, de facto, tinha declinado a sua proposta, e dar-lhe uma hipótese de se juntar aos revolucionários.

Quando ela invadiu o quarto de Thanos, ela ficou muito desapontada ao encontrá-lo vazio.

Ela correu para os jardins do palácio, procurou na arena de treinos real, e até verificou no chalé do ferreiro. Mas ele não estava em lado nenhum. Era como se Thanos tivesse desaparecido no ar.

A biblioteca, é claro! ela pensou.

Ao correr pelos jardins, ela viu a rainha de pé na varanda, com uns olhos como um falcão, uma insinuação de um sorriso conivente nos lábios. E, em seguida, quatro soldados do Império saíram a correr de trás dos arbustos e árvores, prendendo Ceres, apertando-lhe os braços com tanta que era doloroso.

"Thanos!", gritou ela, sacudindo as pernas. "Thanos!"

Mas ele não veio.

Os soldados do Império arrastaram-na para cima para o quarto da rainha e atiraram-na para o chão de mármore brilhante aos pés da rainha. Dois estavam à frente da porta, bloqueando-a, enquanto os outros dois marchavam passando pela estátua de pedra de um casal que estava abraçado, para a varanda, através das portas abertas.

"Vem comigo", disse a rainha a Ceres.

A rainha passou pelas esvoaçantes cortinas roxas, saindo para a varanda com vista para o oceano. Abalada, mas ainda irritada, Ceres levantou-se e seguiu-a depois.

"Ainda não sei como é que conseguiste sair do teu quarto", disse a rainha, com os seus olhos de aço a olharem para a distância e com um dourado cálice de vinho na mão. "No início, pensei que tinhas encontrado uma maneira de sair pela janela, descendo pelo lado da torre, mas não haveria nenhuma maneira de o fazer sem cair para a morte."

Ceres mordeu os lábios, não estando disposta a denunciar que Anka a havia libertado.

"Portanto, alguém no palácio te deve ter aberto a porta e quando eu descobrir quem é essa pessoa, eu, pessoalmente, vou esfolá-la viva", disse a rainha, com a sua voz plana, mas severa.

"Não é assim tão difícil destrancar a porta por dentro", disse Ceres, esperando que a rainha acreditasse que ela tinha feito aquilo sozinha.

A rainha olhou para Ceres, cerrando os olhos.

"Eu duvido que tenhas sido tu", disse ela.

A rainha virou-se e olhou para o oceano.

"Quando eu tinha a tua idade, eu pensava que podia fazer o que quisesse, também. A juventude tem uma maneira de nos tornar ingénuos e irracionais", disse ela.

"Eu sou nenhuma dessas coisas", disse Ceres.

A rainha bebeu um gole de vinho.

"Claro que és, minha querida. Teres regressado ao palácio prova-o. Devias ter ficado longe, Ceres. Aqui, nós temos toda a tua vida planeada e não vai ser a teu gosto".

"Eu não vou casar com Thanos, se é isso que queres dizer", disse Ceres.

"Vais, e como nova princesa, será tua a responsabilidade de produzir bebés.

Muitos e muitos bebés. Nunca serás vista. Nunca serás ouvida. Os teus filhos não te vão conhecer. No momento em que saírem do teu útero, eles serão arrancados dos teus braços para serem criados por uma

ama, longe, muito longe."

"Eu não vou casar com Thanos."

"Não tens escolha, Ceres. *Vais* casar com ele e depois de teres produzido filhos suficientes, serás morta e substituída por uma outra miúda, uma mulher de sangue real, alguém merecedor do título de *princesa*."

"Thanos nunca iria deixar que isso acontecesse. Ele não é como o resto de vocês, seus bárbaros."

A rainha riu-se.

"Achas realmente que ele se importa contigo?", disse ela. "Oh céus. És ainda mais ingénua do que eu pensava".

Os ombros de Ceres encolheram-se ainda mais com as palavras da rainha.

Teria ele apenas fingido odiar a sua família e os membros da família real para ganhar a sua simpatia? Teria ele mostrado carinho para tentar fazê-la apaixonar-se quando, na verdade, ele não se importava nada com ela? Não, ela não acreditava. O seu toque e o seu beijo tinham sido muito reais.

"Thanos contou-me um segredo, e devo dizer, ele é ainda mais bárbaro do que o resto de nós", disse a rainha.

"Duvido", disse Ceres, alerta.

"Suponho que ele não te tenha dito que foi ele que procurou e matou o teu irmão, Nesos?", disse a rainha, com um sorriso superficial nos lábios.

Com toda a sua força, Ceres tentou manter o rosto livre de expressar a pontada de dor que sentiu no interior, tentando forçar os olhos a não se encherem de lágrimas. Mas ela não conseguia segurar tudo dentro e caiu sobre as mãos e joelhos enquanto soluçava.

"Porquê ... porque é que me estás a fazer isto?", perguntou Ceres com a voz embargada. "Porque é que me odeias tanto quando nem sequer me conheces?"

A rainha caminhou para Ceres, pisando no vestido sujo de Ceres.

"Eu não preciso de te conhecer para perceber que és um peão muito útil para o Império", disse ela.

"Eu nunca vou ser o teu peão ou o peão de qualquer outra pessoa", Ceres fervia.

A rainha ignorou o comentário dela.

"Por causa deste casamento, a paz prevalecerá em todo o território, permitindo ao Império manter o poder. E quando tiveres cumprido o teu propósito, não te enganes, serás descartada."

A rainha acenou com a cabeça na direção dos soldados do Império atrás dela, e eles agarraram os braços de Ceres e puseram-na de pé.

"Levem-na de volta para o quarto dela", disse a rainha. "E certifiquem-se de que ambos os seus pulsos e tornozelos são algemados desta vez."

CAPÍTULO VINTE E OITO

Thanos sentia-se sempre melhor depois de falar com Cosmas e, enquanto ele caminhava ansiosamente em direção ao quarto de Ceres, ele sabia com cada fibra do seu ser que a coisa certa era abrir-se com ela, mesmo que isso significasse que ela não o teria.

Ele caminhou através dos jardins do palácio e assim que ele passou à volta do mirante, viu o rei a aproximar-se com os seus conselheiros. O seu tio devia ser certamente o homem mais diabólico a vaguear à superfície da terra, Thanos pensou, um assassino cruel que faria qualquer coisa para manter o seu poder sobre os seus súbditos.

Thanos desviou-se do caminho, tomando uma rota diferente, esperando que o rei não o tivesse visto.

"Bom dia, Thanos", gritou o rei, acenando para ele vir.

A pele de Thanos arrepiou-se, mas ele aproximou-se do seu tio enquanto os conselheiros continuaram a caminhar.

"Caminha comigo", disse o rei.

Ele passeou ao lado do seu tio e na direção do campo de treinos real, com o perfume das flores tão doce, que era nauseante. Ou seria a presença do seu tio que o fazia sentir-se assim?

"Eu ouvi que a proposta não saiu como o esperado", disse o rei, com as mãos cruzadas atrás das costas.

De todas as pessoas no mundo, o rei era precisamente a última pessoa com quem Thanos queria ter aquela conversa. Mas ali estava ele, preso e sem escolha a não ser responder às perguntas curiosas do seu tio.

"Não exatamente", disse Thanos.

O rei ficou em silêncio por um momento, talvez à espera que Thanos dissesse alguma coisa.

"Eu vejo que te importas com esta miúda", finalmente disse o rei. "E pode surpreender-te saber que as nossas histórias são bastante semelhantes."

Isso surpreendeu Thanos e a sua curiosidade foi aguçada.

"Quando eu conheci Athena, ela mal suportava estar no mesmo quarto que eu", disse o rei com uma risada. "Foi um casamento às cegas que um dos meus progenitores arranjou a fim de expandir as fronteiras do Império. Eu tinha ouvido rumores acerca da beleza de Athena e eu mal podia esperar para a conhecer, mas quando nos conhecemos, Athena recusou-se a reconhecer a minha existência, para não dizer mais."

"Porquê?", perguntou Thanos, nunca tendo ouvido aquela história antes.

"Vê só, ela havia se apaixonado por outra pessoa."

Era uma história interessante, pensou Thanos, mas ele não conseguia ver em que é que as suas situações eram semelhantes.

"Nós casamos e, após o primeiro ano, nos tornamos melhores amigos e amantes apaixonados", o rei continuou com uma expressão de orgulho no rosto.

"Porque é que me estás a contar isto?"

O rei fez uma pausa, colocando uma mão gorda no ombro de Thanos.

"Eu percebo que as nossas situações não são exatamente iguais, mas eu conheço-te, Thanos. Tu provavelmente vais recusar-te a casar com Ceres, se ela não estiver de acordo. E porque ela ama outra pessoa, farás tudo que estiver ao teu alcance para não a forçar a casar contigo."

Thanos franziu os olhos.

"Porque é que achas que ela ama outra pessoa?", perguntou ele.

"Nós mandámos seguir Ceres quando ela escapou do palácio para ir visitar Rexus, um dos líderes da rebelião e o apaixonado de Ceres", disse o rei.

Se as palavras do seu tio eram verdadeiras, seria, de facto, um golpe para o orgulho de Thanos, mas podia ele confiar no que o seu tio estava a dizer? Nunca.

"Lexus é seu amigo de infância, nada mais", disse Thanos.

"Eu não te digo isto para ser cruel. Digo-te para que saibas a verdade e não sejas enganado. Eu posso ser duro contigo, mas eu sou sempre sincero", disse o rei.

Thanos tirou a mão do rei do seu ombro e deu um passo para trás.

"Estás a mentir", ele rosnou.

"Quando Ceres regressou ao palácio, ela admitiu tudo para a rainha. Pergunta tu próprio a Ceres se não confias na minha palavra ou na palavra da rainha", disse o rei.

Thanos abanou a cabeça em descrença, mas se o rei estivesse a mentir, porque é que ele iria sugerir a Thanos para perguntar a Ceres em pessoa?

Ele olhou para a torre. Teria ele sido cego? Será que o seu afeto não era correspondido por Ceres? Todos os sinais apontavam para isso: os comentários sarcásticos dela, a maneira como ela se manteve longe dele, a sua recusa em casar com ele. Talvez ele tivesse sido enganado, e agora ele pagava as consequências: humilhação e rejeição.

Uma onda de raiva encheu o seu peito e ele sentiu calor a propagar-se pela sua cara.

"Na verdade, Stephania é muito melhor para ti, Thanos. Ah, ela pode ser um pouco mimada e cheia de si

mesma, mas a maternidade vai corrigir tudo isso."

"Eu não a amo", disse Thanos com os dentes cerrados.

"Eu vou deixar que sejas tu a tomar esta decisão, Thanos. Mas fica sabendo: se casares com Ceres, isso vai garantir a paz no Império e milhares de vidas serão poupadas. Se não fizeres isso, muitos morrerão de ambos os lados."

"Se eu concordar em casar com Ceres, a rebelião pode acalmar-se por algum tempo, mas posso garantir-vos que eles vão surgir novamente. Não duvido que saibas isso", disse Thanos.

"Temporariamente ou não, isso dar-nos-ia tempo para trazer forças adicionais do norte."

Thanos pensou por um momento, mas sabia que não podia – não iria casar com alguém que não o amava em retorno.

"Pensa sobre isso um pouco", disse o rei. "Enquanto isso, o General Draco pediu-te para liderares uma legião de homens para controlar a rebelião em Haylon."

Em qualquer outro momento, Thanos teria rejeitado o comando sem um segundo pensamento. O seu tio era realmente astuto como uma serpente, ele sabia, oferecendo-lhe esta oportunidade agora que Thanos estava inconsolável. E ele odiava ter sido usado mais uma vez.

"Quando é que parto?", perguntou Thanos.

"Agora. Os navios estão prontos no porto e os soldados do império estão à espera do seu novo líder".

Thanos sentiu uma onda de raiva.

"Eu não aceito a posição", disse ele.

O rei sorriu.

"Não tens escolha."

Thanos franziu as sobrancelhas.

"Então dá-me uma oportunidade, pelo menos, de ver Ceres antes de eu ir", disse ele, desesperado para a ver uma última vez, para lhe explicar que poderia nunca mais voltar.

Mas o rei limitou-se a abanar a cabeça.

"Temo que isso seja impossível", disse ele.

E com aquelas palavras, ele afastou-se.

Thanos queria correr para Ceres, mas antes que ele se conseguisse mover, uma dúzia de soldados cercaram-no. Ele sabia que seria inútil. Eles iriam escoltá-lo, sob o comando do Rei, até ao navio, para longe daquilo tudo e para uma batalha que podia significar a sua morte.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

Sentada numa cadeira perto da janela no seu quarto, com os seus pulsos e tornozelos acorrentados, Ceres, finalmente tinha desistido de tentar escapar. Por horas, ela tinha-se esforçado para sair daquelas algemas, para invocar a força sobrenatural que, por vezes, concedia-lhe o poder extremo, mas ela não conseguiu nada a não ser hematomas e sangue pisado.

Inquieta, tentando agarrar-se à pouca sanidade mental que ainda tinha, ela olhou pela janela para a capital serena. No entanto, ver como a paz descia sobre a cidade devastada pela guerra era de pouca ajuda porque nada a não ser a decepção tinha trazido aquela paz, ela sabia. Quantas mais mentiras estavam lá fora, flutuando ao redor, impedindo a infra-estrutura do Império de desabar?

Ceres ouviu chaves a chocalhar do lado de fora da porta, e quando a porta se abriu, para sua surpresa, entrou Cosmas.

Ele ficou parado à porta, ofegante quando a viu, com um olhar de horror no seu rosto enrugado.

"Ceres, o que te aconteceu?", perguntou ele, dirigindo-se imediatamente para ela.

"A rainha sentiu a necessidade de me confinar ao meu quarto", disse ela.

Cosmas examinou as algemas e, ao ver o seu sangue, ele foi até à bacia de água, molhou um pano, e voltou para o pé dela.

"Que coisa desprezível para se fazer a uma menina tão doce", disse ele, passando a toalha nas suas feridas. "Ela disse porquê?"

Ceres mordeu-se com o ardor da toalha enquanto ele lhe limpava as feridas.

"Eu recusei-me a casar com Thanos e depois saí do castelo", disse ela.

Cosmas fez uma pausa, com uma expressão triste.

"Sim, ele foi ter comigo, preocupado e com o coração partido", disse ele.

Ela piscou, tentando conter as lágrimas.

"Eu nunca quis magoar Thanos", disse ela. "Mas eu recuso-me a ser usada pelo Império para seu proveito próprio."

Cosmas assentiu, juntando as sobrancelhas.

"A rainha disse que eu só serei utilizada para produzir bebés e depois vou ser morta assim que já não for útil", disse Ceres.

"Espero que saibas que Thanos nunca iria permitir isso", disse Cosmas, continuando a limpar as suas feridas.

"Eu não achava que ele permitisse. Mas agora eu já não sei."

Cosmas olhou para ela, intrigado.

"A rainha disse que Thanos procurou o meu irmão para matá-lo", disse Ceres, com um nó a formar-se na sua garganta.

Cosmas colocou gentilmente uma mão na sua cabeça, acariciando os seus cabelos.

"As minhas profundas condolências pela tua perda", disse ele. "Thanos contou-me o que aconteceu, e ele estava extremamente perturbado. Ele só soube depois que ele era teu irmão. E ele fez tudo ao seu alcance para não o matar, apesar de Nesos ter tentado matar Thanos. O teu irmão caiu sobre a sua própria espada. Um trágico mal-entendido, temo. Estou certo de que, se Nesos tivesse sabido, então ele não teria tentado matar Thanos. Mas, pela parte de Thanos, não havia nada mais que ele pudesse ter feito. Nesos tentou com todo o seu coração matá-lo. Foi apenas o amor dele por ti que permitiu que Thanos não lutasse contra um homem que queria a sua vida".

Então não era como a rainha tinha dito, Ceres notou com alívio. As notícias faziam a perda um pouco menos horrível, embora ela ainda se sentisse como se o seu coração fosse explodir de tristeza a qualquer momento. Mas agora ela se perguntava quantas mais palavras da rainha tinham sido incrementadas com mentiras?

Cosmas olhou Ceres nos olhos com tanta sinceridade que ela deu por si prendendo a respiração.

"Thanos ama-te, Ceres. Ele precisa de uma mulher boa e íntegra na sua vida a lutar por ele, com ele, e para estar do lado dele. Não deixes que o rei e a rainha se intrometam no vosso relacionamento. Não os deixes destruir o que de belo existe entre vocês".

"Belo? Que belo? Ele nem sequer teve a decência de me visitar ", disse ela, com um gosto amargo na boca.

"Ele foi enviado numa missão para Haylon. A ilha derrubou o Império, e ele foi enviado para recuperá-la."

"O quê?", perguntou ela, horrorizada.

"Não acredites que Thanos fez isso porque ele suporta qualquer coisa que o Império representa", disse Cosmas. "Ele certamente não suporta."

Ele aproximou-se e baixou a voz, e Ceres podia sentir que ele ia dizer algo perigoso. O ar em torno deles tornou-se tenso.

"Eu ouvi algo", disse Cosmas. "Disseram a Thanos mentiras sobre ti, e é por isso que ele partiu para Haylon, desesperado. Parece que alguém está a tentar enviá-lo e quer vê-lo morto. Mas eu não tenho certeza quem ou porquê."

"Quem poderia querer Thanos morto?", perguntou ela, preocupada.

"Eu não sei. Mas se sussurrares uma palavra sobre isto a alguém as nossas vidas ficarão em perigo."

Ele deu um passo para trás e a atmosfera no quarto voltou ao normal.

"Deve haver alguma maneira de te tirar as algemas. Se eu tivesse uma chave", disse ele, olhando ao redor. "Eu levava-te daqui para fora e levava-te até à minha mulher. Podias ficar connosco na nossa casa."

"Farias isso por mim?", perguntou ela, percebendo que ele estaria a arriscar a sua vida.

Cosmas sorriu suavemente, com os olhos cheios de ternura.

"Thanos é como um filho para mim, e ele ama-te. Eu faria qualquer coisa por ele, e agora por ti, também."

Aquilo levou Ceres às lágrimas. Ceres havia-se sentido tão sozinha e abandonada.

"Obrigado", disse ela.

"Eu serei o seu fiel amigo para sempre", disse Cosmas. "Tu não pertences aqui, Ceres. Thanos importa-se contigo, mas os restantes são podres e maus, e tu és demasiado inocente e boa para jogar os jogos deles."

Então ela teve uma ideia.

"Se eu escrever uma carta a Thanos, existe alguma maneira de a poderes entregar por mim?", perguntou ela.

"Claro. Eu tenho alguns amigos, e eu acredito que eles pudessem chegar a Thanos muito rapidamente."

Ela retirou pergaminho e começou a escrever. Ela contou-lhe tudo, desde o que a rainha havia dito, até ao porquê de ela ter rejeitado a proposta de casamento dele. Ela até lhe disse que ela se importava com Rexus, mas que estava confusa porque amava os dois. Ela disse-lhe sobre como é que ela sabia que o rei e a rainha estavam a colocá-los um contra o outro, mas não tinha nenhuma maneira de o provar. Ela disse-lhe que tinha sabido que ele tinha matado o seu irmão, mas sabia que ele não tinha tido a intenção de o fazer, e que ela estava a tentar perdoá-

lo.

E, finalmente, ela pediu-lhe para voltar para que ela pudesse segurá-lo, mantê-

lo perto, e ela pediu-lhe perdão por ter sido tão fria.

Ela enrolou a carta e entregou-a Cosmas.

"Eu vou garantir que a carta chega a Thanos, e vou protegê-la com a minha vida se tiver de o fazer", disse ele.

Ele abraçou-a, e depois saiu, fechando a porta atrás de si.

Ceres ouviu os seus passos a desaparecer pelas escadas. Ela não podia deixar de pensar se tinha estado errada acerca de tudo. Se Thanos iria receber a sua carta. Se ele seria morto.

E se ela alguma vez mais iria ver Thanos novamente.

CAPÍTULO TRINTA

Ceres sentiu como se o seu coração pudesse saltar para fora do seu peito quando viu o seu pai de pé na porta do seu quarto. Ele estava vestido com roupas finas e o seu rosto já não era pálido como costumava ser. Tinha as bochechas rosadas e os lábios inclinados para cima. E aqueles olhos... como era maravilhoso ver novamente os seus olhos gentis e amorosos, os olhos em que ela confiava e que imediatamente acalmavam os seus nervos em frangalhos.

Ela levantou-se para correr para ele, mas as algemas contiveram-na.

O olhar dele caiu sobre as correntes e a sua expressão tornou-se preocupada.

Ele atravessou o quarto e abraçou-a.

Ela apertou-o com força, aninhando o rosto no seu peito, o calor do seu corpo, a ternura do seu abraço, trazendo lágrimas de alegria para os seus olhos.

"Senti tanto a tua falta", ela sussurrou.

"Amo-te", disse ele.

Por um momento feliz, eles abraçaram-se. Tudo estava lindo e Ceres sentia-se segura e amada.

Mas então ela sentiu o seu pai a encolher-se nos seus braços, desaparecendo pouco a pouco, com o seu corpo implodindo em nada. Era como se ela própria estivesse a morrer com a sua partida.

"Não", choramingou ela agarrando-se a ele, tentando fazer com que ele não desaparecesse.

"Pai!", ela chorava, fechando os olhos. Mas nesse momento ele desapareceu.

A luz do sol aquecia-lhe o rosto. Ela abriu os olhos e viu que estava na arena do Stade, com sete lordes de combate sobre ela, a multidão cantando para ver o seu sangue derramado. As mãos e os pulsos já não estavam algemados, mas ela não tinha armas para se defender. Petrificada, ela procurou ao seu redor por uma maneira para se escapar, mas vendo os lordes de combate a circundarem-na, não havia forma de fugir. Desarmada, ela era incapaz de lutar. Quando os lordes de combate avançaram na sua direção, ela caiu de joelhos, gritando, pressionando as palmas das mãos contra os olhos.

Ceres acordou com um grito debaixo da janela, com o corpo a transpirar, lágrimas nos olhos, com o chão de pedra fria e dura debaixo de si. As correntes chocalharam quando ela enfiou o seu rosto nas mãos, e ela soltou um grito lancinante na noite.

Que pesadelo horrível, pensou. Mas o que é que significava? Era um presságio do que estava por vir? Ela abraçou o peito, sentindo-se tão vazia, tão indefesa,

tão desprotegida.

Ela assustou-se quando a porta se abriu e, por um segundo, quando viu uma figura masculina em pé na porta escura, em seu estado semi-acordado, pensou que Thanos havia retornado.

"Thanos?", sussurrou ela, com um entusiasmo crescente.

"É isso que ele faz durante a noite, visita-te?", disse o homem.

Os cabelos na nuca de Ceres puseram-se em pé quando ela reconheceu a voz como sendo a de Lucious e, imediatamente, ela sabia que estava em perigo, incapaz de escapar, com os pulsos e os tornozelos algemados.

"Já não te via há algum tempo e estava preocupado contigo", disse Lucious.

"Duvido."

Ele aproximou-se e o seu rosto apareceu ao luar.

"Sai ou eu grito", disse Ceres, numa respiração superficial.

"E quem é que vem salvar-te? Não será Thanos. Não será o rei nem a rainha.

Não serão os soldados do Império."

Ela levantou-se e agarrou numa taça dourada que estava na mesa, atirando-a para ele, mas ele desviou-se rapidamente e taça voou pela porta aberta e caiu pelas escadas abaixo.

Lucious fechou a porta com força e avançou em direção Ceres, empurrando os seus pulsos contra a parede atrás dela, esfregando o seu corpo contra o dela, com o seu hálito a cheirar a álcool.

Ela gritou e deu-lhe pontapés na canela, mas ele pôs-lhe a mão sobre a boca e pressionou os seus joelhos entre as pernas dela para que ela não as conseguisse mexer. Com dedos apressados, ele puxou a saia dela para cima e, por um momento, ele libertou a sua boca e esmagou os seus lábios contra os dela.

Um gosto a fel surgiu na garganta de Ceres. Ela abriu a boca, mordendo-o com tanta força quanto conseguiu. Ele empurrou-a e bateu-lhe na cara com o punho fechado. O anel de ouro dele cortou Ceres no rosto.

Ela obrigou-se a ignorar a dor e gritou tão alto quanto conseguiu, mas ele colocou tecido à volta da sua garganta, sufocando-a. As mãos dele mergulharam na sua saia novamente, e ele pressionou-a com quadris fortes, um olhar selvagem nos seus olhos, o brilho feroz de um selvagem.

"Deste-me tanto trabalho que me deves um pouco de prazer", ele sibilou.

Sons abafados escapavam dos lábios dela enquanto ela lutava contra ele com toda a sua força, mas ele era muito forte e ela estava algemada.

De repente, ele caiu no chão atrás dela, sem vida. Ela olhou por cima do ombro e ficou aliviada ao ver Anka ali com um castiçal de prata.

"Anka", Ceres murmurou, com os joelhos a tremer tanto que ela mal conseguia aguentar.

Anka correu para Ceres e rapidamente inseriu uma chave nas algemas em torno dos tornozelos e pulsos

de Ceres, libertando-a.

Com as mãos a tremendo incontrolavelmente, Ceres puxou o tecido para fora da boca seca. Anka agarrou os ombros de Ceres e olhou-a nos olhos.

"Os soldados estão a chegar. Corre!", disse Anka.

"Tens de vir comigo desta vez", disse Ceres.

"Não, eu preciso de ficar."

Anka virou-se num piscar de olhos, corre porta fora, e desapareceu pela escura escada abaixo, com os seus passos apressados a desaparecerem gradualmente.

Rapidamente, Ceres recuperou os sentidos, obrigando-se a mover, mesmo considerando que tudo o que ela tinha vontade de fazer era enrolar-se numa bola no canto e chorar. Quando estava a sair, ela deu um pontapé no abdómen de Lucious. Ela havia-o desprezado antes, mas agora o seu ódio iria arder cada vez que o visse. Ela iria lembrar-se daquele momento, oh, e de maneira.

Com as mãos a suar, ela correu escada abaixo, mas assim que chegou ao fundo, uma enorme quantidade de soldados do Império aproximou-se dela pela direita, com as suas espadas desembainhadas.

Ela olhou para a esquerda, mas a mesma quantidade de soldados do Império vinha na sua direção.

Então, ela ouviu passos atrás de si, mas antes de ela se conseguir virar, ela sentiu um objeto duro atingir a parte de trás da sua cabeça, ficando tudo escuro.

CAPÍTULO TRINTA E UM

Stephania sentou-se lá no fundo na sala do trono e trouxe o leque para os seus lábios, escondendo um bocejo. Aquele conselho sombrio de homens e mulheres velhos e tontos era tão pouco inspirador que ela pensou que poderia desmaiar de tédio. Durante horas, eles discutiram - no mesmo tom entorpecedor e monótono -

como o município estava a perder dinheiro, como o tribunal era mal gerido, e como a rebelião, se fosse para continuar, custaria muito ao Império. E como se aqueles dignitários não conseguissem compreendê-lo, já tinha sido trazido à mesa por *três* vezes que a rebelião já havia secado metade do ouro do rei.

Ainda assim, depois de horas de divagações inúteis, com dezenas de ideias absurdas a serem lançadas para o ar, eles não encontraram soluções. Nenhuma.

Stephania já se havia sentado em muitos como aquele, ouvindo aqueles imbecis a murmurar idiotices, o que só lhe comprovava mais uma vez que todos eles eram macacos desmiolados, fingindo saber o que estavam a falar e o que estavam a fazer.

"Existem mais assuntos para tratar?", disse o rei a partir do seu trono à frente da sala.

Nem uma alma disse uma palavra, graças a Deus, Stephania pensou, morrendo de vontade de sair daquela sala abafada, com dores nas nádegas por estar ali sentada há tanto tempo sobre aquela cadeira não

almofadada. Desde o anúncio de que Thanos se casaria com Ceres, que ela havia sido rebaixada para se sentar na fila de trás ao pé da porta de saída, ao lado do dignitário menos importante em todo o Império, sendo o seu lugar o mais distante do rei.

Vou trepar o meu caminho de volta para as graças do rei, ela decidiu. Em breve.

Quando ela julgava que a reunião tinha acabado, Cosmas, sentando-se na frente, levantou-se e pediu para ficar diante do rei.

Stephania revirou os olhos. Será que aquele dia nunca mais acabaria? Ela sabia que ele era o velho senil geriátrico, duro de audição que se preocupava com Thanos - um pouco demais, pensava Stephania - mas que raio ele teria a dizer que justificasse um único segundo de uma reunião do conselho como aquela? Tudo o que velho fazia dia após dia era ler pergaminhos na biblioteca, olhar para as estrelas e falar de coisas que não na verdade não importavam - não para o Império, pelo menos.

Stephania reparou que os outros dignitários também pareciam desinteressados quanto ela, com os olhos vidrados de tédio.

A olhar para o padrão floral do seu vestido de seda verde, ela ouviu com um ouvido, abanando-se enquanto o antigo estudioso erguia um pergaminho para o rei.

"Foi-me pedido que entregasse esta carta a Thanos", disse Cosmas. "É de Ceres."

Os ouvidos de Stephania sintonizaram imediatamente. Talvez o velho sábio não fosse tão tolo quanto ela tinha pensado. Ele enganou-me bem, Stephania pensou, porque ela presumiu que o velho era mais leal a Thanos do que até mesmo o rei ou o Império. Mas talvez ela se tivesse enganado na sua suposição.

Com um coração inebriado, ela reprimiu um sorriso. Agora aquela plebeia, Ceres, seria condenada à morte e Stephania casar-se-ia com Thanos, ficando tudo bem novamente. Que sorte! Talvez os deuses estivessem a sorrir para ela afinal de contas.

Stephania observava enquanto o rei lia a carta em silêncio, com as sobrancelhas afundando-se mais e mais sobre o seu rosto gordo. Quando ele terminou, olhou para cima.

"Leste isto?", perguntou o rei a Cosmas.

Cosmas deu um passo adiante.

"Sim, e foi quando percebi que precisava de ser trazida ao teu conhecimento", disse ele. "A miúda é uma ladra conivente mentirosa, uma revolucionária no meio de nós."

Ouviram-se suspiros na sala e a desordem entrou em erupção.

"Silêncio! Silêncio!", disse o rei.

"Ela não deve casar com o príncipe Thanos!", gritou um conselheiro.

"Enforcem a miúda por traição!", disse outro.

A sala explodiu em comoção, alguns gritando para o rei para aprisionar a impostora, outros exigindo que ela fosse morta imediatamente.

"Silêncio!", gritou o rei novamente, e a sala ficou num zumbido baixo de sussurros. "Não podemos simplesmente matá-la. Os revolucionários vão começar os tumultos nas ruas novamente e nós não estamos prontos para dar conta de todos eles."

"Mas temos de fazer alguma coisa", disse um assessor. "Não queres deixar uma conspiradora permanecer no meio de nós, vazando informações para a sede dos revolucionários?"

A brilhante ideia surgiu na mente de Stephania, e ela arfou. Algumas cabeças viraram-se para ela e ela sorriu, sabendo que aquela ideia seria a sua grande hipótese de cair nas boas graças novamente. Ela só tinha de falar.

"Posso fazer uma sugestão, Excelências?", disse ela a alto e a bom som, levantando-se.

Os olhos da rainha do rei olharam para ela.

"Por favor, também irá ajudar a gerar dinheiro para o Império", disse ela, sentindo a hesitação deles.

"Muito bem, fala", disse o rei. "Mas rápido."

Stephania pisou no chão e caminhou em direção à parte da frente da sala, com os seus saltos a estalarem contra o chão de mármore, com centenas de olhos seguindo cada passo seu. Ela reprimiu um sorriso, deliciando-se com a atenção, eufórica por ter uma ideia maravilhosa para apresentar, quando os homens e mulheres supostamente mais poderosos e inteligentes do Império nunca tinham pensado em tal coisa. Ela sabia que, assim que tivesse compartilhado com o rei a sua ideia, ele iria adorar. E, talvez, o rei e a rainha lhe dessem mais autoridade a partir daquele momento - autoridade sobre Ceres.

Quando chegou à parte inferior dos degraus abaixo dos tronos, Stephania fez uma reverência profunda perante o rei e a rainha.

"Até agora suas excelências têm feito um trabalho maravilhoso ao usar Ceres para promover e fortalecer o Império. E eu vejo uma oportunidade de fazê-lo novamente", disse Stephania.

"Bem, então, porque é que não nos iluminas", disse a rainha num tom duro.

"Não atirem Ceres para fora do vosso foco", disse Stephania. "E não a executem. Em vez disso... usem-na para fazer o Império mais rico do que alguma vez foi."

A sala ficou em silêncio, alguns murmúrios, e Stephania podia sentir a aprovação dos outros sobre si novamente.

"E como é que propões que nós o façamos?", perguntou o rei.

"Façam dela uma candidata permanente nas matanças", disse Stephania.

Agora que a sala se tinha tornado tão silenciosa, Stephania conseguia ouvir o ar a entrar e a sair das suas narinas.

"Ela é uma miúda", alguém gritou.

"Ninguém viria ver uma plebeia a ser massacrada", disse outro.

Stephania estava a ficar impaciente com aqueles veteranos míopes e tacanhos.

"Ceres será brevemente um membro da realeza feminino, uma novidade, uma lutadora feroz no seu próprio direito", disse ela. "Eu vi-a combater e ela derrotou Lucious. Ouso dizer que as pessoas viriam de longe só para vê-la."

O rei cerrou os olhos, levando uma mão ao seu queixo barbudo.

"Façam os espectadores pagar para ver a princesa lorde de combate", acrescentou Stephania.

O rei olhou para a rainha, e a rainha levantou uma sobrancelha.

"A princesa lorde de combate", disse o rei. "Eu vou pensar sobre isso, mas parece-me que a ideia é excelente. Bem feito, Stephania. Bem feito."

Stephania fez uma reverência novamente e voltou ao seu lugar, extremamente orgulhosa de si mesma por ter pensado em tal genial plano. Não só a sua ideia traria dinheiro para o Império, como iria servir um propósito muito pessoal, também.

Vingança.

Finalmente, Thanos seria dela.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

Que desperdício do meu tempo, Sartes pensou ao sentar-se debaixo da árvore de salgueiro no seu quintal, a descascar batatas para a sua mãe, com o vento a bater na sua túnica cor de vinho num fluxo constante. Sartes era jovem demais para lutar na rebelião, Rexus tinha-lhe dito, e havia-o enviado de volta para casa para se sentar e esperar para amadurecer, para se sentir inútil, para refletir sobre a morte de Nesos, para se sentar e pensar em como Ceres estava presa dentro das paredes do palácio, sendo abusada, usada e torturada.

Ele atirou a batata na panela e começou a descascar outra.

Como é que Rexus iria ficar ali sentado sem fazer nada, a sofrer as consequências da guerra, sem ajudar de alguma forma? Ele não era muito jovem, ele sabia, mas os revolucionários não viam isso. Só porque ele era pequeno, não significava que ele não tivesse habilidades e competências úteis na guerra contra o Império.

Mas apesar da sua insistência junto de Rexus para ficar, Sartes foi enviado para casa para estar com a sua mãe a descascar legumes e esperar.

Quando ouviu as rodas a esmagar a estrada de cascalho, Sartes olhou. A bandeira azul e dourada do Império abanava por cima de um vagão fechado, com dezenas de soldados do Império a marcharem atrás em duas filas perfeitamente retas.

A porta da frente da casa abriu-se e a mãe de Sartes saiu para o alpendre da frente, cerrando os olhos em direção ao carro, com uma mão a fazer sombra aos seus olhos e a testa generosamente franzida.

"Vai para dentro de casa, Sartes", disse ela.

"Mãe..."

"Vai para dentro de casa, agora!", gritou ela.

Sartes bufou e atirou a faca no balde de água e batatas. Indo em direção à casa, ele ficou irritado por ser tratado por todos como uma criança indefesa.

"E não saias até que eu te dizer para saíres, estás a ouvir?", disparou a sua mãe.

Sartes bateu com a porta atrás dele e sentou-se ao pé da mesa da cozinha, olhando para fora através da persiana parcialmente aberta, vendo o vagão do Império a abrandar até parar exatamente na frente do seu quintal.

Um soldado do Império saltou do banco do motorista e aproximou-se, com um pergaminho com o selo do Império na mão.

"Estamos aqui para recrutar o seu filho primogénito para o exército real", disse o soldado do Império, segurando o pergaminho para a mãe de Sartes.

Sartes viu que a sua mãe olhou para o pergaminho, mas não o segurou.

"Ceres é minha filha e, como sabes, ela vai casar-se com o príncipe Thanos", disse ela.

Sartes levantou-se e foi em pontas dos pés até à persiana, ouvindo atentamente.

"Foi decidido pelo rei que recrutássemos *todos* os machos primogénitos", disse o soldado do Império.

"O meu filho mais velho está morto", disse ela, com um tremor na sua voz.

"E os teus outros filhos?", perguntou o soldado do Império.

"Como é que ousa perguntar-me isso a mim?", disse a mãe de Sartes.

"O rei não te dispensou, a ti ou à tua família, de o servirem a ele ou ao Império. Portanto, pergunto-te a ti, novamente, tens mais filhos?", o soldado do Império continuou.

"Mesmo se eu tivesse outros filhos, que não tenho, ele em breve seria o cunhado do príncipe e o exército real não o chamaria."

O soldado do Império deu um passo ameaçador em direção a ela. Sartes pensou que ele poderia atacar a sua mãe. Ele quase saiu lá para fora, mas sabia que se o fizesse, ele teria que lidar com a sua mãe mais tarde, ou seria recrutado para o exército real, e nenhuma daquelas opções soava tentadora, no mínimo.

"Posso assumir que estás então do lado da rebelião?", rosnou o soldado do Império.

"Porque raio é que assumes uma coisa dessas?", perguntou a mãe de Sartre.

"Porque estás a resistir às ordens do rei."

"Eu não estou com a rebelião", disse ela.

"Então vais obedecer às ordens do rei?"

"Sim, vou."

"Então, desvia-te para que eu possa fazer buscas à tua casa."

"Não tens direito de fazer buscas na minha casa", ela retrucou.

"Eu tenho ordens para matar qualquer um que resista!", rugiu o soldado.

"Agora fica fora do meu caminho, prostituta!"

Sartre arfou, percebendo que se não fugisse, os soldados prendê-lo-iam e ele seria forçado a lutar pelo exército real. Ele encaminhou-se para a sala das traseiras, mas ao fazê-lo, esbarrou numa cadeira, fazendo-a tombar com um estrondo. Tropeçando para frente, ele tinha acabado de chegar ao quarto das traseiras, quando ouviu o soldado do Império dar um pontapé na porta da frente.

Mas antes de Sartre conseguir escapar pela janela, o soldado do Império estava sobre ele. O bruto agarrou o braço de Sartre, puxando-o para o quarto

principal de novo, mas Sartre pegou numa cadeira e atirou-a para o soldado, atingindo-o na cabeça fazendo com que lhe escorresse sangue pela testa.

O soldado gritou e caiu no chão, soltando o braço de Sartre. Sartre correu para o quarto das traseiras novamente.

Ele abriu as persianas e saltou pela janela, com o coração a bater como um animal selvagem contra o seu esterno, só pensando em conseguir chegar ao campo. Ele passou o barraco, o prado tão perto, mas, nesse momento, ele ouviu a sua mãe a gritar.

Sem poder continuar, ele virou-se e, para seu horror, viu o soldado do Império a segurar um punhal na garganta da sua mãe.

"Mãe!", gritou, horrorizado.

"Por favor, não me mates", implorou a sua mãe. "Sartre, não deixarias a tua mãe morrer, pois não?"

Por uma fração de segundo Sartre entrou em conflito. Se ele voltasse, ele seria forçado a lutar contra os seus amigos, contra tudo o que ele acreditava, a liberdade, a prosperidade, a justiça. Ele iria matar as pessoas que amava. Ele seria obrigado a destruir tudo em que acreditava. Mas se ele continuasse a correr, os soldados do Império podiam ainda alcançá-lo e a sua mãe estaria morta.

Ele não podia viver consigo mesmo sabendo que ele era a razão pela qual a garganta da sua mãe tinha

sido esquartejada pelo inimigo.

Três soldados do Império correram em direção a ele. Ele levantou as mãos em sinal de rendição, e olhou para a sua mãe, aliviado e algo confortado mas também desgostoso, quando o punhal foi removido da sua garganta.

Os soldados obrigaram Sartes a deitar-se no chão, pondo os seus braços atrás das costas, atando-lhe os seus pulsos com corda. Puxaram-no e arrastaram-no, passando ao lado da sua mãe. Os olhos dela encheram-se de lágrimas.

"Sartes", gritou ela. "Meu bebé."

Ela correu atrás dele na direção do vagão, com os seus braços ansiosamente a tentarem agarrá-lo e com os dedos a esticarem-lhe a camisa.

Um soldado bateu-lhe no rosto e ela caiu nas ervas secas com um grito.

Os soldados atiraram Sartes para o carrinho juntamente com três outros jovens e trancaram a porta.

"Eu nunca me vou perdoar por isto", a sua mãe chorava. "Nunca!"

O cavaleiro chicoteou os cavalos e a carroça avançou com um safanão. A mãe de Sartes cambaleava de pé, apertando as mãos ao redor das barras, com os olhos cheios de desespero.

"Volta para mim, Sartes, promete-me isso!"

Mas Sartes desviou o olhar e não prometeu nada à sua mãe. Ele sabia que por causa dela, a sua vida tinha acabado. Por causa dela, ele teria de lutar do lado da

guerra que tinha matado Nesos, do lado que tinha roubado Ceres de si e do lado que tinha separado a sua família.

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

O vento puxava o cabelo de Rexus enquanto ele febrilmente galopava em direção ao palácio debaixo de um manto de estrelas, com Anka sentada atrás dele, segurando-se à sua preciosa vida. August e Crates cavalgavam atrás deles, com os seus cavalos fortemente carregados com armas e equipamentos escondidos sob lances de lã.

Rexus não tinha sido capaz de dormir desde que tinha descoberto que Ceres era noiva do Príncipe Thanos. Pensar neles juntos era um tormento inevitável.

Para ele, Ceres era uma mentirosa e traidora, e ele nunca mais a queria ver novamente. Ele nunca mais sequer queria *pensar* nela de novo, também, mas cada pensamento que tinha ocupado a sua mente naqueles dias e noites era sobre ela.

No entanto, após Anka ter abordado Rexus no Porto da Caverna, tudo mudou.

Quando ela o informou de que Ceres estava algemada na torre e quase tinha sido estuprada duas noites

antes, e que Ceres se tinha recusado a casar com o príncipe Thanos, ele não quis saber. Mas quando Anka lhe disse que Ceres o amava a si, Rexus, e que Ceres não falava de mais ninguém a não ser dele, o coração de Rexus parou, e ele percebeu com grande remorso que Ceres tinha apenas sido fiel à rebelião. E a ele. E ele tinha sido um tolo.

Ele jurou. A dor era demasiada dentro de si. Ele tinha sido tão duro com Ceres, tinha-a recusado quando ela pediu para se juntar à rebelião. E ela não estava a fazer nada além de apoiar a revolução, cumprindo o seu trabalho. Ele prometeu que assim que visse Ceres novamente, ele iria implorar pelo seu perdão. Ela ter sido presa era totalmente culpa dele. O seu orgulho tinha-se atravessado no caminho. Ele deveria tê-la escutado quando ela veio para Porto da Caverna, mas, como sempre, ele tinha sido demasiado rápido a julgar e tinha-o feito de cabeça quente.

Ele olhou para trás, vendo que os seus amigos ainda estavam mesmo atrás de si. Ele havia considerado trazer o dobro dos homens, mas imaginou que se trouxesse mais do que dois jovens revolucionários bem constituídos, o grupo podia causar desconfiança entre os soldados do Império que patrulhavam as ruas de Delos à noite. Se ele trouxesse menos, eles não seriam capazes de afastar quaisquer potenciais soldados do Império que estivessem a guardar a torre de Ceres e a missão de resgate seria um fracasso.

August era um novo amigo, jovem, feliz e construído como um lorde de combate. Ele juntou-se à rebelião apenas há um mês atrás, e tinha dito a Rexus que tinha deixado o seu pai – um assessor do rei – por causa da maneira como o

seu pai maltratava os seus escravos. Crates era um dos escravos do pai de August, e na noite que August se foi embora, August levou-o com ele, fazendo de Crates um homem livre.

Crates era alto e magro, mas excepcional com o arco e a flecha, e tendo vivido com a escassez toda a sua vida, havia uma energia nele que Rexus adorava, o jovem incorporando o espírito da revolução.

Nuvens começaram a aparecer quando eles chegaram à cidade e, à medida que a noite escurecia, Rexus levou-os pelas ruas em silêncio, passando por casas lotadas, algumas intactas, outras demolidas pelo Império.

Quando eles pararam num beco em frente ao palácio, os céus tinham clareado novamente, com a lua e as estrelas a darem às boas-vindas à luz.

Anka desceu do cavalo e, espreitando atrás do muro, ela apontou para a torre onde Ceres estava prisioneira.

"Eu tenho de voltar para dentro", disse Anka. "Se alguém descobrir que eu sai..."

"Sim, vai", disse Rexus. "E Anka..."

Anka virou-se e olhou para ele.

"Obrigado", disse ele.

Ela assentiu com a cabeça. Ele ficou a observou Anka a desaparecer pela rua no meio da noite, em torno do muro da pedra para a entrada de trás do palácio.

Rexus levou um momento a estudar os soldados do Império que marchavam em torno do muro, observando que eles passavam aproximadamente a cada cinco minutos. Isso devia-lhes dar tempo suficiente para escalar o muro e não serem apanhados.

Apressadamente, eles amarraram os cavalos, agarraram nas armas e nas cordas e, assim que os soldados do Império passaram a marchar, vendo que o caminho estava livre, Rexus levou August e Crates em direção à parede exterior.

A parede estava escorregadia, mas com cordas atiradas por cima do muro, ancoradas nas árvores no outro lado, a subida não demorou tempo nenhum.

Depois de terem descido a parede, sem fazerem qualquer som quando saltaram para o relvado macio e verde, eles correram em direção ao palácio, escondendo-se atrás de árvores e arbustos.

Uma vez na parte inferior da torre, Rexus examinou o lado do muro arredondado. A estrutura era mais alta do que ele tinha pensado inicialmente, mas ele estava confiante de que seria capaz de subir e trazer Ceres com ele depois de a libertar. Ele afastou qualquer pensamento de escorregar e cair, sabendo que a incerteza podia fazê-lo cair.

"Esperem por trás dos arbustos enquanto eu a vou buscar", disse Rexus a August e Crates. "Se algum soldado do Império se aproximar, avisem-me com uma chamada de codorniz."

Ele tirou a sua capa e entregou-a a August.

"Tem cuidado", sussurrou August, desaparecendo nas sombras com Crates.

Rexus atou uma corda à ponta da sua flecha e atirou-a através das persianas parcialmente abertas. Ele fez uma pausa, olhando para cima, esperando que Ceres viesse à janela, mas não viu nenhum movimento.

Ele puxou a corda e, vendo que era seguro, entalado o pé entre duas rochas e começou a subir. Um pé após o outro, puxando o cabo, ele começou a subir, agarrando-se com firmeza, flexionando os músculos dos seus braços, com os pés a cavar os nichos da parede de pedra.

A meio caminho da torre havia uma borda generosa e Rexus fez uma pausa para descansar, ofegante. Ele olhou para baixo e não viu nada para além de arbustos, árvores e sombras. August e Crates estavam certamente bem escondidos, ele observou.

Assim que ele recuperou o fôlego, ele continuou a subir e em pouco tempo o seu coração começou novamente a bater com força do esforço. Ou seria de pensar que ia ver Ceres?

Ele fez um grande esforço, subindo mais rápido, apenas tentando chegar até ela, vê-la sorrir de novo, com os seus belos olhos, sentindo a sua pele macia.

Quase no topo, ele parou, pensando ter ouvido algo lá em baixo, mas quando ele olhou, não viu nada.

Finalmente, ele chegou à borda da janela dela e espreitou para o quarto.

"Ceres", ele sussurrou.

"Rexus?", ele ouviu Ceres dizer, com uma voz de felicidade.

Em seguida, ele viu o seu rosto – uma expressão desesperada – e que ela usava um vestido real que estava rasgado e suja. Quando ela agarrou as mãos dele, ele sentiu o quão fria ela estava, mas o quão forte ela era, também. Ela puxou-o para dentro.

"Vieste ter comigo", disse ela, abraçando-o.

"Lamento o que disse", disse ele, agarrando-a com força, não a querendo largar. "Eu amo-te, com tudo o que eu sou."

"Eu também te amo", disse ela. "Lamento muito."

Ele afastou-se e acariciou-lhe o cabelo, olhando para os seus olhos. Ela levantou-se sobre as pontas dos pés e puxou a parte de trás da cabeça dele e os lábios deles encontraram-se. Ele beijou-a apaixonadamente, dando tudo de si, toda a saudade e pesar, naquele beijo. Os lábios dela eram macios, e ele sabia que eles estavam destinados a ficar juntos.

Eles separaram-se.

"Temos de nos apressar", disse ele. "Haverá tempo mais tarde."

Ela assentiu com a cabeça.

Ele puxou a adaga da bainha em torno da sua cintura para que ele conseguisse libertá-la das algemas.

De repente, Rexus sentiu uma dor excruciante nas costas. Ele não conseguia respirar.

Ele olhou para baixo e, para seu horror, viu uma ponta de seta saindo do seu peito, percorrendo todo o caminho através do seu corpo.

Depois, antes que ele conseguisse perceber o que estava a acontecer, veio outra.

Ele estava a ser atacado por trás, ele percebeu. Os guardas lá em baixo deviam tê-lo visto. Ele havia sido atingido por trás.

Rexus estendeu a mão para Ceres, mas o seu mundo já estava a escurecer.

Antes que ele conseguisse romper as amarras dela, ele deu por si a perder o equilíbrio, caindo para trás.

E então ele caiu pela janela.

Rexus caiu como se estivesse em câmara lenta, com o vento nos seus ouvidos, com o som do grito de Ceres a segui-lo, o ar tão fino e quente. Não havia nenhuma resistência. Parecia um longo caminho para baixo, como se ele se estivesse a afundar na terra e a terra o engolisse inteiro. O chão não chegaria em breve?

A última coisa que ele viu antes de atingir o chão foi o rosto contorcido de Ceres, olhando para baixo, desejando, como ele, que tudo tivesse sido diferente.

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

Thanos, de pé na proa do seu navio, com o cheiro do oceano enchendo as suas narinas, vislumbrou Haylon ao longe e, imediatamente, arrependeu-se. Com cada suspiro nesta viagem, com cada polegada que ele tinha navegado, o arrependimento só tinha aumentado. Agora, com o destino à vista, tudo, de repente, ficou claro: ele sabia que tinha tomado a decisão errada ao não tirar Ceres do castelo e fugido do seu tio, de tudo o que sabia.

E, naquele momento, o seu pesar transformou-se em vergonha. Sim, ele sentiu-se envergonhado por ter deixado o rei brincar com ele novamente, desta vez colocando-os, a ele e a Ceres, um contra o outro.

As ondas rebentavam contra o navio, com gotas de água salgada a salpicarem o seu rosto superaquecido. Um fluxo constante de brisa marítima passava pelo seu cabelo enquanto ele observava as gaivotas a mergulhar no mar saindo apenas do oceano com peixes nos bicos.

Se ao menos eu fosse livre, ele pensou.

Ele ainda se sentia enjoado e tinha, desde o dia em que o navio tinha deixado as margens do Delos uma semana antes, de navegar para o sul. Agora, vendo Haylon, ele queria saltar para o oceano, nadar até a praia e venerar as praias de areia branca que cercavam a ilha. Terra, terra sólida, pensou. Ele nunca tinha percebido que iria sentir tanto a sua falta.

Um sentimento de temor passou por ele enquanto os olhos percorreram o paraíso próximo. A ilha, um centro de trocas entre todas as nações ocidentais, era drasticamente bonita, viu ele ao se aproximarem, com altas montanhas verdejantes atrás da cidade, erguendo-se do mar, os edifícios dourados cintilantes à luz do sol do final de tarde. Era a sua primeira vez ali e, quanto mais perto eles navegavam, mais ele desejava que a sua primeira visita fosse sob circunstâncias completamente diferentes - não matar os habitantes ou destruir a bela arquitetura dos seus edifícios mais magníficos.

Os seus olhos seguiram a estrada que ia da entrada da cidade, passando por cúpulas e torres, até ao castelo, terminado numa colina. Aquela era a estrada que o General Draco havia descrito em reuniões de estratégia, a estrada que eles iam percorrer para chegar ao castelo. A estrada onde o sangue fluiria. A estrada que ficaria irreconhecível depois de eles passarem por lá. O muro em torno da cidade era alto, mas com escadas, cordas, catapultas e flechas flamejantes, dezenas de milhares de soldados do Império a atacarem ao mesmo tempo, a cidade seria deles em breve, General Draco tinha dito. E, de facto assim seria, Thanos sabia.

Quando ele se virou para contemplar a sua tripulação, a tensão a bordo tinha-se tornado tão grande que parecia uma parede ao redor dele. Era mais do que apenas os nervos dos guerreiros que ele estava a detectar? Toda a viagem, Thanos havia sentido algo ou alguém a observá-lo, embora ao se sentir observado, ele virou-se não vendo ninguém nem nada. Ele esquecia o assunto, pensando que estava a ficar paranóico, mas sempre que o esquecia, mais uma vez, de repente, era como se dedos frios estivessem a rastejar pela sua espinha abaixo.

Ele assentiu para o General Draco, que estava perto de um homem enorme, vestindo uma armadura

dourada e um capacete com viseira. O homem era o mais alto soldado do Império que Thanos já tinha visto, um verdadeiro gigante.

Typhoon, era como o resto dos homens a bordo do navio o chamavam, embora Thanos tivesse dúvidas de que fosse o seu nome verdadeiro. Dizia-se que Typhoon tinha vencido, de uma só vez, um grupo de vinte selvagens guerreiros do norte, e eles tinham todos sido mortos em menos de cinco minutos.

General Draco e Typhoon iriam liderar o ataque à grande cidade, e Thanos traria o segundo grupo de soldados assim que os principais portões fossem abertos. O General Draco tinha ordenado que eles atacassem imediatamente, não dando aos rebeldes de Haylon a hipótese de reunirem os seus exércitos, embora Thanos não duvidasse que eles já tinham visto a sua frota de navios e que o seu exército estava mais do que pronto para defender a cidade. Ninguém seria capaz de se defender contra os números que o Rei Claudius tinha enviado, Thanos sabia.

Centenas de barcos a remos entraram para o picado oceano azul, e os soldados do Império desceu nas embarcações com armas e armaduras pesadas. Alguns barcos maiores transportavam catapultas e pedregulhos.

General Draco convidou Thanos para o seu barco. Thanos sentou-se ao lado de Typhoon. Ele sentia-se como um anão ao lado da besta.

"Lembra-te, o objetivo é tomar a cidade em menos de uma hora, antes do anoitecer", disse o General Draco. "Mata qualquer um que resista."

"Pouparemos as mulheres e crianças, correto?", disse Thanos.

"Contando que obedeçam", disse o General Draco. "Enquanto eles se curvarem diante da bandeira do Império e se comprometerem a submeter-se às leis do rei."

"Eu não vejo como as mulheres e crianças podem ser uma ameaça, mesmo se resistirem", disse Thanos.

"São as ordens do rei. Eu não o questiono", retrucou General Draco, olhando para Thanos.

Thanos desviou o olhar, mas ele tomou a decisão de não matar mulheres ou crianças, nem mesmo se eles se rebelassem.

Eles chegaram à costa e Thanos saltou para fora do barco, com a água quente a chegar mesmo acima dos seus joelhos enquanto ele puxava a barça de carvalho

pesado em direção a terra com outros soldados do Império. Assim que ele olhou para trás, Thanos notou que o general Draco e Typhoon olharam um para o outro e, depois, o general assentiu com a cabeça antes de ir para a praia de areia branca.

Ao princípio, Thanos desconfiou um pouco do gesto, mas quando o general se virou para ele e abanou a cabeça, também, ele não pensou mais no assunto.

Os barcos foram levados para terra, as armas e artilharia colocadas em vagões e os soldados do império foram organizados em doze batalhões. Thanos iria liderar um deles.

Ele tomou o seu lugar à frente dos seus homens e levou-os para sul, ao longo da costa, vadeando através da água que lhes dava pelos tornozelos. Ele sentiu aquela sensação familiar, uma combinação de excitação, medo e adrenalina: a batalha estava prestes a começar.

No entanto, Thanos ainda não tinha chegado muito longe, com a água ainda a salpicar os seus tornozelos, quando, de repente, sem aviso, ele sentiu uma dor aguda na sua parte superior das costas.

Ele caiu de joelhos, atordoado, sem entender o que estava a acontecer.

Ele sentiu metal frio nas suas costas e, de súbito, ele percebeu: ele tinha sido esfaqueado.

Ele ficou ali ajoelhado, tonto, sem entender. Eles ainda estavam muito longe de atingir o inimigo.

Então Thanos sentiu a espada a ser retirada de si e gritou com uma dor insuportável. Ele olhou para cima e viu Typhoon à sua frente, limpando o sangue de Thanos da sua lâmina.

Ele sorriu, e foi quando Thanos percebeu: ele estava a ser assassinado.

E ninguém se voltou para ajudá-lo.

"Últimas palavras?", perguntou Typhoon, com uma voz incrivelmente profunda.

Thanos arfou por ar.

"Quem te enviou?", conseguiu perguntar.

"Vou dizer-te", respondeu Typhoon. "Quando estiveres morto."

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

Ceres sentou-se no chão húmido da masmorra, com as costas contra a parede de pedra fria, totalmente derrotada e um fluxo interminável de lágrimas desciam pelo seu rosto. Como – como é que era suposto ela continuar? Thanos tinha-a deixado. Nesos estava morto. E o pior de tudo, Rexus...

Ela deixou escapar um leve soluço, respirando irregularmente quando a memória voltou a correr. Rexus, atingido com um tiro nas costas, caindo fora do seu alcance, de costas, pela janela da torre. Tirado para longe de si quando tinham estado tão perto, tão perto de começar uma nova vida juntos.

Era demasiado cruel.

Ceres soluçou. Não havia mais nada a temer agora, ela percebeu. Nem mesmo a sua vida importava mais, parecia.

Ela não sabia quanto tempo tinha passado quando ouviu passos vindo no corredor. Ela não se moveu. Ela não queria saber o que a realeza lhe tinha feito, tanto assim que, se eles estavam a vir para matá-la, ela daria as boas vindas à morte misericordiosa.

Uma mulher e três homens apareceram no outro lado das barras. Ceres recusou-se a olhar para cima, mas ela sabia por causa do perfume de rosas excessivamente doce que a mulher era Stephania.

Um soldado do Império abriu a cela, mas o olhar de Ceres permaneceu no chão. Ela não iria dar-lhes atenção.

"Foste requisitada para o Stade", disse um soldado do Império.

Ceres não se mexeu.

"Vais competir nas Matanças."

Ceres sentiu a vida a passar por ela. Portanto, eles iriam matá-la afinal.

O soldado agarrou-a pelo braço, pô-la de pé, e amarrou os seus pulsos atrás das costas. Quando Ceres finalmente olhou para cima, viu Stephania a sorrir.

Stephania avançou.

"Antes de morreres", disse ela, com veneno na sua voz, "Eu pensei que talvez gostasses de saber algo."

Ela inclinou-se para perto, com a sua respiração desconfortavelmente quente no pescoço de Ceres.

"Eu mandei um mensageiro para Haylon", disse ela, "que carrega uma mensagem muito especial. Eu disse a Thanos para nunca me desafiar. Nunca fazer de mim uma tola. Agora, finalmente, ele percebeu porquê."

Ela sorriu, satisfeita, embora Ceres não soubesse porquê.

"Thanos", disse ela, "está morto".

*

Os soldados Império rebocaram Ceres através do corredor da masmorra bolorento até à escada. Eles arrastaram Ceres para fora e levaram-na para um carro fechado puxado por cavalos. Assim que a porta foi trancada e os soldados tomaram assento na frente, a carroça rolou para fora do pátio do palácio e pelas ruas de Delos. Eles passaram por casas, serpenteando-se por hordas de cidadãos que se dirigiam para o Stade.

Ceres mal tomou conhecimento do que a rodeava; tudo passava num borrão.

Nada mais importava. Todos os que ela amava ou estavam longe ou mortos.

Atordoada, ela percebeu que eles estavam a passar pela Praça do Chafariz, e o rosto de Rexus passou diante dos seus olhos. Apenas algumas semanas atrás, eles estavam ali, felizes, esperançosos, livres.

E ainda ontem, ele tinha estado nos seus braços, professando o seu amor; e um momento depois, ele caiu para sua morte. Como poderia um ser tão vibrante, tão vivo, ser agora nada mais do que uma memória?

Fora da Stade, a carroça parou. Um soldado do Império arrastou-a para fora do carro e para dentro dos túneis.

Eles passaram pelos lordes de combate e guardiões de armas, os cânticos da multidão atingindo-a

durante todo o caminho.

Finalmente, o soldado atirou-a para uma pequena câmara e ordenou que ela se vestisse a armadura que se encontrava no banco. Ele saiu, fechando a porta atrás de si.

Sozinha, Ceres despiu e vestiu a saia de couro e peitoral. Estavam cravejadas de ouro e eram suaves e novas, ela podia ver, feitas sob medida para ela, encaixando perfeitamente. Ela puxou as botas, notando que também eram o seu tamanho, o suave couro, as extremidades dos cordões enfeitados com ouro.

Todos aqueles anos ela sonhara em tornar-se um lorde de combate, empunhando uma espada numa arena à frente de milhares de espectadores.

E, no entanto, agora, ela odiava estar ali. De alguma forma, o rei e a rainha tinham roubado o seu sonho, manchando-o, e tinham-na forçado a lutar pelas mesmas pessoas que desprezava.

Nem um minuto depois, o soldado do Império voltou e ordenou que ela o seguisse.

Eles caminharam através do túnel escuro, passando por armas, após dezenas de lorde de combate e guardiões de armas caídos. Chegando ao portão, Ceres

ouviu o bramido da multidão do lado de fora, e o seu estômago apertou-se com força.

"Paulo será o teu guardião de armas", disse o soldado do Império.

Ela virou-se e viu Paulo, muito baixo, nada mais do que um conjunto de músculos com pele lisa e escura. O seu cabelo preto emoldurava um rosto em forma de coração, e ele tinha alguns pelos no queixo por baixo dos seus lábios cheios.

"Será uma honra servir-te", disse Paulo com um aceno de cabeça, entregando-lhe uma espada.

Ceres não queria responder. Ela não queria que aquilo fosse a sua realidade.

"Ceres e Paulo são a seguir!", chamou um soldado do Império.

Mesmo não temendo pela sua vida, as mãos de Ceres tremiam e a sua garganta secou.

Os portões de ferro abriram-se com um chocalho. Ceres olhou para a arena e viu dois soldados do Império a transportarem um senhor de combate morto em direção aos túneis.

Respirando fundo, ela entrou no Stade.

O rugido era ensurdecedor. O sol quente estava contra a sua pele. O brilho ardia-lhe nos olhos enquanto examinava a multidão.

"Ceres! Ceres! Ceres!", gritavam.

Quando os seus olhos se acostumaram à luz solar, ela deixou o seu olhar vaguear por toda a arena. Do outro lado do estádio estava um bárbaro de um lorde de combate, com os seus braços grossos como a cintura de Ceres, as veias nas pernas protuberantes em cima de músculos grossos e inchados.

Ela apertou o punho da sua espada e sabia que aquele homem iria matá-la. Ela olhou para Paulo e viu que ele tinha ficado desmoralizado.

Mas ela não iria recuar.

Com toda a coragem que tinha dentro dela, ela levantou a espada.

Durante toda a sua vida inteira ela tinha sido uma escrava. E agora, mesmo podendo muito bem morrer, aquela parte da sua vida, ela percebeu, tinha acabado.

Agora, finalmente, ela iria de Escrava a Guerreira.

Agora, a morte viria ter com ela.

E agora a sua vida iria começar.

A multidão vibrava.

"CERES! CERES! CERES!"

MORGAN RICE

DE COROAS E GLÓRIA -- LIVRO 2

VADIA,
PRISIONEIRA,
PRINCESA

VADIA, PRISIONEIRA, PRINCESA

(De Coroas e Glória – Livro n 2)

“Morgan Rice surgiu com o que promete ser mais uma série brilhante, fazendo-nos imergir numa fantasia de trolls e dragões, de valentia, honra, coragem, magia e fé no seu destino. Morgan conseguiu mais uma vez produzir um conjunto forte de personagens que nos faz torcer por eles em todas as páginas... Recomendado para a biblioteca permanente de todos os leitores que adoram uma fantasia bem escrita.”

-- *Books and Movie Reviews* (referente à *Ascensão dos Dragões*) Roberto Mattos

VADIA, PRISIONEIRA, PRINCESA é o livro nº2 na série best-selling de fantasia épica, DE COROAS E GLÓRIA, de Morgan Rice, que começou com ESCRAVA, GUERREIRA, RAINHA (Livro nº1)

Ceres, de 17 anos, uma menina bonita e pobre da cidade Imperial de Delos, vê-se forçada por decreto real, a lutar no Stade, a brutal arena onde os guerreiros de todos os cantos do mundo vão para se matarem uns aos outros. Colocada perante adversários ferozes, as suas hipóteses de sobrevivência são escassas. A sua única hipótese reside nos seus poderes mais profundos, e em fazer a transição, de uma vez por todas, de escrava para guerreira.

O Príncipe Thanos, de 18 anos, acorda na ilha de Haylon para descobrir que foi esfaqueado nas costas pelo seu próprio povo, deixado a morrer na praia ensopada de sangue. Capturado pelos rebeldes, ele deve rastejar de novo para a vida, encontrar quem o tentou assassinar e procurar a sua vingança.



Ceres e Thanos, um mundo à parte, não perderam o amor um pelo outro; porém, a corte Imperial está repleta de mentiras, traição e duplicidade, e, enquanto realezas ciumentas tecem mentiras intrincadas, num trágico mal entendido, cada um deles é levado a crer que o outro está morto. As escolhas que eles fazem vão determinar o destino de cada um.

Irá Ceres sobreviver ao Stade e tornar-se na guerreira a que está destinada? Irá Thanos curar-se e descobrir o segredo que está a ser escondido de si? Irão eles os dois, forçados a estarem afastados, encontrarem-se um ao outro novamente?

VADIA, PRISIONEIRA, PRINCESA conta uma história épica de amor trágico, vingança, traição, ambição e destino. Repleta de personagens inesquecíveis e com ação de fazer o coração bater, transporta-nos para um mundo que nunca vamos esquecer e faz-nos apaixonar pela fantasia mais uma vez.

"Uma ação carregada de fantasia que irá certamente agradar aos fãs das histórias anteriores de Morgan Rice, juntamente com os fãs de trabalhos tais como O

CICLO DA HERANÇA de Christopher Paolini...Fãs de ficção para jovens adultos irão devorar este último trabalho de Rice e suplicar por mais."

-- *The Wanderer, A Literary Journal* (referente a *Ascensão dos Dragões*) O Livro nº3 em De Coroas e Glória será lançado em breve!

[VADIA, PRISIONEIRA, PRINCESA](#)

(De Coroas e Glória – Livro n 2)

Quer livros gratuitos?

Subscreva a lista de endereços de Morgan Rice e receba 4 livros grátis, 3 mapas grátis, 1 aplicação grátis, 1 jogo grátis, 1 história em banda desenhada grátis e ofertas exclusivas! Para subscrever, visite: www.morganricebooks.com



[Oiga](#) a série O ANEL DO FEITICEIRO em formato Audiobook!

Agora disponível em:

[Amazon](#)

[Audible](#)

UMA FORJA DE VALENTIA (Livro nº4)

UM REINO DE SOMBRAS (Livro nº5)

A NOITE DOS CORAJOSOS (Livro nº6)

O ANEL DO FEITICEIRO

EM BUSCA DE HERÓIS (Livro nº1)

UMA MARCHA DE REIS (Livro nº2)

UM DESTINO DE DRAGÕES (Livro nº3)

UM GRITO DE HONRA (Livro nº4)

UM VOTO DE GLÓRIA (Livro nº5)

UMA CARGA DE VALOR (Livro nº6)

UM RITO DE ESPADAS (Livro nº7)

UM ESCUDO DE ARMAS (Livro nº8)

UM CÉU DE FEITIÇOS (Livro nº9)

UM MAR DE ESCUDOS (Livro nº10)

UM REINADO DE AÇO (Livro nº11)

UMA TERRA DE FOGO (Livro nº12)

UM GOVERNO DE RAINHAS (Livro nº 13)

UM JURAMENTO DE IRMÃOS (Livro nº 14)

UM SONHO DE MORTAIS (Livro nº 15)

UMA JUSTA DE CAVALEIROS (Livro nº 16)

O PRESENTE DA BATALHA (Livro nº 17)

TRILOGIA DE SOBREVIVÊNCIA

ARENA UM: TRAFICANTES DE ESCRAVOS (Livro nº 1)

ARENA DOIS (Livro nº 2)

ARENA TRÊS (Livro nº 3)

VAMPIRO, APAIXONADA

ANTES DO AMANHECER (Livro nº 1)

MEMÓRIAS DE UM VAMPIRO

TRANSFORMADA (Livro nº 1)

AMADA (Livro nº 2)

TRAÍDA (Livro nº 3)

PREDESTINADA (Livro nº 4)

DESEJADA (Livro nº 5)

COMPROMETIDA (Livro nº 6)

PROMETIDA (Livro nº 7)

ENCONTRADA (Livro nº 8)

RESSUSCITADA (Livro nº 9)

ALMEJADA (Livro nº 10)

DESTINADA (Livro nº 11)

OBCECADA (Livro nº 12)

Acerca de Morgan Rice

Morgan Rice é a best-seller nº1 e a autora do best-selling do USA TODAY da série de fantasia épica O ANEL DO FEITICEIRO, composta por dezassete livros; do best-seller nº1 da série OS DIÁRIOS DO VAMPIRO, composta por doze livros; do best-seller nº1 da série TRILOGIA DA SOBREVIVÊNCIA, um thriller pós-apocalíptico composto por dois livros (a continuar); e da série de fantasia épica REIS E FEITICEIROS, composta por seis livros; e da nova série de fantasia épica DE COROAS E GLÓRIA. Os livros de Morgan estão disponíveis em edições áudio e impressas e as traduções estão disponíveis em mais de 25

idiomas.

[TRANSFORMADA \(Livro n 1 da série Diários de um Vampiro\)](#), [ARENA](#)

[UM \(Livro n 1 da série A Trilogia da Sobrevivência\)](#) e [EM BUSCA DE HERÓIS](#)

(Livro n 1 da série O Anel do Feiticeiro) e [A ASCENÇÃO DOS DRAGÕES](#)

(Reis e Feiticeiros – Livro n 1) estão disponíveis gratuitamente no Google Play!

Morgan adora ouvir a sua opinião, pelo que, por favor, sintá-se à vontade para visitar www.morganricebooks.com e juntar-se à lista de endereços eletrónicos, receber um livro grátis, receber ofertas, fazer o download da aplicação grátis, obter as últimas notícias exclusivas, ligar-se ao Facebook e ao Twitter e manter-se em contacto!

Document Outline

- [CAPÍTULO UM](#)
- [CAPÍTULO DOIS](#)
- [CAPÍTULO TRÊS](#)
- [CAPÍTULO QUATRO](#)
- [CAPÍTULO CINCO](#)
- [CAPÍTULO SEIS](#)
- [CAPÍTULO SETE](#)
- [CAPÍTULO OITO](#)
- [CAPÍTULO NOVE](#)
- [CAPÍTULO DEZ](#)
- [CAPÍTULO ONZE](#)
- [CAPÍTULO DOZE](#)
- [CAPÍTULO TREZE](#)
- [CAPÍTULO CATORZE](#)
- [CAPÍTULO QUINZE](#)
- [CAPÍTULO DEZASSEIS](#)
- [CAPÍTULO DESASSETETE](#)
- [CAPÍTULO DEZOITO](#)
- [CAPÍTULO DEZANOVE](#)
- [CAPÍTULO VINTE](#)
- [CAPÍTULO VINTE E UM](#)
- [CAPÍTULO VINTE E DOIS](#)
- [CAPÍTULO VINTE E TRÊS](#)
- [CAPÍTULO VINTE E QUATRO](#)
- [CAPÍTULO VINTE E CINCO](#)
- [CAPÍTULO VINTE E SEIS](#)
- [CAPÍTULO VINTE E SETE](#)
- [CAPÍTULO VINTE E OITO](#)
- [CAPÍTULO VINTE E NOVE](#)
- [CAPÍTULO TRINTA](#)
- [CAPÍTULO TRINTA E UM](#)
- [CAPÍTULO TRINTA E DOIS](#)
- [CAPÍTULO TRINTA E TRÊS](#)
- [CAPÍTULO TRINTA E QUATRO](#)
- [CAPÍTULO TRINTA E CINCO](#)